

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA III - COMUNICAÇÃO: INTERFACES E
INSTITUCIONALIDADES**

Bárbara Miano

**“A VALE NÃO VALE UMA VIDA”
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E A EXPRESSÃO DO ÓDIO NOS
DISCURSOS DE AUDIÊNCIAS ATIVAS PRESENTES NO CAMPO DAS
BORDAS DA CIRCULAÇÃO**

**SÃO PAULO
2022**

BÁRBARA MIANO

**“A VALE NÃO VALE UMA VIDA”
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E A EXPRESSÃO DO ÓDIO NOS
DISCURSOS DE AUDIÊNCIAS ATIVAS PRESENTES NO CAMPO DAS
BORDAS DA CIRCULAÇÃO**

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação

Linha de Pesquisa: Políticas e Estratégias de Comunicação

Orientação: Prof. Dr. Luiz Alberto de Farias.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Miano, Bárbara da Silva
"A Vale não vale uma vida": comunicação organizacional e a expressão do ódio nos discursos de audiências ativas presentes no campo das bordas da circulação. / Bárbara da Silva Miano; orientador, Luiz Alberto de Farias. - São Paulo, 2022.
330 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. expressão do ódio. 2. discursos. 3. comunicação organizacional. 4. bordas da circulação. I. de Farias, Luiz Alberto . II. Título.

659.2

CDD 21.ed. -

MIANO, B. "A Vale não vale uma vida": comunicação organizacional e a expressão do ódio nos discursos de audiências ativas presentes no campo das bordas da circulação. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovado em: ____/____/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Escrita no escuro

Um sonho – diria que fora exatamente assim o ingresso no doutorado e o início de produção dessa tese. Nem em meus mais perfeitos planos de menina, poderia fantasiar um dia que a realidade a qual vivenciava naquele instante seria tão, mas tão encantadora e estimulante.

O ano era 2018 e, de repente, sob meus pés, estava a proposta da vida de trilhar um caminho magnífico ao lado de uma das pessoas mais significativas e que mais admiro - meu orientador e amigo, LA. Tudo ao meu redor era iluminado.

Como todo sonho, 2018 se encerrou rapidamente e, com seu término, veio 2019. O início desse ano fora demarcado pelo segundo grande desastre ambiental da história do Brasil – já nos primeiros dias daquele ano, 270 vidas humanas perdidas por milhões de rejeitos vazados pela barragem da mineradora Vale. Seu final também anunciou o início do maior trauma coletivo dos últimos tempos – a pandemia.

Portas trancadas, pessoas isoladas, abraços cessados. Ao escrever essas últimas páginas, fecho meus olhos e apenas consigo visualizar uma tese escrita na escuridão – na escuridão de noites e mais noites solitárias, silenciosas, angustiantes. Na escuridão do medo, da aflição, da ansiedade – por mim, pelos meus, por todos. Por você que nesse momento me lê.

Mal sabia que aquela escuridão se tornaria ainda mais sombria – Julho de 2021, em uma manhã de sábado, recebo um telefonema de meu orientador – a generosa e atenta alma que me auxiliara a trilhar e desenhar tantos dos caminhos que aqui estão descritos havia nos deixado. A ciência havia, naquele momento, perdido Lineide Mosca. A mim, havia cessado sua presença, valiosa contribuição, inspiração e o presente de chegar até esse momento ao seu lado. Que dor!

Ao me lembrar desse imenso vale que sinto uma escuridão intensa.

Porém, no meio dela, também há uma sensação de luz – que vibra, me acompanha e me cerca. Uma luz feita por inúmeras mãos que me seguraram, me apoiaram e me fizeram seguir. Mãos às quais quero, por meio dessas poucas e singelas palavras, agradecer de forma infinita.

Não apenas o agradeço, mas também curvo todo o meu ser a ti – Paizinho. Ser sua filha é um lindo presente. Nesse momento, infinitos agradecimentos e apenas duas preces – cuide sempre com carinho daqueles com os quais não posso mais conviver presencialmente, porém, vivem em mim e em minha gratidão e deixaram este mundo nesses últimos anos. E, além, que a oportunidade que o Senhor me deu seja fonte de inúmeras oportunidades a tantos outros mais.

Certamente, hoje, eu os amo ainda mais que no início da produção dessa tese. Antes como heróis, agora, com todas as suas sutilezas. Aos meus pais – Cátia Miano e Marcos Miano – obrigada pela vida, pelo melhor de vocês que hoje mora em mim, pela presença e pela dedicação e esforço evidente na superação de desafios que residem no segredo da nossa conexão.

À mão que, há tantos e tantos anos, segura a minha. Ao coração mais bondoso e generoso que conheço e, também, ao amparo e colo que já me socorreu e acolheu em tantas outras e até mais sombrias escuridões da vida – a você, Fernando, obrigada por tanto amor e tanto de si doado para que muito de mim seguisse a viver.

Para você, meu querido, antes de lhe agradecer, deverei relatar uma breve história.

Esses dias, assisti o documentário que relata a vida do menino Neymar, ex-jogador da seleção brasileira. Na série, ele conta uma história da época em que era garoto, quando, após o término de uma pequena pelada, seu pai havia notado que o menino não havia dado o seu melhor.

Questionado pelo pai sobre o motivo pela performance mediana, durante a partida, o, até então garoto, explicou que havia percebido que os outros membros do time também não estavam dando o seu melhor e, deste modo, ele também não o faria. O pai, enfurecido, deu uma grande bronca em Neymar e disse a ele que se os outros garotos não acreditavam que era possível vencer o

jogo, ele deveria dar o melhor de si até que os outros tornassem a acreditar. Durante o longa, Neymar afirma que esse dia fora emblemático em sua vida e o tornou o que é hoje.

Você foi, sem sombra de dúvidas, ao mesmo tempo, meu ídolo e meu craque favorito. Foi também meu camisa 10 e a pessoa que me fez acreditar que era possível. Aquele que correu mais rápido do que eu, apenas para me mostrar que o gol de placa era difícil, porém, não impossível. Ah, e todo esse suor foi dado com muita alegria e bom humor que é a sua marca registrada. Obrigada por tantos sorrisos, partilhas, fé, força, dedicação, gentileza e generosidade nos dias e nos percursos, mesmo que terríveis, aflitivos e ansiosos. Mais do que chegar até aqui, a caminhada ao seu lado e a sua amizade foram meus maiores, mais lindos e preciosos presentes. Obrigada, querido LA.

Há pessoas que mudam na nossa história para sempre. Quando penso nisso, fecho os olhos e imagino que, na vida, temos inúmeros caminhos possíveis a serem trilhados, cada um com suas alegrias, recompensas, desafios, temores, sucessos e insucessos particulares. E há almas que, quando surgem em nossas vidas, mudam completamente o nosso desfecho. É como se elas colocassem “o trem da nossa existência” em um outro trilho. Estou certa de que esse desfecho é único, singular e especial entre todas as possibilidades que eu teria na vida. E, certamente, apenas o é desta maneira, graças a você, minha querida Vania. Obrigada, obrigada e obrigada! Hoje, aquilo que sou tem muito de você e eu sou infinitamente grata, alegre e feliz por isso. Todo o meu coração de gratidão a você.

Às bancas do mestrado e da qualificação do doutorado e suas valiosas e generosas contribuições – Lineide Mosca (in memoriam), Eneus Trindade, Rudimar Baldissera, Maria da Penha e Alan Angelucci. Hoje, vejo o quanto vocês caminharam, mesmo antes de nos conhecermos, para que eu também pudesse caminhar e avançar. Muito obrigada por cada trilha percorrida, obstáculo superado e suor derramado. Vocês valem ouro!

Aos anjinhos que convivem conosco em formas não humanas que me acompanharam de forma incansável e fielmente em todas as intermináveis noites de escrita da tese – Cebolinha (in memoriam), Pantufa e Milka.

Aos amigos, minha imensa gratidão pelos inúmeros respiros no meio dessa aparente interminável maratona. Não apenas pela notável e linda torcida que me nutriu de forças, mas também pelos ombros e ouvidos emprestados, pelos abraços, pelos sorrisos e momentos incríveis de descontração e alegrias – Maria Rita, Saymon, Kauê, Renata, Emiliana, Henrique, Gisele, Caroline, Marcela e Bianca – cada segundo com vocês é memorável.

Não tenhas medo, estou contigo!

(Isaías, 43)

RESUMO

MIANO, B. “A Vale não vale uma vida”: comunicação organizacional e a expressão do ódio nos discursos de audiências ativas presentes no campo das bordas da circulação. 2022. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A tese aqui apresentada nasce como um desdobramento da dissertação “Comunicação Organizacional e efeitos pathêmicos do discurso. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções?” (MIANO, 2017). O ano de apresentação da dissertação ressaltou fragmentos empíricos que apontaram para uma expressiva proliferação do ódio no campo das redes sociais. Dessa maneira, a tese assume o seguinte desafio científico - *como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?* – que localiza a investigação do ódio sob o ponto de vista de três problemáticas: 1. concebe as audiências na atualidade como ativas, amparando-se no entendimento de Lopes (2014); 2. Essas audiências também são produtoras de discursos e selecionam estratégias discursivas com visada de efeitos Charaudeau (2010); 3. que, por fim, essas audiências ativas estão localizadas e podem ser identificadas, como delimita Fausto Neto (2010), em um campo específico das produções de sentido - nas bordas da circulação. Assim, a partir do desafio científico estipulado, a tese assume o objetivo empírico de “identificar algumas das possíveis estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública”. E, em um segundo momento, assume o objetivo teórico de “colaborar com o campo da comunicação organizacional, por meio de uma pesquisa que aprofunde a problemática das emoções inscritas no processo comunicativo, sobretudo no contexto contemporâneo digital, com

enfoque para a expressão do ódio”. Desse modo, foi elaborada uma pesquisa com base em tríade metodológica, composta por uma pesquisa bibliográfica, um estudo de caso com técnica de interpretação de construção da explicação e uma netnografia com técnica interpretativa de análise de efeitos pathêmicos do discurso, proposta por Patrick Charaudeau. Por fim, identificou-se que as estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas estão, possivelmente, problematizadas da seguinte maneira - conforme enumera Charaudeau (2010), o ódio possivelmente está inserido em uma lógica moralizante, seria mobilizado entre saberes de crença estruturados em zonas polarizadas que explicitam relações de dominação, é diretamente proporcional ao grau de sofrimento evocado na cena discursiva e pode-se diferenciar entre unânime e homogêneo ou esclarecido. Já, em um segundo momento, notaram-se algumas correlações entre produção/recepção discursiva. E, por fim, o terceiro bloco, composto por uma netnografia, apontou para um destaque da condição de dispositivo situada no contrato comunicativo. A funcionalidade “comentário” amplia as possibilidades de interlocução das audiências que, por sua vez, se apropriam das possibilidades interativas e interdiscursivas oferecidas pelo campo midiático das redes sociais e tornam seus comentários artefatos expostos e acessíveis a todos que desejam acessar sua indignação, dor e ódio.

Palavras-chave: 1. Comunicação organizacional; 2. Expressão do ódio; 3. Discurso; 4. Audiências Ativas; 5. Bordas da Circulação.

ABSTRACT

MIANO, B. "Vale is not worth a life": organizational communication and hate express in actives audiences discourses in border circulation, 2022. Thesis (PHD). Arts and communications school, São Paulo University, São Paulo, 2022.

The thesis presented here was born as an offshoot of the dissertation "Organizational communication and the effects of pathetic discourse. Samarco case: mud or sea of emotions?" (MIANO, 2017). 2017 was an year that highlights empirical pieces that indicate an expressive explosion of hate in the social media environment. Therefore, this thesis has the scientific challenge of – as the problems of discursive strategies (CHARAUDEAU, 2006) selected by active audiences (LOPES, 2014) for the hatred expressed by comments organized in the border circulation in the border circulation and made in response to a positioning of a large organization that was involved in a technological crime with great repercussions on public opinion?. This question is positioned against the investigation from a point of view that articulates 3 questions - 1. Understanding real audiences as active (LOPES, 2014), 2. At the same time, these audiences are producers of discourses and select discursive strategies with the objective of to create some effects (CHARAUDEAU, 2010), 3. finally, these audiences are located and can be identified, as defined by Fausto Neto (2010), in a scientific space for the production of media – in the border circulation. Thus, with this scientific challenge, this thesis has as an empirical objective "to identify some possibilities of discursive strategies selected by active audiences (LOPS, 2014) for the expression of hate through comments organized in fragments of circulation border (FAUSTO NETO, 2010)) and made in a position of a large organization that was involved in a technological crime with great repercussion in public opinion". And, in a second moment, this thesis also assumes the theoretical objective "to collaborate with the field of organizational communication, through a research that promotes a deep investigation of the emotional field included in the communicative process, especially in the contemporary digital context with emphasis on the expression of hatred". For that, an investigation was elaborated based on three methods, composed by bibliographical research, a case study with construction of construction of interpretation and explanation and a

netnography with analysis of the effects of the speech pathemia, proposed by Patrick Charaudeau. Finally, we identified that the discursive strategies selected by active audiences are probably structured in this way – as Charaudeau (2010) said, hate is probably within a moral logic, it is driven by knowledge of beliefs that show relations of domination, it is directly linked to the level of suffering raised in the speeches scene and can be classified as unanimous, homogeneous or enlightened. In a second moment, we observed correlations between production and discourse and produced effects. Finally, in the third session, composed of a netnography, it was possible to observe that there is an increase in the dispositive condition present in the communicative tract. The comments feature expands the possibilities for public dialogue. This audience appropriated the interactive possibilities offered by the social media space and made its comet artifacts exposed and available to all who want to access their outrage, pain and hatred.

Key-words: 1. Organizational communication; 2. Hatred expression.; 3. Discourses; 4. Actives audiences; 5. Circulation border;

RESUMEN

MIANO, B. “Vale no vale uma vida”: la comunicación organizacional y la expresión del odio en los discursos de audiencias activas presentes en el campo de los bordes de circulación. 2022. Tesis (doctorado). Facultad de Comunicaciones y Artes, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2022.

La tesis que aquí se presenta nace como rama de la disertación “La comunicación organizacional y los efectos patémicos del discurso. Caso Samarco: ¿un mar de lodo o de emociones?” (MIANO, 2017). El año de presentación de la tesis destacó fragmentos empíricos que apuntaban a una expresiva proliferación del odio en el campo de las redes sociales. De esta manera, la tesis asume el siguiente desafío científico - ¿cómo, posiblemente, ocurre el problema de las estrategias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) seleccionadas por audiencias activas (LOPES, 2014) para la expresión del odio a través de comentarios, organizados en los carriles de los bordes de circulación (FAUSTO NETO, 2010) y realizada en respuesta a una posición de una gran organización involucrada en un caso de delito tecnológico con gran repercusión en la opinión pública? – que ubica la investigación del odio desde el punto de vista de tres cuestiones: 1. Concibe a las audiencias hoy como activas, a partir de la comprensión de Lopes (2014); 2. Estas audiencias también son productoras de discursos y seleccionan estrategias discursivas con miras a efectos Charaudeau (2010); 3. que, finalmente, estas audiencias activas se ubican y pueden ser identificadas, tal como las define Fausto Neto (2010), en un campo específico de producción de sentido, en los bordes de la circulación. Así, a partir del desafío científico planteado, la tesis asume el objetivo empírico de “identificar algunas de las posibles estrategias discursivas seleccionadas por las audiencias activas (LOPES, 2014) para la expresión del odio a través de comentarios organizados en los carriles de los bordes de circulación (FAUSTO NETO, 2014), 2010) y realizado en respuesta a una posición de una gran organización involucrada en un caso de delitos tecnológicos con gran repercusión en la opinión pública”. Y, en un segundo momento, asume el objetivo teórico de “colaborar con el campo de la comunicación organizacional, a través de una investigación que profundice en la problemática de las emociones

inscritas en el proceso comunicativo, especialmente en el contexto digital contemporáneo, con foco en la expresión del odio.” Así, se elaboró una investigación a partir de una tríada metodológica, compuesta por una investigación bibliográfica, un estudio de caso con técnica interpretativa para la construcción de la explicación y una netnografía con técnica interpretativa para el análisis de los efectos patémicos del discurso, propuesta por Patrick Charaudeau . Finalmente, se identificó que las estrategias discursivas seleccionadas por las audiencias activas posiblemente se problematicen de la siguiente manera - como enumera Charaudeau (2010), el odio posiblemente se inserta en una lógica moralizadora, se movilizará entre saberes de creencia estructurados en zonas polarizadas que explicitar relaciones de dominación, es directamente proporcional al grado de sufrimiento evocado en la escena discursiva y puede diferenciarse entre unánimes y homogéneos o ilustrados. En un segundo momento, se notaron algunas correlaciones entre producción/recepción discursiva. Y, finalmente, el tercer bloque, compuesto por una netnografía, apuntaba a un destaque de la condición de dispositivo situado en el contrato comunicativo. La funcionalidad de “comentario” amplía las posibilidades de diálogo de las audiencias, las cuales, a su vez, se apropian de las posibilidades interactivas e interdiscursivas que ofrece el campo mediático de las redes sociales y hacen de sus comentarios artefactos expuestos y accesibles a todos los que deseen acceder a su indignación, dolor y odio.

Palabras clave: 1. Comunicación organizacional; 2. Expresión de odio; 3. Discurso; 4. Audiencias Activas; 5. Bordes de Circulación.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|------------|
| Quadro n1: Volume de postagens analisadas e suas respectivas interações, comentários, compartilhamentos e engajamentos. | 185 |
| Quadro n2. Quadro de representatividade temática das postagens coletadas. | 190 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| Figura 1: Análise de sentimento de comentários em redes sociais segundo o dossiê Comunica que Muda | 48 |
| Figura 2: Busca sem filtro temporal na plataforma SIBI do termo “Ódio” | 49 |
| Figura 3: Busca sem filtro temporal na plataforma Dedalus do termo “Ódio” | 49 |
| Figura 4: Hierarquia de estrutura do termo “ódio” dentro do sistema de vocabulário controlado do SIBI/USP | 50 |
| Figura 5: Busca sem filtro temporal na plataforma Dedalus do termo “Administração” | 50 |
| Figura 6: Busca sem filtro temporal na plataforma Google Acadêmico do termo “Ódio” | 51 |
| Figura 7: Busca sem filtro temporal na plataforma Google Acadêmico do termo “Administração” | 51 |
| Figura 8. Exemplo de pauta pública sobre o ciclone Idai | 61 |
| Figura 9. Exemplo de pauta pública sobre o crime tecnológico em Brumadinho (MG) | 62 |
| Figura 10: Mapa de pesquisa. | 71 |
| Figura 11. Exemplo de anúncio pago exibido via compra da palavra-chave “Brumadinho” | 72 |
| Figura 12. Vídeo do pronunciamento do presidente da Vale sobre o acidente em Brumadinho (MG) | 73 |
| Figura 13. Playlists do youtube da Vale com vídeos sobre ações de contenção de danos em Brumadinho | 73 |
| Figura 14. Destaques no perfil oficial da Vale no Instagram com informações sobre o rompimento da barragem em Brumadinho | 74 |
| Figura 15. Perfil oficial da Vale no Facebook com informações sobre o rompimento da barragem em Brumadinho | 74 |
| Figura 16. Perfil oficial da Vale no Twitter com informações sobre o rompimento da barragem em Brumadinho | 75 |
| Figura 17. Assuntos mais falados sobre Brumadinho nas Redes Sociais | 76 |

| | |
|---|------------|
| Figura 18. Cruzamento de protagonistas em relação a assuntos sobre Brumadinho | 76 |
| Figura 19. Exemplos de comentários sobre o rompimento da barragem em Brumadinho | 78 |
| Figura 20. Exemplo de comentário sobre o rompimento da barragem em Brumadinho | 78 |
| Figura 21. Quadro resumo do projeto de pesquisa | 89 |
| Figura 22: classificação das emoções humanas por grupo ou valência, segundo Carvalho; Junior; Souza, 2019 | 95 |
| Figura 23: formas de questão de pesquisa e recomendações de técnicas de estudo. | 167 |
| Figura 24. Cena da destruição causada pelo rompimento da barragem | 169 |
| Figura 25. Imagens da cidade de Brumadinho que foi destruída pela Lama do rompimento da barragem do córrego do Feijão, da mineradora Vale. | 169 |
| Figura 26. Antes e depois da região na qual ocorreu o rompimento da barragem | 171 |
| Figura 27. Antes e depois da região na qual ocorreu o rompimento da barragem | 172 |
| Figura 28: Muitos animais foram soterrados pela lama tóxica de um modo irreversível | 175 |
| Figura 29: Barragens e seus respectivos potenciais de estrago, segundo a Agência Nacional de Mineração | 176 |
| Figura 30: Capa da Brochura Corporativa disponível no site da TÜV SÜD que afirma “ TÜV SÜD, inspirando confiança para um futuro sustentável e digital” | 179 |
| Figura 31: Trecho da Brochura Corporativa da TÜV SÜD. Áreas de atuação da organização. | 180 |
| Figura 32: Website da Vale com direcionamento para site especial com informação sobre contenção e reparação de danos. | 183 |
| Figura 33: Área do site da vale destinada às ações de Reparação e Desenvolvimento, após o rompimento da Barragem de Brumadinho | 183 |

| | |
|--|------------|
| Figura 34: Área do site da vale destinada à comunicação do balanço de | 184 |
| Reparação dos danos causados pelo rompimento da Barragem de | |
| Brumadinho | |
| Figura 35 Área do site da vale destinada à comunicação do balanço de | 185 |
| Reparação dos danos ao meio ambiente causados pelo rompimento da | |
| Barragem de Brumadinho | |
| Figura 36: Exemplo de postagem sobre Brumadinho no LinkedIn da Vale | 186 |
| Figura 37: Pronunciamento do ex-presidente da mineradora, Fabio | 187 |
| Schvartsman, sobre o rompimento da barragem de Brumadinho | |
| Figura 38: Exemplos de postagens do perfil da Vale no Twitter sobre as | 188 |
| ações de contenção e reparação de danos | |
| Figura 39: Exemplos de postagens do perfil da Vale no Instagram sobre | 189 |
| as ações de contenção e reparação de danos | |
| Figura 40: Exemplos de postagens do perfil da Vale no Instagram sobre | 190 |
| as ações de contenção e reparação de danos. | |
| Figura 41: Exemplos de vídeos no canal da Vale no Youtube sobre as | 191 |
| ações de contenção e reparação de danos | |
| Figura 42: Ao todo, 40 pessoas gerenciam a página da Vale | 191 |
| Figura 43: Até o momento da pesquisa, o perfil da Vale no Facebook | 192 |
| realizava impulsionamento de anúncios no próprio facebook e no | |
| instagram. | |
| Figura 44: Exemplo de Post Patrocinado pela Vale por meio de seu Perfil | 193 |
| no Facebook e no Instagram | |
| Figura 45: Foto de capa do perfil da Vale no Facebook | 194 |
| Figura 46: Resposta da Vale a seguidor. A mineradora troca o nome do | 196 |
| autor do comentário. | |
| Figura 47: Última postagem da Vale com destaque para o tema | 196 |
| Brumadinho | |
| Figura 48: Filtro de ativação dos comentários mais relevantes | 199 |
| Figura 49: Exemplo de Comentário Excluído dentro da amostra | 199 |
| analisada | |
| Figura 50: Nuvem de palavras de comentários nos posts da Vale 3 | 200 |
| meses pós-rompimento da barragem de Brumadinho | |

| | |
|---|------------|
| Figura 51: Gráfico de representatividade temática das postagens coletadas. | 203 |
| Figura 52: gráfico de composição demográfica dos autores dos comentários analisados | 204 |
| Figura 53: gráfico de engajamento de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado. | 204 |
| Figura 54: Postagem responsável pelo segundo pico, associado ao bloco temático “Luto” | 205 |
| Figura 55: Postagem responsável pelo terceiro pico, associado ao bloco temático “Resgate às vítimas” | 206 |
| Figura 56: gráfico de interações de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado. | 207 |
| Figura 57: gráfico de compartilhamentos de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado. | 207 |
| Figura 58: postagem sobre a liberação da ponte que liga as comunidades e regiões satélites à área de Brumadinho | 209 |
| Figura 59: Post no Instagram da ativista Luisa Mell sobre as execuções dos animais em situação crítica de resgate. | 210 |
| Figura 60: Exemplo de comentário no Facebook da Vale sobre os animais | 211 |
| Figura 61: Exemplo de comentário no Facebook da Vale sobre os procedimentos adotados pela Vale | 211 |
| Figura 62: Autor de comentário se apropria do espaço para adicionar uma informação ou comunicar aos outros comentaristas sobre fatos ocultos pela Vale | 212 |
| Figura 63: Autor de comentário se utiliza do recurso da ironia para demonstrar seu descrédito à Vale | 212 |
| Figura 64: Uma mãe que perdeu seu filho se utiliza do espaço para expor sua dor a Vale e a outros produtores de comentários | 213 |
| Figura 65 Autor de comentário questiona o caráter da Vale | 213 |
| Figura 66: Emoji de “vomitação” no perfil da Vale | 213 |

| | |
|--|------------|
| Figura 67: Autor de comentário cobra ressarcimento da Vale por tudo o que foi expropriado | 214 |
| Figura 68: Autor de comentário faz poema sobre toda a tragédia | 214 |
| Figura 69: Autor de comentário faz um manifesto sobre toda a tragédia | 215 |
| Figura 70: Autor de comentário reconhece todos os bombeiros que arriscaram suas vidas na tragédia | 215 |
| Figura 71: Presença de diversas marcas temáticas em um comentário apenas | 216 |
| Figura 72: Gráfico sobre distribuição de marcas temáticas presentes nos 111 comentários analisados. | 217 |
| Figura 73: Gráfico de temas dos posts da Vale x marcas temáticas presentes nos comentários no perfil da Vale | 218 |
| Figura 74: Gráfico de Responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais | 219 |
| Figura 75: Gráfico de Responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa | 220 |
| Figura 76: Gráfico de Denúncia e Descrédibilização | 220 |
| Figura 77: Gráfico de acusações, xingamentos e questionamentos de caráter | 221 |
| Figura 78: Gráfico de ressarcimento e/ou vingança | 222 |
| Figura 79: Gráfico de Poemas, Orações pela conversão da Vale e agradecimentos aos bombeiros | 222 |
| Figura 80: gráfico de composição demográfica dos autores dos comentários analisados. | 239 |
| Figura 81: gráfico de composição demográfica Brasileira. | 239 |
| Figura 82: gráfico de composição demográfica Brasileira. | 240 |
| Figura 83: Uso de marcas de questionamento para contrapor o discurso da Vale | 242 |
| Figura 84: Comentários de familiares e moradores das regiões afetadas e sob risco | 245 |
| Figura 85: Exemplos de comentários que demonstram a distância entre a identidade que a Vale deseja projetar e a imagem realmente absorvida pela audiência | 247 |

| | |
|--|-------------|
| Figura 87. Exemplos de comentários nos quais as audiências ativas tentam conscientizar a Vale sobre os impactos de suas ações e as melhores atitudes a serem tomadas no atual contexto. | 248 |
| Figura 88. Exemplos de comentários nos quais as audiências ativas tentam conscientizar a Vale sobre os impactos de suas ações e as melhores atitudes a serem tomadas no atual contexto. | 2348 |
| Figura 89. Exemplo da tríade observador-testemunha, vítima e responsável | 250 |
| Figura 90. Exemplo da denúncia estabelecida por audiências ativas nos comentários no Facebook da Vale | 251 |
| Figura 91. Marcas de proporcionalidade à indignação nos comentários das audiências ativas | 255 |
| Figura 92. Marcas de vingança nos comentários das audiências ativas | 255 |
| Figura 93: Matéria que destaca que ex-presidente da Vale busca repreender funcionário que denunciou as situações precárias das barragens 11 dias antes do rompimento de Brumadinho | 255 |
| Figura 94: autor de comentário questiona Vale sobre a situação da barragem de Barão de Cocais e é respondida pela mineradora | 260 |
| Figura 95: Exemplo de depoimento de uma mãe que perdeu seu filho. Observa-se uma legitimação da locução por meio da perda irreparável | 261 |
| Figura 96: Exemplo de comentários com marcas de locução pautadas nos danos alarmantes à população brasileira | 262 |
| Figura 97: Exemplo de comentários com marcas de locução tomadas pelos silenciados | 263 |
| Figura 98: Exemplo de comentários com marcas de locução tomadas pelos silenciados. | 267 |
| Figura 99: Tematização com presença de argumentos e descrições que estabelecem uma intencionalidade prescritiva | 269 |
| Figura 100: Nuvem de palavras de comentários nos posts da Vale 3 meses pós-rompimento da barragem de Brumadinho | 271 |
| Figura 101: Exemplos de comentários que abordam a gravidade do ato da Vale e evocam a Deus que perdoe ou conscientize a mineradora | 272 |

| | |
|--|------------|
| Figura 102: Exemplos de comentários que abordam a ganância da Vale | 274 |
| Figura 103: Exemplos de comentários que abordam a covardia da Vale | 276 |
| Figura 104: Exemplos de comentários que descredibilizam o discurso da Vale e a aponta como mentirosa | 277 |
| Figura 105: Exemplos de comentários que descredibilizam o discurso da Vale e o apontam como uma estratégia de marketing | 278 |
| Figura 106: Exemplos de cenografias com uso de perguntas | 282 |
| Figura 107: Exemplos de cenografias com uso de ironias e metáforas | 283 |
| Figura 108: Exemplos de cenografias com uso de emojis | 284 |
| Figura 109: Quadro resumo do mapeamento de definições do ódio, segundo diversas áreas do conhecimento | 284 |
| Figura 110: Quadro resumo do mapeamento feito a partir da problemática das estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas para a expressão do ódio nas pistas das bordas da circulação. | 286 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 30 |
| TEMA | 42 |
| OBJETIVOS | 43 |
| JUSTIFICATIVA | 45 |
| OBJETO | 52 |
| PROBLEMA | 52 |
| HIPÓTESES | 60 |
| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 64 |
| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 72 |
| DELIMITAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE | 79 |
| QUADRO RESUMO DO PROJETO | 89 |
| PARTE I | 90 |
| CAPÍTULO I | 90 |
| I.I PESQUISA BIBLIOGRÁFICA | 90 |
| I.II CESSAR O ÓDIO AO ÓDIO: DISTINGUINDO O ÓDIO ENQUANTO PROCESSO INERENTE À SUBJETIVIDADE HUMANA DE SUA UTILIZAÇÃO E MANIPULAÇÃO SOCIAL NA PRODUÇÃO DA ETNOVIOLÊNCIA | 90 |
| I.III A UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E INCENTIVO AO ÓDIO NA CENA SOCIAL | 101 |
| CAPÍTULO II | 104 |
| II.I ESTUDOS MUDIÁTICOS DO DISCURSO E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM AUXILIAM NA COMPREENSÃO DA EXPRESSÃO DO ÓDIO MEDIADO PELAS REDES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE | 104 |
| II. II ESTUDOS RETÓRICOS E DISCURSIVOS: O ÓDIO SOB A PERSPECTIVA IDEOLÓGICA E DA INTENCIONALIDADE | 106 |

| | |
|---|------------|
| II.III ENTENDIMENTOS DA ANTROPOLOGIA E DA FILOSOFIA: A NOÇÃO DE FRONTEIRA COMO ESTÍMULO AO ÓDIO | 115 |
| II.IV ESTUDOS MIDIÁTICOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS PARA A EXPRESSÃO DO ÓDIO | 122 |
| II.V. DIFERENCIANDO ÓDIO DO DISCURSO DE ÓDIO: QUANDO A EMOÇÃO VIRA IDEOLOGIA VIOLENTA NO CAMPO DAS NOVAS TECNICIDADES? | 125 |
| II.VI. TECNICIDADES E CULTURA DA CONVERGÊNCIA COMO FERRAMENTAS DE EXPRESSÃO DA INDIGNAÇÃO | 127 |
| CAPÍTULO III | 135 |
| III.I A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES NA SOCIEDADE EM REDE: CULTURA DA PLATAFORMA E O PROCESSO DE MEDIATEZACÃO DO ÓDIO | 135 |
| III.II AUDIÊNCIAS ATIVAS E SUAS EXPRESSÕES NAS BORDAS DA CIRCULAÇÃO: AS MEDIAÇÕES DAS TECNICIDADES FORMULAM, NA ATUALIDADE, UM NOVO ESPAÇO RECEPTIVO | 143 |
| III.III TIPOLOGIAS DO DISCURSO E O ESPAÇO COMENTÁRIO COMO JANELA DA EXTENSÃO INTERPRETATIVA DO CONTEÚDO | 153 |
| III.IV O ACONTECIMENTO CONSTRUÍDO: O ÓDIO E O JOGO DE ESTEREÓTIPOS E SIMPLIFICAÇÕES NA OPINIÃO PÚBLICA | 159 |
| PARTE II | 165 |
| CAPÍTULO IV | 164 |
| IV.I: ANÁLISE DE CORPUS E ESTUDO DE CASO COM TÉCNICA DE INTERPRETAÇÃO DE CONSTRUÇÃO DA EXPLICAÇÃO | 164 |
| IV.II SOBRE O ACONTECIMENTO | 167 |
| IV. III CRIMES PELOS QUAIS A VALE RESPONDE | 175 |
| IV. IV SOBRE A TÜV SÜD | 177 |
| IV.V CANAIS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADOS PELA VALE PARA ABORDAR O ROMPIMENTO DA BARRAGEM | 181 |
| IV.VI PERFIL DA VALE NO FACEBOOK | 190 |
| IV.VII ESTUDO DE CASO SOBRE COMENTÁRIOS NO PERFIL DO FACEBOOK DA VALE DO BRASIL | 195 |

| | |
|---|------------|
| IV.VIII ASSOCIAÇÕES DE TEMAS | 216 |
| PARTE III | 221 |
| CAPÍTULO V | 221 |
| V.I ANÁLISE DE CORPUS E NETNOGRAFIA COM TÉCNICA DE INTERPRETAÇÃO DE ANÁLISE DE EFEITOS PATHÊMICOS DO DISCURSO | 221 |
| DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE IDENTIDADE | 235 |
| DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE FINALIDADE | 243 |
| DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE PROPÓSITO | 246 |
| DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE DISPOSITIVO | 251 |
| DADOS INTERNOS: LOCUÇÃO | 258 |
| DADOS INTERNOS: RELAÇÃO | 262 |
| ... DADOS INTERNOS: TEMATIZAÇÃO | 264 |
| V.II ANÁLISE DE UNIVERSOS DE SABER PARTILHADO DE COMENTÁRIOS NO PERFIL DA VALE NO FACEBOOK 3 MESES APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM BRUMADINHO | 266 |
| O ASSASSINATO COMO IMAGINÁRIO DO PECADO MORTAL | 268 |
| A GANÂNCIA COMO IMAGINÁRIO DA CONQUISTA DO DINHEIRO ACIMA DE TUDO E DE TODOS | 271 |
| A COVARDIA COMO IMAGINÁRIO DO ATAQUE CONTRA QUALQUER TIPO DE VIDA | 274 |
| A MENTIRA COMO IMAGINÁRIO DO CAMINHO OU ARTICULAÇÃO PARA A CONQUISTA DE INTERESSES ESCUSOS | 274 |
| V.III ANÁLISE DA ESTRATÉGIA ENUNCIATIVA DE COMENTÁRIOS NO PERFIL DA VALE NO FACEBOOK 3 MESES APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM BRUMADINHO | 277 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 284 |

INTRODUÇÃO

Uma identidade composta por inúmeras identidades - o estudo aqui presente surge, em um primeiro momento, da identificação da pesquisadora com o assunto “emoções na comunicação”. Em sua trajetória, esse seria o terceiro estudo de autoria da pesquisadora que se propõe a investigar as emoções no campo da comunicação. O primeiro deles consistiu em um trabalho de conclusão de curso intitulado “Humanização e Relações Públicas: a contribuição do storytelling para a promoção de ambientes de trabalho humanizados” (MIANO, 2014), desenvolvido sob orientação da professora doutora Vânia Penafieri.

Durante o desenvolvimento do primeiro estudo, a pesquisadora e sua orientadora identificaram lacunas no campo da comunicação sobre o aprofundamento do estudo das emoções. Dessa maneira, a pesquisa foi concluída, entretanto, admitiu-se que, caso o campo das emoções estivesse mais bem desenvolvido, o estudo possuiria maior potencial de aprofundamento.

Marconi e Lakatos (2003, p. 218) auxiliam na compreensão do processo enfrentado pela pesquisadora e sua orientadora e nos explicam que o tema de um estudo ou pesquisa “[...] pode surgir de uma dificuldade prática enfrentada pelo coordenador, da sua curiosidade científica, de desafios encontrados na leitura de outros trabalhos ou da própria teoria. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 218).

Assim, a partir dessa identificação de carência teórica, empreendeu-se, sob orientação e acompanhamento do professor Doutor livre docente Luiz Alberto de Farias, o projeto de dissertação que deu origem à pesquisa apresentada à Escola de Comunicações e Artes para obtenção do título de mestre e intitulada “Comunicação Organizacional e efeitos pathêmicos do discurso. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções?” (MIANO, 2017).

De modo geral, a pesquisa auxiliou na assimilação e cessão de um campo teórico dos estudos midáticos do discurso, os efeitos pathêmicos do discurso, desenvolvido pelo linguista francês Patrick Charaudeau, ao campo da comunicação organizacional. Ainda, o arcabouço teórico, ofereceu suporte de interpretação e análise à estratégia de comunicação utilizada e desenvolvida pela Samarco “É sempre bom olhar para todos os lados”, como meio de

minimização de danos de imagem e reputação causados pelo rompimento de uma barragem em uma das minas da mineradora Vale, em Bento Rodrigues, no dia 05 de novembro de 2015.

Vale destacar, primeiramente, que a dissertação teve seu olhar ao campo das “visadas de efeitos” (CHARAUDEAU, 2010). Dessa maneira, amparou-se em uma perspectiva que investigasse os efeitos de sentido visados pela Vale em sua tentativa de minimização de imagem e reputação. Ainda, o foco foi empregado aos efeitos pathêmicos ou efeitos de sentido emocionais visados pela mineradora em sua ação de comunicação organizacional.

Em um segundo momento, destaca-se a contribuição da banca examinadora da dissertação citada para a organização da tese aqui apresentada, composta pelo professor Doutor Eneus Trindade, professor Doutor Rudimar Baldissera e professora Doutora Lineide Mosca (*in memoriam*). Durante a avaliação, a banca sugeriu, como possível desdobramento para o estudo, a adoção de uma perspectiva que, dessa vez, se ativesse ao campo dos efeitos produzidos ou ao campo receptivo dos efeitos visados.

Assim, inicia-se o esboço para a formulação da identidade da pesquisa aqui apresentada. Sabia-se, a partir das valiosas contribuições da banca examinadora, que o campo receptivo dos efeitos visados seria fértil à produção dessa pesquisa, entretanto, qual enfoque seria dado?

Uma das respostas estava presente no mesmo ano em que a dissertação fora apresentada - 2017. Ataques e expressões de ódio surgiram com bastante ênfase, sobretudo, no campo das redes sociais. Um ano e meio após a apresentação da pesquisa, no dia 25 de janeiro de 2019, um outro fato colaboraria também para a construção da identidade da pesquisa - um novo rompimento de uma outra barragem da mineradora Vale, novamente em Minas Gerais, no município de Brumadinho, deixando no total 270 mortos.

Dessa maneira, com três pistas em mãos - 1. que a investigação teria potencial de relevância, caso se ativesse ao campo dos possíveis efeitos produzidos, 2. que o ódio é uma problemática relevante na atualidade e 3. que novamente um caso de um crime tecnológico de proporções marcantes causado pela “Jóia do Brasil” deveria ser investigado sob o ponto de vista da comunicação

organizacional - a pesquisadora caminhou junto ao seu orientador à banca de qualificação do projeto aqui proposto.

Assim, com as contribuições da banca examinadora composta pela professora Doutora Maria da Penha Vasconcellos e pelo professor Doutor Alan Angeluci, atribuiu-se a essa pesquisa o seguinte desafio científico - *Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?*

Um pouco mais a frente, na pesquisa aqui proposta, serão aprofundados os marcos teóricos utilizados que oferecem suporte ao estudo aqui empreendido. Entretanto, vale destacar que o desafio científico localiza a investigação do ódio sob o ponto de vista de três problemáticas: 1. concebe as audiências como ativas, amparando-se no entendimento de Lopes (2014) que delimita que, a partir do advento das tecnicidades, o campo receptivo transformou-se em campo receptivo/produtor; 2. que, dessa maneira, amparada na primeira problemática que compreende as audiências como também produtoras de discursos na atualidade, essas audiências selecionam estratégias discursivas com visada de efeitos também emocionais ou pathêmicos, como delimita Charaudeau (2010); 3. que, por fim, essas audiências ativas estão localizadas e podem ser identificadas, como delimita Fausto Neto (2010) em um campo específico das produções de sentido - nas bordas da circulação.

Assim, a partir do desafio científico estipulado, assume-se para essa investigação dois objetivos, sendo um de origem empírica e outro de origem teórica:

- Objetivo empírico: identificar algumas das possíveis estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública;

- Objetivo teórico: colaborar com o campo da comunicação organizacional, por meio de uma pesquisa que aprofunde a problemática das emoções inscritas no processo comunicativo, sobretudo no contexto contemporâneo digital, com enfoque para a expressão do ódio;

Dessa maneira, aqui também se destaca que, nessa pesquisa, foi sugerida uma proposta de aprofundamento sobre a expressão do ódio e não sobre o discurso de ódio. Essa questão também será melhor detalhada mais à frente, porém, adianta-se que essa decisão foi pautada em 3 critérios - 1. primeiramente, o discurso de ódio, na ciência, tem suas bases na intencionalidade da promoção da violência e do preconceito, assim, almeja-se dissociar a pesquisa aqui empreendida do campo do discurso de ódio; 2. o corpus aqui adotado não oferece suporte ao entendimento do discurso de ódio, mas sim, à expressão desse sentimento; 3, por fim, e talvez o critério mais importante - por meio da utilização da palavra “expressão” almeja-se garantir lugar de voz e legitimação ao sentimento de indignação que se origina a partir de um crime de tamanha proporção, tal qual o investigado. Dessa maneira, durante a investigação do corpus aqui adotado, foram identificados, por exemplo, comentários de mães que perderam seus filhos, durante a tragédia - ora, aqui cabe a pergunta ao leitor - por qual caminho pathêmico, essa mãe expressaria sua indignação, não fosse por meio do ódio?

Tendo em vista a legitimação que se almeja garantir ao ódio e à indignação sentida e, sobretudo, expressa por familiares, moradores e brasileiros que se posicionaram contra o caso protagonizado pela mineradora Vale, destaca-se aqui que o material nesta pesquisa analisado é composto por 153 comentários feitos no perfil do facebook da organização no período de 3 meses após o rompimento da barragem em Brumadinho.

Novamente, Patrick Charaudeau (2010) oferece suporte à produção da identidade dessa pesquisa ao delimitar que as estratégias pathêmicas do discurso surgem em três condições específicas - suporte ou dispositivo midiático favorável às construções emocionais, campo temático e estratégia discursiva pathemizantes. Desse modo, ressalta-se essa informação com a finalidade de expressar que essas categorias ou condições foram avaliadas, previamente,

para delimitar o melhor corpus de análise na promoção do entendimento da expressão do ódio.

Nesse sentido, de acordo com Charaudeau (2010, p. 39), a primeira condição necessária a uma produção discursiva dotada de estratégias enunciativas com características pathêmicas é que o suporte ou dispositivo midiático seja favorável às construções coletivas e culturais essencialmente emocionais. “[...] sua finalidade e os lugares que são atribuídos previamente aos parceiros de troca, predispõem ao surgimento de efeitos patêmicos” (CHARAUDEAU, 2010, p. 40). Assim, sendo os comentários o grande campo, dentro da lógica das redes sociais, de manifestação das subjetividades, entende-se que os comentários de sujeitos sobre o rompimento da barragem podem confluir bom material empírico.

Ainda, o campo temático desta grande tragédia também trafega no universo da pathemização. De acordo com Charaudeau (2010, p. 40), além de o dispositivo comunicacional possuir condições de suportar e transmitir as emoções, é necessário também que o campo temático que trafegue neste aparato proponha uma organização de imaginários sociodiscursivos emocionais. Com isso, o autor enumera que o campo da pathemização dentro da lógica do funcionamento das mídias orbita o espaço público do anormal, seja sob a forma de uma anomalia biológica (desmatamento da Amazônia) ou moral (assassinato), caso contrário não geraria o sentido de captação proposto no primeiro critério.

Ainda, segundo o autor (2010, p. 40), a estratégia discursiva pathêmica deve se valer de uma cena emotiva. Este último tópico não apenas é possível observar por meio do próprio tema, um crime que envolveu centenas de mortes e pessoas desaparecidas, como também por meio da comoção pública que se manifesta sob a forma de perplexidade.

Por fim, novamente com a finalidade de se atingir ao desafio e aos objetivos aqui propostos, foi elaborada uma pesquisa com base em um procedimento organizado em uma tríade metodológica - essa tríade foi composta por uma pesquisa bibliográfica, um estudo de caso com técnica de interpretação de construção da explicação e uma netnografia com técnica interpretativa de análise de efeitos pathêmicos do discurso, proposta por Patrick Charaudeau.

Assim, dentro do bloco que compõe a pesquisa bibliográfica, serão encontrados três capítulos - o primeiro deles busca compreender os principais entendimentos de campos de tradição na pesquisa das emoções sobre o ódio. Dessa maneira, admitem-se referências do campo da antropologia e da psicologia dentro desse entendimento e identificam-se o ódio e a sua expressão como uma construção cultural e necessária à sobrevivência humana desde o período pré-histórico.

Nesse capítulo, é identificado que sociologia e psicologia explicam que cultura e predisposição biológica caminham juntos na delimitação do nosso potencial de odiar - ora, seja frente a um grande predador, potenciais inimigos de uma tribo distante ou em uma guerra, saber a quem odiar ou a quem amar pode significar grande potencial de sobrevivência ao ser humano. É também nessa etapa da pesquisa que se identifica que, na atualidade, já não é mais moralmente aceito aniquilar, de modo literal, os inimigos.

No entanto, os inimigos potenciais que ameaçam a noção de “fronteira” humana surgem por toda a parte por meio de ameaças a ideias ou valores tradicionais. Se, por um lado, aniquilar literalmente não significa uma opção, resta a morte moral - assim, a linguagem surge como principal arma na expressão do ódio e na luta por defesas de fronteiras na contemporaneidade.

Ainda, dando continuidade ao primeiro capítulo - se foi identificado que a principal defesa de territórios e expressão da indignação humana na modernidade surge por meio da linguagem, há a necessidade de se estudar o ódio sob a perspectiva discursiva e midiática. Assim, no segundo capítulo que, por sua vez, também compõe a etapa da pesquisa bibliográfica enfoca-se o ódio dentro do campo dos estudos midiáticos das emoções no discurso.

É nessa etapa da pesquisa que se identifica que Charaudeau (2010), pautado no estudo da retórica aristotélica, atrelado aos estudos midiáticos do discurso, identifica o ódio expresso via mídias como uma emoção evocada em torno de quatro saberes - está inserido em uma lógica moralizante; mobiliza saberes organizados na relação paradoxal bem/mal; a indignação é proporcional ao grau de sofrimento de uma vítima; o ódio sempre é direcionado contra um perseguidor.

Finalizando a etapa da pesquisa bibliográfica que compõe a tríade metodológica, elaborase o terceiro capítulo apresentado nessa tese que auxilia, primeiramente, na compreensão da expressão do ódio da opinião pública e, em um segundo momento, investiga a problemática sob a perspectiva do marco temporal delimitado pela contemporaneidade.

Esse marco temporal da contemporaneidade faz surgir o que o desafio científico aqui proposto enumera como audiências ativas (LOPES, 2014) que estão localizadas nas bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010). Aqui, ainda se destaca a contribuição de Lopes (2014) ao enfatizar a importância do empreendimento em uma nova terminologia para a denominação desses espectadores que assumem e se empoderam de certo protagonismo passam a ser adjetivadas como “audiências ativas”. Também, ressalta-se Fausto Neto que colabora ao delimitar que, na cena midiática mediada pelas novas técnicas, surgem novos modelos de percepção de produções discursivas que garantem origem a um outro modelo receptivo. Na visão do autor, esse novo modelo opera e acontece nas bordas da circulação interativa e, dessa vez, torna-se muito mais visível e complexo.

Pistas - segundo Fausto Neto (2010, s/p), a partir da lógica interativa, a atividade receptiva, dessa vez, muito mais palpável e sondável, garante aos interessados e pesquisadores pistas sobre sua manifestação e inteligibilidade no campo da circulação organizado por receptores que também passam a ser produtores.

O segundo bloco da pesquisa é destinado ao outro procedimento adotado para a composição da tríade metodológica - o estudo de caso com técnica de interpretação de construção da explicação. Localizando o olhar no corpus aqui selecionado dos comentários feitos no perfil do Facebook da Vale, no período de três meses pós-rompimento da barragem em Brumadinho, o estudo de caso identificou 23 postagens feitas pela organização. Mesmo sendo um estudo que localiza seu olhar sob o campo das bordas da circulação, compreende-se a necessidade de entendimento das temáticas dessas postagens.

Desse modo, foram identificadas 23 postagens, divididas entre 8 blocos temáticos, feitos sob o formato de vídeo com legendas - foram eles: comunicados

gerais; comunicados sobre novos riscos de rupturas; informações sobre resgates de animais; informações sobre resgates de vítimas; “apoio” à população; luto; revitalização e medidas de reparação do rio Paraopeba ou da cidade de Brumadinho; atendimento às normas;

Esses oito blocos temáticos foram cruzados com seis tipologias de marcas temáticas identificadas nos comentários das audiências no perfil da Vale no Facebook. Essas seis tipologias foram divididas entre: responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais; responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa; denúncia e descredibilização; acusações, xingamentos e questionamento de caráter; ressarcimento e/ou vingança e poemas, orações pela conversão da Vale e agradecimentos aos bombeiros.

Essas marcações temáticas, presentes nos comentários, podem se sobrepor. Dessa maneira, um comentário pode ser portador de uma ou mais marcas temáticas. Assim, em todos os comentários foram observadas 180 marcações temáticas - 29% delas são de acusações, xingamentos e questionamento de caráter, 25% abordam questões de denúncia ou descredibilização, 20% abordam responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa.

Por fim, no terceiro bloco da pesquisa aqui empreendida, é apresentada a netnografia do corpus selecionado. Como método de coleta foi utilizada a observação direta, já a técnica de interpretação dos dados foi a análise de efeitos pathêmicos do discurso proposta por Patrick Charaudeau. Vale enfatizar que a estratégia interpretativa pautada na análise de efeitos pathêmicos do discurso sugerida por Charaudeau aconselha o seguinte protocolo de compreensão que foi utilizado nessa pesquisa:

A. Análise da situação ou contrato de comunicação;

- Dados externos: condição de identidade
- Dados externos: finalidade
- Dados externos: propósito

- Dados externos: condição de dispositivo
- Dados internos: locução
- Dados internos: relação
- Dados internos: tematização

B. Análise de universos de saber partilhado;

C. Análise da estratégia enunciativa;

De modo bastante resumido, identificou-se, seguindo o protocolo interpretativo proposto por Charaudeau as seguintes características:

A. Análise da situação ou contrato de comunicação;

- Dados externos: condição de identidade - identidade disposta entre massiva/brasileira e familiares e moradores das cidades afetadas;
- Dados externos: finalidade - visada de “fazer fazer”, ou seja, prescritiva. Isso, sobretudo, se dá em uma intencionalidade de conscientização da Vale sobre todo o mal que causou e sobre as atitudes que deveriam ter sido tomadas. As audiências ativas expõem a Vale os impactos de sua ganância e irresponsabilidade;
- Dados externos: propósito - expressão da dor e da indignação;
- Dados externos: condição de dispositivo - a complementaridade interpretativa oferecida pelo campo comentários no facebook é apropriada pelas audiências ativas com um sentido de finalizar os discursos postados pela Vale com contrapontos que expõem a fraqueza argumentativa do discurso altamente questionável da mineradora.
- Dados internos: locução - a perda das posições identitárias de moradores e familiares, proporções alarmantes dos danos causados à população brasileira e a garantia do espaço da locução pelos silenciados;
- Dados internos: relação - Vale-audiências ativas se dá por meio da relação de agressão ou de afastamento e audiências ativas-audiências ativas por meio de um “endossamento”;
- Dados internos: tematização - proposição de um contraponto em relação ao ethos trazido pela Vale nos vídeos e comunicados anunciados;

B. Análise de universos de saber partilhado;

- I. O assassinato como imaginário do pecado mortal;
- II. A ganância como imaginário da conquista do dinheiro acima de tudo e de todos;
- III. A covardia como imaginário do ataque contra qualquer tipo de vida;
- IV. A mentira como imaginário do caminho ou articulação para a conquista de interesses escusos;

C. Análise da estratégia enunciativa;

- I. Cena Genérica: comentários estabelecidos no perfil da Vale no facebook.
- II. Cena englobante: comentários sobre as postagens feitas pela mineradora Vale no momento pós-rompimento de brumadinho. São comentários que vão além do que o que está sendo exposto nas postagens da mineradora.
- III. Cenografia: uso de perguntas; uso de ironias e metáforas; uso de emojis; uso de *Caps Lock*;

Sendo assim, a pesquisa aqui proposta identificou, por meio da tríade metodológica adotada, que a resposta para o desafio científico enumerado previamente centra-se na compreensão de que as estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas para a expressão do ódio via comentários estão, possivelmente, problematizadas da seguinte maneira:

- Segundo a parte I, composta pela pesquisa bibliográfica, destaca-se, conforme Charaudeau (2010) 1. que o ódio está inserido em uma lógica moralizante. As mídias, quando tratam da tópic da antipatia ou do ódio, posicionam a audiência em um espaço de juiz. 2. está mobilizado entre saberes de crença estruturados na zona polarizada entre bem e um mal que são executados por um dominador ou perseguidor: Assim, o estado de indignação, segundo Charaudeau, é evocado sempre direcionado a algum responsável ou perseguidor em situações que explicitam relações de dominação .3. é diretamente proporcional ao grau de sofrimento evocado na cena discursiva. Segundo Charaudeau (2010), suscitada empaticamente em situações de dor ou sofrimento, o grau ou a

intensidade do efeito do ódio produzido na audiência-juíz será proporcional ao grau de perseguição sofrido pela vítima. E, por fim, 4. pode se diferenciar entre unânime e homogênea ou esclarecida: segundo o linguista, quando é unânime ocorre contra um perseguidor. Por outro lado, quando é esclarecida, o ódio é evocado em defesa de um condenado.

- Já segundo a parte II, composta pelo estudo de caso com técnica de interpretação de construção da explicação, identificou-se que a problemática da expressão do ódio, no corpus selecionado, é passível de discussão de acordo com a seguinte estrutura - Comunicados, resgate aos animais, apoio à população e comunicados sobre novos riscos de rupturas são pautas mais suscetíveis ao surgimento de comentários com marcas temáticas de acusações, xingamentos e questionamento de caráter. Postagens relacionadas ao luto foram aquelas que geraram mais comentários associados à responsabilidade e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa. Por fim, revitalização e medidas de reparação do rio Paraopeba ou da cidade de Brumadinho foram as postagens que mais fizeram surgir marcas temáticas associadas ao campo da denúncia e da descredibilização.
- Por fim, caminhando para o terceiro bloco da pesquisa aqui empreendida, foi apresentada uma netnografia com técnica interpretativa de análise de efeitos pathêmicos do discurso proposta por Patrick Charaudeau. Desse modo, entre as problemáticas já previamente enumeradas aqui nessa introdução, destaca-se a condição de dispositivo situada no contrato comunicativo. Ora, as redes sociais, com destaque para a funcionalidade “comentário” ampliam as possibilidades de interlocução das audiências que se apropriam das possibilidades interativas oferecidas pelo campo midiático, tornam seus comentários artefatos expostos e acessíveis a todos que o desejam acessar de sua indignação, dor e ódio. Identificou-se que a condição de dispositivo “redes sociais com destaque para o campo comentário” opera em uma problemática da interdiscursividade. É como se um discurso, ao ser exposto ao dispositivo facebook, estivesse sempre em um processo que é do meio, inacabado, aguardando que as

audiências comentem sobre ele e ampliem as possibilidades de extensão, de aprofundamento e de construção daquele conteúdo.

TEMA

O tema de um projeto científico pode ser entendido como o assunto que se deseja provar ou desenvolver (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 218). Ainda, possui caráter inédito, uma vez que demanda aprofundamento e investigação (ASTI VERA, 1976, p. 97). É considerado “uma dificuldade, ainda, sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução” (ASTI VERA, 1976, p. 97). Nesse sentido, a pesquisa que se pretende elaborar a partir do projeto de pesquisa aqui proposto será desmembrada a partir da investigação do ódio mediado pelas redes sociais na opinião pública em casos de crimes tecnológicos empresariais de impactos ambientais.

Marconi e Lakatos (2003, p. 218) ainda complementam os pensamentos de Asti Vera e nos revelam que o tema “[...] pode surgir de uma dificuldade prática enfrentada pelo coordenador, da sua curiosidade científica, de desafios encontrados na leitura de outros trabalhos ou da própria teoria”. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 218). Com isso, ressalta-se que a delimitação da questão proposta neste projeto de pesquisa surgiu a partir, primeiramente, da identificação da pesquisadora com o assunto “emoções na comunicação” e, posteriormente, por meio do reconhecimento da carência científica sobre este tema que, por sua vez, deu origem à dissertação “Comunicação Organizacional e efeitos pathêmicos do discurso. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções?” (MIANO, 2017).

Neste contexto, a dissertação citada buscou investigar as emoções localizadas no campo do discurso organizacional, já a problemática assumida neste projeto configuraria uma proposta de continuação ou de aprofundamento da exploração efetuada na pesquisa anterior.

Para tanto, assumiremos como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa. Primeiramente, adotaremos uma revisão bibliográfica de autores e dados primários que nos ajudem a contextualizar a questão do ódio mediado pelas redes sociais na opinião pública e, em uma segunda etapa, nos apoiaremos na estratégia de estudo de caso e na técnica de netnografia para compreender a manifestação real do tema selecionado neste projeto.

Marconi e Lakatos (2003, p. 218) ainda nos alertam que “[...] o processo de delimitação do tema só é dado por concluído quando se faz a sua limitação geográfica e espacial, com vistas na realização da pesquisa.” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 218). Nesse sentido, o tema proposto terá como limitação geográfica e espacial a manifestação do ódio mediado pelas redes sociais na opinião pública dentro do território brasileiro. Ainda, enumera-se que a pesquisa se localizará na demarcação temporal da contemporaneidade.

Por fim, acrescenta-se que o corpus de análise será composto pela coleta, análise e interpretação dos comentários feitos nas redes sociais da empresa Vale, após o acidente envolvendo a mineradora brasileira no município mineiro de Brumadinho (MG).

OBJETIVOS

- Objetivo geral empírico: identificar algumas das possíveis estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública;
- Objetivo geral teórico: colaborar com o campo da comunicação organizacional, por meio de uma pesquisa que aprofunde a problemática das emoções inscritas no processo comunicativo, sobretudo, no contexto contemporâneo digital, com enfoque para a expressão do ódio;

Objetivos específicos

- Investigar os motivos pelos quais o ser humano expressa o ódio de acordo com campos tradicionais da ciência, assim como a antropologia e a psicologia e estabelecer paralelos com o campo da comunicação;
- Compreender a manifestação do ódio na contemporaneidade via mediação tecnológica e apropriação da linguagem;
- Discutir a expressão do ódio na cena midiática sob a perspectiva dos estudos midiáticos do discurso;

- Entender a expressão do ódio no contexto de voz das audiências e de sua transformação em audiências ativas;
- Investigar a expressão do ódio localizado nas pistas das bordas da circulação em comentários de audiências ativas em uma rede social;
- Compreender o que é o ódio, segundo diversas perspectivas científicas;

Questões norteadoras

- Questão norteadora geral: Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?

Questões norteadoras específicas:

- Como ocorre a expressão do ódio na contemporaneidade?
- Como ocorre a expressão do ódio via comunicação na opinião pública?
- Quais os principais elementos que compõem a expressão do ódio na cena midiática?
- De que forma o ódio é expresso e apropriado por audiências ativas para a expressão da indignação frente a um caso de crime tecnológico de proporções marcantes?
- De que modo o ódio pode ser expresso nas pistas presentes nas bordas da circulação?

JUSTIFICATIVA

Conforme demonstrado anteriormente, a pesquisa que se propõe originar a partir deste projeto configura aprofundamento teórico, metodológico e científico da dissertação “Comunicação Organizacional e efeitos pathêmicos do discurso. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções?” (MIANO, 2017). Assim, conforme observado na etapa de apuração contextual para o planejamento da investigação anterior, as organizações podem ser consideradas ordenações complexas, resultados das interações essencialmente comunicacionais humanas, tensionadas entre diversas forças de poder e formuladoras de uma (re) tessitura que interfere e é interferida no e pelo contexto social (BALDISSERA, 2009, p. 144).

Ora, nesse sentido, Marchiori (2009, p. 140) nos revela que falar de organizações é, antes de tudo, falar das interações e dos diversos e infinitos modos de conexão humana. “Organizações consideradas como organismos vivos incitam um olhar significativo sobre as relações humanas que permeiam suas estruturas, seus processos, suas práticas” (MARCHIORI, 2009, p. 140).

Nesse contexto, o que se quer demonstrar é que olhar para as organizações pode significar, em sua totalidade, um profundo comprometimento com o humano, um comprometimento que se debruça sobre aquilo que está na superfície, das planilhas e relatórios diários ao discurso do presidente na festa de fim de ano, e sobre aquilo que está submerso.

Ainda, esse comprometimento exige uma sensibilidade capaz de compreender que o que está na borda ou na submersão é, na verdade, sintomático de modos de interações organizacionais particulares que correspondem a articulações sociais, culturais, políticas, privadas e, por fim, emocionais muito específicas.

Assim, acredita-se que a tese originada a partir deste projeto de pesquisa configuraria contribuição científica para o aprofundamento da compreensão do campo das emoções na comunicação organizacional. Ainda, esta relevância para o campo é demonstrada por meio da somatória entre a questão da inseparabilidade das emoções das organizações e do atrofiamento da apreensão da subjetividade em detrimento da valorização da lógica quantitativa,

potencializada no século XVIII, a partir da revolução industrial. Sobre o assunto, Freitas (2008) explica:

Assim, o que não poderia ser convertido matematicamente não tinha espaço no universo racional do cotidiano. É, precisamente, nesse contexto que o estudo das paixões está situado no universo corporativo. O estudo das paixões está diretamente ligado à lógica discursiva, ao pathos, à persuasão retórica do auditório. Os métodos quantitativos atrofiaram a visão das paixões nas organizações. Fizeram com que houvesse um olhar comprometido pela soberania da razão impondo sempre a eficiência administrativa e a otimização dos lucros, direcionados pela lógica quantitativa. (FREITAS, 2008, p. 120).

Conforme demonstrado pela autora, a falta de entendimento e valorização das emoções dentro das organizações causou “efeito dominó” na produção de pesquisa e acabou impactando na falta de massa científica sobre a compreensão dos afetos na comunicação (FREITAS, 2008, p. 120). Nesse sentido, identifica-se uma ampla oportunidade de contribuição científica com o campo por meio do entendimento da comunicação organizacional, a partir do olhar dos “estados da alma”, como o ciúme, a raiva, a inveja e, por fim, o ódio, que afetam direta e indiretamente os modelos de interações humanas.

Há uma vasta área a ser explorada pelos trabalhos de Comunicação que leva em conta a dimensão passional dos discursos, seja na comunicação dos discursos institucionais dentro dos limites das organizações e seus públicos, seja em um sentido mais amplo, abarcando os meios de comunicação de massa ou recaindo sobre a chamada Comunicação Integrada nas organizações. [...] Entendê-las além da construção do amor romântico, mas como estados de alma que conduzem as ações. Ciúme, inveja, raiva, ira, espera, compaixão, medo e vergonha são alguns desses estados que conduzem nossas interações sociais do ponto de vista ético e moral. (FREITAS, 2008, p. 120).

Ora, este último sentimento tem se tornado ainda mais evidente na contemporaneidade. Prova disso é que uma pesquisa realizada pela AVG Technologies constatou que 30% dos brasileiros já sofreram algum tipo de hostilidade via redes sociais por colegas (G1.COM.BR, acesso em 10 de dezembro de 2016, s/p). No universo infantil, os dados das agressões via redes sociais também são preocupantes. Outra investigação realizada por uma universidade britânica constatou que 17% das crianças e jovens com idade entre

11 e 19 anos no país já foram vítimas de cyberbullying (G1.GLOBO.COM, acesso em 11 de dezembro de 2016, s/p).

Outra questão que faz acender a luz vermelha para a necessidade de se entender a manifestação do ódio na contemporaneidade foram os crescentes números de denúncias de discurso de ódio na internet. De acordo com o Ministério Público Federal (MPF, 2019, s/p), o discurso de ódio pode ser entendido como qualquer ato de comunicação que discrimine ou inferiorize uma pessoa. Tem por base a discriminação de características como raça, etnia, nacionalidade, religião, orientação sexual ou qualquer tido de outro aspecto.

Assim, em parceria com a ONG SaferNET, o MPF desenvolveu uma iniciativa de incentivo para que as pessoas denunciem de modo anônimo atividades cibernéticas que configurem discurso de ódio (ÉPOCA, 2019, s/p). Em 2018, por exemplo, apenas no período que separou o primeiro do segundo turno das eleições brasileiras presidenciais, as denúncias de caráter xenofóbico cresceram 2.369,5%. Já os números de apologia e incitação a crimes contra a vida, sofreram um aumento de 630,52%, de neonazismo, 548,4%, de homofobia, 350,2%, de racismo, 218,2%, e de intolerância religiosa, 145,13% (ÉPOCA, 2019, s/p).

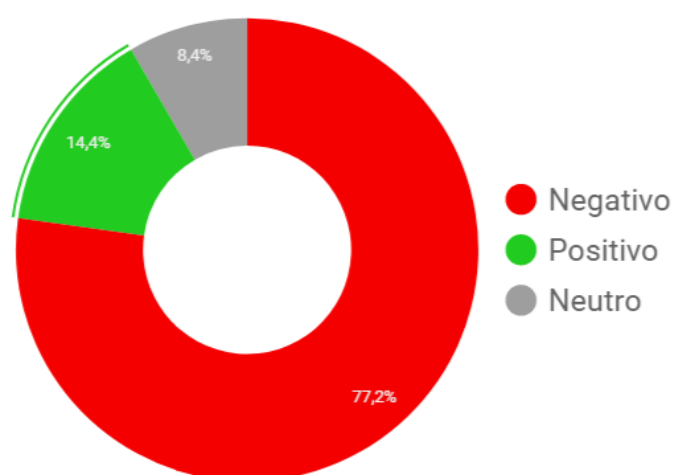
O número total de denúncias em 2018 relação às eleições de 2014 mais que dobrou - passou de 14.653 para 39.316. Ainda, observa-se que as redes sociais possuem grande representatividade como ambiente circulante das pautas discriminatórias, uma vez que a maioria dos conteúdos denunciados (13.592) via a ONG SaferNet estavam hospedados dentro da rede social Facebook. Em segundo lugar, ficou o twitter, com 1.509 denúncias, seguido do Instagram, com 1.088 casos (ÉPOCA, 2019, s/p).

Outra questão importante que vale ser destacada é que o discurso de ódio não se restringe a períodos de pautas públicas polêmicas tais quais as eleições de 2018. Prova disso foi uma pesquisa realizada pelo blog “Comunica que Muda” que entre 2016 e 2017 analisou mais de 215.907 menções sobre os temas aparência, classe social, deficiência, homofobia, misoginia, política, idade/geração, racismo, religião e xenofobia (COMUNICAQUEMUDA, 2019, s/p). De acordo com o levantamento, mais uma vez, as redes sociais aparecem

com destaque. Desta vez, a rede social Twitter representou mais de 98% do levantamento.

Ainda, o dossiê revela o sentimento das pessoas em relação aos temas pesquisados. Os comentários analisados foram classificados entre negativos, quando eram preconceituosos ou reforçavam discursos de ódio, positivos, quando combatiam a intolerância, e neutros, quando não apresentavam um posicionamento claro de quem postava (COMUNICAQUEMUDA, 2019, s/p). O resultado foi que 77,2% foram avaliados como negativos.

Figura 1: Análise de sentimento de comentários em redes sociais segundo o dossiê Comunica que Muda



Fonte: COMUNICA QUE MUDA, acesso em 21 de abril de 2019

Ainda, segundo o dossiê, o Rio de Janeiro foi considerado o estado com maior quantidade de comentários intolerantes, com 37%. Em segundo lugar ficou o estado de São Paulo, com 18,4% e Minas Gerais, em terceiro, com 8,1%.

Ora, esses dados podem nos revelar a importância de se empreender pesquisa sobre o ódio e sua marcante manifestação comunicativa na contemporaneidade. Entretanto, mais uma questão que reforça a importância de dedicar esforços à investigação desta questão é a escassa produção acadêmica sobre o tema. Na plataforma SIBI (Sistema Integrado de Bibliotecas da USP), por exemplo, quando pesquisado o termo “ódio” sem qualquer filtro temporal em produções

acadêmicas, são obtidos apenas 6 resultados que não se relacionam com a área da comunicação.

Figura 2: Busca sem filtro temporal na plataforma SIBi do termo “Ódio”

The screenshot shows the SIBi search interface. At the top, there are tabs for 'Busca Geral', 'Acervo Físico', and 'Produção USP'. Below these are search criteria fields: 'Título contém ódio E', 'Qualquer contém', and 'Qualquer contém'. To the right, there are filters for 'Tipo de material: Produções acadêmicas', 'Idioma: Qualquer idioma', 'Data de publicação: Qualquer ano', 'Data inicial: Dia, Mês, Ano', and 'Data final: Dia, Mês, Ano'. Below the search fields are buttons for 'Buscar', 'Limpar', and 'Busca Simples'. A yellow banner below the search area says 'Você quis dizer: sodio?'. At the bottom, there is a navigation bar with 'Personalize Seus Resultados', a red box around '6 Resultados para Busca Geral', and 'Ordenado por: Relevância'.

Fonte: Adaptado pela autora de SIBi.com.br, acesso em 21 de abril de 2019

Ainda, quando pesquisado o mesmo termo, novamente, sem qualquer filtro temporal no banco de dados bibliográfico da USP são obtidos apenas 122 materiais, sendo que apenas 7 deles estão concentrados na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Figura 3: Busca sem filtro temporal na plataforma Dedalus do termo “Ódio”

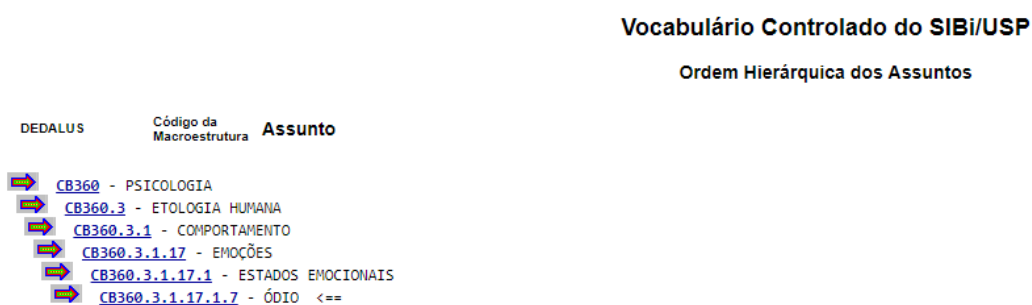
The screenshot shows the Dedalus search interface. At the top, there is a logo for 'DEDALUS Banco de Dados Bibliográficos da USP' and the 'SIBi SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO' logo. Below the header is a navigation bar with links: 'Identificação', 'Buscas', 'Resultados', 'Preferências', 'Buscas Anteriores', 'Catálogos', 'Meus Docs.', 'Fale Conosco', 'Histórico', 'Encerrar Sessão', 'Vocabulário', and 'Ajuda'. Below the navigation bar is a yellow banner with the text 'Registros selecionados: Ver seleção Salvar / E-mail Criar Sub-conjunto Adicionar Reg. Meus Docs.'. Below the banner is a section for 'Conjunto completo: Selecione Tudo Desfazer Seleção Ordenar Refinar Filtrar Perfil de DSI'. Below this is a section for 'Resultados para P-Título= ódio; Ordenados por: Ano (descendente)/Autor' and 'Opções de ordenação: Autor/Ano(d), Autor/Ano(a), Ano(d)/Autor, Autor/Título, Título/Ano(d), Título/Ano(a), Ano(d)/Título'. At the bottom, there is a red box around 'Registros 1 - 15 de 122' and the text '(exibição máxima com ordenação é de 1000 registros)'.

Fonte: Adaptado pela autora de dedalus.com.br, acesso em 21 de abril de 2019

Ora, esta suposta carência de pesquisa sobre ódio dentro das ciências da comunicação pode ser explicada por meio da inserção do descritor “ódio” dentro da hierarquia de estrutura do sistema de bibliotecas da USP. De acordo com este

sistema, ódio é um descritor correspondente à área da psicologia, uma vez que já possui adensada massa científica, conforme pode ser observado na figura abaixo.

Figura 4: Hierarquia de estrutura do termo “ódio” dentro do sistema de vocabulário controlado do SIBi/USP



Fonte: Vocabusp.sibi.usp.br, acesso em 12 de maio de 2019

Para se ter ideia do quão não representativa é a amostra da massa científica encontrada dentro do sistema Dedalus sobre o tema “ódio”, quando se pesquisa um termo já amplamente esgotado no campo das ciências como “administração”, são obtidos mais de 12 mil resultados.

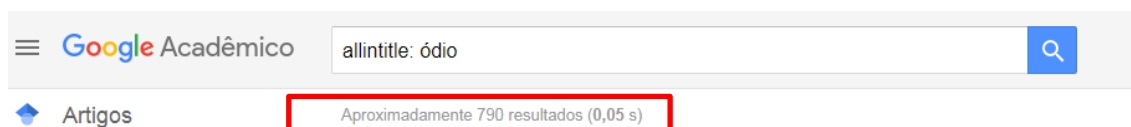
Figura 5: Busca sem filtro temporal na plataforma Dedalus do termo “Administração”

The screenshot shows the Dedalus search interface. At the top, there is a navigation bar with the Dedalus logo, the text 'Banco de Dados Bibliográficos da USP', and the SIBi logo (SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO). Below the navigation bar is a menu with options: Identificação, Preferências, Catálogos, Fale Conosco, Encerrar Sessão, Buscas, Resultados, Buscas Anteriores, Meus Docs., Histórico, Vocabulário, and Ajuda. The main content area shows search results for 'Administração'. It includes a section for 'Registros selecionados:' with options like 'Ver seleção', 'Salvar / E-mail', 'Criar Sub-conjunto', and 'Adicionar Reg. Meus Docs.'. Below that is a section for 'Conjunto completo:' with options like 'Selecione Tudo', 'Desfazer Seleção', 'Ordenar', 'Refinar', 'Filtrar', and 'Perfil de DSI'. At the bottom, there is a summary line: 'Resultados para P-Título= administração; Ordenados por: Ano (descendente)/Autor' and 'Opções de ordenação: Autor/Ano(d), Autor/Ano(a), Ano(d)/Autor, Autor/Título, Título/Ano(d), Título/Ano(a), Ano(d)/Título'. A red box highlights the text 'Registros 1 - 15 de 12429' and '(exibição máxima com ordenação é de 1000 registros)'.

Fonte: Adaptado pela autora de dedalus.com.br, acesso em 21 de abril de 2019

Já na plataforma, Google Acadêmico, também com os mesmos parâmetros, temos 790 resultados.

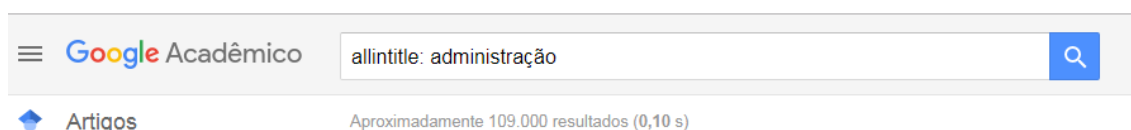
Figura 6: Busca sem filtro temporal na plataforma Google Acadêmico do termo “Ódio”



Fonte: Adaptado pela autora de Google Acadêmico, acesso em 21 de abril de 2019

Novamente, quando comparamos os números obtidos, com “administração”, um tema já bastante estudado, vê-se o quão ainda não explorado é o campo, uma vez que na mesma plataforma, com os mesmos parâmetros, alcançou-se aproximadamente 109 mil resultados.

Figura 7: Busca sem filtro temporal na plataforma Google Acadêmico do termo “Administração”



Fonte: Adaptado pela autora de Google Acadêmico, acesso em 21 de abril de 2019

Ora, o que se quer demonstrar, a partir dos dados levantados, é que salta aos olhos do pesquisador, primeiramente, a oportunidade de se abraçar e desbravar um campo ainda pouco explorado. Em um segundo momento, observa-se também a necessidade da produção científica para um campo tão inerente à comunicação organizacional assim como as emoções. Por fim, os fragmentos contemporâneos revisitados nesta etapa do projeto, que demonstram a atual produção ostensiva do ódio via aparatos comunicacionais, nos revelam também uma demanda social de compreensão e apreensão profunda deste objeto.

OBJETO

PROBLEMA

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 159), o problema pode ser entendido como um tema dotado de relevância e que, ainda, carece de resposta, explicação ou solução. Pode ser entendido como “[...] uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma coisa de real importância, para a qual se deve encontrar uma solução” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 159).

Assim, primeiramente, entende-se necessário compreender o que seria o ódio. De acordo com o dicionário Michaelis, o ódio pode significar uma aversão ou um sentimento de rancor profundo. “Aversão ou repugnância que se sente por alguém ou por alguma coisa; antipatia, desprezo, enzona, odiosidade: 2. Rancor profundo e duradouro que se sente por alguém” (MICHAELIS, 2019, s/p).

Ainda, muito confundido com a raiva, o ódio se distingue e se define a partir de um sentimento de revolta intenso que, na maioria das vezes, se materializa no desejo de destruição de alguém ou algo, como delimita Steffen (2008, s/p):

A raiva é um sentimento passageiro, motivado por algum estímulo ou elemento que impacta ou se mostra contrário a nossos interesses e crenças. Já o ódio é uma emoção, um sentimento de intensa revolta, desgosto ou antipatia por uma pessoa, grupo, objeto ou símbolo, na maioria das vezes determinada pelo desejo de destruir aquilo que é a fonte do sentimento, e que nos acompanhará em longo período de nossas vidas. A raiva pode virar ódio, assim como o ódio pode se caracterizar, se manifestar numa reação raivosa. (STEFFEN, 2008, s/p).

Ainda, acrescenta-se que o ódio, enquanto estado emotivo, ampara-se em saberes originalmente constituídos no campo da psicologia ou da neurociência, com isso, revisitar essas fontes será interessante para a composição desta pesquisa, entretanto não configurará objetivo central. Isto se explica a partir do momento em que a perspectiva adotada neste estudo se concentra nas condições da prática comunicativa do ódio, com isso, nos interessará sobretudo, a visão adotada por áreas que se amparam nas articulações discursivas do ódio, como por exemplo a linguística e os estudos midiáticos do discurso. Sob este olhar, temos as definições oferecidas por Charaudeau (2010) que nos explica o

ódio a partir da representação psicossocial como uma reação a algo que precisa ser combatido.

A compaixão ou o ódio que se manifestam em um sujeito não é o simples resultado de uma pulsão, não se mensura somente por uma sensação de torpor, por uma elevada adrenalina; ela é vivenciada pela representação de um objeto que afeta o sujeito ou que ele procura combater. Isso alarga o conceito de “estados intencionais”: possuem particularidades intelectuais e emocionais, e todos são, ao mesmo tempo, exógenos (remetem a um objeto externo para o qual são orientados) e endógenos (imaginados pelo próprio sujeito, que, de maneira reflexiva, constrói sua própria representação desse objeto). (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

De modo paradoxal, estudos demonstram que amor e ódio podem nascer no mesmo lugar dentro do cérebro. Recentemente, o neurobiólogo Semir Zeki, do Laboratório de Neurobiologia da University College London, desenvolveu uma pesquisa que mapeou áreas cerebrais ativadas quando 17 participantes eram expostos a imagens de pessoas que admitiam odiar:

Na tela nota-se que áreas no giro frontal medial, putâmen direito, córtex pré-motor e ínsula medial foram ativadas. Os pesquisadores observaram que partes do chamado “circuito do ódio” também estão envolvidas no início de um comportamento agressivo, mas sentimentos intrinsecamente agressivos — como raiva, perigo e medo — apresentam padrões cerebrais diferentes dos do ódio (HARMON, 2019, s/p).

A partir destas imagens, os cientistas detectaram que as áreas do putâmen e da ínsula são as mesmas que são ativadas no amor romântico. De acordo com o estudo, as diferenças entre amor e ódio consistem nas ativações de áreas tradicionalmente associadas ao julgamento. Enquanto o amor parece desativá-las, o ódio estimula regiões relacionadas a comportamentos de avaliação e previsão de comportamentos (HARMON, 2019, s/p).

Ainda, fragmentos contemporâneos nos revelam que ataques ou o próprio sentimento de ódio podem nascer a partir da quebra de uma expectativa ou frustração nascida de uma promessa não cumprida. “O ódio pode surgir das crenças e preconceitos que temos [...] e promessas políticas que frustram as pessoas” (BERNAL, 2019, s/p).

Essa provocação pode nos suscitar a pergunta – por qual motivo odiamos? Algumas correntes da psicologia nos revelam que o ódio pode ter suas raízes

em uma reação instintiva a possíveis ameaças a nossa sobrevivência ou às situações que se demonstram adversas aos nossos desejos (STEFFEN, 2008, s/p).

Pessoas que concordam conosco, dividem nossos sonhos, projetos, gostos devem ser amadas e protegidas. Pessoas que discordam ou se opõem a algo que desejamos, colocando nossos projetos ou mesmo sobrevivência devem ser odiadas, para que assim possamos garantir nosso crescimento e nossa sobrevivência (STEFFEN, 2008, s/p).

Nesse sentido, capacidade de dominar o fogo, polegar oponível e o ódio podem ter consistido alguns dos fatores que nos ajudaram a chegar aos mais de 7 bilhões de habitantes no planeta terra. Reconhecer ameaças e odiá-las a ponto de ser capaz de destruí-las configurou durante anos de evolução diferencial competitivo para o ser humano frente aos grandes predadores da pré-história.

Esta talvez seja a mais antiga raiz do sentimento do ódio. Num processo instintivo, o homem primitivo percebia que havia ameaças a sua sobrevivência e de seus descendentes. Odiar um animal carnívoro ou uma tribo que competia pelos alimentos era algo necessário para a própria sobrevivência da espécie, e o ódio se exacerbava e se canalizava em conflitos que resolviam tais disputas. sobrevivência (STEFFEN, 2008, s/p).

Ainda, com o surgimento das comunidades, da escrita, da medicina, da tecnologia e, por fim, de um ambiente mais seguro à sobrevivência humana, tal sentimento acabou se tornando dispensável. No entanto, se recorrermos a um período não muito distante na história, assistiremos a episódios de ódio e fúria massificados, como o holocausto ou o apartheid. Assim, além do componente biológico que nos garante reações e razões instintivas para se odiar, a cultura também configuraria fator determinante na delimitação de quem será digno de nosso afeto e quem será merecedor de nossa ira.

Muitas correntes da psicologia citam que o ódio tem uma raiz cultural, com forte influência do ambiente social e cultural que cerca o sujeito. Daí surgiria a facilidade com que certas culturas desenvolvem e manifestam o ódio contra outros. Certamente que o ambiente exerce forte influência na forma e atitude como o ódio se manifesta, ou não teríamos tantos casos de homens-bomba explodindo seu corpo em troca de sucesso e prazer no paraíso como pregam os Muçulmanos radicais no Oriente Médio. (STEFFEN, 2008, s/p).

Segundo Steffen (2008), sociologia e psicologia explicam que cultura e predisposição biológica caminham juntos na delimitação do nosso potencial de odiar. Além da necessidade evolutiva e do incentivo cultural que nos diz o que e quem é digno de ódio, o cérebro humano possui uma tendência natural de generalização e agrupamento, denominada como princípio da proximidade. Nesse sentido, o mundo, demasiadamente complexo a nossa compreensão, torna-se mais facilmente “digerível” na medida em que dominamos a capacidade de agrupar e reunir elementos semelhantes.

Assim, pessoas que dividem projetos, gostos ou percepções conosco tendem a ser reunidas num grupo de – digamos - “amigos”, enquanto quem se opõem tenderíamos a colocar num grupo de “inimigos”. (STEFFEN, 2008, s/p).

O autor ainda nos explica que, por trás deste mecanismo, estaria uma articulação totalmente imperceptível à consciência que controlaria a noção humana de satisfação ou frustração. Com isso, caso nossas necessidades sejam satisfeitas, sentimos rapidamente os efeitos do mecanismo de satisfação, porém, se o contrário ocorre, de modo instantâneo, buscamos um culpado para odiar (STEFFEN, 2008, s/p).

Ainda, psicologia e sociologia explicam juntamente o ódio. Segundo as duas ciências, as raízes deste sentimento podem estar em uma experiência negativa com um grupo ou pessoas aleatórias que rapidamente são agrupadas em nosso cérebro pelo princípio da proximidade no campo de “inimigos”. Ora, nossa mente as entende como uma ameaça que, logicamente, deverá ser nada menos do que destruída.

Entretanto, se hoje não seria mais possível ou, ao menos, legalmente ou moralmente permitido literalmente aniquilar nossos inimigos por meio do ódio, como era feito na pré-história, qual seria a manifestação real e social mais comum do ódio na contemporaneidade? Steffen (2008, s/p) nos explica que a manifestação da subjetividade humana ocorre por meio da comunicação.

Neste contexto, nossos estados, conscientes e inconscientes, nossas intenções, afetos, desafetos, inspirações e, por fim, emoções se materializariam na cena

social por meio deste terreno arenoso, instável e simbólico, porém, extremamente real, denominado comunicação.

Assim, temos que as falas, as comunicações são o lugar onde os sujeitos manifestam, efetivamente, suas causas e intenções. Ou seja, as ações e sentimentos se manifestam inicialmente de forma simbólica, em atos comunicacionais identificáveis e manifestos no tecido social onde este sujeito circula. (STEFFEN, 2008, s/p).

O que se deseja demonstrar aqui é que, na contemporaneidade, todo o ódio que ainda persiste na subjetividade humana encontraria na comunicação a via mais natural de manifestação social. Ora, com as novas estruturas sociais que impõem grandes punições para aqueles que decidem praticar seu ódio sob a forma de violência, nasce uma nova prática de desafeto, um pouco mais sutil, porém não menos perversa – o discurso de ódio.

Brugger (2007, s/p) delimita que o discurso de ódio pode ser entendido como “palavras que tendam a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade [...] ou que têm a capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007).

Silva (et. al, 2011) nos revela que o discurso de ódio atua em duas instâncias – primeiramente, na agressão diretamente à vítima e, em um segundo momento, no convencimento de outras pessoas de que aquela pessoa ou grupo são dignos de ações ou palavras violentas.

Quanto a suas estratégias de persuasão, o discurso de ódio aproveita-se de elementos relativos à área de publicidade e propaganda para angariar adeptos, quais sejam, a criação de estereótipos, a substituição de nomes, a seleção exclusiva de fatos favoráveis ao seu ponto de vista [...]. Aliado a isso, o discurso procura aumentar sua probabilidade de aceitação por conta do uso de argumentos emocionais e da ausência de contraposição direta e imediata a tais mensagens. Combinadas essas faces, a que insulta e a que instiga, tem-se que este discurso, além de expressar, procura aumentar a discriminação. (SILVA et. al, 2007, s/p).

Os autores ainda delimitam que o discurso odioso carece de um veículo comunicacional para se manifestar e atingir suas vítimas (SILVA et. al, 2007, s/p). Ora, nesse sentido, com o advento da internet e das redes sociais, torna-se evidente que o discurso de ódio ganha múltiplos e infinitos tentáculos que

ampliam suas possibilidades de disseminação e “extermínio moral” de suas vítimas.

Embora as propriedades intrínsecas da rede – relativização de tempo e espaço, difusão em escala mundial, múltiplas formas de compartilhamento informacional –, propiciem rico intercâmbio entre pessoas e culturas, é inegável que igualmente alargam o alcance de conteúdos perniciosos, como o discurso de ódio, além de trazerem obstáculos a investigações, à ação de meios de controle ainda muito acostumados com o mundo palpável. (SILVA et. al, 2007, s/p)

Nesse contexto, de acordo com os autores, a internet não apenas amplia espaço para as articulações de discursos odiosos, como também inibe as possibilidades de punição, por meio da garantia do anonimato e do sigilo e facilidade de criação de perfis falsos, por exemplo.

Ainda, o discurso de ódio se torna um problema à sociedade, a partir do momento em que atinge a opinião pública e causa impactos violentos na realidade. Um exemplo pode ser o caso de Fabiane Maria de Jesus, dona de casa, morta espancada no Guarujá (São Paulo), após ser confundida com uma sequestradora de crianças, por meio de um retrato falado postado nas redes sociais (RIBEIRO, 2014, s/p).

Dessa maneira, aqui nessa pesquisa, a problemática aqui assumida, enquanto desafio, distancia-se da perspectiva do discurso de ódio - ora, o que se almeja compreender é o ódio e a sua expressão mediada pelas tecnicidades e não necessariamente o discurso odioso que visa incentivar o preconceito e a violência.

Como um sentimento originalmente voltado à proteção e à sobrevivência, como visto anteriormente, entende-se que ele e sua expressão podem ser impactados pelas mediações tecnológicas. Ora, é evidente que as tecnologias da informação e da comunicação impactaram o modo humano de se relacionar e as redes sociais, com todo o seu potencial de interação, podem, inclusive, delimitar novos caminhos de manifestação da indignação humana.

Lopes (2014) auxilia nessa compreensão ao delimitar que as redes sociais são organizadas por usuários, localizados em espaços altamente interativos, a partir

de recursos textuais e produções sígnicas. Esses usuários não apenas operam passivamente às produções de sentido, mas reagem e recriam inclusive seus próprios papéis na cena discursiva - passam, assim, também a serem produtores. Dessa maneira, Lopes (2014) enfatiza a importância do empreendimento em uma nova terminologia para a denominação desses espectadores que assumem e se empoderam de certo protagonismo passam a ser adjetivadas como “audiências ativas”.

A nosso ver, o ambiente constituído pelos novos meios e pela transmediação estende o escopo e a importância dos argumentos presentes na tese da “audiência ativa”. Se é assim, a multiplicação dos usos e a crescente interatividade fazem com que as pesquisas dos usos e da recepção dos meios, ainda considerados marginais no conjunto dos estudos de Comunicação, passem a ter uma oportunidade histórica de alcançar a condição de mainstream. Audiências e usuários viabilizam-se como sendo muito ativos – seletivos, auto-dirigidos, produtores bem como receptores de textos. (LOPES, 2014, s/p).

Paralelamente aos pensamentos de Lopes, encontram-se as reflexões de Antônio Fausto Neto que, no artigo “As bordas da circulação...”, inscreve a existência da recepção dentro do contexto das mudanças tecnológicas.

Segundo Fausto Neto, na cena midiática mediada pelas novas técnicas, surgem novos modelos de percepção de produções discursivas que garantem origem a um outro modelo receptivo. Na visão do autor, esse novo modelo opera e acontece nas bordas da circulação interativa e, dessa vez, torna-se muito mais visível e complexo.

[...] novas percepções sobre a existência da recepção, no contexto da comunicação midiática, não poderiam deixar de lado as transformações havidas no âmbito da circulação, cujas manifestações de funcionamento se tornam cada vez mais visíveis. Situada na “arquitetura comunicacional e seus processos de mediação crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Pistas - segundo Fausto Neto (2010, s/p), a partir da lógica interativa, a atividade receptiva, dessa vez, muito mais palpável e sondável, garante aos interessados

e pesquisadores pistas sobre sua manifestação e inteligibilidade no campo da circulação organizado por receptores que também passam a ser produtores.

A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e é, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, que sua “atividade construcionista” complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Ora, voltando à perspectiva adotada por Lopes (2014) de que as audiências, antes entendidas como alheias ao processo comunicativo, hoje, se apropriam de todo o aparato tecnológico e tornam-se “ativas”, compreende-se que essas, por sua vez, podem inclusive se utilizar de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) na expressão de sua indignação frente a fatos que representem potenciais ameaças.

Nesse contexto, resgatando os pensamentos de Marconi e Lakatos (2003), “o problema consiste em um enunciado explicitado de forma clara, compreensível e operacional, cujo melhor modo de solução ou é uma pesquisa ou pode ser resolvido por meio de processos científicos” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 126).

Dessa maneira, assume-se como um desafio científico para esta pesquisa a pergunta - *Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?*

Ora, nesse sentido, acredita-se que a pergunta selecionada como desafio científico para este projeto torna-se, do ponto de vista comunicacional, relevante, a partir do momento em que se nota, primeiramente, uma atenção ao sentimento de ódio na pauta pública. Mesmo que aqui não se tenha intenção de discutir ou

investigar o discurso de ódio, admite-se que ele, por sua vez, possa ter garantido certo destaque na pauta pública a esse sentimento.

Ainda, acrescenta-se a notável manifestação da indignação que ocorre, na contemporaneidade, via aparatos propriamente comunicacionais. Nesse sentido, não caberia a qualquer outra área do conhecimento que não seja a comunicação se propor a solucionar ou contribuir cientificamente com o entendimento desta problemática, uma vez que o projeto aqui presente assume para si uma questão de extrema relevância social que tem a comunicação como característica sintomática principal.

HIPÓTESES

Marconi e Lakatos nos explicam que as hipóteses podem ser entendidas como soluções temporárias para uma questão enunciada em um projeto científico:

Podemos considerar a hipótese como um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos): a) formulado como solução provisória para um determinado problema; b) apresentando caráter ou explicativo ou preditivo; c) compatível com o conhecimento científico (coerência externa) e revelando consistência lógica (coerência interna); d) sendo passível de verificação empírica em suas consequências. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 123)

Ora, nesse sentido, elabora-se que as hipóteses assumidas como algumas das estratégias enunciativas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários:

- **A existência de um culpado**

Conforme avaliado anteriormente, biologicamente, as raízes do ódio podem consistir na preservação da espécie humana ou da comunidade. Nesse sentido, talvez por esse motivo, caso recorrarmos aos aprendizados de língua portuguesa, o verbo odiar seja transitivo direto, uma vez que quem odeia, odeia algo ou alguém.

Ainda, se por um lado, observamos que na história, muitos grupos, dignos de ódio social, foram considerados culpados por catástrofes sociais, como, por exemplo, os Judeus que durante o período do holocausto eram vistos como manipuladores financeiros e culpados pela morte de Cristo (SUPER INTERESSANTE, 2019, s/p), por outro lado, observamos que grandes catástrofes ambientais causadas por eventos climáticos ou outras ordens consideradas naturais geram a comoção pública, porém, não são capazes de suscitar o ódio público.

Como exemplo destes grandes eventos, temos o recente ciclone Idai que devastou o sudeste da África e atingiu cerca de três milhões de pessoas (G1.COM, 2019, s/p). Por mais que a Organização das Nações Unidas já tenha declarado que o evento possui relação direta com o aquecimento global que, por sua vez, é sabidamente causado pela emissão dos gases de efeito estufa liberados pelas indústrias, nota-se que na pauta pública há um sentimento de comoção, porém não de ódio, como demonstrado na figura abaixo:

Figura 8. Exemplo de pauta pública sobre o ciclone Idai



NAÇÕES UNIDAS BRASIL

SOBRE A ONU FAÇA PARTE CAMPANHAS ONU NO BRASIL ESPECIAIS

INÍCIO NOTÍCIAS DO BRASIL AÇÃO HUMANITÁRIA **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL** DIREITOS HUMANOS PAZ E SEGURANÇA

Especialistas da ONU pedem solidariedade com africanos afetados pelo Ciclone Idai

Publicado em 01/04/2019 Atualizado em 01/04/2019 TAMANHO DA LETRA + -

Facebook WhatsApp Twitter Email Print LinkedIn Mais

Especialistas em direitos humanos da ONU chamaram países, organizações internacionais, empresas e indivíduos a mostrar solidariedade com os países do Sul da África atingidos pelo Ciclone Idai. Tempestade deixou mais de 700 mortos, outras centenas de milhares desabrigados e provocou danos de bilhões de dólares em Moçambique, Malauí e Zimbábue.

Fonte: nacoesunidas.org, acesso em 27 de abril de 2019, s/p

Assim, outros eventos de impactos sociais, ambientais e humanos de grandes proporções, nos quais nota-se a presença de um agente culpado, a pauta pública pode se mobilizar para a punição e não para a solidariedade, como no exemplo acima:

Figura 9. Exemplo de pauta pública sobre o crime tecnológico em Brumadinho (MG)



Três meses da tragédia em Brumadinho: Nenhuma punição foi cumprida

Fonte: REDETV.UOL.COM.BR, acesso em 27 de abril de 2019, s/p

Ainda, esta hipótese pode ser reforçada a partir dos pensamentos que Charaudeau que nos revelam que o ódio dentro da cena midiática é, sobremaneira, trabalhado sob a perspectiva da culpabilidade e da responsabilização que se ampara numa articulação do interlocutor ou espectador como moralista ou juiz.

Outras figuras, mais ou menos intensas: indignação”, “acusação”, “denúncia”, “cólera”, “ódio”. Essa tópica é frequentemente atualizada, na televisão, pela descrição de casos que buscam responsáveis pelos prejuízos cometidos, a mostração das manifestações de protesto, a encenação de debates (do tipo Droit de réponse, ciel mon mardi!). [Direito de resposta e Céus, minha terça!] Ela promove uma televisão que denuncia, que coloca o telespectador em posição de moralista. (CHARAUDEAU, 2010, p. 52).

- **Existência discursiva de uma ameaça que deve ser combatida**

Conforme observado anteriormente, o ódio, biologicamente, consiste em uma resposta anatômica e evolutiva do ser humano às ameaças que o cercam. Entretanto, diferentemente da pré-história, nas quais as ameaças, como um mamute, eram mais práticas e reais, na contemporaneidade, as ameaças podem confluir para a irrealidade e o delírio, como a ameaça dos judeus ou dos negros, na época do holocausto e apartheid, respectivamente.

Com isso, essa hipótese levantada pode nos levar a entender que uma das condições que possam confluir para o surgimento do ódio nas redes sociais seja uma composição discursiva baseada na existência de uma ameaça que deve ser combatida. Ainda, admite-se a possibilidade desta ameaça corresponder à frustração de um padrão existente que coloca aqueles que são odiados em uma posição de marginalidade, como determina Rebs (2017):

Nascidos (ou reconhecidos) nestes ambientes virtuais, os haters podem formar organizações com estratégias minuciosas com o principal objetivo de disseminar a sua ideologia 1 de ódio contra alguém ou mesmo contra grupos específicos. Na maior parte dos casos, estes sujeitos são considerados “fora-da-lei” e não parecem se importar com isso, pois ficam escondidos pelas máscaras dos fakes (perfis falsos). (REBS, 2017).

Dentro deste contexto, salienta-se que a existência de um inimigo ou de uma ameaça pode corresponder a uma barreira ou obstáculo para que a realidade funcione do melhor modo possível.

Há, então, a construção de uma fantasia que justifica a impossibilidade da sociedade, por exemplo, realizar a sua identidade plena justamente pela presença dos negros(as), que são a existência positiva do problema social para os odiadores. (REBS, 2017).

Esta hipótese é reforçada a partir do momento em que Charaudeau (2010) nos explica que as emoções, inscritas nos processos discursivos midiáticos, estão amparadas em três pilares – intencionalidade, representação psicossocial e saber de crença. Nesse sentido, o sentimento de ódio, que nasce a partir do desejo de combate de uma ameaça, pode se articular por meio de saberes constituídos previamente ao momento discursivo que, em um primeiro momento, se opõem a saberes de conhecimento e, em uma segunda etapa, se baseariam em critérios de verdade exteriores ao sujeito.

Quaisquer que sejam as posições tomadas, emoções e crenças estão indissolavelmente ligadas: qualquer modificação a uma crença leva a uma modificação de emoção (por exemplo, a humilhação); qualquer modificação de emoção leva a um deslocamento de crença (por exemplo, a indignação) e podemos apostar que qualquer desaparecimento de emoção em uma circunstância socialmente esperada leva, a uma modificação das crenças. (CHARAUDEAU, 2010, p. 30).

Ora, tal argumento ainda dialoga com os pensamentos da retórica aristotélica que nos revelam que o ódio, diferente da cólera, pode nascer fora das razões

personais e se destinar a um grupo de pessoas ao qual se deseja, por algum motivo baseado em um saber de crença previamente constituído, destruir.

No referente à inimizade e ao ódio, é daí que teremos que tirar os caracteres dos contrários da amizade. Ora, o ódio produz a cólera, a vexação, a calúnia. 31. A cólera nasce de razões que nos são pessoais, mas o ódio pode nascer fora do âmbito destas razões pessoais; basta supor que uma pessoa é dotada de tal ou tal caráter, para que a odiamos. A cólera visa sempre uma pessoa particular, por exemplo, Calias ou Sócrates; o ódio pode visar toda uma classe de pessoas: toda gente odeia o ladrão e o sicofanta. A cólera pode curar-se com o tempo; o ódio, não. A cólera procura fazer pena, o ódio procura fazer mal. Porque o homem irado quer que a vítima saiba quem a feriu; o que odeia não se importa com isso. (ARISTÓTELES, 1978, p. 109).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um processo não controlável, a pesquisa pode ser definida como um caminho ordenado com a finalidade de se alcançar a resposta para um determinado problema ou questão. Nesse sentido, a aferição se vale de processos previamente definidos ou métodos que permitem a ampliação do arcabouço teórico e prático de um determinado campo científico, conforme demonstra Gil:

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O Objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. (GIL, 1999, p. 42).

Nesse sentido, a pesquisa pode ser classificada por meio de sua intenção ou objetivos visados e, com isso, pode ser definida entre pura ou aplicada. A segunda classificação, de acordo com Gil (1999, p. 43) corresponderia ao desenvolvimento de um estudo em uma realidade circunstancial, uma característica que garante à pesquisa aplicada um olhar contemporâneo.

Ora, considerando esta constatação, infere-se que a pesquisa aplicada seria a mais adequada para a elaboração da pesquisa originada a partir deste projeto, uma vez que o objeto aqui selecionado para análise exige uma perspectiva dotada de atualidade e que seja capaz de se debruçar sobre uma realidade prática.

O autor ainda nos revela que a pesquisa também pode ser classificada de acordo com seu nível, entre exploratória, descritiva e explicativa. Nesse contexto, a partir do olhar de Gil, identifica-se que a questão assumida enquanto desafio teórico científico neste projeto demanda, primeiramente, uma pesquisa explicativa que, segundo Gil (1999, p. 44) “são aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. E, em um segundo momento, a pesquisa que aqui se pretende elaborar também pode ser classificada como exploratória que “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 1999, p. 43).

Ainda, vale destacar que uma das questões centrais de desenvolvimento de uma pesquisa é a definição de estratégias de coleta de dados para o desenvolvimento do estudo sobre um determinado objeto. De acordo com Gil, as estratégias de coletas de dados se encontram em dois grandes grupos – as fontes de papel e os dados oferecidos por pessoas.

No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento, o estudo de campo e o estudo de caso. Esta classificação não pode ser tomada como absolutamente rígida, visto que algumas pesquisas, em função de suas características, não se enquadram num ou noutro modelo. Entretanto, na maioria dos casos, torna-se possível rotular as pesquisas com base nos títulos retrodefinidos. (GIL, 1999, p. 65).

De acordo com o autor, a pesquisa bibliográfica, é aquela que se utiliza de fontes constituídas basicamente sob a forma de artigos ou livros. Gil (1999, p. 65) afirma que esse tipo de estratégia de coleta de dados amplia as possibilidades de estudo do pesquisador, uma vez que se utiliza de um arcabouço científico previamente sedimentado, tratado e revisado. Esse tipo de estratégia de coleta será o modelo utilizado na primeira etapa desta pesquisa.

Além da pesquisa bibliográfica, entre outras estratégias de coleta de dados, há o estudo de caso que, segundo Gil:

[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. (GIL, 1999, p. 73).

Yin (2015) dialoga com Gil e nos revela que a metodologia do estudo de caso possui o diferencial de se estudar um fenômeno em seu “habitat” natural. Ele seria aplicável em situações em que o fenômeno e o contexto são de difícil dissociação.

Como a primeira parte de uma definição em duas partes, um estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderem não estar claramente evidentes. A segunda parte da definição aponta para o projeto de coleta de dados – por exemplo, como a triangulação de dados ajuda a tratar a condição técnica distintiva, por meio da qual um estudo de caso terá mais variáveis de interesse do que pontos de dados. (YIN, 2015, p. 3).

Ora, neste sentido, a partir do desafio científico assumido neste projeto de pesquisa que consiste na resposta à pergunta “*Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?*” entende-se que a utilização do estudo de caso enquanto estratégia metodológica pode agregar cientificamente uma vez que a manifestação e o contexto do ódio nas redes sociais ainda se apresentam de modo obscuro na atualidade.

Yin (2015) ainda nos demonstra que a operacionalização de um estudo de caso pode ser feita via seis fontes de evidência que seriam elas documentação, registros em arquivo, entrevistas, observações diretas, observação participante e artefatos físicos. O autor ainda nos alerta sobre a importância de o pesquisador não se ater a apenas uma fonte de evidência. De acordo com Yin (2015), o rigor da aplicação de um estudo de caso exige que o pesquisador utilize o princípio da triangulação.

A vantagem mais importante apresentada pelo uso de fontes múltiplas de evidência, no entanto, é o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação. A triangulação inspira-se no princípio da navegação pelo qual a interseção de diferentes pontos de referência é usada para calcular a localização precisa de um objeto. (YIN, 2015, p. 124).

Ora, neste sentido, admite-se que para a execução e garantia do rigor científico neste projeto serão utilizados dois tipos de triangulações. A primeira que seria de ordem de dados e ocorreria via o cruzamento entre observação direta e documentações, já a segunda se daria via triangulação metodológica, que aliará ao estudo de caso a utilização da estratégia de netnografia.

Para tornar mais clara a proposta metodológica neste projeto desenvolvida, com a finalidade de se mapear algumas das prováveis condições da proliferação do ódio nas redes sociais, entende-se que é necessário recorrer a fontes documentais que possam contextualizar e oferecer indícios de alguns dos fatores que influem no surgimento de sentimentos odiosos. Assim, a proposta seria que nos amparássemos, sobretudo, na avaliação de recortes de notícias e outros artigos, estudos formais e avaliações sobre o objeto com a finalidade de compreender o macroambiente do ódio na contemporaneidade.

Devido ao ser valor global, os documentos desempenham um papel explícito em qualquer coleta de dados na realização da pesquisa de estudo de caso. As buscas sistemáticas de documentos relevantes são importantes para qualquer plano de coleta de dados (YIN, 2015, p. 111).

Assim, seguindo o princípio da triangulação, aliaríamos às coletas de fontes documentais, a observação direta como uma segunda fonte de evidência.

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta e análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. [...] A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. (GIL, 1999, p. 110).

Nesse sentido, a observação direta seria feita pela pesquisadora sobre posts, comentários, artigos ou qualquer outra prática que se dê dentro do corpus selecionado e que possa colaborar com o entendimento da proliferação do ódio dentro dos ambientes digitais.

Ora, ainda seguindo o princípio colocado por Yin (2015), entende-se a necessidade de olhar o corpus nesse projeto proposto sob a perspectiva de outra estratégia, além do estudo de caso. Com isso, assimilando que a perspectiva que se deseja aplicar sobre o ódio corresponde a sua manifestação nas redes sociais, admite-se que um método complementar ao estudo de caso possa ser a netnografia que pode ser entendida:

[...] como uma das ferramentas metodológicas capazes de proporcionar o acesso dos pesquisadores da área às caracterizações específicas da contemporaneidade, sobretudo a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, produtos e etc (ROCHA; MONTARDO, 2005, s/p).

Ademais, vale destacar que existem dois modelos de abordagem em pesquisa – aqueles que são quantitativos e os qualitativos. Para Michael (2009, p. 37), os modelos de abordagem em pesquisa quantitativos tratam os dados sempre de forma quantificável, de modo que, todos os dados possam ser traduzidos em números e formulem análises estatísticas. Já aqueles que são de origem qualitativa tratam os dados de acordo com a interpretação e ao contexto ao qual o material empírico dá margem, assim como demonstra Goldenberg:

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2009, p. 14).

Ora, nesse sentido, já que a questão científica neste projeto apresentada nos solicita a necessidade de entendimento das condições de proliferação do ódio, entende-se que o modelo de abordagem mais adequado seria o qualitativo.

Ainda, outra decisão essencial à composição de uma pesquisa é a seleção da amostra. A seleção de qualquer tipo de amostragem é necessária ao pesquisador, principalmente, porque dificilmente se é selecionado um objeto de estudo limitado o bastante que permita ao pesquisador estudá-lo à exaustão. Daí a necessidade dos recortes. Uma amostragem é uma parte sempre possível de ser estudada de um universo que compõe o objeto que, por sua vez, é impossível de ser aferido, devido a sua extensão e as múltiplas complexidades e variáveis que influem na análise.

Quando um pesquisador seleciona uma pequena parte de uma população espera que ela seja representativa dessa população que pretende estudar. Para tanto necessita observar os procedimentos definidos pela Teoria da Amostragem. A Teoria da Amostragem encontra-se hoje consideravelmente desenvolvida, ficando difícil a qualquer pesquisador justificar a seleção de uma amostra sem recorrer a seus princípios. (GIL, 1999, p. 99).

A amostra, de acordo com GIL (1999, p. 101), pode ser do tipo probabilística, que possui critérios matemáticos de seleção, e não-probabilística que corresponde à critérios elaborados pelo próprio pesquisador. Considerando essas constatações, infere-se que o material aqui utilizado como amostra de estudo será de origem não-probabilística, uma vez que se ampara nos critérios de seleção elaborados pelo pesquisador e sinalizados no item 5.1.

Por fim, sobre os modelos e interpretações de análise dos dados, Yin (2015), primeiramente, sugere que em um estudo de caso é possível utilizar cinco técnicas analíticas – combinação de padrão, construção da explicação, análise de séries temporais, modelos lógicos e síntese cruzada de casos. Assim, novamente recorrendo ao desafio científico assumido neste projeto, entende-se que o mais adequado modelo de abordagem seria a construção da explicação.

Na maioria dos estudos de caso, a construção da explicação ocorre de forma narrativa. Como essas narrativas não podem ser precisas, os melhores estudos de caso são aqueles cujas explicações refletem algumas proposições teoricamente significativas, das quais as magnitudes podem começar a compensar a carência de precisão. (YIN, 2015, p. 152).

Ainda, para a segunda estratégia metodológica adotada, a netnografia, entende-se que também careceremos de outro modelo de análise e interpretação de dados. Rocha e Montardo (2005) nos explicam que assumira netnografia, enquanto procedimento teórico metodológico, é também incorporar elementos de análises quantitativas e ou qualitativas na pesquisa com a finalidade de se garantir melhores resultados.

A netnografia também pode e deve ser incorporada juntamente a outros aparatos teórico-metodológicos como análises quantitativas e estatísticas (webmetria, número de links e etc), análise do discurso (AD), Análise de conteúdo (AC), Análise de Redes Sociais, entre outros, dependente do desenho e das delimitações que o objeto comunicacional requerer. (ROCHA; MONTARDO, 2005, s/p).

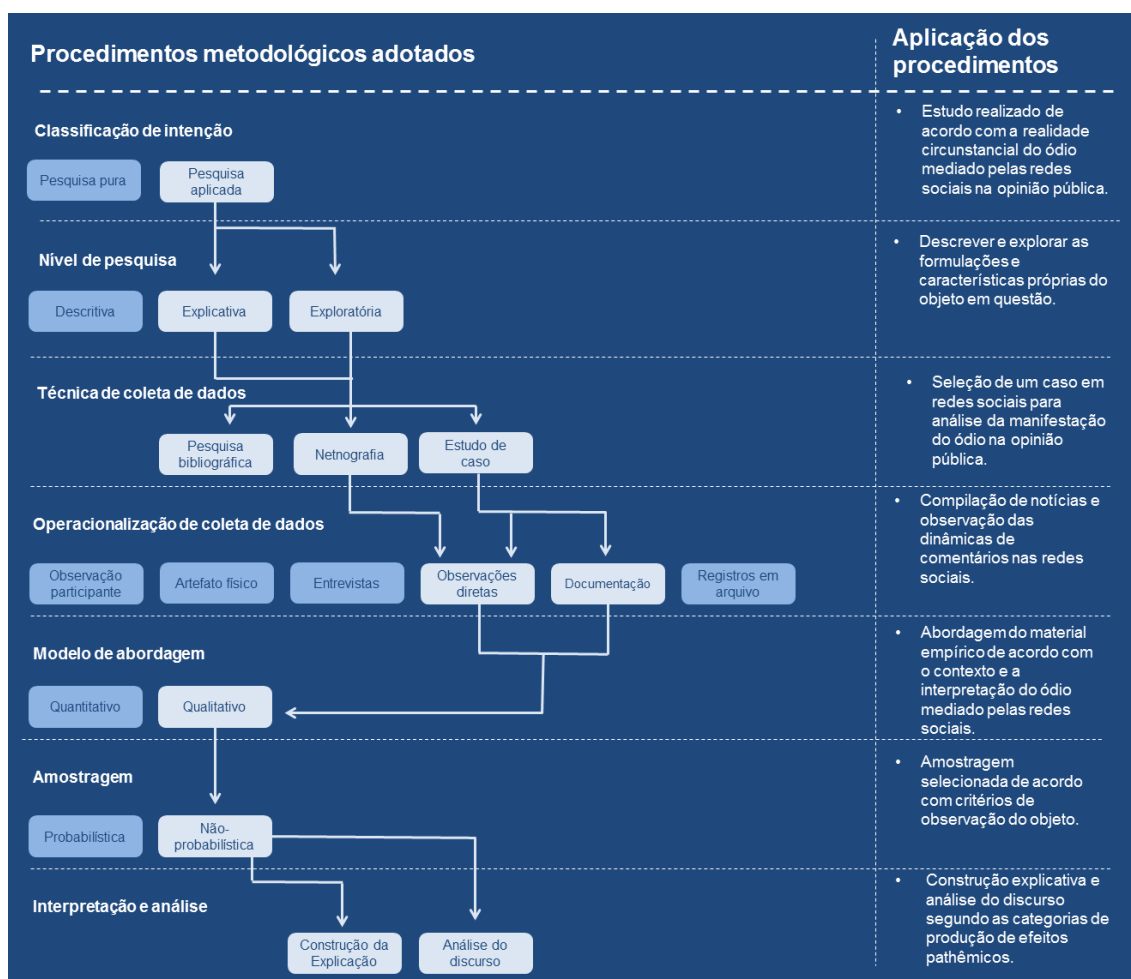
Neste contexto, partindo do objeto neste projeto assumido que seria manifestação do ódio mediada pelas redes sociais na opinião pública, admite-se que o a técnica de análise mais adequada para o entendimento deste tema seria a análise do discurso proposta por Charaudeau (2010) que apresenta uma perspectiva teórico-metodológica de entendimento do que ele chama de efeitos pathêmicos no discurso ou emoções no discurso:

A análise do discurso tem por objeto de estudo a linguagem, enquanto produtora de sentido em uma relação de troca, visto que ela traz em si mesma o signo de uma coisa que não está nela, mas da qual é portadora. [...] Este ponto de vista se aproximaria, por conseguinte, ao de uma retórica da visada de efeito que é instaurada por categorias de discursos que pertencem a diferentes ordens (inventio, dispositivo, elocutio, actio), nas quais haveria, entre outras coisas, uma “tópica” da emoção – uma “patemia”, eu diria – que seria constituída por um conjunto de “figuras”. (CHARAUDEAU , 2010, p. 26)

Assim, como a proposta deste projeto consiste no entendimento da manifestação do ódio dentro das redes sociais, entende-se que a utilização da interpretação via análise do discurso na perspectiva de Charaudeau encontraria solo fértil de análise e compreensão dentro de comentários. Em um primeiro momento, a decisão de concentração de entendimento da manifestação do ódio via redes sociais em comentários ocorre por uma razão prática - os comentários, na contemporaneidade, significariam o novo local de exposição das subjetividades. “A seção de comentários é o novo fórum de criatividade e conexão, onde as pessoas fazem amizade e discutem os interesses em comum” (WGSN, 2019, s/p).

Ora, a partir dos procedimentos acima adotados, é possível estabelecer o seguinte mapa de pesquisa:

Figura 10: Mapa de pesquisa.



Fonte: adaptado de POMARICO, 2014, p. 99

Por fim, espera-se, que a partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, além do desenvolvimento de um mapa exploratório de algumas das estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação, colaborar com o aprofundamento teórico e científico do estudo das emoções no campo da comunicação organizacional.

DELIMITAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

A palavra-chave “Brumadinho” foi o segundo termo de pesquisa mais buscado pelos brasileiros no Google nos últimos 90 dias e apenas é antecedido pelo termo “IPVA 2019” (TRENDS.GOOGLE.COM, acesso em 05 de fevereiro de 2019). O rompimento da barragem de rejeitos de Brumadinho (MG) no dia 25 de janeiro deste ano (2019) fez com que a mineradora brasileira, Vale, ficasse em evidência nos últimos dias. Isso porque um imenso mar de lama destruiu casas e bairros inteiros na região do Córrego do Feijão, deixando mais de 150 pessoas mortas e mais de 160 desaparecidos (AGENCIABRASIL.COM, acesso em 9 de fevereiro de 2019).

Após o rompimento, a mineradora brasileira, Vale, deu início a uma série de ações de comunicação sobre o acidente. Uma destas ações foi a criação de um hotsite especial que contém informações atualizadas sobre o acidente, bem como uma plataforma de identificação de pessoas desaparecidas e óbitos identificados.

Ademais, entre as ações observadas para este projeto, identificou-se também a compra da palavra “brumadinho” no site de pesquisas Google via SEM, sigla em inglês de Search Engine Marketing.

Figura 11. Exemplo de anúncio pago exibido via compra da palavra-chave “Brumadinho”



Fonte: GOOGLE.COM, acesso em 5 de fevereiro de 2019

Outra ação de comunicação que ganhou grande repercussão foi o vídeo do pronunciamento do presidente da Vale, divulgado horas depois do acidente. Até

a submissão deste artigo, o vídeo divulgado na rede social Facebook conta com mais de 6.700 interações, 1.300 compartilhamentos e 5.100 comentários.

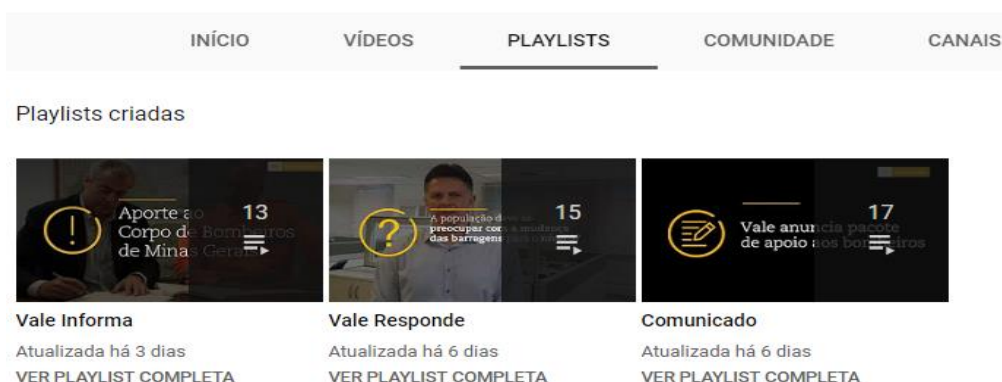
Figura 12. Vídeo do pronunciamento do presidente da Vale sobre o acidente em Brumadinho (MG)



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em 5 de fevereiro de 2019

Após o pronunciamento de Flavio, a Vale deu início a uma série de vídeos distribuídos entre três playlists em seu canal do Youtube intituladas #Comunicado, #ValeResponde e #ValeInforma. Atualmente (YOUTUBE.COM/VALE, acesso em maio de 2019), o canal conta com 45 vídeos que trazem depoimentos de funcionários, em sua maioria de nível gerencial e de direção, que explicam projetos e ações desenvolvidas para contenção dos danos causados pelo rompimento da barragem.

Figura 13. Playlists do youtube da Vale com vídeos sobre ações de contenção de danos em Brumadinho



Fonte: YOUTUBE.COM/VALE, acesso em 12 de maio de 2019

A ação é replicada também em seu canal do Instagram, no qual todos os destaques são destinados à comunicação das ações, e também em seu perfil do facebook.

Figura 14. Destaques no perfil oficial da Vale no Instagram com informações sobre o rompimento da barragem em Brumadinho



Fonte: INSTAGRAM.COM/VALENOBRASIL, acesso em 12 de maio de 2019

Figura 15. Perfil oficial da Vale no Facebook com informações sobre o rompimento da barragem em Brumadinho



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em 12 de maio de 2019

Figura 16. Perfil oficial da Vale no Twitter com informações sobre o rompimento da barragem em Brumadinho



Fonte: TWITTER.COM/VALENOBRASIL, acesso em 12 de maio de 2019

Se, por um lado observa-se um esforço de comunicação por parte da Vale, por outro, também é possível notar uma ampla comoção e revolta pública a partir do rompimento da barragem. De acordo com a plataforma de monitoramento digital, Torabit (ÉPOCA.COM, acesso em maio de 2019), que realizou uma análise de mais de meio milhão de menções nas redes sociais Facebook, Twitter, YouTube e Instagram sobre o acidente em janeiro de 2019, o principal tema discutido sobre Brumadinho foi o sentimento de perplexidade com a reincidência de um crime que afetou mais uma cidade brasileira inteira (ÉPOCA.COM, acesso em maio de 2019). Além disso, o tema ganhou relevância quando doze dos maiores formadores de opinião nas redes sociais se pronunciaram sobre o ocorrido, entre eles, Neymar Jr, Danilo Gentili, Luciano Huck, Sabrina Sato, Winderson Nunes, Padre Fabio de Melo e Gisele Bündchen.

Ainda, entre os temas mais falados sobre o ocorrido estão “Buscas de Mortes” com 29,6% dos comentários e 15,1% sobre campanhas de ajuda.

Figura 17. Assuntos mais falados sobre Brumadinho nas Redes Sociais



Fonte: Torabit In g1.com.br, acesso em 12 de maio de 2019

Outro ponto mencionado no estudo foi o cruzamento de temas protagonistas em relação a assuntos sobre Brumadinho. De acordo com a Torabit, sobre o protagonista Vale o assunto mais citado foi “justiça”.

Figura 18. Cruzamento de protagonistas em relação a assuntos sobre Brumadinho



Fonte: Torabit In g1.com.br, acesso em 12 de maio de 2019

Ora, além da relevância para a pauta pública brasileira, que demonstra a importância de se estudar a repercussão do acontecido do ponto de vista das emoções e da comunicação, esses dados nos revelam que possivelmente os comentários de pessoas sobre o rompimento da barragem estão amparados na lógica do ódio, uma vez que, quando o protagonista do tema é a Vale, há um sentimento de justiça, combate ou punição desta ameaça.

Ainda, em um primeiro momento, os comentários nas redes sociais da Vale sobre o rompimento da barragem em Brumadinho podem configurar bom material empírico uma vez que também convergem com as três categorias de produções discursivas de efeitos pathêmicos de Charaudeau – suporte ou dispositivo midiático favorável às construções emocionais, campo temático e estratégia discursiva pathemizantes.

Nesse sentido, de acordo com Charaudeau (2010, p. 39), a primeira condição necessária a uma produção discursiva dotada de estratégias enunciativas com características pathêmicas é que o suporte ou dispositivo midiático seja favorável às construções coletivas e culturais essencialmente emocionais. “[...] sua finalidade e os lugares que são atribuídos previamente aos parceiros de troca, predispõem ao surgimento de efeitos patêmicos” (CHARAUDEAU, 2010, p. 40). Assim, sendo os comentários¹ o grande campo, dentro da lógica das redes sociais, de manifestação das subjetividades, entende-se que os comentários de sujeitos sobre o rompimento da barragem podem confluir bom material empírico.

Ainda, o campo temático desta grande tragédia também trafega no universo da pathemização. De acordo com Charaudeau (2010, p. 40), além de o dispositivo comunicacional possuir condições de suportar e transmitir as emoções, é necessário também que o campo temático que trafegue neste aparato proponha uma organização de imaginários sociodiscursivos emocionais. Com isso, o autor enumera que o campo da pathemização dentro da lógica do funcionamento das mídias orbita o espaço público do anormal, seja sob a forma de uma anomalia biológica (desmatamento da Amazônia) ou moral (assassinato), caso contrário não geraria o sentido de captação proposto no primeiro item.

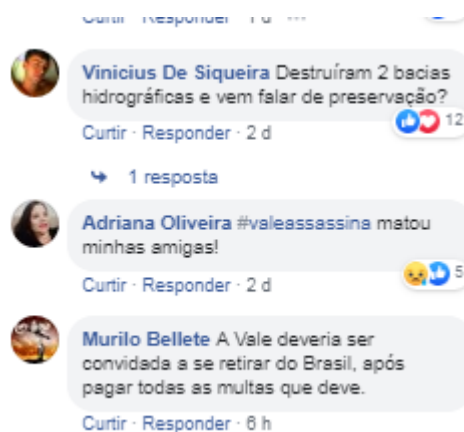
O espaço público é tão fechado e ajustado pelas mídias que ele não pode ser percebido senão por meio daquilo que não funciona em relação ao esperado nas rotinas da vida social, ou em relação aos julgamentos da norma social. (CHARAUDEAU, 2010, p. 48).

Nesse sentido, tal qual demonstrado pelo autor, os comentários, entendidos enquanto novos espaços de manifestação das subjetividades, se demonstram

¹ Ver capítulo III.

sob a perspectiva da anomalia moral. Assim, é comum dentro das redes sociais da Vale, observar comentários de pessoas cobrando uma punição e chamando a mineradora de assassina.

Figura 19. Exemplos de comentários sobre o rompimento da barragem em Brumadinho



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em 12 de maio de 2019

Por fim, de acordo com o autor (2010, p. 40), a estratégia discursiva pathêmica deve se valer de uma cena emotiva. Este último tópico não apenas é possível observar por meio do próprio tema, um crime que envolveu centenas de mortes e pessoas desaparecidas, como também por meio da comoção pública que se manifesta sob a forma de perplexidade, conforme observado no estudo da Torabit e em alguns comentários presentes nos canais de comunicação da mineradora.

Figura 20. Exemplo de comentário sobre o rompimento da barragem em Brumadinho



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em 12 de maio de 2019

Ora, outro ponto que demonstra a qualidade do material empírico para a pesquisa é sua aderência ao objeto selecionado que se propõe a identificar

algumas das possíveis estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública. No entanto, admitindo-se a complexidade do corpus adotado e a quantidade de comentários contidos em todos os perfis da Vale, faremos o recorte de análise de comentários na maior rede social em termos de alcance, ou seja, no perfil da Vale no Facebook, no período de três meses após o rompimento da barragem em Brumadinho.

Nesse sentido, dentro desta pesquisa, acrescenta-se que o rompimento da barragem em Brumadinho será abordado sob a perspectiva de um crime tecnológico, uma vez que no dia 25 de janeiro deste ano, o Ministério Público veio à imprensa e afirmou que a tragédia se tratou de um crime doloso e de homicídio (METROPOLES.COM, acesso em maio de 2019).

As investigações já estão avançadas e demonstram que a mineradora Vale assumiu o risco da tragédia, mesmo sabendo que a estrutura da barragem não era estável. Além disso, e-mails mostram que a empresa tentou chantagear a empresa alemã TÜV SÜD, para a emissão dos laudos que atestaram a segurança da estrutura. (METROPOLES.COM, acesso em maio de 2019).

Ainda, as investigações apontaram que houve um esforço da Vale e da TUV SUD para maquiagem números do laudo e omitir o estado crítico da barragem.

QUADRO E MARCOS TEÓRICOS UTILIZADOS

Tendo em vista, primeiramente, que pesquisar e estudar comunicação corresponde, em suma, a um constante diálogo localizado na borda ou fronteira com outras áreas do pensamento e, em um segundo momento, a notável carência teórica sobre as emoções dentro do campo comunicacional, será necessário à produção desta pesquisa um esforço de troca e admissão de olhares de outras ciências já mais aprofundadas sobre o objeto em questão.

Para tanto, uma das perspectivas que serão consideradas para a produção desta tese será a do campo da psicologia e da neurociência que investiga o ódio sob uma perspectiva de intensa revolta, acompanhada por um imenso desejo de destruição daquilo que representa sua causa:

[...] é uma emoção, um sentimento de intensa revolta, desgosto ou antipatia por uma pessoa, grupo, objeto ou símbolo, na maioria das vezes determinada pelo desejo de destruir aquilo que é a fonte do sentimento, e que nos acompanhará em longo período de nossas vidas. A raiva pode virar ódio, assim como o ódio pode se caracterizar, se manifestar numa reação raivosa. (STEFFEN, 2008).

Segundo Steffen (2008), o que diferencia o ódio da raiva, além da intensidade, é a sua duração. Assim, a raiva poderia ser considerada um sentimento passageiro destinado a algo que contraria nossos interesses e crenças e o ódio seria uma intensa revolta acompanhada por um desejo de destruição perene ou com longa duração. Ainda, algumas correntes da psicologia nos revelam que o ódio pode ter suas raízes em uma reação instintiva a possíveis ameaças a nossa sobrevivência ou às situações que se demonstram adversas aos nossos desejos (STEFFEN, 2008, s/p).

Pessoas que concordam conosco, dividem nossos sonhos, projetos, gostos devem ser amadas e protegidas. Pessoas que discordam ou se opõem a algo que desejamos, colocando nossos projetos ou mesmo sobrevivência devem ser odiadas, para que assim possamos garantir nosso crescimento e nossa sobrevivência (STEFFEN, 2008, s/p).

Entretanto, se hoje não seria mais possível ou, ao menos, legalmente ou moralmente permitido literalmente aniquilar nossos inimigos por meio do ódio, como era feito na pré-história, qual seria a manifestação real e social mais comum do ódio na contemporaneidade? Steffen (2008, s/p) nos explica que a manifestação da subjetividade humana ocorre por meio da comunicação.

Neste contexto, nossos estados, conscientes e inconscientes, nossas intenções, afetos, desafetos, inspirações e, por fim, emoções se materializariam na cena social por meio deste terreno arenoso, instável e simbólico, porém, extremamente real, denominado comunicação.

Assim, temos que as falas, as comunicações são o lugar onde os sujeitos manifestam, efetivamente, suas causas e intenções. Ou seja,

as ações e sentimentos se manifestam inicialmente de forma simbólica, em atos comunicacionais identificáveis e manifestos no tecido social onde este sujeito circula. (STEFFEN, 2008, s/p).

Ainda, do ponto de vista da neurociência, manifestar o ódio na contemporaneidade via comunicação torna-se natural e esperado à medida que toda emoção pode ser considerada como uma organização entre quatro componentes ou dimensões - o sentimento, a excitação corporal, o sentido de propósito e o social- expressivo (REEVE, 2011).

Ainda, dentro deste campo, abarcaremos também os pensamentos de Reeve (2011), neurocientista que nos revela o aspecto essencial do sentido social-expressivo ou da comunicação às emoções. Segundo Reeve (2011, p. 190), as emoções possuem quatro componentes ou quatro dimensões – o sentimento, a excitação corporal, o sentido de propósito e o social- expressivo.

O primeiro elemento, o sentimento, está relacionado à fenomenologia da emoção, ou seja, seu aspecto experiencial. Esse componente “dá à emoção sua experiência subjetiva, de que tanto possui significado como importância pessoal. [...] O aspecto sentimento tem raízes em processos cognitivos ou mentais” (REEVE, 2011, p. 190).

Ainda, vale destacar que outra área de pensamento, que será abarcada para uma compreensão o mais integral possível do objeto em questão, será a da antropologia das emoções. Como expoentes brasileiros dessa perspectiva temos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010). Elas definem as emoções como “parte de esquemas ou padrões de ação aprendidos em interação com o ambiente social e cultural, que são internalizados no início da infância e acionadas de acordo com cada contexto” (REZENDE; COELHO, 2010, p. 30).

De acordo com Koury (2005), a antropologia das emoções surge paralelamente a sedimentação da antropologia geral enquanto área do saber.

A Antropologia das emoções, como campo disciplinar específico, surgiu concomitante ao processo de consolidação da antropologia geral, embora, enquanto especialidade em busca de suas próprias fronteiras tenha seu processo formativo, no mundo ocidental, a partir da metade da década de setenta do século XX. (KOURY, 2005, p. 239).

Nessa perspectiva, será interessante trabalharmos com autores tradicionais do campo dentro da ciência brasileira, como Gilberto Freyre (1990), Roberto da Matta e Sergio Buarque de Holanda (1994). Esse último desenvolve o conceito de cordialidade, uma característica essencialmente brasileira, e que se sedimenta na sociedade brasileira a partir da construção nuclear da família em detrimento do Estado. Holanda define isso, pois, é apenas a partir do ultraje aos limites familiares que a construção do Estado é permitida e o sujeito assume uma posição de cidadão e não mais de pessoa.

Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. Há nesse fato um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo e não uma depuração sucessiva, uma espiritualização de formas mais naturais e rudimentares, uma procissão das hipóstases, para falar como na filosofia alexandrina. (HOLANDA, 1995, p. 141).

Destaca-se, ainda, a partir das proposições na neurociência, da psicologia e da antropologia, na contemporaneidade, todo o ódio que ainda persiste na subjetividade humana encontraria na comunicação a via mais natural de manifestação social. Entretanto, na atualidade, essa discussão assume novos contornos delimitados pelo advento das tecnicidades, com destaque para as redes sociais que, de certa maneira, ampliam as possibilidades de espaço para a expressão do ódio.

Com as redes sociais, surge uma espécie de bricolagem (LEVI STRAUSS, 1976) organizada por usuários, localizados em espaços altamente interativos, a partir de recursos textuais e produções sígnicas. Esses usuários não apenas operam passivamente às produções de sentido, mas reagem e recriam inclusive seus próprios papéis na cena discursiva - passam, assim, também a serem produtores. Destaca-se que, mesmo sendo produtores, esses usuários, quando reagem, estão localizados em um campo essencialmente receptivo, com isso, nessa pesquisa se atentará a fontes do campo da recepção, com destaque, para o campo brasileiro.

A exemplo dessas fontes temos Lopes (2014) que enfatiza a importância do empreendimento em uma nova terminologia para a denominação desses espectadores que assumem e se empoderam de certo protagonismo passam a ser adjetivadas como “audiências ativas”.

A nosso ver, o ambiente constituído pelos novos meios e pela transmediação estende o escopo e a importância dos argumentos presentes na tese da “audiência ativa”. Se é assim, a multiplicação dos usos e a crescente interatividade fazem com que as pesquisas dos usos e da recepção dos meios, ainda considerados marginais no conjunto dos estudos de Comunicação, passem a ter uma oportunidade histórica de alcançar a condição de mainstream. Audiências e usuários viabilizam-se como sendo muito ativos – seletivos, auto-dirigidos, produtores bem como receptores de textos. (LOPES, 2014, s/p).

Paralelamente aos pensamentos de Lopes, encontram-se as reflexões de Antônio Fausto Neto que, no artigo “As bordas da circulação...”, inscreve a existência da recepção dentro do contexto das mudanças tecnológicas. Segundo Fausto Neto, na cena midiática mediada pelas novas técnicas, surgem novos modelos de percepção de produções discursivas que garantem origem a um outro modelo receptivo. Na visão do autor, esse novo modelo opera e acontece nas bordas da circulação interativa e, dessa vez, torna-se muito mais visível e complexo.

[...] novas percepções sobre a existência da recepção, no contexto da comunicação midiática, não poderiam deixar de lado as transformações havidas no âmbito da circulação, cujas manifestações de funcionamento se tomam cada vez mais visíveis. Situada na “arquitetura comunicacional e seus processos de mediação crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Pistas - segundo Fausto Neto (2010, s/p), a partir da lógica interativa, a atividade receptiva, dessa vez, muito mais palpável e sondável, garante aos interessados e pesquisadores pistas sobre sua manifestação e inteligibilidade no campo da circulação organizado por receptores que também passam a ser produtores.

A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e é, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, que sua “atividade construcionista” complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Charaudeau, representando o campo dos estudos midiáticos do discurso, que também será utilizado como reforço teórico nessa pesquisa, em “Discurso das mídias”, aborda o que, em sua visão, denomina como “instâncias de recepção”. Sobre o assunto, o linguista delimita que analisar as instâncias de recepção significa assumir, em primeiro lugar, que o público receptor não se constitui a partir de uma massa uniforme. Do mesmo modo, à instância midiática fica obscura a instância receptora. Entre produção e recepção, há mediações e a própria mídia, porém, é impossível tocar em sua pureza e estado bruto a instância receptiva.

Sobretudo, em um segundo momento, suas dimensões e estados afetivos suscitados a partir das produções discursivas serão, em certa medida, correspondentes ao circuito midiático no qual o discurso está inserido. Dessa forma, amor ou ódio não são reavivados nas instâncias de recepção de modos iguais em mídias diferentes.

Em primeiro lugar, ele se diferencia de acordo com o suporte de transmissão: leitores para a imprensa, ouvintes para o rádio, telespectadores para a televisão. Com isso, é fácil compreender que as reações intelectivas e afetivas do público não são as mesmas de uma mídia a outra, e a instância midiática que sabe disso e o afirma (“são profissões diferentes”), tira partido das diferenças. Em segundo lugar, a identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção. Por um lado, os receptores não estão presentes fisicamente na relação de troca, e a instância midiática não tem acesso imediato a suas reações, não pode dialogar com eles, não pode conhecer diretamente seu ponto de vista para completar ou retificar a apresentação da informação. (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).

De acordo com o autor, as emoções são construtos sedimentados nos saberes de crença. Assim, o autor conceitua as emoções como “saberes polarizados em torno de valores socialmente constituídos” (CHARAUDEAU, 2000, p. 131, tradução da autora) e afirma que o *pathos* no discurso está articulado entre três pilares – intencionalidade, saber de crença e representação psicossocial.

Primeiramente, ela é de ordem intencional, pois se manifesta de forma direcional como reação que procura buscar ou combater algo.

A compaixão ou o ódio que se manifestam em um sujeito não é o simples resultado de uma pulsão, não se mensura somente por uma sensação de torpor, por uma elevada adrenalina; ela é vivenciada pela representação de um objeto que afeta o sujeito ou que ele procura combater. Isso alarga o conceito de “estados intencionais”: possuem particularidades intelectuais e emocionais, e todos são, ao mesmo tempo, exógenos (remetem a um objeto externo para o qual são orientados) e endógenos (imaginados pelo próprio sujeito, que, de maneira reflexiva, constrói sua própria representação desse objeto). (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

Para abarcar o pensamento das emoções no discurso, Charaudeau (2010) empreende uma terminologia específica – efeitos pathêmicos do discurso. Ao desenvolver e fazer uso deste conceito, o autor realiza, primeiramente, um distanciamento das emoções do campo da neurociência, em um segundo instante, realiza uma aproximação com os estudos aristotélicos das provas retóricas – logos, ethos e pathos. E esta última, Aristóteles dedicou especial atenção e, inclusive, nesta compreensão desenvolve seus pensamentos sobre o ódio.

No referente à inimizade e ao ódio, é daí que teremos que tirar os caracteres dos contrários da amizade. Ora, o ódio produz a cólera, a vexação, a calúnia. 31. A cólera nasce de razões que nos são pessoais, mas ódio pode nascer fora do âmbito destas razões pessoais; basta supor que uma pessoa é dotada de tal ou tal caráter, para que a odiamos. A cólera visa sempre uma pessoa particular, por exemplo, Calias ou Sócrates; o ódio pode visar toda uma classe de pessoas: toda gente odeia o ladrão e o sicofanta. A cólera pode curar-se com o tempo; o ódio, não. A cólera procura fazer pena, o ódio procura fazer mal. Porque o homem irado quer que a vítima saiba quem a feriu; o que odeia não se importa com isso. (ARISTÓTELES, 1978, p. 109).

Se Charaudeau, representando os estudos midiáticos do discurso, auxilia na compreensão das estratégias discursivas utilizadas para a expressão do ódio, Fausto Neto (2010, s/p), novamente, colabora com a discussão, representando o campo receptivo, ao levantar a hipótese de que, com o advento e expansão das tecnicidades, ocorre uma ruptura paradigmática no entendimento da lógica dos efeitos que abandona o campo das intenções, não acionável, e parte para uma compreensão de uma recepção pautada na ação, visível e palpável. Dessa maneira, Fausto Neto nos demonstra que a “recepção age”:

Nossa hipótese é a de que o balanço da trajetória dos primeiros estudos, de tradição funcionalista, sobre a constituição das audiências e dos efeitos de mensagem sobre elas, ao invés de apontar para o fechamento de um ciclo de preocupações sobre a recepção, sugere um avanço distinto dos seus postulados. Ou seja, a formulação de outros capítulos e pistas de investigação que avançam um pouco mais em relação às proposições anteriores, pois a recepção existe e age. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

O que se quer demonstrar a partir da proposição da utilização de Charaudeau e Fausto Neto como fontes importantes para a composição dessa pesquisa é que, se, por um lado, no campo da produção, as estratégias discursivas trabalham nas engrenagens de uma retórica visada de efeitos, por outro, no lugar dessa recepção, que tem suas pistas de manifestações nas bordas da circulação, há um espectro inusitado, aberto, fluído, não linear, construído no embate e na disputa de sentidos que ampara e garante lugar, inclusive, por meio da interdiscursividade, a exposições antagônicas aos efeitos visados, como a própria expressão do ódio, por exemplo.

O sujeito lida com várias injunções, de modo voluntário, ou não, como a linguagem que age sobre ele produzindo surpresas e também dissabores. Nestas condições, o sujeito individual ou institucional, não é o mestre da atividade discursiva, mas efeito do seu funcionamento na medida em que se encontra “constrangido” ou “mobilizado” por uma ordem que o transcende, como algo complexo que é aquele da interdiscursividade. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Ainda, Muniz Sodré também colabora com um olhar dos afetos dentro da estrutura midiática. Nas palavras de Sodré (2006):

Persuadir, emocionar, abrir os canais lacrimais do interlocutor por meio do apelo desabrido à banalidade são recursos centrais da retórica propagandística, aperfeiçoada pela publicidade e pelo marketing de hoje. (SODRÉ, 2006, p. 79)

Santaella (2013) também será outra autora que nos oferecerá um olhar sobre a cultura da participação nas redes sociais: De acordo com Santaella, as redes sociais configuram locais em que a conexão social configuraria aspecto precípuo à lógica da criação de comunidades.

Enfim é uma cultura em que seus membros creem que suas contribuições importam e desenvolvem determinado grau de conexão social com o outro, de modo que tem grande relevo aquilo que os demais pensam sobre o que cada um cria, por mais insignificante que seja. Culturas de participação incluem:

- a) afiliações, formais e informais, em comunidades online, centradas em diversas formas de mídia;
 - b) Usos que, potencialmente, produzem mudanças na plataforma;
 - c) usos baseados em valores de afinidade, confiança e afetividade.
 - d) Solução corporativa de problemas conjunto de equipes para realizar tarefas e desenvolver novos conhecimentos.
 - e) circulações que determinam o tipo de fluxo das mídias.
- (SANTAELLA, 2013)

Ainda, dentro do campo da comunicação, traremos para a composição do entendimento do objeto em questão os pensamentos do new media studies que se debruçam, primeiramente, sobre a compreensão da cibercultura enquanto manifestação social dos novos modelos de comunicação.

O debate sobre a cibercultura com a interface da comunicação se estrutura em torno da inserção das tecnologias de informação e de comunicação no mundo contemporâneo, de forma a contemplar questões relativas à comunicação mediada por computador, bem como à sua influência na indústria de comunicação e na sociedade. (MONTARDO; ROCHA, 2005)

Ainda, completando os pensamentos do new media studies, nos concentraremos também no recorte da comunicação organizacional. Nesse sentido, temos como expoente a autora Elizabeth Saad Corrêa que traz para a discussão da comunicação a perspectiva da digitalização e das novas mídias institucionais. De acordo com a autora:

Destacamos que essas trocas comunicacionais, ao ocorrerem em ambientes digitalizados, assumem em grande medida as principais características destes, tais como: a multiplicidade e não-linearidade das mensagens, a flexibilização do tempo e a virtualização dos relacionamentos e intercâmbios. O que temos, por consequências, é uma espécie de digitalização dos significados coletivos que fluem nos ambientes organizacionais. (CORRÊA, 2009, p. 319).

Por fim, ainda dentro do campo da comunicação organizacional, abraçaremos os estudos de opinião pública. Como autor tradicional deste campo, dialogaremos com Lippman:

Cada um de nós vive e trabalha numa pequena parte da superfície da Terra, move-se num pequeno círculo e destas coisas familiares conhece somente algumas intimamente. Das ocorrências públicas que têm largos efeitos vemos, na melhor das hipóteses somente uma fase e um aspecto. [...] Inevitavelmente nossas opiniões cobrem um largo espectro, um longo período de tempo, um número maior de coisas que podemos observar. Elas têm, portanto, que ser formadas de pedaços juntados do que os outros nos relataram e do que podemos imaginar (LIPPMAN, 2008, p. 83).

Por fim, vale destacar que, como esta pesquisa possui como olhar original o campo das relações públicas, voltaremos nossos esforços também para a compreensão da opinião pública no campo da comunicação organizacional e, por isso, dialogaremos com o autor Luiz Alberto de Farias (2019):

Em meio a isso, o cenário da atuação de relações públicas se torna complexo diante do universo presente nas organizações. São inúmeros os desafios profissionais e acadêmicos. A comunicação organizacional é responsável pela tecitura dos públicos, dos ambientes, do clima e, por conseguinte, dos resultados organizacionais. É uma verdadeira trama que se ressignifica a todo o momento, seja pelas transformações decorrente do que se chama popularmente de gerações, seja pelos impactos sócio-político-econômicos, seja pelas alterações decorrentes de fusões e hibridizações de culturas das organizações. (FARIAS, 2019, p. 62).

QUADRO RESUMO DO PROJETO

Figura 21. Quadro resumo do projeto de pesquisa

| | | | |
|-----------------------------|--|---|---|
| Problema Empírico | Evidente manifestação do ódio na Opinião Pública via redes sociais | | |
| Relevância de Pesquisa | Importância das Emoções para a Comunicação; Carência teórica sobre o estudo do ódio no campo da comunicação; | | |
| Desafio Científico | Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública? | | |
| Hipóteses | Existência de um culpado | Existência de uma ameaça | |
| Objetivos | Objetivo empírico: identificar algumas das possíveis estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública; Objetivo teórico: colaborar com o campo da comunicação organizacional, por meio de uma pesquisa que aprofunde a problemática das emoções inscritas no processo comunicativo, sobretudo no contexto contemporâneo digital, com enfoque para a expressão do ódio; | | |
| Procedimentos Metodológicos | Revisão Bibliográfica | Estudo de Caso com técnica interpretativa de construção da explicação | Netnografia com técnica interpretativa da Análise de efeitos pathêmicos do Discurso |
| Corpus de Análise | Comentários no perfil do Facebook da Vale 3 meses após o rompimento da barragem de Brumadinho | | |
| Quadro Teórico | Antropologia das emoções | Neurociência | Estudos da recepção |
| | Psicologia | Estudos midiáticos do discurso | New Media Studies |
| | | | Opinião Pública |
| | | | Comunicação Organizacional |

Fonte: elaborado pela autora

PARTE I

CAPÍTULO I

I.I PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

I.II CESSAR O ÓDIO AO ÓDIO: DISTINGUINDO O ÓDIO ENQUANTO PROCESSO INERENTE À SUBJETIVIDADE HUMANA DE SUA UTILIZAÇÃO E MANIPULAÇÃO SOCIAL NA PRODUÇÃO DA ETNOVIOLÊNCIA

100 bilhões – o número que quase foge à capacidade humana cognitiva de conceber e imaginar grandes porções numéricas é, na verdade, a quantidade de neurônios que cada um de nós possui em nossos cérebros. Esses 100 bilhões de neurônios estão, a todo o momento, se conectando entre si e transmitindo informações via um fluxo total e constante de 125 trilhões de sinapses, um resultado equivalente ao número de estrelas presentes em mais de 1000 galáxias semelhantes a Via Láctea (MACEDO, 2014). “Se contássemos uma sinapse por segundo, seriam precisas várias dezenas de milhões de anos para completarmos a contagem de todas as sinapses contidas num cérebro adulto” (MACEDO, 2014).

De acordo com Macedo (2014), esses números fornecem uma escala de grandeza do desafio que representa para os neurocientistas mapear o cérebro humano. E esse desafio está relacionado com todas as funções cerebrais incluindo as emoções.

Apesar de, nas últimas duas ou três décadas, terem sido alcançadas descobertas notáveis no conhecimento da função cerebral, em boa parte ainda permanecemos ignorantes sobre o modo como o cérebro funciona em uníssono para coordenar e realizar funções e processos tais como a linguagem, pensamento e um sentimento de Si, isto é a consciência. (MACEDO, 2014).

Por mais que, conforme demonstra o neurocientista, os conhecimentos da ciência ainda sejam limitados frente à vastidão e complexidade do cérebro humano, muitas descobertas já foram feitas. Uma delas, por exemplo, refere-se ao ódio, caracterizado por uma intensa revolta acompanhada por imenso desejo de destruição daquilo que representa sua causa:

[...] é uma emoção, um sentimento de intensa revolta, desgosto ou antipatia por uma pessoa, grupo, objeto ou símbolo, na maioria das vezes determinada pelo desejo de destruir aquilo que é a fonte do sentimento, e que nos acompanhará em longo período de nossas vidas. A raiva pode virar ódio, assim como o ódio pode se caracterizar, se manifestar numa reação raivosa. (STEFFEN, 2008).

Segundo Steffen (2008), o que diferencia o ódio da raiva, além da intensidade, é a sua duração. Assim, a raiva poderia ser considerada um sentimento passageiro destinado a algo que contraria nossos interesses e crenças e o ódio seria uma intensa revolta acompanhada por um desejo de destruição perene ou com longa duração. Ainda, algumas correntes da psicologia nos revelam que o ódio pode ter suas raízes em uma reação instintiva a possíveis ameaças a nossa sobrevivência ou às situações que se demonstram adversas aos nossos desejos (STEFFEN, 2008, s/p).

Pessoas que concordam conosco, dividem nossos sonhos, projetos, gostos devem ser amadas e protegidas. Pessoas que discordam ou se opõem a algo que desejamos, colocando nossos projetos ou mesmo sobrevivência devem ser odiadas, para que assim possamos garantir nosso crescimento e nossa sobrevivência (STEFFEN, 2008, s/p).

Nesse sentido, capacidade de dominar o fogo, polegar oponível e o ódio podem ter consistido alguns dos fatores que nos ajudaram a chegar aos mais de 7 bilhões de habitantes no planeta terra. Reconhecer ameaças e odiá-las a ponto de ser capaz de destruí-las configurou durante anos de evolução diferencial competitivo para o ser humano frente aos grandes predadores da pré-história.

Esta talvez seja a mais antiga raiz do sentimento do ódio. Num processo instintivo, o homem primitivo percebia que havia ameaças a sua sobrevivência e de seus descendentes. Odiar um animal carnívoro ou uma tribo que competia pelos alimentos era algo necessário para a própria sobrevivência da espécie, e o ódio se exacerbava e se canalizava em conflitos que resolviam tais disputas. sobrevivência (STEFFEN, 2008, s/p).

Com o surgimento das comunidades, da escrita, da medicina, da tecnologia e, por fim, de um ambiente mais seguro à sobrevivência humana tal sentimento acabou se tornando dispensável. No entanto, se recorrermos a um período não muito distante na história da humanidade, assistiremos a episódios de ódio e fúria massificados, como o holocausto ou o apartheid. Assim, além do componente biológico que nos garante reações e razões instintivas para se

odiar, a cultura também configuraria fator determinante na delimitação de quem será digno de nosso afeto e quem será merecedor de nossa ira.

Muitas correntes da psicologia citam que o ódio tem uma raiz cultural, com forte influência do ambiente social e cultural que cerca o sujeito. Daí surgiria a facilidade com que certas culturas desenvolvem e manifestam o ódio contra outros. Certamente que o ambiente exerce forte influência na forma e atitude como o ódio se manifesta, ou não teríamos tantos casos de homens-bomba explodindo seu corpo em troca de sucesso e prazer no paraíso como pregam os Muçulmanos radicais no Oriente Médio. (STEFFEN, 2008, s/p).

Segundo Steffen (2008), sociologia e psicologia explicam que cultura e predisposição biológica caminham juntos na delimitação do nosso potencial de odiar. Além da necessidade evolutiva e do incentivo cultural que nos diz o que e quem é digno de ódio, o cérebro humano possui uma tendência natural de generalização e agrupamento, denominada como princípio da proximidade. Nesse sentido, o mundo, demasiadamente complexo a nossa compreensão, torna-se mais facilmente “digerível” na medida em que dominamos a capacidade de agrupar e reunir elementos semelhantes.

Assim, pessoas que dividem projetos, gostos ou percepções conosco tendem a ser reunidas num grupo de – digamos - “amigos”, enquanto quem se opõem tenderíamos a colocar num grupo de “inimigos”. (STEFFEN, 2008, s/p).

O autor ainda nos explica que, por trás deste mecanismo, estaria uma articulação totalmente imperceptível à consciência que controlaria a noção humana de satisfação ou frustração. Assim, caso nossas necessidades sejam satisfeitas, sentimos rapidamente os efeitos do mecanismo de satisfação, porém, se o contrário ocorre, de modo instantâneo, buscamos um culpado para odiar (STEFFEN, 2008, s/p).

Com isso, psicologia e sociologia explicam juntamente o ódio uma vez que as raízes deste sentimento podem estar em uma experiência negativa com um grupo ou pessoas aleatórias que rapidamente são agrupadas em nosso cérebro pelo princípio da proximidade no campo de “inimigos”. Ora, nossa mente as entende como uma ameaça que, logicamente, deverá ser nada menos do que destruída.

Entretanto, se hoje não seria mais possível ou, ao menos, legalmente ou moralmente permitido literalmente aniquilar nossos inimigos por meio do ódio, como era feito na pré-história, qual seria a manifestação real e social mais comum do ódio na contemporaneidade? Steffen (2008, s/p) nos explica que a manifestação da subjetividade humana ocorre por meio da comunicação.

Neste contexto, nossos estados, conscientes e inconscientes, nossas intenções, afetos, desafetos, inspirações e, por fim, emoções se materializariam na cena social por meio deste terreno arenoso, instável e simbólico, porém, extremamente real, denominado comunicação.

Assim, temos que as falas, as comunicações são o lugar onde os sujeitos manifestam, efetivamente, suas causas e intenções. Ou seja, as ações e sentimentos se manifestam inicialmente de forma simbólica, em atos comunicacionais identificáveis e manifestos no tecido social onde este sujeito circula. (STEFFEN, 2008, s/p).

O que se deseja demonstrar aqui é que, na contemporaneidade, todo o ódio que ainda persiste na subjetividade humana encontraria na comunicação a via mais natural de manifestação social. Do ponto de vista da neurociência, manifestar o ódio na contemporaneidade via comunicação torna-se natural e esperado à medida que toda emoção pode ser considerada como uma organização entre quatro componentes ou dimensões - o sentimento, a excitação corporal, o sentido de propósito e o social- expressivo (REEVE, 2011).

Neste sentido, o último componente – social-expressivo – segundo o neurocientista, relaciona-se com a capacidade de tornar uma emoção pública ou comunitária e cultural. “Através de posturas, gestos, vocalizações e expressões faciais nossas experiências particulares tornam-se expressões públicas” (REEVE, 2011, p. 190).

Ainda, recorrendo novamente a Steffen (2008), o ódio pode ser considerado um sentimento derivado do medo ou do desejo que sobrevivência que, por sua vez, de acordo com Reeve (2011), são classes de emoções relacionadas à família de “ameaça e dano”, uma organização de sentimentos unem medo, tristeza, raiva e repugnância:

Quando eventos ameaçadores ou danosos são previstos ou antecipados, sentimos medo. Durante o esforço para rechaçarmos ou

rejeitarmos a ameaça ou o dano, sentimos raiva ou repugnância. Uma vez ocorrida a ameaça ou o dano, sentimos tristeza. Como resposta a ameaça ou ao dano, o medo motiva o comportamento de evitação ou de fuga da ameaça. (REEVE, 2011, p. 200).

Assim, um mecanismo evolucionar, o cérebro do homem primitivo se integra ao cérebro do homem moderno e, com essa fusão, por mais que não seja mais um sentimento necessário, o ódio também chega à contemporaneidade.

Nesse sentido, por outro lado, complementando as perspectivas que enfatizam sobremaneira o aspecto cultural do ódio, Steffen (2008) nos revela que algumas correntes da biologia e da medicina concordam que, nos cérebros de pessoas sem traços de sociopatia ou algum tipo de descontrole, a região do cérebro denominada Amígdala possui atividade notável, quando estas pessoas pensam em atos ilegais ou imorais. “Em contrapartida, o córtex frontal, área mais associada ao pensamento lógico, tem pouca atividade neste mesmo momento” (STEFFEN, 2008).

Esta área identificada pelos neurocientistas como Amígdala é parcialmente responsável pela maneira como reagimos ao mundo ao redor. [...] Sob estímulos contrários ao senso de moral e justiça vigente na cultura, como indicou a pesquisa já citada, o cérebro reage estimulando áreas específicas, mas instintivas, diminuindo as atividades nas áreas apontadas como responsáveis pelo pensamento lógico. (STEFFEN, 2008).

O que os dados de Steffen nos revelam é que, tal qual nosso corpo, instintivamente, se abaixa em um tiroteio, ou macacos e golfinhos lutam para proteger suas comunidades, nós, os seres humanos, também possuímos reações instintivas a situações de ameaça e dano e, esses processos, química e fisicamente, possuem atividades cerebrais semelhantes às atividades de quando sentimos ódio:

A descarga de adrenalina no sangue acelera os batimentos cardíacos, tensiona os músculos e coloca o organismo em prontidão para reagir a ameaça, buscando proteger e preservar o corpo como um todo, numa reação semelhante ao que nossos antepassados sentiam ao se defrontar com um animal perigoso. E esta é uma das muitas reações instintivas que dividimos enquanto raça, e que se formam no sistema límbico, numa reação física muito parecida com a que experimentamos quando sentimos raiva e ódio, determinando também a intensidade com que iremos manifestar a reação. (STEFFEN, 2008).

Neste contexto, seja um assaltante que coloca em risco a vida de nossos pares, seja um grande predador selvagem, ou seja um discurso persuasivo contra algum grupo, todas essas situações possuem um mínimo denominador comum capaz de ativar o ódio e todas as suas atividades químicas, cerebrais e físicas em nosso corpo – a noção de uma ameaça que precisa ser combatida.

Colocando de forma simples, o que estas pesquisas indicam é que a formação do cérebro pode fazer com que uma pessoa seja mais ou menos suscetível a determinado tipo de estímulo e manifestar certos comportamentos com maior ou menor força. Seríamos mais ou menos afetados pelas informações do ambiente, como uma ameaça a nossa segurança, uma desavença com um semelhante ou um discurso persuasivo devido a nossa formação cerebral. [...] Os seres humanos teriam um tipo ou nível de psicologia intuitiva, necessária para interagir e entender as reações daqueles que o cercam, pondo em cheque a ideia que precisam de exposição à cultura para distinguir o certo do errado, o justo do injusto. (STEFFEN, 2008).

Ainda, comprovando a irracionalidade e passionalidade do ódio revelada por Steffen, Carvalho, Junior e Souza demonstram que o ódio, derivado do medo, se enquadra dentro da classificação de emoções primárias que são inatas aos seres humanos, independem dos valores culturais ou sociais e possuem pouca ou nenhuma correlação com nosso sistema lógico.

Figura 22: classificação das emoções humanas por grupo ou valência, segundo Carvalho; Junior; Souza, 2019

| Classificação por grupo | | |
|--|--|---|
| Primárias/básicas | Secundárias | De fundo |
| Alegria Tristeza Medo Nojo Raiva Surpresa | Culpa Vergonha Orgulho | Ansiedade Depressão Calma Tensão |
| Classificação por valência | | |
| Emoções positivas | Amor, alegria, encantamento, amizade | |
| Emoções negativas | Ódio, tristeza, agonia, desespero, pânico, inveja, medo, ansiedade, raiva, | |

Fonte: CARVALHO; JUNIOR; SOUZA, 2019

Ainda, buscando respostas sobre o motivo pelo qual odiamos, no artigo “Nossa sombra ancestral: ódio e natureza humana na psicologia evolutiva” (2004, tradução da autora), Waller faz uma revisão sobre o pensamento acerca da

natureza humana ao longo da história das ciências humanas e biológicas. Nesse sentido, do determinismo evolucionista pautado no instinto de Darwin (século XIX) às teorias freudianas sustentadas pelas repressões das forças humanas (século XX), durante aproximadamente 100 anos, o comportamento humano fora explicado com base em um único denominador comum – o instinto (WALLER, 2004).

Assim, é apenas no início dos anos 20, que o behaviorismo surge e revoluciona a noção de comportamento humano que passa a ser entendida como consequência de uma relação entre necessidade ou desejo e recompensa, porém, na década de 60 é substituído pelos pensamentos de Skinner que relacionava a natureza humana às condições ambientais.

Muitos filósofos, pensadores sociais e psicólogos assumem que a natureza humana é intrinsecamente neutra e não tem inclinações predisponentes. Nessa visão, somos uma lousa em branco, praticamente livre de conteúdo até ser escrita pela mão da experiência. Outros sustentam de maneira mais otimista que nossa predisposição básica é para com a bondade. Outros ainda defendem uma concepção mais pessimista de humanos como essencialmente maus, perigosos ou cheios de impulsos - um reconhecimento de nossa propensão natural básica a ficar feia. Finalmente, muitos pensadores mantêm a existência de inclinações boas e más na humanidade e se concentram na eterna luta entre esses dois aspectos universais da natureza humana. (WALLER, 2004, tradução da autora)

Nesse contexto, Waller, em seus pensamentos, traz para a discussão os entendimentos do comportamento humano do campo da psicologia evolutiva que seria “[...] uma abordagem multidisciplinar dentro do paradigma darwiniano que busca aplicar as teorias da biologia evolutiva para entender a psicologia humana” (WALLER, 2004, tradução da autora). Assim, propondo uma discussão entre as ciências naturais e sociais, a psicologia evolutiva possui como ponto de partida a teoria evolucionista darwiniana com foco na compreensão do funcionamento da mente humana.

Desse modo, segundo Waller (2004), a competição foi fator determinante para que os seres humanos, animais tão frágeis frente aos grandes predadores pré-históricos, chegassem ao século XXI. Em suma, parte da equação evolutiva foi

formulada a partir dos vencedores, ou seja, aqueles que chegaram até aqui, menos os perdedores, ou seja, aqueles que cederam às pressões adaptativas do mundo natural. Desse modo, cada um dos quase 8 bilhões de habitantes terrestres tem em seu DNA evolutivo marcas profundas da competitividade.

Nesse contexto, indivíduos feridos em outros grupos resolveram problemas adaptativos enfrentados por nosso grupo e, finalmente, foram seletivamente vantajosos. Os organismos sobreviveram e se reproduziram, até certo ponto, às custas dos outros. Em suma, a competição - muitas vezes se transformando em conflito entre grupos - era um fato importante da vida de muitos de nossos ancestrais. De certo modo, hoje todos nós devemos nossa existência de ter "vencedores" como ancestrais, e cada um de nós hoje é projetado, pelo menos em algumas circunstâncias, para competir. (WALLER, 2004, tradução da autora).

Ora, mas o que ao certo significam essas "marcas profundas" ou essa projeção humana da competitividade? Emoções seriam a resposta para tal questionamento. Amor, fraternidade, senso de justiça, ódio, medo da perda e pertencimento são alguns dos sentimentos que garantiriam, segundo a psicologia evolucionista, maior ou menor grau de competitividade aos nossos primatas. Desse modo, quanto maior fosse o sentimento de amor e carinho de um indivíduo por sua tribo, maior seria seu comprometimento e doação nos confrontos contra grupos opositores e, conseqüentemente, maior também seria a chance de sobrevivência deste primata e de seu grupo.

Quais são algumas das adaptações psicológicas que melhoram a aptidão dos indivíduos dentro de um grupo? Isso provavelmente inclui amor, amizade, cooperação, carinho, comunicação, um senso de justiça e, até mesmo, sacrifício próprio - coisas que mantêm a sociedade unida. Nossas adaptações também incluem, no entanto, alguns motivos finais mais sombrios: competição intergrupala por domínio, definição de limites e medo de exclusão social. (WALLER, 2004, tradução da autora).

Ainda, parte dessa programação da competitividade inclui uma noção cultural, territorial e social de fronteira e de tribos que só se faz existir a partir da relação antagônica e sígnica do "aqui" e do "alí", do "nós" e do "eles" e, por fim, do "eu te amo" e do "eu te odeio".

Construímos esse conhecimento categorizando os outros como "nós" ou "eles". Tendemos a ser tendenciosos em relação a "nós" e rotulamos "eles" - aqueles com quem "compartilhamos menos genes e menos cultura - como inimigos. Temos uma capacidade evoluída de ver nosso grupo como superior a todos os outros e até de relutar em

reconhecer os membros de outros grupos como merecedores de igual respeito. (WALLER, 2004, tradução nossa).

Ora, assim como nossas mãos ganharam polegares oponíveis e passamos a nos locomover sob dois membros inferiores, o ódio também evoluiu e chega até a contemporaneidade ainda para solucionar questões territoriais, sociais e culturais, porém, desta vez, como mecanismo adaptativo solucionador de desafios de valoração – de disputas entre nós, certos, e eles, os errados. Etnocentrismo e xenofobia, na visão de Waller (2004), seriam as nomenclaturas do novo mecanismo adaptativo do ódio na contemporaneidade que surge, como um novo entendimento de quem seriam os inimigos:

Para o campo emergente dos estudos de ódio, a questão central é: que conjunto de circuitos de raciocínio universal foram projetados pela seleção natural para resolver os problemas adaptativos das relações intergrupos enfrentadas por nossos ancestrais caçadores-coletores? Das muitas adaptações que poderíamos explorar, acredito que há duas tendências fundamentais da natureza humana, inatas e produzidas pela evolução, que são as mais relevantes para entender nossa capacidade de ódio: etnocentrismo e xenofobia. (WALLER, 2004, tradução da autora).

Etnocentrismo, segundo Waller (2004), pode ser entendido como uma tendência de se compreender o próprio grupo como certo, já a xenofobia, uma construção pautada no medo, seria a disposição para temer a estranhos.

Etnocentrismo é o nome técnico para essa visão de coisas nas quais o próprio grupo é o centro de tudo, e todos os outros são dimensionados e classificados com referência a ele. [...] De uma perspectiva evolucionária, há um reforço vantajoso da identidade comunitária e do "bem-estar" quando os grupos consideram suas ideias, culturas, religiões ou padrões estéticos superiores aos de outros, ou pelo menos de certas maneiras. [...] Complementar o etnocentrismo é uma segunda adaptação universal: xenofobia, a tendência a temer estranhos ou estranhos. Pode-se até dizer que, ao formar laços, aprofundamos as fissuras. Em outras palavras, definir o que é também exige definir o que não é. (WALLER, 2004, tradução da autora).

De acordo com Waller, a psicologia evolutiva aponta para um caminho em que a capacidade humana de conexão e de se relacionar socialmente de um modo mais complexo do que muitos animais, conferiu ao ser humano uma habilidade evolutiva melhor do que outras capacidades, como a linguagem, por exemplo.

Neste sentido, a partir de tal compreensão, é preciso cessar o ódio ao ódio e entendê-lo como parte integrante e precípua à condição humana. Na visão de Waller, apenas a partir de tal compreensão e admissão, será possível conceber o ódio como parte do processo civilizatório de institucionalização e o desenvolvimento de estruturas que compreendam e tratem de modo responsável este sentimento.

Não podemos mais fugir da possibilidade de existir uma característica essencialista subjacente à nossa desumanidade, que torna cada um de nós, finalmente, capaz de odiar. Devemos, pelo menos em parte, fundamentar o ódio em nossa natureza humana maligna e reconhecer que, embora um impulso de odiar possa não ser a característica definidora da natureza humana, esse impulso certamente se qualifica - no mínimo - como uma capacidade humana. Somente na compreensão da natureza humana do ódio é que começaremos a entender o ódio como uma parte normativa de nossa história e, finalmente, começaremos a construir estruturas e instituições sociais que tratem responsabilmente do problema do ódio. (WALLER, 2004, tradução da autora).

As colocações de Waller (2004) sobre a necessidade de uma compreensão complexa acerca do ódio tornam-se ainda mais pertinentes, quando se compreende esse sentimento a partir da perspectiva da sociologia das emoções ou da etnoviolência que retiram o ódio da cena normalizada da vida privada e o localizam como um sintoma social produto das interações.

Uma das pesquisadoras que assumem esta noção é Blee (2004), estudiosa do ódio entre grupos de mulheres, a autora propõe um outro olhar que considere “[...] o ódio entre grupos como um resultado social, e não como uma motivação individual para as ações, e exploro a utilidade dessa reconceitualização para o estudo de grupos racistas e vários tipos de incidentes etnoviolentos” (BLEE, 2004, tradução da autora).

Nesse sentido, Blee problematiza e traz para a discussão a crítica de que o papel do ódio, em situações de conflito que, em suma, geralmente, é compreendido como uma questão pertencente ao domínio da subjetividade, da psicologia individual e isolado da realidade social do grupo. Dentro desta perspectiva, na visão de Blee (2004), são formuladas, inclusive, teorias que suportam o olhar reducionista sobre o ódio.

Embora nem todas as pessoas exibam ou experimentem ódio contra membros de outros grupos sociais, há uma suposição de que os elementos psicológicos do ódio por grupo são universais. O preconceito e a discriminação, por exemplo, são decorrentes da necessidade de reduzir e organizar a confusão de informações recebidas em situações sociais complexas, pré-julgando as informações recebidas de outras pessoas e classificá-lo em um número limitado de categorias pré-formadas. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Assim, Blee revela que, embora o sentimento ou a emoção ódio seja universal e um potencial intrinsecamente humano, para a maioria dos sujeitos e ódio contra grupos sociais ou minorias nunca será ativado. Nesta equação, as variáveis determinantes que separam odiadores de não odiadores seriam os contextos sociais, políticos, econômicos e sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos.

As condições moldarão os grupos aos quais esse ódio intergrupo é direcionado. Por exemplo, a competição inter-racial por recursos valiosos, como empregos, moradia, educação ou poder político, pode moldar o ódio intergrupos em uma direção racial. A agressão deslocada de um alvo feminino pode moldar o ódio contra todas as mulheres. Mesmo déficits ou necessidades de personalidade podem desempenhar um papel na direção de ódios entre grupos. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Conceituando crimes de ódio como “[...] ofensas criminais consideradas motivadas pelo animus em relação a uma classe definida de pessoas” (BLEE, 2004, tradução da autora), a pesquisadora delimita que a perspectiva individual ou subjetiva do ódio ajuda a esclarecer por qual motivo pessoas situadas nos mesmos contextos sociais, econômicos e políticos adotam diferentes posturas em relação a questões de raça e gênero, por exemplo. Porém, sua principal crítica em relação a este olhar centra-se no afastamento do indivíduo de sua compreensão enquanto ser social.

Mas esse foco individualista também tem limitações. Tende a afastar a ação individual de um contexto social, assumindo como universais certos sentimentos, emoções e modos de pensar que podem, de fato, ser variáveis ao longo do tempo e do espaço. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Ademais, dialogando com os pensamentos de Waller (2004), Blee situa o ódio, dentro da perspectiva social, na relação signíca da fronteira que separa os certos dos errados, o nós do eles:

O ódio é, portanto, um mecanismo de fronteira, selando fronteiras entre o eu (ou o grupo visto como semelhante ao eu) e aqueles vistos como diferentes. O ódio, nesse sentido, é excludente. Cria limites sociais que moldam ou intensificam um senso de comunalidade dentro do grupo próprio (o "nós"), mesmo aqueles que podem não ter sido experimentados antes. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Dentro desta compreensão, o ódio não apenas estabelece essa noção de distanciamento, como também criam um sentido de apagamento de diferenciação dentro do próprio grupo detentor do ódio e de qualidades comuns com o grupo ao qual o ódio é destinado.

Além disso, os limites sociais criados pelo ódio entre grupos criam um sentido singular do "Outro" (o "eles"), contra o qual o próprio grupo é definido e colocado. O ódio apaga a diferenciação interna do Outro, trazendo à tona suas qualidades antagônicas comuns. Não pode haver reconhecimento de heterogeneidade entre o Outro. (BLEE, 2004, tradução da autora).

I.III A UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E INCENTIVO AO ÓDIO NA CENA SOCIAL

Ora, admitir o ódio em sua perspectiva social e, portanto interacional é compreender também a dimensão comunicativa desta emoção. Neste contexto, sendo um sentimento comum a todos os seres humanos, porém ativado em apenas alguns grupos odiadores de minorias é, por meio da comunicação, que este sentimento ganha forma e, sobretudo, capacidade de circulação na cena pública. É apenas a partir da interação e comunicação entre sujeitos odiadores que o ódio racial, político ou de gênero ganha forma e proporções sociais.

Como consequência, tomam ações que dificultam ou impossibilitam interações pacíficas através dessas linhas de identificação nacional no futuro. e Considerar o ódio, como outras emoções, um fenômeno interacional também destaca sua função comunicativa. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Blee ainda acrescenta que o ódio em sua perspectiva relacional ou interacional também possui, via comunicação, uma lógica de sustentação de relações de poder caracterizada por um sentimento fronteiro não apenas do nós e do eles, mas também dos superiores e dos inferiores.

A implicação de tornar as emoções relacionais e não intrapsíquicas é desviar a atenção do cenário de indivíduos que expressam emoções aos relacionamentos entre pessoas nas quais surgem conjuntos específicos de emoções. É focar em como as emoções são aprendidas em ambientes sociais; como as emoções estão relacionadas às relações de poder, incluindo as de raça, gênero, sexualidade e classe. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Deste modo, destaca-se a importância da comunicação para a existência e manifestação do ódio na cena pública que se torna possível, não apenas por meio de um contexto social específico e favorável, como também pela interação ou circulação da comunicação que inclui também a disponibilidade de vocabulários específicos e oportunos ao ódio.

De maneira semelhante, é útil considerar como o ódio é socialmente construído. Esse entendimento do ódio é baseado em uma teoria de que pelo menos algumas emoções são histórica e culturalmente situacionais; isto é, eles dependem da definição de uma situação, bem como da disponibilidade de vocabulários emocionais e conjuntos de crenças emocionais [...]. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Blee ainda explica que, dentro da perspectiva da sociologia das emoções ou da etnoviolência, admite-se que o ódio seja condição precípua e inerente a qualquer ser humano. Entretanto, será a cultura e a sociedade via comunicação que dirão aos indivíduos quando será ou não aceitável expressar e materializar este ódio contra minorias ou grupos específicos. “[...] embora possa haver emoções primárias baseadas em fisiologicamente, as normas sociais determinam quando certas emoções são corretas ou mesmo obrigatórias” (BLEE, 2004, tradução da autora).

Deste modo, posicionar o ódio em sua complexidade e compreendê-lo em suas dimensões individuais e sociais é retirá-lo do entendimento do ódio enquanto fenômeno e localizá-lo como um processo mediado pela comunicação. “O ódio também pode ser entendido como algo que é realizado. Isso se concentra no ódio como um processo e não como um atributo” (BLEE, 2004, tradução da autora).

Amparada nos pensamentos da sociologia dos inimigos, Blee enfatiza o aspecto processual do ódio que, enquanto processo, surge como uma sequência de

eventos sociais delimitados por – 1. Rotulação, 2. Criação de mitos, 3. Execução de um ritual.

Assim, denominações ou apelidos pejorativos corresponderiam às primeiras manifestações comunicacionais e sociais do ódio que implicariam, inclusive, na criação de teorias que sustentem visões odiantas e preconceituosas, como psicólogos que afirmam que a homossexualidade seria um desvio, por exemplo. Ora, na visão de Blee, parte da primeira etapa do ódio é não apenas a criação de estereótipos, como também a legitimação via autoridades.

[...] começa quando um grupo de pessoas é identificado e rotulado de maneira negativa. Os rótulos negativos impõem uma identidade constante e primária a um grupo de pessoas que possuem características pouco comuns [...] Se o ódio entre grupos deve ser realizado, esses rótulos tendem a ser legitimados por aqueles que são apresentados como autoridades ou especialistas. Sociólogos cujos estudos sugerem diferenças genéticas na inteligência por raça, psicólogos que afirmam que a homossexualidade é um distúrbio e líderes religiosos que consideram as vítimas de Aids merecedoras de seu destino são exemplos. (BLEE, 2004, tradução da autora).

Estabelecidos os rótulos, a próxima etapa do ódio seria a criação de narrativas míticas que ganham, ao longo do tempo, corpo e validação histórica e social, mesmo que infundada.

São criadas narrativas que pretendem demonstrar a inevitabilidade do rótulo negativo agora anexado a um grupo. [...] À medida que esses mitos persistem ao longo do tempo, alguns assumem o caráter de bom senso, um processo conhecido como "sedimentação". (BLEE, 2004, tradução da autora).

Cautela, sigilo, exclusão, nojo ou violência poderiam ser manifestações sociais do último estágio do ódio – a criação de rituais. “Se eles reagem da mesma forma, suas qualidades negativas são confirmadas. Se eles não reagem, são vistos como fracos ou covardes” (BLEE, 2004, tradução da autora).

Dentro desta perspectiva, Blee conceitua que compreender o ódio enquanto processo é localizá-lo em um território de complexidade, amplitude e da seriedade que lhe é devida. É localizar esta emoção como uma problemática social e não reduzi-la à pequenez de uma simples falta de compatibilidade ou entendimento entre dois indivíduos.

Se considerarmos o ódio intergrupos como um fenômeno social, além de um indivíduo, é possível entender os atos de violência que são

considerados crimes de ódio de maneira mais ampla e precisa. Tais atos nem sempre são produto de estados emocionais individuais como o ódio, mas podem refletir instituições sociais e normas culturais mais amplas. (BLEE, 2004, tradução da autora).

CAPÍTULO II

II.I ESTUDOS MIDIÁTICOS DO DISCURSO E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM AUXILIAM NA COMPREENSÃO DA EXPRESSÃO DO ÓDIO MEDIADO PELAS REDES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

Proteção – esse, talvez², seria o sentido mais profundo e primário do ódio. Aqueles com quem de algum modo partilhamos – território, abrigo, interesses, objetivos ou até mesmo ideais – destinamos nosso afeto, nossa proteção e nosso amor. Por outro lado, aqueles que ameaçam a nós ou aqueles aos quais destinamos nossas afeições, destinamos a ira, o sentimento de aniquilação ou o ódio.

Uma emoção nada predisposta ao diálogo ou ao intercâmbio e entendimento das diferenças, o ódio manifesta-se primitivamente deste modo – aproximando alguns, aqueles que nos interessam, e afastando e, se possível destruindo, aqueles que em alguma instância divergem.

Ainda, se nos primórdios, a manifestação dos desafetos era demonstrada de modo prático – atacando aldeias e buscando a morte de inimigos e/ou ameaças, hoje, já não se pode mais recorrer às ameaças físicas. Entretanto, a manifestação ainda segue persistente – busca-se, então, aniquilar o moral, a imagem e à reputação daqueles aos quais se destina o ódio.

E, com tais interesses, a comunicação surge como ferramenta indispensável no propósito de proteção na atualidade. Em tempos analógicos, na vida cotidiana e rotineira, talvez a fofoca, o mal dizer ou até mesmo a imprensa tradicional aparentavam boas estratégias. No entanto, com as tecnologias da informação e

² Ver capítulo I.

da comunicação, a aniquilação das ameaças ganha potencial de larga escala. À distância de um clique, o ódio pode ser definitivo.

Entre os mais jovens, o cyberbullying torna-se sintomático. A palavra, desconhecida até os tempos de ódio analógico, torna-se fonte atual de preocupação entre pais, tema de notícias e motivo de depressão e até automutilação entre adolescentes³.

Se as tecnologias da informação servem à manifestação em larga escala do ódio, como visto no capítulo I, a comunicação configura elemento central na discussão e no estudo da manifestação do ódio na contemporaneidade. De modo mais profundo, a linguagem surge como fenômeno complexo que serve à proteção de ideais no contexto atual.

Dotada de grande complexidade⁴, o estudo da linguagem (FIORIN, 2007, p. 8) torna-se impossível se adotada uma perspectiva unilateral. Fenômeno dotado de grande independência, a linguagem não está alheia às condições sociais nas quais está inserida. Ao contrário, está submetida, é mediada, porém, do mesmo modo media, de forma assíncrona, também seu contexto.

Do mesmo modo, vale destacar que, imersa no contexto, a linguagem também, em certa medida, dialoga com o sistema⁵ ou a língua. Esse, por sua vez, é dependente e social – é comum a uma parcela de falantes. Porém, é, também, sob outra perspectiva, um ecossistema autônomo orientado por múltiplas regras que se organizam, sobretudo, pela diferenciação. Ora, sabemos o que é um “a”, pois não é um “t” ou um “3”.

É preciso, em primeiro lugar, fazer distinção entre o sistema virtual (a língua) e sua realização concreta. O sistema é social no sentido de que

³ Um exemplo de cyberbullying que ganhou proporções marcantes no Brasil foi o caso popularmente conhecido como “Já acabou, Jéssica?”, protagonizado por Lara da Silva. De acordo com uma recente entrevista oferecida pela jovem a BBC News Brasil, a jovem ainda hoje sofre com depressão e automutilação. (G1.GLOBO.COM, 2021).

⁴ Segundo Fiorin (2007, p. 8), “a linguagem [...] é, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição”.

⁵ Fiorin (2007, p. 11) nos explica que a língua ou o sistema pode ser entendido como “a rede de relações que se estabelece entre um conjunto de elementos linguísticos”.

ele é comum a todos os falantes de uma dada comunidade linguística. Ele é um todo em si e compreende o conjunto de elementos lexicais e gramaticais que fazem parte de uma língua, a organização interna desses elementos e suas regras combinatórias. [...] Um elemento linguístico tem que ser diferentes de outro, para que ele tenha um determinado valor. (FIORIN, 2007, p. 10).

E é no trivial ou na centralidade cotidiana que a língua se realiza. Ou, como delimita Fiorin (2007, p. 11), é nos atos de fala que a língua se concretiza e emerge na materialidade social. E é exatamente nesta discussão que o autor salienta a necessidade de se distinguir discurso de fala.

A segunda é, sobretudo, de ordem individual. Um fazer que acontece no movimento unilateral de trazer o mundo interno à cena externa. Ou, conforme Fiorin (2007, p. 18) nos explica “[...] ela é rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza ato de exteriorizar o discurso”. Esse, por sua vez, tem sentido de propósito, é direcionado e visa a uma modificação que também é contextual.

O discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. (FIORIN, 2007, p. 18).

II. II ESTUDOS RETÓRICOS E DISCURSIVOS: O ÓDIO SOB A PERSPECTIVA IDEOLÓGICA E DA INTENCIONALIDADE

Desse modo, Fiorin dialoga diretamente com os pensamentos de Mosca (2001, p. 23). A pesquisadora atenta para uma perspectiva do discurso direcional. Desse modo, imbuído de uma visada de efeitos, o emissor se utiliza da língua e à leva ao campo social, à linguagem, com uma orientação. Dessa maneira, dotada de intencionalidade, já não é mais possível tratar apenas da língua, porém, torna-se necessário uma abordagem que é discursiva.

Nesse sentido, todo discurso é uma construção retórica, na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter a adesão. (MOSCA, 2001, p. 23).

Com isso, surge na centralidade da discussão da sintaxe discursiva uma orientação ou uma criação de efeitos de sentido. Ora, dessa maneira o discurso afasta-se do acaso ou da eventualidade e aproxima-se do campo da intencionalidade ou do que delimita, novamente, Fiorin da manipulação consciente.

A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor. (FIORIN, 2007, 18).

Desse modo, aquele que produz o discurso adentra a um território composto pelo que chama Fiorin (2007, p. 18) de jogo de imagens⁶ e, disposto a vencer essa partida, lança mão de inúmeras estratégias, denominadas discursivas, com a finalidade de geração de efeitos de sentido ou de convencimento. E é dentro desse campo que, como delimita Mosca (2001), ⁷o autor do discurso terá que selecionar entre suas melhores e mais críveis provas com a finalidade de convencer seu auditório.

Dialogando com Fiorin e Mosca, Plantin (2008, p.111) traz à tona o que torna possível uma teoria dos afetos presente no campo das produções discursivas.

A retórica distingue três meios de “provar” pela fala, isto é, de validar uma opinião aos olhos de um auditório concreto: o *logos* (provas proposicionais), o *ethos* e o *pathos* (“provas” não proposicionais); nos dois últimos casos, “prova” é tomada no sentido de “meio de persuasão”. A correta consideração das dimensões do *ethos* e do *pathos* implica o desenvolvimento de uma teoria dos afetos no discurso. (PLANTIN, 2008, p. 111).

“À mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta⁸” – o conhecido ditado explicita a estratégia discursiva que leva o auditório ao convencimento por meio da verossimilhança. Desta maneira, não basta ser real, deve parecer real. A esta prova, denominada *Logos*, a retórica Aristotélica dedicou boa parte de

⁶ De acordo com Fiorin, “o falante organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele faz do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir ao interlocutor etc. É em razão desse complexo jogo de imagens que o falante usa certos procedimentos argumentativos e não outros”. (FIORIN, 2007, p. 18).

⁷ Segundo Mosca, “o discurso persuasivo, aquele destinado a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*)”. (MOSCA, 2001, p. 22).

⁸ Famoso ditado popular de autor desconhecido que pode ter tido origem com Júlio César, uma importante liderança do império Romano durante o meados do século 100 a.C.

seus estudos sobre as provas discursivas. Nas palavras do filósofo, “Persuadimos, enfim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (ARISTÓTELES, 2012, p. 14).

Nessa perspectiva, persuade-se por meio da lógica ou do parecer ser. Por outro lado, há a legitimidade que trata, em um segundo momento, de outra prova discursiva ou retórica sobre a qual se dedicaram os estudos aristotélicos. Trata, desse modo, do *ethos*, uma prova discursiva que aborda a dignidade ou as credenciais que permitem e autorizam o orador tomar a palavra. Desse modo, Aristóteles nos revela que crê-se pelo parecer ser, mas crê-se também pela dignidade de fé que porta quem fala.

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. [...] É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão. (ARISTÓTELES, 2012, p. 13).

De todas as provas discursivas, talvez, Aristóteles tenha se dedicado com mais atenção e empenhou maior tempo de estudo à última delas – aquela que localiza-se no território do juízo ou *no pathos* dos ouvintes.

Ao empreender a terminologia *pathos*, a retórica aristotélica faz menção ao modo de convencimento regido pelos sentimentos. Dessa maneira, o juízo ou a concordância do auditório com o orador dependerá, em certa medida, da movimentação ou do direcionamento de seus afetos. Dessa maneira, Aristóteles nos revela que:

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. É desta espécie de prova e só desta que, dizíamos, se tentam ocupar os autores atuais das artes retóricas. (ARISTÓTELES, 2012, p. 14).

A partir de uma releitura das provas retóricas aristotélicas, Júnior (2012, p. 33) nos explica que a utilização do *logos* é precípua à condução do *pathos* no

auditório. “O orador aristotélico controla as paixões pelo raciocínio que desenvolve com seus ouvintes” (JÚNIOR, 2012, p. 33). Ao mencionar essa característica da organização retórica, Júnior (2012) delimita o direcionamento estratégico e assertivo dos afetos com a finalidade de convencimento e atração.

Aristóteles ainda delimita a importância e o valor dos afetos à retórica ao elucidar, sobretudo, que, no território da argumentação, a opacidade ou translucidez dos fatos são, em sua realidade, controladas pelas emoções. Dessa maneira, o amor, a ira ou o ódio implicarão, ora direta e ora indiretamente, nos critérios de julgamento do auditório.

Assim, Aristóteles argumenta:

Os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza. (ARISTÓTELES, 2012, p. 84).

Dessa maneira, a ira, a calma, a desvergonha, a amabilidade, a piedade, a inveja ou o ódio são algumas das emoções ou “causas” como coloca o filósofo que influenciarão nas mudanças de julgamento dos interlocutores. Ora, ao empreender essa abstração, Aristóteles revela o que, em seus estudos, significaram as emoções ou os afetos.

As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer; tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias. (ARISTÓTELES, 2012, p. 85).

Assim, apoiado e extremamente amparado pelos estudos retóricos aristotélicos, o linguista francês Patrick Charaudeau (2000), por sua vez, empreende uma nova terminologia que delimita a construção de uma retórica de visada de resultados – os efeitos pathêmicos do discurso. Ao empreender o conceito, Charaudeau intenta uma nova perspectiva científica dentro dos estudos midiáticos do discurso e experimenta uma atualização das emoções na perspectiva aristotélica.

Desse modo, em sua perspectiva, as emoções seriam entendidas como “saberes polarizados em torno de valores socialmente constituídos”

(CHARAUDEAU, 2000, p. 131, tradução da autora). Intencionalidade, saber de crença e representação psicossocial – esses seriam os três pilares das emoções aplicadas à lógica do discurso.

Outra importante fonte representante dos estudos midiáticos do discurso, Maingueneau (2013) compreende o discurso como “o sintoma de uma modificação em nossa maneira de conceber a linguagem” (MAINGUENEAU, 2013, p. 58) e afirma que algumas características do conceito são essenciais a sua compreensão.

Dialogando com Maingueneau (2013), CHARAUDEAU (2013) conceitua o discurso como uma representação do mundo, mas também, como a representação das relações. “Assim, todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação” (CHARAUDEAU, 2006, s/p).

Voltando a Maingueneau (2013), ele delimita que o discurso pode ser entendido como uma organização para além da frase. Dessa maneira, é uma abordagem conceitual estruturada com base em normas e estruturas que concede o entendimento de uma narrativa. “Os discursos, enquanto unidades transfrásticas, estão submetidos a regras de organização vigentes em um grupo social determinado: regras que governam uma narrativa, um diálogo [...]” (MAINGUENEAU, 2013, p. 58).

Em um segundo momento, Maingueneau (2013, p. 59) delimita que toda construção discursiva é também uma construção orientada. É sempre um lado assumido por um sujeito em um determinado espaço. Com um refinamento temporal, a perspectiva de Maingueneau nos permite compreender que o discurso é também uma visão que localiza quem o produz. Desse mesmo modo, na perspectiva do autor, seria uma forma de ação. Uma vez que é sempre de ordem intencional (FIORIN, 2007), o discurso faz emergir a subjetividade para a cena social, sobretudo com uma visada de efeito. “[...] esses atos elementares se integram em discurso de um gênero [...] que visam produzir uma modificação nos destinatários” (MAINGUENEAU, 2013, p. 60).

Assim, compreendendo a perspectiva que permite localizar e identificar aquele que organiza o discurso, entende-se, na perspectiva de Maingueneau (2013), que uma construção discursiva é sempre uma construção que é também contextualizada. Em uma relação assíncrona de duas mãos, o discurso produz e torna-se também produto de seu meio, conforme modifica e é também modificado pelo contexto no qual atua “[...] o discurso contribui para definir o seu contexto, podendo modifica-lo no curso da enunciação” (MAINGUENEAU, 2013, p. 61).

Nesse sentido, Maingueneau (2013), em seus pensamentos também atenta para a construção da personalidade discursiva. Nesse sentido o *self* ou o eu, aparece sempre direta ou indiretamente e surge como característica essencial da formação do discurso.

O discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um Eu, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais e espaciais [...] e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação a seu em enunciadador [...]. (MAINGUENEAU, 2013, p. 62).

Caminhando ao fim de seus pensamentos sobre as características do discurso, Maingueneau atenta para a legitimação normativa da construção discursiva. Ele afirma que o discurso pode ser também compreendido como um fato social da fala e, justamente por essa característica, está inserido e corresponde a um emaranhado de normas que o autorizam.

Mais fundamentalmente, nenhum ato de enunciação pode efetuar-se sem justificar, de uma maneira ou de outra, sei direito a apresentar-se da forma como se apresenta. Um trabalho de legitimação inseparável do exercício da palavra. (MAINGUENEAU, 2013, p. 62).

Por fim, está, em sua perspectiva, considerado no que delimita como o bojo do interdiscurso. Assim, sempre compreendido num território do meio, um discurso, na perspectiva de Maingueneau, sempre faz menção a outros discursos, porém, também, a seu modo, oferece suporte para a construção de novos e futuros discursos. “O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros

discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho.” (MAINGUENEAU, 2013, p. 62).

Ora, situado no campo da intencionalidade ⁹e do convencimento ¹⁰(FIORIN, 2007), é situado na lógica da interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2013) que o discurso assume a criação de efeitos de sentido visados e, sendo produção mediada, mas também mediadora, permite que ele seja uma construção social essencialmente ideológica (FIORIN, 2007).

Assim, pautado no que delimita como a falsa consciência, Fiorin compreende que a ideologia configuraria uma ordem de explicação da realidade na cena social adotada, sobretudo, a partir de uma perspectiva hegemônica que emerge à cena social a partir do fazer discursivo.

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é a falsa consciência. (FIORIN, 2007, p. 26).

Fiorin (2007), didaticamente, delimita que a ideologia, circulada na formação discursiva, pode ser compreendida como uma visão de mundo, uma perspectiva adotada por um determinado fragmento social. Daí, em sua perspectiva já não seria mais possível abordar a ideologia, mas, sim, ideologias que convidem e coexistem no circuito da realidade e das relações.

Esse fato dá uma dimensão mais ampla ao conceito de ideologia, ela é uma “visão de mundo”, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social. Daí podemos deduzir que há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes sociais. Há visões de mundo presas às formas fenomênicas da realidade e outras que a ultrapassem, indo até a essência. Nem toda ideologia é, portanto, “falsa consciência”. Numa perspectiva histórica, há aquelas

⁹ Maingueneau (1993, p. 55) delimita que a formação discursiva, inserida no contexto do interdiscurso, está também associada a uma ordem social. “[...] é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que as duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica”.

¹⁰ Fiorin (2007) delimita que “a sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer o seu interlocutor”. (FIORIN, 2007, p.18).

que são consciência invertida da realidade e aquelas que não o são. (FIORIN, 2007, p. 30)

Dialogando com Fiorin, Chauí (2006, p. 102) nos traz uma perspectiva bastante semelhante a respeito do conceito de ideologia. Amparada, sobretudo, na perspectiva de Gramsci, ela delimita que a ideologia apenas pode ser concebida como tal, em sua totalidade absoluta e dominante, pois é, em suma, pertencente a uma noção que é hegemônica.

Esse fenômeno da conservação da validade das ideias e dos valores dominantes, mesmo quando se percebe a dominação e mesmo quando se luta contra a classe dominante, mantendo sua ideologia, é que Gramsci denomina hegemonia. Uma classe é hegemônica não só porque detém a propriedade dos meios de produção e o poder do Estado (isto é, o controle jurídico, político e policial da sociedade), mas ela é hegemônica sobretudo porque suas ideias e valores são dominantes, e mantidos pelos dominados até quando lutam contra essa dominação. (CHAUI, 2008, p. 102).

Desse modo, debruçando-se sobre os pensamentos de Marx e Engels, Fiorin (2007) exemplifica que a ideologia dá a forma, mas também forma-se a partir dos fatos sociais e também, em última instância, como assim delimita o autor, econômicos.

Ao empreender o termo ideologia assumido como um construto organizado em última instância pelo nível econômico, Fiorin (2007, 31) assume que os modos de produção social interferem diretamente nas produções ideológicas vigentes. De modo complexo, a interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2013) acusa às ideologias, que trafegarão e ganharão forma na cena social por meio do discurso, uma delimitação que tem suas raízes, sobretudo, nos modelos econômicos.

Determinação em última instância significa que o modo de produção determina as ideias e o comportamento dos homens e não o contrário. É preciso, no entanto, cabe repetir, não ver o nível ideológico como simples reflexo do econômico, pois ele tem seu conteúdo próprio e suas próprias leis de funcionamento e de desenvolvimento. Isso significa que não existe determinação direta e mecânica da economia, mas uma determinação complexa (FIORIN, 2007, p. 31).

Sobre o campo da produção, no contexto das mídias, CHARAUDEAU (2013) recomenda a adequação do uso de instâncias de produção que insere o campo da produção dentro de uma lógica de articulação orquestrada entre diversos e

múltiplos atores, como operadores técnicos, empresas midiáticas e, por fim, as produtoras:

Se falamos de instância é porque o que preside a produção da comunicação midiática é uma entidade compósita que compreende vários tipos de atores: [...] Todos contribuem para fabricar uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, uma coenunciação, cuja intencionalidade significativa corresponde a um projeto comum a esses atores e do qual se pode dizer que, por ser assumida por esses atores, representa a ideologia do organismo de informação. (CHARAUDEAU, 2006, 62).

Assim, se a linguagem é o que faz emergir as ideias à cena social, as ideologias que nascem e sobrevivem dia a dia apenas por meio do fazer linguístico e intencional que configura o próprio fazer discursivo. Ora, quando uma criança aprende ao abecedário e, mais tarde, a atribuir significados ou nomes a figuras por meio da linguagem, também aprende uma visão de mundo que é também bastante específica e será, sobremaneira, delimitada pelos modos de produção vigentes. Como delimita Fiorin (2007, p. 31):

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde a uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística (FIORIN, 2007, p. 31).

Voltando à discussão das emoções ou do *pathos* no campo da comunicação ou discursivo, vale observar que essas, segundo autores neurociência¹¹, emergem e constroem significado no contexto social graças à comunicação. Assim, se a linguagem, quando dotada de intencionalidade, emerge à cena social via discurso e, esse, por sua vez, segundo os autores revisitados, está embebido no berço da ideologias, pode-se inferir que os afetos, no contexto da comunicação

¹¹ Segundo o neurocientista Reeve (2011, p. 190), as emoções possuem quatro componentes ou quatro dimensões – o sentimento, a excitação corporal, o sentido de propósito e o social-expressivo. Esse último refere-se à comunicação. Ora, não basta sentirmos amor ou afeto por alguém, nós temos que, via comunicação, expressarmos esse apreço, seja via um eu te amo ou até mesmo um abraço, no campo não verbal.

discursiva, aquela que é intencional, também obedece, em certa medida, a relações hegemônicas e de poder.

II.III ENTENDIMENTOS DA ANTROPOLOGIA E DA FILOSOFIA: A NOÇÃO DE FRONTEIRA COMO ESTÍMULO AO ÓDIO

Essa discussão pode ser encontrada inclusive no campo da antropologia, mais especificamente no da antropologia da guerra. Na obra “Frames of War: When the Life is Grievable?”, a antropóloga e filósofa Judith Butler (2015) inicia sua discussão sobre o valor de uma vida no contexto da guerra com uma pergunta “o que é uma vida?”.

Ora, ao longo de sua discussão, Butler nos conduz ao pensamento de que a concepção de uma vida é apenas possível e efetiva quando está inserida em um contexto ideológico favorável ao entendimento e à assimilação dessa vida. Em contextos de guerra, surge o conceito de fronteira – um ponto limítrofe, em muitos casos imaginário, que organiza e separa dignos de indignos, aqueles a quem devem ser destinados a proteção e aqueles a quem deve ser destinados a aniquilação.

Separando uma vida de uma não vida, a noção de fronteira no contexto de guerra também nos ajuda a compreender a hierarquia que delimita a dignidade das vidas – ora, nesse sentido, algumas seriam mais dignas do que outras.

A ideologia presente da guerra não é exclusiva ao contexto conflituoso – ela trafega e navega entre os mais diversos cantos e becos sociais na atualidade. Do mesmo modo como ocorre no conflito, infere-se que ocorre com as ideologias discursivas presentes na atualidade que não apenas delimitam e separam vidas de não vidas, mas também as hierarquizam, sobretudo, nos servem de manual e guia para responder a questão – a quem devemos amar? E, mais ainda, a quem devemos odiar?

Podemos pensar a guerra como algo que divide as populações entre aquelas pessoas por quem lamentamos e aquelas por quem não lamentamos. Uma vida não passível de luto é aquela cuja perda não é lamentada porque ela nunca foi vivida, isto é, nunca contou de verdade como uma vida. (BUTLER, 2015, p. 64).

Aqui a palavra manual torna-se estratégica – na visão trazida por Butler, os afetos ou os desafetos não operam em uma lógica linear de causa e efeito. Assim, não opera diretamente de como que aqueles aos quais a hegemonia disser que devem ser odiados, de fato serão odiados. Ao contrário, operam nas bordas e na sordidez do discurso e da ideologia, pautados numa ética fantasiosa, no campo da sugestão e da orientação que separa, na prática, aqueles que serão dignos de proteção e aqueles que se tornarão não vistos ou, nas palavras da autora, uma não vida.

Não estou sugerindo que essas normas determinem nossas respostas, de modo que estas sejam reduzidas a efeitos behavioristas de uma cultura visual monstruosamente poderosa. Estou sugerindo apenas que a maneira pela qual essas normas atuam nos enquadramentos e nos circuitos mais amplos de comunicabilidade é vigorosamente contestável precisamente porque a regulação efetiva do sentimento, da indignação e da resposta ética está em jogo. (BUTLER, 2015, p. 119).

Na lógica do discurso aristotélica, que se dedica sobre o estudo do *pathos*, há uma abordagem semelhante – na visão de Aristóteles, os afetos ou as emoções influirão em nossos juízos e julgamentos. Desse modo, aqueles aos quais destinamos nossos afetos não nos parecem passíveis de culpa e de erros. Nessa perspectiva, nossos afetos estão, na perspectiva moral e ética, ao lado do bem. E o contrário também ocorre – quando odiamos aquele a quem julgamos, esse, por sua vez, parece totalmente incorreto ou responsável por culpas que não são suas.

Quando amamos aquele a quem julgamos, ou não o encontramos culpado ou o encontramos só medianamente culpado; quando se odeia, dá-se o contrário. Desejamos e esperamos alguma coisa? Se o que esperamos é agradável, temos a sensação de que ela vai chegar e de que é boa. (ARISTÓTELES, 2012, 106).

Imerso nessa lógica da aproximação e da separação normatizada socialmente presente nos afetos, no livro segundo de arte retórica, Aristóteles (2012) intitula um capítulo “Quais as pessoas que amamos ou odiamos? E por quais motivos?”.

Assim, ele inicia seus pensamentos conceituando o que seria o amor no ato ou no fazer retórico.

Em linhas gerais, o filósofo se atém ao bem querer a quem se ama e a aproximação e amizade que se quer de quem se ama.

Admitamos que amar é querer para outrem aquilo que reputamos serem bens, e isto não em nosso interesse, mas no interesse dele; é também na medida de nossas forças, agir para proporcionar-lhe essas vantagens. Por outro lado, é amigo aquele que ama e é amado em retorno. As pessoas, que julgam encontrar-se nestas disposições reciprocamente, julgam ser amigas. Posto isto, é necessariamente amigo aquele que conosco se alegra no bem e conosco sofre o mal, sem outra consideração que não seja a da pessoa amada. Todos nos regozijamos, quando os fatos correm de acordo com a nossa vontade e sentimos pena no caso contrário; estamos igualmente unidos pela amizade, quando os bens e os males são comuns; quando são comuns os amigos e os inimigos; daí resulta necessariamente serem as vontades idênticas. Mostra-se verdadeiramente amigo o homem que quer para o ser amado aquilo que quer para si. (ARISTÓTELES, 2016, p. 106).

Ainda, inserindo o conceito em uma lógica social, o amor, na perspectiva aristotélica, está direcionado aos iguais. Ora, não seria necessário amar a todos que pensam iguais, porém o amor também é destinado aqueles para quem se almeja o bem amam.

Amamos ainda aqueles que nos fazem bem, ou aqueles que estão a nossos cuidados, se esses serviços são importantes, ou prestados com prontidão, ou em tais ou tais circunstâncias e tendo em mira o nosso interesse; - ou ainda aqueles que julgamos animados da vontade de nos fazer o bem. Os amigos de nossos amigos e os que amam as pessoas que amamos; e os que são amados pelas pessoas que amamos. (ARISTÓTELES, 2016, p. 106).

Nesse contexto, aplica-se a lógica – os amigos de meus amigos são meus amigos e os inimigos de meus amigos são meus inimigos também. Aqui, a modulação e a normatização social surge como máxima vigente – a quem se deve destinar o ódio? Aqueles que, sobretudo, de alguma forma nos ameaçam ou aparentam possuir algo que nos faria o bem. Por outro lado, a quem se deve destinar o amor? Certamente, aqueles que mesmo que discursivamente partilham dos mesmos inimigos ou desafetos. Ora, assim, para se ser amigo, não é necessário que se tenha alguma afinidade, mas sim que se partilhe algum desafeto ou desgosto.

Os que têm os mesmos inimigos que nós, que odeiam os que nós odiamos e que são odiados pelos que nós odiamos: todos estes parece terem o que para nós é bem; como dissemos, é este o distintivo do amigo. Os que são levados a nos fazer bem ajudando-nos com seu dinheiro, ou assegurando nossa salvação; por tal motivo são venerados os homens liberais, corajosos e justos. Ora, consideramos como tais os que não vivem a expensas de outrem, os que subsistem por seu trabalho e, entre estes, os que vivem da agricultura e, entre os outros, principalmente os que trabalham para si. (ARISTÓTELES, 2016, p. 106).

Para compreendermos de um modo um pouco mais aprofundado os conceitos apresentados por Aristóteles a respeito do ódio, é preciso compreender que em sua explicação, ele delimita o sentimento em relação à cólera e realiza diferenciação entre os dois conceitos.

Em sua visão, a cólera corresponde ao domínio da personalidade e do cotidiano. Já o ódio, por sua vez, pode corresponder a razões que são impessoais e não específicas ao sujeito que odeia.

No referente à amizade e ao ódio, é daí que teremos de tirar os caracteres dos contrários da amizade. Ora, o ódio produz a cólera, a vexação e a calúnia. A cólera nasce de razões que nos são pessoais, mas o ódio pode nascer fora do âmbito destas razões pessoais; basta supor que uma pessoa é dotada de tal ou tal caráter, para que a odiemos. (ARISTÓTELES, 2016, p. 106).

De modo mais aprofundado, Aristóteles delimita que a cólera pode ser direcionada a uma pessoa em particular. Por outro lado, o ódio adota uma perspectiva mais genérica e pode ser adotado contra toda uma classe de pessoas. Do mesmo modo, a cólera adota caráter passageiro, já o ódio, em sua visão, tem sentido de efeito, ou seja, é um sentimento que tem como propósito fazer o mal.

A cólera visa sempre uma pessoa particular, por exemplo, Calias ou Sócrates; o ódio pode visar toda uma classe de pessoas; toda a gente odeia o ladrão e o sicofanta. A cólera pode curar-se com o tempo; o ódio, não. A cólera procura fazer pena, o ódio procura fazer mal. . (ARISTÓTELES, 2016, p. 106).

Do mesmo modo, observa-se que o ódio, na perspectiva aristotélica, não abre espaço para a compaixão. Ao contrário, na visão do filósofo quem sente ódio,

não está passível de pena e isso ocorre, sobretudo, pois o odiador possui apenas um único objetivo – a destruição daquele a quem destina seu ódio.

Porque o homem irado quer que a vítima saiba quem a feriu; o que odeia não se importa com isso. Ora, o que causa pena atinge sempre nossa sensibilidade, ao passo que os maiores males são os que menos a afetam; a injustiça e a demência; com efeito, a presença do vício não nos causa pena. No agente, a cólera vai acompanhada de pena, o ódio não, porque o homem encolerizado sente pena, o homem que odeia não a sente. O primeiro, á vista dos males sofridos pelo adversário, é suscetível de sentir compaixão; o segundo não a sentem em caso nenhum. É porque o primeiro quer que aquele que provocou sua cólera sofra por seu turno; o outro quer que o objeto de seu ódio seja aniquilado. (ARISTÓTELES, 2016, p. 109).

Entendido etimologicamente como uma palavra que provém do latim odium o ódio pode ser entendido como “sinônimo de inimizade, aversão, fastio, indignação, cólera, furor e pode ser definido como sentimento de profunda inimizade, paixão que conduz ao mal que se faz ou se deseja a outrem” (SANTOS, 2016, s/p).

Freud (apud SANTOS, 2016) também faz menção ao ódio seguindo as recomendações de Aristóteles (2012) - contrapondo a emoção em relação ao amor. Nesse sentido, na perspectiva psicanalítica seria entendido como um sentimento anterior ao amor que nasce do desprazer, da perturbação e da aversão.

[...] um sentimento mais antigo que o amor, cuja fonte reside na obtenção de desprazer, perturbando o equilíbrio energético experimentado pelo sujeito, ou seja, nasce do repúdio primordial de eu narcísico ao mundo exterior-portador de estímulos ao contrário do amor que é considerada fonte geradora de prazer ao próprio organismo. [...] Originalmente, o que já para o sujeito é o incômodo e perturbador sentimento de ódio. (SANTOS, 2016, s/p)

Se o amor está no campo do prazer e do afago, o ódio, por sua vez, está no campo do desprazer ou da rivalidade. Um está no campo materno, o outro, nessa perspectiva, está no campo paterno. Assim, o ódio, na perspectiva psicanalítica freudiana:

[...] se situa, também, sob o signo da rivalidade com o intruso cuja função e predicação são asseguradas pela figura paterna. O ódio do pai, a rivalidade odiosa com o pai, garante uma identificação cujo

significado simbólico provoca remorsos melancólicos e, para o sujeito, a origem da moral consiste em se interditar aquilo que antes o pai lhe interditava. (SANTOS, 2016, s/p.)

Se, segundo a perspectiva psicanalítica, o amor está no campo do eu que se configura a partir da relação semi-simbiótica com a figura materna, o ódio, desse modo, estaria no campo do distanciamento, do afastamento ou do reconhecimento do outro. Ora, novamente dentro dos estudos sobre amor e ódio, reconhece-se uma relação estabelecida na fronteira da proteção e da estranheza que frustra e ameaça e, por isso, deve ser aniquilada.

[...] pontua-se que para a psicanálise o ódio vem em primeiro lugar, ele é inerente ao sujeito, resultado de sua hostilidade basal para com o Outro - este Outro que tanto o constitui quando priva da completude totalizante. No entanto, o ódio também é consequência da frustração do sujeito diante deste Outro que, sobremaneira, não lhe confere arredondamento almejado. Assim, o ódio original é o ódio ao outro, este que Freud propriamente aloca no interior do conceito de pulsão de morte; (SANTOS, 2016, s/p).

Em “topologia da violência”, Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, também revisita Freud ao abordar a destruição humana - uma pulsão amplamente relacionada ao ódio. Na perspectiva abordada, os impulsos destrutivos são entendidos como propulsões violentas que apenas são sanadas quando descarregadas em algo.

A obstinação humana pela violência levou Freud a admitir a existência do impulso para a morte, gerador de impulsos destrutivos que vão circulando até serem descarregados em um objeto. (HAN, 2017, s/p).

Dessa maneira, na perspectiva de Han (2017), a obstinação humana pela destruição e, em sua manifestação pathêmica, pelo ódio, está amplamente associada a uma relação que não apenas é amparada na garantia da sobrevivência, mas também configura elemento central da manutenção e ampliação do poder.

Caso recorramos aos pensamentos de Butler (2015), anteriormente revisitados, é possível mencionar a guerra como exemplo dos pensamentos de Han (2017). Ora, em momentos de conflitos intensos, ganha mais ou é detentor de mais poder, aquele que é mais odioso ou aquele que é mais violento. Assim, em contextos de guerra, estar ao lado do mais violento, não apenas significa estar a

salvo (sobrevivência), mas também significará estar ao lado de quem certamente sairá vencedor (poder).

O matar possui um valor intrínseco. O que domina a economia arcaica da violência não é um princípio mimético, mas um princípio capitalista. Quanto mais violência se exerce, tanto mais poder se adquire. A violência exercida sobre o outro multiplica o cabedal da sobrevivência. (HAN, 2017, s/p).

Dentro dessa perspectiva, Han (2017) considera a violência em seu aspecto diabólico ou divisor. Nesse sentido, em sua condição simbólica ou sógnica, o poder conseguido pela violência possuiria condição semântica associada a inúmeros outros campos atrelados ao universo da força que age na condição de separação entre fortes e fracos, vencedores de perdedores.

A violência, ao contrário, não é um meio simbólico; em sua essência ela é diabólica, isto é, divisora (*dia-ballein*). Em virtude de, sua configuração o poder pode gerar inúmeros símbolos de força persuasiva e de eloquência. Pela sua diabolicidade, ao contrário, a violência é pobre em simbologia, em linguagem. O aumento de poder é o aumento de espaço, a vitória em uma guerra leva a um ganho de espaço, sendo que o reino é uma manifestação de poder; seu alcance tem a dimensão de poder. (HAN, 2017, s/p).

Se no campo da psicanálise, o ódio vem a partir do distanciamento com esse outro fonte de desprazer e pelo qual se nutre uma pulsão de morte, e na filosofia estaria atrelada a essa fonte violenta de obtenção de poder, na perspectiva dos estudos midiáticos do discurso, observamos o ódio sob uma perspectiva sógnica, de representação de um objeto. Ora o ódio, dentro do campo, não se é estudado por meio da observação das alterações de humor ou de sentimento, mas sim como uma significação de algo do qual se busca o afastamento.

Ora, nesse sentido, caso observemos o exemplo da violência nas cidades, não se compreenderia o sentimento ou as alterações de humor que sofre o cidadão diante de um assalto ou de uma potencial situação que o ameace. Ao contrário, na perspectiva dos estudos midiáticos e dos efeitos pathêmicos do discurso, observa-se o ódio ou a narrativa de destruição contra menores entendidos dentro do quadro social do preconceito que os entende ou os significa como potencialmente ameaçadores.

A compaixão ou o ódio que se manifestam em um sujeito não é o simples resultado de uma pulsão, não se mensura somente por uma sensação de torpor, por uma elevada adrenalina; ela é vivenciada pela representação de um objeto que afeta o sujeito ou que ele procura combater. Isso alarga o conceito de “estados intencionais”: possuem particularidades intelectuais e emocionais, e todos são, ao mesmo tempo, exógenos (remetem a um objeto externo para o qual são orientados) e endógenos (imaginados pelo próprio sujeito, que, de maneira reflexiva, constrói sua própria representação desse objeto). (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

II.IV ESTUDOS MIDIÁTICOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS PARA A EXPRESSÃO DO ÓDIO

Charaudeau, ao elaborar seus pensamentos sobre os efeitos pathêmicos do discurso das mídias, nos traz quatro caminhos ou características para compreendermos o que ele chama como tópica do ódio ou da antipatia e, seu oposto, a simpatia dentro do recorte do discurso midiático.

- é considerada em uma relação triangular: inseridas na lógica moralizante, as mídias, quando tratam da tópica da antipatia ou do ódio, posicionam a audiência em um espaço de juiz (1.) observador de um mal executado por um responsável (2) a uma vítima (3).

Deve ser considerada como uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: vítima de um mal, responsável pelo mal, sujeito observador-testemunha. O actante-objeto é, então, duplicado em perseguido e perseguidor, e o sujeito observador-testemunha se volta para o perseguidor. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

- está mobilizado entre saberes de crença estruturados na zona polarizada entre bem e um mal que é executado por um dominador ou perseguidor: o estado de indignação, segundo Charaudeau, é evocado sempre direcionado a algum responsável ou perseguidor em situações que explicitam relações de dominação.

O sujeito está ao mesmo tempo em estado de indignação frente a uma vítima perseguida (ele mobiliza crenças sobre bem e o mal e sobre as relações de dominação [boltanski 1998], e em comportamento de denúncia do responsável pelo sofrimento de outro que ele exprime de forma ao mesmo tempo elocutiva (ele diz: denuncio e acuso X!). A antipatia é sempre orientada contra alguém. Ela não deve se constituir a priori nem contra o perseguidor, nem a favor do perseguido; (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

- é diretamente proporcional ao grau de sofrimento evocado na cena discursiva. Segundo Charaudeau (2010), suscitada empaticamente em situações de dor ou sofrimento, o grau ou a intensidade do efeito do ódio produzido na audiência-juiz será proporcional ao grau de perseguição sofrido pela vítima. “A indignação pode ser proporcional ao grau de dor da vítima e, desse modo, ao grau de perseguição” (CHARAUDEAU, 2010, p. 28) .
- Por fim, pode se diferenciar entre unânime e homogênea ou esclarecida: segundo o linguista, quando é unânime ocorre contra um perseguidor. Por outro lado, quando é esclarecida, o ódio é evocado em defesa de um condenado.

Essa indignação pode se voltar contra o perseguidor (ela é chamada de unânime e homogênea, como aquela que denuncia os ex-nazistas); ela pode se voltar contra a própria perseguição (ela é chamada de “esclarecida” (idem), como aquela que se exerce em defesa de um condenado – processo Dreyfus). (CHARAUDEAU, 2010, p. 28)

Em todo o caso, o ódio ou outras tópicas com maior ou menor grau de intensidade, como delimita Charaudeau, são efeitos pathêmicos evocados quando se ativam responsáveis por um dano ou mal causado a uma vítima.

Outras figuras mais ou menos intensas: “indignação”, “acusação”, “denúncia”, “cólera”, “ódio”. Essa tópica é frequentemente atualizada, na televisão, pela descrição de casos que buscam os responsáveis pelos prejuízos cometidos, a mostração das manifestações de protesto, a encenação dos debates (do tipo Droit de réponse, ciel mon mardi!). Ela promove uma televisão que denuncia, que coloca o telespectador em posição moralista. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28)

Dessa maneira, na contemporaneidade, recorrendo novamente a estudiosos pautados nos estudos originais aristotélicos delimitam uma separação entre a manifestação do ódio e o discurso de ódio.

Iniciando nossos pensamentos pelo segundo conceito, o hate speech, original da língua inglesa, assim como delimita Aristóteles, o discurso de ódio¹² consiste

¹² Inúmeras definições sobre o discurso de ódio aparentam convergir para sua implicação em atos violentos. Durante o presente estudo, foi encontrada uma tese apresentada a Universidade Sumatera Utara na Indonésia sobre discurso de ódio e, novamente, nota-se que o conceito foi utilizado como uma construção que pode ser convertida em atos violentos. “O discurso de ódio também pode refletir

na manifestação ou incitação de ideias discriminatórias ou violentas contra alguma classe ou grupo de pessoas. “[...] consiste na manifestação de ideias que incitam à discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias” (SANTOS, 2016, s/p).

Caso não se refira à discriminação racial, social ou religiosa ou incitação à violência, na perspectiva de Santos (2016), entende-se que trata-se apenas da manifestação ou expressão de ideias.¹³

A manifestação de ideias pressupõe sua externalidade, do contrário trata-se apenas de pensamento, emoção, ódio sem discurso, seria inconcebível a intervenção jurídica nos pensamentos, pois a todos é livre o pensar. (SANTOS, 2016, s/p).

Ora, por outro lado, nota-se que essa caracterização pode, nos dias de hoje, dificultar a identificação do discurso de ódio como tal. Santos (2016) atenta para a subjetividade ou para a articulação da violência de forma indireta ou não facilmente notável, algo que pode significar grande obstáculo na identificação do discurso odioso.

Uma dificuldade encontrada para a caracterização do discurso do ódio está na sua identificação, pois pode ser de forma explícita ou implícita. A incitação pode estar presente no discurso de forma clara ou subliminar. O subjetivismo pode ser uma barreira para a caracterização da agressão. (SANTOS, 2016, s/p).

Desse modo, Santos (2016), amparado na possível subjetividade da articulação do discurso de ódio, atenta que o discurso de ódio pode ser dividido entre duas possibilidades segundo a sua consequência - o insulto ou a instigação.

A primeira consequência tem como objeto a aniquilação direta da dignidade de quem se destinam os atos violentos. Assim, o discurso de ódio entendido como insulto opera em via de mão única e busca atingir diretamente ao ethos do

violência. Não violência física, mas a verbal” (FADILAH, 2018, s/p, tradução da autora). De acordo com Fadilah, aquele que reproduz o discurso de ódio pode se apropriar de quatro características - 1. está sempre movido pela emoção; 2. quer ser escutado; 3. age e usa de expressões preconceituosas e 4. é protetor de sua opinião (FADILAH, 2018, s/p, tradução da autora).

¹³ O estudo aqui presente localizará o seu olhar sobre a manifestação ou expressão do ódio contra grupos responsáveis por crimes tecnológicos de proporções marcantes.

interlocutor. Já a segunda, por sua vez, opera na covardia do convencimento de outros e da incitação da violência. Assim, organizado a partir de uma retórica de visada de efeitos, o discurso de ódio que incita a violência, busca agir na sordidez do convencimento de outros que materialização na cena social atos violentos e agressivos.

Da leitura de tal conceito é possível dividir duas consequências do discurso do ódio: o insulto e a instigação. O primeiro diz respeito à pessoa da vítima, o destinatário inicial da agressão, que de alguma forma pertence a algum grupo que teve sua dignidade violada. O segundo ato, a instigação, é efeito decorrente do discurso do ódio e é voltado a possíveis “outros” leitores da manifestação e não identificados como suas vítimas, que são chamados a participar desse discurso discriminatório, ampliando sua propagação com palavras e ações. (SANTOS, 2016, s/p)

II.V. DIFERENCIANDO ÓDIO DO DISCURSO DE ÓDIO: QUANDO A EMOÇÃO VIRA IDEOLOGIA VIOLENTA NO CAMPO DAS NOVAS TECNICIDADES?

Desse modo, as duas consequências do discurso de ódio - o insulto e a instigação - tem efeitos brutais, uma vez que, a segunda consequência tem a capacidade de garantir escala à discriminação. Se o insulto parte de um e atinge a um ou alguns, por outro lado, o insulto combinado com a instigação parte de um que atinge e convence a muitos a praticarem atos violentos contra inúmeros. “Combinadas estas duas faces, a que insulta e a que instiga, tem-se que este discurso, além de expressar ódio, procura aumentar a discriminação, conduzindo a uma realidade onde impera a intolerância” (SANTOS, 2016, s/p).

Assim, a diferenciação entre ódio e discurso de ódio residiria exatamente nesses dois campos - se o primeiro seria a expressão¹⁴ ou, dentro da perspectiva comunicação, o aspecto social-expressivo de uma emoção que se localiza na tópica da proteção e da ameaça, o outro, por sua vez, caracteriza-se pela incitação direta ou indireta da discriminação e da violência. Se o segundo deve

¹⁴ Vale destacar que o sentido expressivo do ódio tem limitação quando atinge, agride ou visa promover a violência com base em motivos como raça, etnia, sexo ou religião. (FADILAH, 2018, s/p)

ser combatido, sobretudo, quando adquire progressões geométricas com o advento das tecnologias da informação e da comunicação, o primeiro, enquanto instrumento social-expressivo de comunicação do desagrado ou da proteção de direitos pode, inclusive, agir como movimento transformador da sociedade.

O ódio mostra-se em geral como uma questão factual e sua intensidade como movimento transformador na sociedade dependerá de como ele é divulgado. O discurso de ódio constitui forma especial de propagação do mal e o meio informacional tem papel de importância no atual contexto histórico. (SANTOS, 2016, s/p.).

Ora, há aqui, no campo das ciências da comunicação e do discurso, uma discussão que ressalta e coloca luz sobre as manifestações do ódio na contemporaneidade - as tecnologias da informação e da comunicação. Saad (2009) atenta para a constituição, inclusive, de um campo científico que trata da internet e das tecnologias da comunicação e da informação como espaços privilegiados de mediação que abarcam uma série de formatações comunicativas.

Alguns autores já apontam para a constituição de uma teoria da comunicação digital, uma vez que as TICs e sua ferramenta mais expressiva – internet – constituem-se em um espaço de mediação que acomoda diferentes modalidades comunicativas. (SAAD, 2009, p. 324).

Assim, das pinturas rupestres ao advento das redes sociais e do *machine learning*, Saad atenta para a aproximação, ocorrida no fluxo temporal da história da humanidade, da relação tecnologia e comunicação.

Se considerarmos o uso das TICs como divisor de águas, fica evidente a aceleração dos ciclos tecnológicos da comunicação humana em uma sequência de rupturas-inovações que ao longo do tempo foi estreitando cada vez mais a relação tecnologia/comunicação. (SAAD, 2009, p. 324).

II.VI. TECNICIDADES E CULTURA DA CONVERGÊNCIA COMO FERRAMENTAS DE EXPRESSÃO DA INDIGNAÇÃO

Daí a importância de centralizar e localizar a discussão da manifestação do ódio na contemporaneidade dentro da relação simbiótica que se estabelece entre tecnologia e comunicação. Ora, se o atributo social-expressivo é componente

central do ódio que adentrará à cena social via comunicação, torna-se essencial acrescentar a discussão das tecnologias que apresentam dia a dia relação intrínseca ao campo comunicacional.

A relação indissolúvel entre comunicação e tecnologia coloca o comunicador contemporâneo em um constante exercício de correlação entre as ciência das TICs e a arte e comunicar. Aqui, muito antes do pensamento comunicacional estratégico, temos que encontrar o equilíbrio entre constatações típicas da ciência, a exemplo dos princípios, das recorrências fundantes, das explicações, das descobertas e das análises e a característica criativa da arte de comunicar, em uma rotina na qual predominam as práticas, a experimentação e de performances, a ação, a invenção, a síntese e a construção. (SAAD, 2009, p. 324).

Dentro desse contexto, as rupturas paradigmáticas cada vez mais aceleradas em decorrência do advento das tecnologias da informação e da comunicação apontam o campo das ciências da comunicação para o estudo do fenômeno da convergência.

Saad (2009, p. 326) sintetiza o complexo conceito como uma grande alteração nos modelos comunicativos que se dá via uma acomodação da linguagem e que, paralelamente, convive com uma grande transitoriedade de mensagens entre diversas plataformas.

[...] Sua definição pressupõe a transformação dos códigos comunicativos e, portanto, uma constante adaptação nas linguagens comunicacionais, além de um intercâmbio e de uma simultaneidade das mensagens disponibilizadas em diferentes dispositivos. (SAAD, 2009, 326).

Na perspectiva do estudo das mídias, outra fonte que salta à discussão sobre o conceito de convergência é Jenkins que nos traz uma visão do conceito amparada no amplo e difuso intercâmbio entre diversos e múltiplos mercados que compõem a economia da comunicação e, por sua vez, assistem a uma intensa e voraz migração de públicos que polinizam diferentes significações entre as múltiplas plataformas e meios de comunicação.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas,

mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2006, 30)

Na perspectiva de Jenkins (2006), a convergência pode ser entendida como, sobretudo, um fenômeno cultural demarcado, principalmente, pela circulação da significação que ocorre primariamente pela participação ativa de sujeitos que trafegam entre os múltiplos dispositivos comunicativos.

No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia. A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (JENKINS, 2006, 30)

Se a convergência é um fenômeno que incita a criação de uma nova cultura, essa, por sua vez, assume nova forma. Desse modo, segundo Jenkins (2006), as novas relações estabelecidas nessa nova formulação cultural direcionam para novos modelos de intensa participação. Ora, nesse sentido, o ponto central do entendimento da convergência não estaria no desenvolvimento tecnológico ou na pulverização de plataformas, mas sim, na interação e na construção e tráfego sógnico que acontece momento a momento na consciência de sujeitos interagentes.

A expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros. A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. (JENKINS, 2006, p. 31).

À nova cultura da participação está implícita, na visão de Jenkins (2006), um novo modelo de construção do conhecimento que redefine, inclusive, formas e noções pré-estabelecidas de vínculo e de afeto.

Ora, nos primórdios, o código moral-ético social que regia e auxiliava na compreensão de quem deveríamos amar ou odiar era claro e evidente - nossos afetos deveriam ser direcionados aos mais próximos, aos amigos, à comunidade e aos familiares. Na nova cultura da participação, noções de pertencimento que remetem a amigos, família e comunidade são profundamente alteradas e, com elas, são também alteradas as noções de distribuição dos afetos.

A quem devemos proteger? E a quem devemos aniquilar? Se antes, essas questões seriam facilmente respondidas. Hoje, a lógica que estabelece normas para a compreensão dessas indagações está localizada no bojo do intercâmbio do conhecimento e da troca de significações.

A nova cultura do conhecimento surge ao mesmo tempo em que nossos vínculos com antigas formas de comunidade social estão se rompendo, nosso arraigamento à geografia física está diminuindo, nossos laços com a família estendida, ou mesmo com a família nuclear, estão se desintegrando, e nossas alianças com Estados-nações estão sendo redefinidas. (JENKINS, 2006, p. 55).

Se na perspectiva de Jenkins (2006), a convergência ocorre nesse tráfego de significados aportado nas mentes de sujeitos que transitam entre diversos dispositivos midiáticos, Van Dijck e Nieborg (2020), grandes autoridades do campo científico denominado *new media studies* (SAAD, 2008) apontam caminhos para a configuração de um novo fenômeno que convive no bojo das novas práticas culturais e sociais que são, há um tempo, mediadas tecnologicamente - a plataformização.

Ora, relacionamentos mediados por aplicativos de encontro, comunicações entre funcionários de empresas que acontecem apenas via computadores, compras de quaisquer itens que são feitas dia a dia via dispositivos *mobiles*, prontuários médicos e históricos empresariais inteiros dentro de sistemas que podem ser acessados via *tablets* ou *notebooks* por membros de equipes situados em qualquer lugar do planeta - são infinitos os exemplos que demonstram o

fenômeno da plataformização, um novo modelo de práticas sociais que está estruturado, sobremaneira, em diversas plataformas digitais, como argumenta Van Dijck, Nieborg E Poell (2020).

A plataformização é definida como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais das plataformas digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida. Ela também envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas. A partir do exemplo de app stores, mostramos como essa definição pode ser empregada em pesquisas empíricas (VAN DIJCK; NIEBORG; POELL, 2020).

Nesse sentido, voltando a Jenkins, o autor dialoga indiretamente com Van Dijck, Nieborg e Poell sobre o conceito de plataformização ao delimitar que o fenômeno da convergência seria facilitado pela ascensão e protagonismo das novas TICs. Jenkins ainda delimita que as comunidades já não são mais compostas por relações consanguíneas ou demarcadas por delimitações geográficas, mas sim, por interesses e troca de conhecimento entre sujeitos com interesses semelhantes.

Entretanto, novas formas de comunidade estão surgindo: essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns. Os membros podem mudar de um grupo a outro, à medida que mudam seus interesses, e podem pertencer a mais de uma comunidade ao mesmo tempo. As comunidades, entretanto, são mantidas por meio da produção mútua e troca recíproca de conhecimento. (JENKINS, 2006, p. 55).

Abranches (2017) oferece uma atualização à visão sociológica de Jenkins (2006) que auxilia na compreensão dos fenômenos presenciados no atual contexto. Em sua visão, o mundo contemporâneo atravessa, sobretudo, um momento demarcado por uma grande transição.

Ora, o mundo contemporâneo, segundo o sociólogo, estaria no olho de uma grande revolução. Estruturas, conhecimentos, modelos culturais e conceitos estão sendo fortemente questionados e, quando se está nessa zona do meio ou da era do interregno, como assim a chama (ABRANCHES, 2017), não se é possível delimitar exatamente as características do que seria o platô ou a definição do momento pós-revolucionário.

A única coisa que se é possível afirmar, quando se vivencia uma transição, é que de fato ela é uma transição e antecede, sobretudo, um vir a ser que ainda não se pode conceber. Na visão de Abranches (2017), a sociedade contemporânea não vivencia uma transição de proporções revolucionárias, delimitada por três grandes dimensões.

A primeira delas é de ordem socioestrutural e atinge todo o planeta e escala geométrica. “A socioestrutural, no plano global, que é sistêmica, atinge a todo o planeta e tem efeitos disruptivos na estrutura social, econômica e política das sociedades” (ABRANCHES, 2017, p. 60) .

A segunda dimensão aponta para uma transição científica e tecnológica. As grandes descobertas e tecnologias que demarcaram o avanço da humanidade já se tornam, frente ao desenvolvimento do conhecimento atual, obsoletas e analógicas.

Ora, um exemplo pode ser o combustível de base fóssil, o qual elevou o nível de desenvolvimento de inúmeros setores da economia na história, porém, quando colocado frente às tecnologias de base elétrica ou nuclear que, por sua vez, apontam para novos padrões, torna-se decadente, com, inclusive, grandes chances de extinção de uso em várias áreas da sociedade.

A científica e tecnológica, que também é disruptiva e mudará os paradigmas científicos estabelecidos nas revoluções que levaram à emergência da ciência moderna desde o iluminismo. Mudará, também, o padrão tecnológico estabelecido nas duas revoluções industriais, o qual substituirá a tecnologia de base fóssil, que começou com o carvão, na primeira revolução industrial, e se firmou com o petróleo. Além disso, as bases da nova ciência se expandem com as possibilidades abertas pela genômica avançada e pelas tecnologias que permitem o desenvolvimento da nanociência e da neurociência. (ABRANCHES, 2016, p. 60).

Por fim, há a transição de ordem climática. Na visão de Abranches (2016), a alteração da dimensão climática é tamanha na grande transição que os tradicionais padrões de compreensão da natureza, utilizados por inúmeras ciências para prever o comportamento do meio-ambiente, já não se oferecem mais em sua forma suficiente. Nesse sentido, saltam inúmeros exemplos, como

ciclones, tsunamis e furacões, que destruíram cidades inteiras ao redor do mundo nos últimos tempos e que cientista ou modelo algum conseguiu prever.

A climática, associada ao aquecimento global, e ambiental, ambas determinadas pela ação humana. Chamo de transição climática por coerência conceitual, para deixar claro que ela é e será parte da grande transição global do século XXI e, por comodidade literária. A ambiental está associada ao iminente colapso do ambiente construído, apontando para a nova revolução urbana, e à perda gigantesca de diversidade biológica, configurando a “sexta extinção”. (ABRANCHES, 2017, p. 60).

Dessa maneira, para determinar a tamanha revolução a qual a era do interregno presencia, Abranches define que a humanidade vivencia um novo vir a ser paradigmático e, dentro dessa grande ruptura, os agentes transformadores tornam-se turvos, porém, há um, nesse momento, de fácil identificação - a rede.

Dessa maneira, seria esse novo modo de interação entre sujeitos, mediado pelos múltiplos dispositivos midiáticos que promovem formações aleatórias de comunidades e novos laços de afeto, estabelecidos com base em critérios não pré-estabelecidos, um grande e poderoso agente transformador da transição paradigmática.

É difícil, se não impossível, aos contemporâneos identificar plenamente os principais agentes da mudança. Muitos deles nem sequer se destacarão em tempo real, porque seus feitos são menos importantes que as suas consequências futuras. Mas isso não significa que não existam ou não sejam parte determinante da mudança. É o efeito em cadeia, hoje também em rede, que ocasiona o movimento revolucionário. (ABRANCHES, 2017, p. 60)

Se, por um lado, as redes oferecem espaço para a criação de novos modelos interativos entre sujeitos, por outros, ela está, segundo Abranches (2017) amplamente amparada no tráfego sígnico da pathemização e da circulação e agrupamento com base em diversas ordens de afeto.

Ora, seria com base, na raiva, no amor, na esperança que massas, dia a dia, aglomeram-se a todo segundo virtualmente em redes sociais com a finalidade apenas de se encontrarem e garantirem voz e materialidade social a todo esse grande emaranhado emocional.

Alguns, pautados na indignação ou até mesmo no ódio, fazem surgir na cena social importantes discussões das minorias, outros, embebidos pelo amor, abordam e trazem para a pauta pública questões associadas ao livre afeto.

Esse ambiente contagiante, que muitas vezes permite um contato caloroso, solidário e anônimo que já parecia impossível, é auto alimentado pelas redes virtuais. É por meio delas que se dá essa socialização assentada na raiva, na indignação, na esperança, no lúdico, de indivíduos diversos, movidos por razões diversas. [...] desfeito o contágio, a massa-sujeito se dissolve e as pessoas individualizadas voltam ao cotidiano. Dissipado o movimento, restam apenas os militantes e suas organizações analógicas e anacrônicas. (ABRANCHES, 2017, p. 112).

Se na perspectiva de Abranches (2017), a rede significaria um novo e amplo espaço de configuração de novas e poderosas relações e conexões pautadas em novos modelos de construções afetivas, Han (2017) nos apresenta ao fenômeno da supercomunicação que produziria uma massa não aproveitável de mensagens e usos comunicacionais. Em sua visão, “a supercomunicação eleva a entropia do sistema de comunicação; ela produz um lixo comunicacional e de linguagem” (HAN, 2017, s/p).

Desse modo, segundo Han (2017), o excesso de mensagens e circulação de significados, proporcionado pela plataformação (Van Dijck; Nieborg; Poell, 2006), sugere uma nova forma de organização social em que a pulverização de informação tem, na prática, seu efeito inverso - seria, na realidade, desinformativa ou colocaria a sociedade fora de forma. “A informação é informativa, porque coloca em forma. Mas, em determinado estágio, ela deixa de ser in-formativa, tornando-se de-formativa. Ela coloca fora de forma” (HAN, 2016, s/p).

Dessa maneira, Han atenta para um novo processo ao qual atravessaria a linguagem, imersa nesse novo contexto de hiper-produção informativa - a *spamização* da linguagem. Ora, assim como, nas caixas de e-mail, o excesso ou aquilo que é caracterizado pelo algoritmo como irrelevante, cai na caixa de spam e, de certa maneira, vira lixo digital, do mesmo modo, ocorreria, na atualidade com a linguagem.

Assim, imbuída de excessos, a linguagem¹⁵ estaria sujeita a um amplo e intenso processo de perda de significado, irrelevância e descarte.

A spamização da linguagem caminha de mãos dadas com a hipertrofiação do eu, que gera um vazio comunicativo. Com isso, inicia-se uma inflexão pós-cartesiana. O eu cartesiano ainda é uma imagem fragmentária, sendo precedido por uma dúvida radical. (HAN, 2017, s/p).

Se, por um lado, o excesso de informação produziria, na realidade, o seu inverso, com as relações, superexpostas à proximidade, aconteceria o mesmo. Na visão de Han, as redes que facilitam um processo de ampla proximidade produziram o distanciamento e estranhamento entre sujeitos.

A comunicação estabelece uma proximidade. Mais comunicação, porém, não produz automaticamente mais proximidade. Em algum momento a superproximidade se converte em indiferença e distância. É nisso que reside a dialética da proximidade. A superproximidade destrói aquela proximidade que seria mais próxima do que a falta de distância. Trata-se de uma proximidade invadida pela distância, mas no excesso de proximidade positiva ela desaparece. (HAN, 2017, S/P).

Abranches (2017) atua em uma perspectiva das redes otimista - as assimila como um novo construto, capaz de promover o contato, novas formas de interações com força, sobretudo, de atuação política. Já Han (2017), revisitando McLuhan, sob outra perspectiva, se atenta a um intenso e violento campo, que se instaura no processo de transformação de significados em uma grande massa amorfa de mensagens que certamente serão ignoradas e não construirão, em seu fim, sentido.

Surge uma violência específica, uma violência da positividade daquela massa de comunicação; uma massa de informações e de sinais que já não esclarece e revela, mas que apenas atua massivamente. A massa positiva sem mensagem dispersa, entope, paralisa. O meio é a mensagem de McLuhan, pode ser aplicado perfeitamente à época da não mensuração positiva, com uma pequena modificação: o meio é a mensagem (o meio é a era da massa). (HAN, 2017, s/p).

¹⁵ De acordo com Maingueneau (2006), "A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de *discurso*, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade".

CAPÍTULO III

III.I A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES NA SOCIEDADE EM REDE: CULTURA DA PLATAFORMA E O PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO DO ÓDIO

Nesse complexo contexto da sociedade em rede (CASTELLS, 1999) e da era do interregno (ABRANCHES, 2017), surgem pistas de novas realidades interativas entre sujeitos que oferecem forma e berço ao nascimento de uma ambiência fluida, onipresente e altamente instável. Ela - a ambiência, apresentada na forma da ciberesfera (ABRANCHES, 2017) ou desse novo bios midiático (SODRÉ, 2002) - é demarcada por uma alta conexão entre diversos dispositivos midiáticos que, por sua vez, oferecem espaço para um intenso tráfego de significados nas mentes de sujeitos e, por fim, formulam a convergência (JENKINS, 2006).

Ainda, está a todo o momento em um processo, é inacabada, está em construção. Uma construção que ocorre em um movimento descentrado, organizado por agentes produtores e receptores de sentido que operam em uma realidade altamente atravessada e dependente da tecnologia, essa realidade media o que se pode chamar de sociosfera (ABRANCHES, 2017), porém, de modo autoalimentado, media a si mesma - se reorganizando a todo e qualquer instante nos núcleos e nas bordas do bios (SODRÉ, 2002) e da ciberesfera (ABRANCHES, 2017).

Dentro desse contexto, de intensa transformações sociais e comunicativas demarcadas pelas tecnicidades, Saad (2008) atenta para três condições que, na contemporaneidade, impactam, sobretudo, no fazer científico da comunicação. Ora, na visão da pesquisadora, o campo das ciências na comunicação, na atualidade, necessitam de adequações para sua construção e essas modificações são atravessadas por três grandes entendimentos - são eles a centralidade, transversalidade e resiliência.

Sobre o primeiro ponto - o da centralidade, observado por Saad (2008) - vale recorreremos a Castells (1999) que, sob uma perspectiva sociológica, delimita que o advento das tecnologias da informação e da comunicação intensificado

em meados da década de 70 implicaram no surgimento de uma nova economia que é estruturada em nível global e em rede.

É a conexão histórica entre a base de informações/conhecimentos da economia, seu alcance global, sua forma de organização em rede e a revolução da tecnologia que cria um novo sistema econômico distinto [...]. Sem dúvida, informação e conhecimentos sempre foram elementos cruciais no crescimento da economia, e a evolução da tecnologia determinou em grande parte a capacidade produtiva da sociedade e os padrões de vida, bem como formas sociais de organização econômica. (CASTELLS, 1999, p.119).

Desse modo, Castells atenta para o fato de que essas tecnologias que, por sua vez, servem basicamente ao processamento informacional¹⁶ são de origem comunicativa. Assim, a comunicação estaria, na visão do sociólogo, no bojo de todas as revoluções e transformações sociais e culturais sofridas nos últimos anos. Ora essa perspectiva, apresentada em inúmeros campos da ciência - sociologia, antropologia e até filosofia - apontam para um caminho que reflete sobre a “centralidade da comunicação como mediação estruturante do tecido social” (SOUSA; apud SAAD, 2008).

Desse modo, a condição de centralidade da comunicação, nesse novo contexto, atravessa, na perspectiva de Saad (2008), uma infinidade de ciências. Ora, o pensamento sobre as trocas de sentido entre sujeitos não seria, dentro dessa ambiência, uma problemática restrita apenas ao campo da comunicação, mas sim a inúmeras outras ciências. A comunicação ocuparia, nesse olhar, um lugar especial de mediação de inúmeros outros espaços de transição culturais e sociais.

É possível depreender, por ora, que a condição de centralidade traz para as discussões epistemológicas e o desenvolvimento das pesquisas em Comunicação uma dualidade de vantagens-desvantagens a considerar: a complexificação dos estudos de Comunicação na medida do estreitamento de sua relação com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (e respectivo processo de inovação); [...] a ampliação do rigor metodológico decorrente da própria centralidade com relação a outros campos científicos, num cenário de extrema diversidade de modelos, metodologias e técnicas de pesquisa. (SAAD, 2008, s/p).

¹⁶ Segundo Castells (1999, p.119), a nova economia depende altamente dos fluxos informativos. A competitividade das empresas que acontecem em nível global depende, sobretudo, de suas capacidades de processamento de informação.

Sobre a questão da centralidade assumida pelo campo da comunicação no contexto da ascensão das tecnicidades com destaque para as mídias sociais, vale dedicar especial atenção aos pensamentos de Couldry e Van Dijck (2015) sobre a atribuição de social às mídias.

Na visão dos pesquisadores, o que transforma as relações cotidianas na atualidade não seria o advento das tecnicidades, mas, sim, a insistência da incorporação do atributo social às mídias. Ainda, na visão dos autores, a centralidade e a urgência da discussão surgem em um momento em que as mídias se expandem em progressões geométricas e são altamente demandadas pelo social e é exatamente por esse motivo que esse, por sua vez, surge como a chave para compreender uma nova apresentação da realidade que formata, inclusive, novas relações de poder.¹⁷

As instituições que chamamos de mídia têm sido envolvidas por mais de um século em uma infraestrutura para a vida social e tem investido em um particular e privilegiado modo de representação do mundo como “social”. A dialética entre a mídia e o social tem se tornado de urgente compreensão em um momento em que infraestrutura de mídia e informação tem se expandido, convergido e se transformado de forma profunda em uma textura da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, a reivindicação para que as mídias se tornem sociais se torna mais explícita e insistente. (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

Van Dijck e Couldry ainda assinalam a necessidade da discussão sobre o social, sobretudo, a partir da perspectiva, nas realidades digitais ou não, inscritas na sociabilidade são demarcadas por posições bastante específicas situadas em lugares desiguais. E em um contexto altamente tecnológico, a mediação das

¹⁷ Texto original: “The institutions we have come to call “media” have been involved for over a century in providing an infrastructure for social life and have invested in a quite particular and privileged way of representing the world as “social.” The dialectic between “media” and “social” has become more urgent to understand in an era when media and information infrastructures have expanded, converged, and become embedded more deeply in the texture of everyday life, while at the same time the claims of “media” to be social have become explicit, indeed insistent.” (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

relações pelas mídias ocupa lugar privilegiado na centralidade da discussão sobre o fazer relacional na atualidade¹⁸.

[...] A palavra social é um termo necessário para pensar sobre a complexidade da interdependência na qual a realidade é feita a partir de posições específicas de poder. Todas as formas de poder são investidas em certas representações do social. Essa batalha importa, e agora o “social media” - as infraestruturas da web 2.0 - estão no coração dessa batalha. (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

Van Dijck e Couldry ainda recapitulam a perspectiva histórica da mídia de massa que media o social e a confronta com a ótica da descentralização na informação na atualidade. Na visão dos pensadores, o mito do centro mediado ou do direcionamento do social em massa, que é conduzido quase que unidirecionalmente pelas mídias ainda permanece, mesmo no contexto descentrado.

Ora, fato é que no contexto do *feed do facebook ou do instagram* qualquer um pode interagir e oferecer condições sociais e mediadoras a qualquer um, no entanto, essa interação entre sujeitos é demarcada por condições delimitadas pelas tecnicidades. Ainda, detalhando essas condições, os autores afirmam que elas não estão dispostas de modo uniforme e em iguais condições a todos, mas, sim, dependem de inúmeros fatores que estabelecem desiguais relações de poder entre sujeitos¹⁹.

[...] o mito do centro mediado. Esse mito ainda não desapareceu, nem tampouco as instituições de mídia de massa possuem material base e reivindicações de ser social. Mas as instituições de mídia tem recentemente se transformado em um enredado projeto diferente: a tentativa por outra (nova) instituição de “mídia de massa” para construir espaços online onde a economia e a vida social podem se desdobrar. Facebook, twitter e Weibo fazem com que as mídias em escala de

¹⁸ Texto original: “The word “social” is our necessary term for thinking about the complex interdependencies out of which human life really is made and the claims to represent that interdependent reality made from particular positions of power. All forms of power have invested in certain representations of the social. This battle matters, and now “social media”—the infrastructures of web 2.0—are at the heart of that battle.” (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

¹⁹ Texto original: “[...] the myth of the mediated center. This myth has not disappeared, nor have mass media institutions’ material basis and self-interested claims to be social. But media institutions have recently become entangled in a different project: the attempt by other (new) “mass media” institutions to build online spaces where the economy and social life can unfold. Facebook, Twitter, and Weibo do media on a mass scale, but through a very different spatial configuration from that of classic mass media.” (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

massa, porém por meio de uma diferente configuração espacial dessa forma clássica de mídia de massa. (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

Na sociedade de plataforma²⁰ (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018), os diversos dispositivos são responsáveis por uma distribuição que em um primeiro momento pode aparentar ser “*per-to-per*” ou de qualquer um para qualquer um, porém, há lógicas de poder que operam no coração dessas plataformas que, por sua vez, contam com uma regulação algorítmica profunda estruturada, sobretudo, em relações de poder pré-estabelecidas²¹.

Essas interações, de forma ampla, seguem qualquer caminho que as pessoas escolham, mas como Marx assinalou, não nas condições de escolha própria: na verdade, precisamente, nas condições que essas novas instituições de mídia escolhem, condições essas que diferem consideravelmente dependendo do design da tecnologia, modelo de negócio e bagagem política, elas tem em comum o rastreamento algoritmo profundo e contínuo de todas as interações que ocorrem nessas plataformas. (COULDRY; VAN DIJCK, 2015, s/p. tradução da autora).

Destaca-se nos pensamentos de Couldry e Van Dijck sobre os aspectos de estruturas de poder formatados e inscritos no processo algorítmico que regula, inclusive, os jogos de significações que acontecem no mundo para além das tecnicidades. Isso, não significaria dizer, na visão de Charaudeau (2013) que as mídias - analógicas ou não - seriam instâncias de poder.

Ora, sobre os jogos de poder inscritos dentro do circuito social, Charaudeau posiciona as mídias como um fenômeno de alta influência e o qual tem em si o potencial gerador de definição de relações de poder, no entanto, está, assim como os sujeitos, de forma coadjuvante nesse jogo. Isso ocorre, pois, o poder, na visão de CHARAUDEAU (2013), estaria atrelada a uma instância dotada de meios restritivos claros e esse não seria o caso das mídias.

²⁰ No livro “the platform society: Public values in a connective world”, VAN DIJCK, POELL e WALL abordam a problemática atual sobre a sociedade “plataformizada” ou das plataformas. Na abordagem dos autores, as relações sociais, na atualidade, são mediadas por inúmeras e mais diversas plataformas.

²¹ Texto original: “Such interactions, broadly, follow whatever path people choose but, as Marx would have put it, not in conditions of their own choosing: indeed in conditions precisely that these new media institutions choose, conditions that, while they differ considerably depending on each site’s technological design, business model, and political background, have in common Couldry and van Dijck 3 the deep and continuous algorithmic tracking of whatever interactions occur on these platforms”. (VAN DIJCK; COULDRY, 2015).

As mídias não são uma instância de poder. Não dizemos que são estranhas aos diferentes jogos do poder social, dizemos que não são uma “instância de poder”. O poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância na qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira sua força. Essa instância deve ter a capacidade de gerir e influenciar os comportamentos dos indivíduos que vivem em sociedade e, para isso, deve dotar-se de meios restritivos: regras de comportamento, normas, sanções. (CHARAUDEAU, 2006, p. 18).

Assim, retomando a questão da centralidade dentro das novas práticas sociais, na visão de Saad (2008) há uma outra condição assumida pelo campo da comunicação a partir do advento das tecnicidades - a transversalidade. Esse outro atributo assumido pelo campo da comunicação direciona os olhares da ciência a uma perspectiva que, a cada dia, dissocia menos as tecnicidades das práticas comunicativas.

Tablets, interação, avaliações, compartilhamentos, *mobile* - esses seriam apenas alguns exemplos de aparatos atrelados e possibilitados pelas tecnologias que compõem e atravessam cada vez mais as práticas interativas entre sujeitos dentro dos mais diversos campos - medicina, transporte, infraestrutura etc.

O foco da transversalidade que delimitamos neste texto refere-se à capilaridade das tecnologias digitais atuando simultaneamente nos processos que operam as atividades comunicativas, nos sistemas que integram processos anteriormente fragmentados, nos dispositivos cada vez mais convergentes devido às *affordances* que incorporam funções de mobilidade e geolocalização, interatividade aos suportes comunicativos clássicos, e nos próprios produtos midiáticos. (SAAD, 2008, s/p).

Por fim, Saad (2008) atenta para a condição de resiliência adotada pelo campo da comunicação que, mediante às inúmeras transformações e atravessamentos pelas tecnologias, aponta para alta necessidade de adaptação de tradicionais modelos de compreensão e do fazer científico.

Assim, a centralidade da comunicação, demarcada pelas novas tecnologias informativas e assumida no campo da mediação de diversas atividades sociais, direcionam o espaço epistemológico a uma espécie de alta e intensa adaptação de inúmeros modelos para a compreensão das volatilidade da realidade demarcada pelas inovações.

Entendemos aqui por resiliência a capacidade de um sistema ou uma organização se antecipar e se adaptar a rupturas, eventos, lidar com as mudanças e reconstruir seus valores e estruturas a partir destes movimentos. Numa visada objetiva e sem qualquer caráter de crítica, assistimos hoje a um processo de busca de diferentes vertentes teóricas, multiplicidade de autores e propostas metodológicas para a sustentação epistemológica de estudos e pesquisas que envolvam a questão digital na Comunicação, seja ela vista como um elemento transversal nos processos ou nos produtos, seja como elemento central de discussão. (SAAD, 2008, s/p).

Nesse sentido, a materialidade da condição de resiliência da comunicação seria a pluralidade de técnicas e modelos de abordagem científicos, muitos deles são, inclusive, pautados e amparados em matrizes de pensamentos tradicionais.

Exemplificando, encontramos um conjunto significativo de teorias que poderiam ser classificadas como “novas”- *Internet Studies*, *New Media Studies* [...] na mesma linha, encontramos um conjunto de metodologias e/ou técnicas de pesquisa utilizadas em (des)combinação às “novas” e também às clássicas teorias do campo da Comunicação: Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), Cartografia das Controvérsias, Netnografia, AD/AC (análise do discurso e de conteúdo), Estudo de Caso, dentre outras; (SAAD, 2008, s/p).

Assim, Lopes (2014) atenta para a alta conexão e onipresença de telas que operam como rotas para o trânsito de novas construções de sentido e significado entre sujeitos transeuntes que se reorganizam a todo instante de maneira assíncrona entre os diversos aparatos midiáticos. Esse alto e intenso tráfego de significados oferecem espaço para o surgimento de novos modelos de interação caracterizados pela ação de intensas reconfigurações perceptivas e discursivas protagonizadas por sujeitos agentes.

Novas formas de práticas e novos tipos de relações sociais emergiram por meio do desenvolvimento dos meios de comunicação, permitindo novos modos de interação. Há pouco tempo restrito às classes socioeconômicas privilegiadas, esse mundo digital chega aos que têm menor poder aquisitivo e cria massa de consumo para essas tecnologias. Dentre outros fatores, [...] tecnicidade é menos assunto de aparatos que de operadores perceptivos e destrezas discursivas. Trata-se de uma tecnicidade cognitiva. (LOPES, 2014, s/p).

Ora, nessa perspectiva, Lopes (2014) lança luz sobre a questão de que não se trata de pensar sobre a tecnicidades dos meios, mas, sim, sobre a mediação da tecnicidade que, por sua vez, ampara uma reflexão sobre um novo cenário,

conectado de forma global pelas TICs, e que, por fim, oferece recinto para novas e inusitadas renegociações entre agentes produtores de discursos.

Confundir a comunicação com as técnicas e os meios, resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à comunicação. [...] Isso se dá não só no espaço das redes informáticas como também na conexão dos meios – televisão e telefone – com o computador, restabelecendo aceleradamente a relação dos discursos públicos e os relatos (gêneros) midiáticos com os formatos industriais e os textos virtuais. (LOPES, 2014, s/p).

Aqui, vale destacar que se utiliza o termo mediação da tecnicidade uma vez que se almeja destacar a relevância desse lugar, inscrito no processo comunicacional e situado entre a instância da recepção e da produção dos discursos, que está altamente interferido e atravessado pelas novas tecnologias.

Usa-se, sobretudo, o conceito de mediação para que seja possível a identificação dessa zona do meio que, sobretudo, liga, aproxima e, ao mesmo tempo, distancia os espaços presentes entre as instâncias de produção e consumo da comunicação. Lopes (2014), ainda aprofunda que se trata de uma zona presente nas mais diversas práticas sociais.

Daí, sublinha-se a relevância de, sobretudo no contexto da contemporaneidade demarcada pela economia informacional e em rede (CASTELLS, 1999), já não mais se abordar ou se referir à mediação das tecnicidades, mas sim às mediações das tecnicidades. Deve-se, sobretudo, ressaltar sua presença em uma zona que é múltipla, síncrona e onipresente, está a todo momento, em todo lugar.

[...] a mediação pode ser pensada como uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e na vida cotidiana das pessoas que, ao realizar-se através dessas práticas, traduz-se em múltiplas mediações. Para compreender tal conceito é melhor começar por pensá-lo como uma noção plural, ou seja, mediações. (LOPES, 2014).

Nesse sentido, Lopes (2014) assinala que, ao cientista da comunicação, caso queira compreender essa zona do meio, torna-se necessário se debruçar sobre esses nós ou pontos de intersecção que unem produção e consumo e que, também, interferem de forma significativa sobre os modelos de difração que ora

distanciam, ora aproximam as estratégias discursivas de visada de efeitos do espaço da recepção efetiva.

É um conceito síntese que capta a comunicação a partir de seus nexos (“nós”), dos lugares a partir dos quais se torna possível identificar a interação entre os espaços da produção e do consumo da comunicação. De modo que a própria produção é vista em diálogo com as demandas sociais e com as novas experiências culturais que emergem historicamente a partir da materialidade social. (LOPES, 2014, s/p).

Sobre as estratégias discursivas, assinaladas anteriormente, CHARAUDEAU (2013) compreende o conceito a partir da perspectiva de uma noção de produção de efeitos de sentido desejados. Ora, se todo discurso é ideológico, como vimos anteriormente (FIORIN, 2010), e, dessa maneira, visa atingir algum objetivo que corresponderá, por sua vez, a uma esfera que criação de um efeito no outro, o campo discursivo será sempre um espaço de escolhas e seleções das melhores estratégias discursivas para a criação de efeitos de sentido.

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas*. (CHARAUDEAU, 2006, s/p).

III.II AUDIÊNCIAS ATIVAS E SUAS EXPRESSÕES NAS BORDAS DA CIRCULAÇÃO: AS MEDIAÇÕES DAS TÉCNICIDADES FORMULAM, NA ATUALIDADE, UM NOVO ESPAÇO RECEPTIVO

Voltando aos pensamentos de Lopes, compreende-se que estão amparados nas reflexões de Martín-Barbero (1992) sobre as mediações que, por sua vez, apontam, sobretudo, para a relevância da cultura enquanto nexos locado entre a instância da produção e do consumo das produções discursivas. Nesse sentido, Barbero (1992) destaca a cultura como esse relevante aparato mediador da comunicação:

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver. (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 20).

Charaudeau (2013) não menciona diretamente o termo mediação, porém, de forma evidente reitera os pensamentos de Barbero (1992), quando delimita que, sobretudo no contexto dos discursos midiáticos, a instância da recepção será, sumariamente, distanciada das estratégias discursivas com visada de efeitos, uma vez que a primeira lacuna é atravessada e, inclusive, delimitada por uma série de acontecimentos de ordens sociais e culturais.

Acrescentemos a isso que a informação midiática fica prejudicada porque os efeitos visados, correspondentes às intenções da fonte de informação, não coincidem necessariamente com os efeitos produzidos no alvo, pois este reconstrói implícitos a partir de sua própria experiência social, de seus conhecimentos e crenças. (CHARAUDEAU, 2006, s/p).

Entende-se em suas análises que, não apenas ao campo da recepção cabem as mediações, mas também ao campo discursivo, inscrito no espaço da produção, que se realiza a partir da articulação entre categorias intra e extradiscursivas. “E, pois, a imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido. Descrever sentido de discurso consiste, portanto, em proceder a uma correlação entre dois polos” (CHARAUDEAU, 2006, s/p).

Ora, se em Castells (1999), como observou-se anteriormente, a nova cultura, delimitada por uma economia informacional, global e em rede, apenas é possível por meio do advento das TICs (tecnologias da informação e da comunicação), assinala-se a importância de se adotar a perspectiva de Barbero e se aprofundar sobre as mediações culturais no contexto das tecnicidades.

Essa necessidade ocorre, pois, há uma evidente intensificação dos usos tecnológicos nas relações e que, assim, podem significar pistas de uma nova mediação cultural da comunicação - uma mediação que é de ordem tecnológica. Sobre o tema, novamente, Lopes (2014) convida ao pensamento e à localização do olhar em um novo momento epistemológico que trata, sobretudo, de uma intensa e grande rede de influência e mediações entre sujeitos que operaram no bojo de uma interdiscursividade (MAINGUENEAU, 2013) (FAUSTO NETO, 2010) que é suportada, atravessada e reformulada pela tecnologia.

Assim, narrativas e novas produções de sentido, no contexto do bios midiático (SODRÉ, 2002), oferecem espaço para formulações de novas narrativas tecidas na coletividade, que estão em constantes zonas fronteiriças do meio que são inacabadas em suas essências e estão sempre à espera de revisões e reconstruções. Na atualidade, essa zona fronteira reside também em espaços que são tecnológicos que podem oferecer uma condição cultural de mediação às negociações de construção de sentido entre sujeitos:

De fato, não se trata simplesmente do envio de mensagens através de máquinas ou do trânsito de códigos em nível global, mas também da penetração em mundos simulados e da criação de ambientes em realidades virtuais, da criação de outras narrativas. Além disso, a relação entre o indivíduo e a máquina não ocorre de modo único e particular, mas numa interação comunitária, em rede. Os indivíduos interagem, influenciam-se reciprocamente, negociam no marco destas redes. (LOPES, 2014, s/p).

Desse modo, esses novos modelos de apropriação e consumo dos meios, demarcados pela mediação da tecnicidade, sugerem um novo contexto para o entendimento do campo da recepção dos discursos midiáticos. Ora, os sujeitos, imersos nessa nova lógica e empoderados da lógica e das possibilidades interativas, não apenas assimilam conteúdos, como também (re) agem sobre eles.

Surge, desse modo, uma espécie de bricolagem (LEVI STRAUSS, 1976) organizada por usuários, localizados em espaços altamente interativos, a partir de recursos textuais e produções sígnicas. Esses usuários não apenas operam passivamente às produções de sentido, mas reagem e recriam inclusive seus próprios papéis na cena discursiva - passam, assim, também a serem produtores. Dessa maneira, Lopes (2014) enfatiza a importância do empreendimento em uma nova terminologia para a denominação desses espectadores que assumem e se empoderam de certo protagonismo passam a ser adjetivadas como “audiências ativas”.

A nosso ver, o ambiente constituído pelos novos meios e pela transmediação estende o escopo e a importância dos argumentos presentes na tese da “audiência ativa”. Se é assim, a multiplicação dos usos e a crescente interatividade fazem com que as pesquisas dos usos e da recepção dos meios, ainda considerados marginais no conjunto dos estudos de Comunicação, passem a ter uma

oportunidade histórica de alcançar a condição de mainstream. Audiências e usuários viabilizam-se como sendo muito ativos – seletivos, auto-dirigidos, produtores bem como receptores de textos. (LOPES, 2014, s/p).

Paralelamente aos pensamentos de Lopes, encontram-se as reflexões de Antônio Fausto Neto que, no artigo “As bordas da circulação...”, inscreve a existência da recepção dentro do contexto das mudanças tecnológicas.

Segundo Fausto Neto, na cena midiática mediada pelas novas técnicas, surgem novos modelos de percepção de produções discursivas que garantem origem a um outro modelo receptivo. Na visão do autor, esse novo modelo opera e acontece nas bordas da circulação interativa e, dessa vez, torna-se muito mais visível e complexo.

[...] novas percepções sobre a existência da recepção, no contexto da comunicação midiática, não poderiam deixar de lado as transformações havidas no âmbito da circulação, cujas manifestações de funcionamento se tornam cada vez mais visíveis. Situada na “arquitetura comunicacional e seus processos de midiatização crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Pistas - segundo Fausto Neto (2010, s/p), a partir da lógica interativa, a atividade receptiva, dessa vez, muito mais palpável e sondável, garante aos interessados e pesquisadores pistas sobre sua manifestação e inteligibilidade no campo da circulação organizado por receptores que também passam a ser produtores.

A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e é, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, que sua “atividade construcionista” complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Um pouco mais adiante, será aprofundado o conceito de recepção, entretanto, aqui vale nos atentarmos ao entendimento sobre circulação. Trindade e Perez (2014) demonstram a relevância do conceito ao o compreenderem a partir de uma perspectiva que relaciona redes de interações que são de ordens sociais,

técnicas e também discursivas. “[...] parte de uma ideia de circuito comunicacional com redes interdiscursivas resultantes das práticas de interação sócio-técnico discursivas [...]” (TRINDADE; PEREZ, 2014, p. 29).

Assim, Fausto Neto (2010, s/p), em seus pensamentos, aciona as origens do lugar da recepção no campo científico e epistêmico que coincide com o advento das tecnicidades e seus impactos nos modelos de interação entre sujeitos e produção de sentidos. Assim, essas origens remetem a um lugar de distanciamento entre produtores e receptores e implicam em um ponto de vista funcionalistas sobre a problemática dos efeitos.

Convém lembrar que noções sobre a recepção (apesar das diferentes nomenclaturas conceituais utilizadas ao longo das últimas quatro décadas) surgem com a emergência das tecnologias e sua consequente conversão em meios de comunicação que repercutem sobre a organização social e seus processos de interação. Interrogações, com algumas variantes, acompanharam a evolução do lugar da recepção focando de modo específico, de um ângulo dominante de uma perspectiva funcional, a problemática dos efeitos. Estas interrogações organizaram, em certo momento, possíveis respostas sobre a questão dos efeitos. Usaram modelos de caráter transmissional, enfatizando a tese segundo a qual, os vínculos entre emissores e produtores resultariam de uma ação em que os sujeitos estariam situados de modos distintos: o primeiro como acionador e o segundo como recebedor. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Dessa maneira, essas perspectivas se remetem à compreensão do campo da recepção como uma “zona insondável”, formulado por “massas amorfas” (FAUSTO NETO, 2010, s/p) e que garante o advento de uma “teoria das intenções”, pautada em modelagens quantitativas que localizam o olhar e a compreensão dos efeitos nas “massas” a partir de uma intenção de conferência da efetividade da produção discursiva na audiência ou na opinião pública.

As “massas”, que foram os primeiros candidatos a “interlocutores” das mídias, foram convertidas em primeiros objetos para pesquisas sobre produção dos efeitos. Fazendo repousar os fundamentos do ato comunicativo sobre aspectos norteados pelas “teorias das intenções”, tal “paradigma” cuidou de enfatizar os processos de captura das audiências e de conferir, mediante formalizações estatísticas e operações matemáticas, a efetividade e qualidade de suas relações com o aparelho produtivo. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Fausto Neto (2010) destaca, em seus pensamentos, a obsolescência dessa perspectiva que trata de uma análise dos efeitos na recepção enquanto espaços

passíveis de recuperação de estratégias discursivas. A ineficiência dessa compreensão apresenta-se, sobretudo, pelo afastamento da complexidade sociocultural que está imbricada no processo receptivo e que se consolida em domínios extra-verbais ou extra-comunicativos, assim como delimita Trindade (2007).

Já a recepção envolveria uma produção de sentidos mais complexa, que inclui a leitura verbal (sua codificação e decodificação), mas que se consolida em práticas socioculturais cotidianas que se definem para além do verbal, no domínio extra-linguístico e que são resultantes de processos comunicativos interpessoais e inter-institucionais, o que inclui processos de comunicação midiáticos na construção da trama cultural atual. (TRINDADE, 2007, p. 43).

Em outro texto, Trindade e Perez (2014) trazem um olhar sobre a recepção a partir da lógica emissor-mensagem. “[...] traz os traços da comunicação linear pautada no modelo informacional emissor-mensagem, canal, receptor, com toda problemática epistemológica amplamente discutida e criticada” (TRINDADE; PEREZ, 2014, p. 29).

Dialogando com Trindade (2007), Lopes (2014), novamente, assinala a importância de se compreender a recepção como um espaço demarcado por inúmeros outros processos de ordem política e cultural. Nesse sentido, a recepção pertence, sim, ao cotidiano, mas também, extrapola esses limites e configura-se, sobretudo, como um processo que se estabelece a partir do atravessamento por relações de poder que ocorrem em uma esfera extra-linguística:

A recepção, por conseguinte, não é um processo redutível a fatores psicológicos e à vida cotidiana, a despeito de ancorar-se nessas esferas, mas é um fenômeno profundamente político e cultural. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos quanto objetivos, tanto de natureza micro (o ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (a estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é por isso um contexto complexo, multidimensional em que as pessoas vivem suas vidas diárias e em que, ao mesmo tempo, se inscrevem em relações de poder estruturais e históricas que extrapolam suas atividades cotidianas. (LOPES, 2014, p. 67).

Charaudeau, em “Discurso das mídias”, aborda o que, em sua visão, denomina como “instâncias de recepção”. Sobre o assunto, o linguista delimita que analisar

as instâncias de recepção significa assumir, em primeiro lugar, que o público receptor não se constitui a partir de uma massa uniforme. Do mesmo modo, à instância midiática fica obscura a instância receptora. Entre produção e recepção, há mediações e a própria mídia, porém, é impossível tocar em sua pureza e estado bruto a instância receptiva.

Sobretudo, em um segundo momento, suas dimensões e estados afetivos suscitados a partir das produções discursivas serão, em certa medida, correspondentes ao circuito midiático no qual o discurso está inserido. Dessa forma, amor ou ódio não são reavivados nas instâncias de recepção de modos iguais em mídias diferentes.

Em primeiro lugar, ele se diferencia de acordo com o suporte de transmissão: *leitores* para a imprensa, *ouvintes* para o rádio, *telespectadores* para a televisão. Com isso, é fácil compreender que as reações intelectivas e afetivas do público não são as mesmas de uma mídia a outra, e a instância midiática que sabe disso e o afirma (“são profissões diferentes”), tira partido das diferenças. Em segundo lugar, a identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção. Por um lado, os receptores não estão presentes fisicamente na relação de troca, e a instância midiática não tem acesso imediato a suas reações, não pode dialogar com eles, não pode conhecer diretamente seu ponto de vista para completar ou retificar a apresentação da informação. (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).

Ora, Fausto Neto (2010, s/p) levanta a hipótese de que, com o advento e expansão das técnicas, ocorre uma ruptura paradigmática no entendimento da lógica dos efeitos que abandona o campo das intenções, não acionável, e parte para uma compreensão de uma recepção pautada na ação, visível e palpável. Dessa maneira, Fausto Neto nos demonstra que a “recepção age”:

Nossa hipótese é a de que o balanço da trajetória dos primeiros estudos, de tradição funcionalista, sobre a constituição das audiências e dos efeitos de mensagem sobre elas, ao invés de apontar para o fechamento de um ciclo de preocupações sobre a recepção, sugere um avanço distinto dos seus postulados. Ou seja, a formulação de outros capítulos e pistas de investigação que avançam um pouco mais em relação às proposições anteriores, pois a recepção existe e age. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Se em uma perspectiva, a circulação surge como um espaço altamente recuperável que pode ser estudado quase que em seu estado bruto pelos modelos de pesquisa que visam à captação das estratégias discursivas no campo das audiências, sob outro olhar, entende-se a circulação como uma

configuração altamente complexa que desloca as antigas perspectivas sobre o campo da recepção.

São, justamente, os limites pouco revelados nestas fronteiras que causam a ampliação dos olhares e a constatação de que a questão dos efeitos está associada mais a uma problemática de complexidades do que das linearidades. É o deslocamento do exame do ato comunicacional de uma problemática instrumental para aquela da enunciação, que vai oferecer os “insumos” desta perspectiva de complexidade. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Nesse sentido, o autor enfatiza que a profundidade estruturada no campo das bordas abre espaço para um entendimento e para a discussão do campo enunciativo a partir da perspectiva interdiscursiva que se faz e se estrutura por meio da complexidade do constante refazer-se.

O conceito de enunciação chama atenção para o fato de que o ato discursivo se constitui em um complexo trabalho, uma vez que o sujeito apropria-se da linguagem para referir-se, referir o mundo e referir o seu *socius*. Essa construção evidencia a natureza da comunicação – interpessoal e complexa, (como a midiática) – como uma questão relacional, e não só de caráter transmissional. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Se, por um lado, no campo da produção, as estratégias discursivas trabalham nas engrenagens de uma retórica visada de efeitos²², por outro, no lugar dessa recepção, que tem suas pistas de manifestações nas bordas da circulação, há um espectro inusitado, aberto, fluído, não linear, construído no embate e na disputa de sentidos que ampara e garante lugar, inclusive, por meio da interdiscursividade, a exposições antagônicas aos efeitos visados, como a própria expressão do ódio, por exemplo.

O sujeito lida com várias injunções, de modo voluntário, ou não, como a linguagem que age sobre ele produzindo surpresas e também dissabores. Nestas condições, o sujeito individual ou institucional, não é o mestre da atividade discursiva, mas efeito do seu funcionamento na medida em que se encontra “constrangido” ou “mobilizado” por uma ordem que o transcende, como algo complexo que é aquele da interdiscursividade. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

²² Charaudeau (2010, s/p).

Surge, então, na visão de Fausto Neto, um protagonismo da interdiscursividade que assume lugar central na discussão da pluralidade de criação e produção de sentidos. Ora, com o surgimento desse novo lugar da manifestação de possíveis efeitos reais e não visados, a interdiscursividade tem sua produção configurada em sentido multilateral - a interdiscursividade opera a partir da produção, mas também, a recepção oferece, por sua vez, um outro espaço de construção de sentidos que implicará novamente nos efeitos.

Assim, a circulação seria, na visão de Fausto Neto, esse novo lugar receptivo que também é de produção e regulação de sentidos.

Defronta-se com uma “questão ternária”, pois a possibilidade de enunciar, ou de se constituir na coenunciação, subentende à sua “submissão”, uma ordem que o transcende e que remete seus pedidos e intenções, à dimensão interdiscursiva. Trata-se da complexificação do processo da comunicação e não de sua desobjetivação: não se trata da supressão dos lugares de produção e da recepção de discursos, mas de sua subordinação à configuração de novos regimes de discursividades nos quais o discurso está preso. Trata-se da ordem interdiscursiva onde a circulação – como “terceiro” – se oferece como um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

Destaca-se que a visão empreendida por Fausto Neto apresenta, novamente, uma ruptura com os modelos que compreendem a circulação como esse lugar que oferece abrigo às estratégias discursivas em seu estado bruto. Em sua ótica, a circulação, demarcada pelas tecnicidades e inseridas nesse contexto que é altamente interdiscursivo, conflui para uma “zona de indeterminação” que abre espaço para uma lógica produtiva de efeitos de infinitas possibilidades.

Desta perspectiva, o conceito de circulação distancia-se da problematização anteriormente que a concebia como “zona insondável”, “intervalo” ou “passagem”, e também como ato discursivo de um sujeito a outro, em instância de produção à recepção. É uma zona de indeterminação criada pela existência e manifestação de um terceiro elemento que vem funcionar como um dispositivo, enquanto espaço gerador de potencialidades. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

É notório que a visão de Fausto Neto (2010) sobre as pistas de recepção que operam nas bordas da circulação trata de uma visão contemporânea sobre as mídias, com destaque para aquelas que são interativas. Essa questão assinala a importância sobre a compreensão de uma forma aprofundada sobre as mídias, como esse lugar de potencialidades para a construção do fazer social.

III.III TIPOLOGIAS DO DISCURSO E O ESPAÇO COMENTÁRIO COMO JANELA DA EXTENSÃO INTERPRETATIVA DO CONTEÚDO

Em “Discurso das mídias”, o linguista francês Patrick CHARAUDEAU (2013) enumera, sobretudo, a relevância de uma compreensão das mídias para além da máquina. Ora, na visão do pesquisador seria necessário, sobretudo, que se observem os fluxos discursivos operados dentro do contexto midiático como potencialidades mediadas e mediadoras, sobretudo, das realidades que alcançam a cena social. “[...] para além da economia e da tecnologia, há o simbólico, essa máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores. (CHARAUDEAU, 2006, p. 27).

Dentro desse contexto, insere-se a problemática de que, assim como a recepção não seria lugar de resgate das estratégias discursivas *in natura*, as mídias, dentro do circuito declarado informativo, também não caberia uma ordem de transmissão translúcida ou imparcial dos fatos sociais. Ora, apropriando-se da metáfora da opacidade, CHARAUDEAU (2013) delimita que mesmo às informações que circulam nas mídias, às quais caberia um reflexo imparcial da realidade, cabe uma inevitável dose de opacidade. O linguista ainda acrescenta que a essa opacidade atribui-se uma questão de interferência e mediação da realidade e do espaço público.

As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público. A informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem, que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade, que se descobre de forma patente quando produz efeitos perversos (CHARAUDEAU, 2006, p. 19)

Em seus pensamentos, CHARAUDEAU (2013) trata, principalmente, do discurso midiático televisivo, com destaque para os recortes jornalísticos com visada informativa, entretanto, apresenta uma profundidade teórica que analítica que

também pode significar ponto de partida para a reflexão sobre as novas mídias no contexto das tecnicidades.

Ora, nesse sentido, CHARAUDEAU (2013) contrapõe a visão simplista atribuída às mídias como janelas do mundo. Em suas provocações, o pesquisador demonstra que, se elas são as janelas do mundo, são janelas difrativas que mais recortam e tiram de cena do que enquadram os fragmentos da realidade. Há de se destacar ainda que a esses enquadramentos selecionados para serem transmitidos e publicizados resta uma grande medida difrativa, causada por uma opacidade ideológica.

A ideologia do “mostrar a qualquer preço”, do “tomar visível o invisível” e do “selecionar o que é o mais surpreendente” (as notícias ruins) faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel. Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU, 2006, p. 20).

Desse modo, as mídias não constituem a pura representação do espaço público, mas sim, correspondem a uma representação altamente opaca e altamente distorcida dos fatos. Ora, nessa perspectiva, a realidade não apenas media o espaço da mídia e oferece insumos para a proliferação de seus discursos, como também é mediada pelas representações que nela circulam.

Com isso, as mídias não são a própria democracia, mas são o espetáculo da democracia, o que talvez seja, paradoxalmente, uma necessidade. Com efeito, o espaço público como realidade empírica é composto: desdobram-se, aí, práticas diversas, sendo umas de linguagem, outras de ação, outras de trocas e de organização em grupos de influência. (CHARAUDEAU, 2006, p. 20).

Destacando o discurso informativo, Charaudeau demonstra que a análise da informação se refere a um processo de entendimento das circulações de signos em situações puramente comunicativas. Ora, voltar o olhar para a informação significa voltar-se para o entendimento da “linguagem enquanto ato de discurso” e se debruçar sobre o entendimento das produções de sentido dentro de uma lógica de visada de efeitos. “[...] pode-se dizer que a informação implica processo

de produção de discurso em situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 20).

Qualquer que seja a pergunta que se faça a respeito da informação, volta-se sempre para a questão da linguagem. A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de *discurso*, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 59).

Ora, se não estariam inseridos em uma lógica de representação factual da realidade, onde estariam presentes os discursos informativos? Inseridos em um contexto mercadológico de disputa por consumidores, eles correspondem, na visão de CHARAUDEAU (2013), em uma lógica de atração de interesses, daí a necessidade de se utilizar de inúmeras estratégias discursivas com a visada da captação. Vale ainda acrescentar que o discurso informativo está inserido dentro de um modelo de atração, porém, atração por meio da credibilidade, uma vez que o maior desafio é o da provação do *ethos* da informação. “Num discurso de informação, é preciso, ao contrário, provar a veracidade dos fatos transmitidos: o modelo proposto é o da credibilidade” (CHARAUDEAU, 2006, s/p).

Os acontecimentos que surgem no espaço público não podem ser reportados de maneira exclusivamente factual: é necessário que a informação seja posta em cena de maneira a interessar o maior número possível de cidadãos—o que não garante que se possam controlar seus efeitos. Sendo assim, as mídias recorrem a vários tipos de discursos para atingir seus objetivos. (CHARAUDEAU, 2006, p. 59).

Assim, além do discurso informativo, CHARAUDEAU (2013) aprofunda-se sobre outros três tipos de produções discursivas - o propagandista, o demonstrativo e o didático. E os coloca em relação ao informativo. Sua visão é a de que o discurso informativo é dotado de certo protagonismo, a partir do momento em que os outros também se inserem, em certa medida, na lógica informativa. “[...] o informativo tem uma posição central, na medida em que os discursos demonstrativo, didático e propagandista compreendem de algum modo uma parte de atividade informativa” (CHARAUDEAU, 2006, p. 61).

- **Discurso propagandista:** tem como finalidade a persuasão e adesão de um público. “Num discurso propagandista, não há nada a provar: o modelo

proposto é o do desejo” (CHARAUDEAU, 2006, s/p). Volta-se para um auditório que é imaginado e idealizado, porém, CHARAUDEAU (2013) atenta para que os efeitos nascidos na esfera da recepção dependerão sobretudo de causalidades mediadoras de ordem extradiscursivas e extra-relacional com a esfera da produção.

O propagandista, para seduzir ou persuadir o alvo, o informativo, para transmitir-lhe saber. Em ambos, a organização do discurso depende das hipóteses feitas a respeito do alvo, especificamente a respeito dos imaginários nos quais este se move. Assim, tais hipóteses constituem filtros que relativizam a verdade do mundo comentado. Constata-se que, se é necessário analisar os fatos de discurso numa perspectiva pragmática, isto é, em relação com a ação ou com os atos que os acompanham, deve-se evitar a ingenuidade de pensar que discurso e ação se ligam por uma relação de causalidade direta. (CHARAUDEAU, 2006, p. 59).

- **Discurso científico:** está inserido em uma problemática da prova, porém, com destaque para a demonstração racional. Há de adicionar que ele parte de uma lógica de simetria - ora, seu interlocutor seria um especialista. No discurso informativo, há uma necessária didaticidade.

[...] inscreve a prova num programa de demonstração racional. A tecnicidade desse programa impede que ele seja desenvolvido num discurso informativo cujo alvo seja muito amplo. Com efeito, o interesse principal do discurso demonstrativo reside na força argumentativa de seu conteúdo, como se o destinatário fosse secundário, ou melhor, como se houvesse o pressuposto de que o destinatário já é interessado de antemão pela proposta do cientista ou do especialista e de que possui um saber também especializado. (CHARAUDEAU, 2006, p. 61).

- **Discurso didático:** no discurso didático, há uma necessidade de explicitação da explicação. Ora o discurso deve ser alcançável, deve estar em uma zona de perfeito acesso à maior parte dos sujeitos aos quais se destina. Quanto maior a quantidade de sujeitos, maior será a necessidade de garantia de acesso.

Ela depende do alvo construído pelo sujeito que conta ou explica: quanto mais amplo for o alvo, tanto no plano sociológico quanto no intelectual e cultural, maior a necessidade de que o saber que deu origem à informação seja transformado, ou mesmo deformado, para parecer acessível ao alvo. Isso explica, em parte, que a vulgarização praticada pela televisão seja mais deformante do que a praticada pelo rádio ou pela imprensa. (CHARAUDEAU, 2006, 61).

Há de se destacar que, na conjuntura das mediações culturais no contexto das tecnicidades, salta, como visto anteriormente, uma instância de recepção que deixa pistas para a recuperação de seu estado bruto. Esse, por sua vez, no contexto das redes sociais, pode ser observado dentro de comentários feitos por sujeitos em relação às mais diversas produções discursivas.

Esses sujeitos assumem, como a própria instância denomina, papéis contratuais de descritores ou, como denomina CHARAUDEAU (2013) comentadores da produção discursiva. Em sua visão, a problemática do sujeito comentador que, ora se articula em um papel receptor, ora de produtor, está inscrita na ocupação de uma zona que não pertence nem ao contrato do discurso científico, nem do da didaticidade, muito menos, ao propagandístico.

Desse modo, a atividade do comentarista funda-se a partir de um exercício de análise que ocupa o território da causalidade - ora, a pergunta inscrita e à qual todo comentarista se atribui se inscreve no “porquê”.

Comentar o mundo constitui uma atividade discursiva, complementar ao relato, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e o com o dos seres que se acham no mundo e dos fatos que aí se produzem. No fundo, desde a Antiguidade, pelo menos, o homem sempre tentou responder à questão de seu destino, desenvolvendo duas atividades discursivas complementares: o relato e o comentário. Relato (narrativa) e comentário estão intrinsecamente ligados, a ponto de os teóricos da linguagem se dividirem, ainda hoje, entre duas posições extremas: os que sustentam que “tudo é narrativa” e aqueles que afirmam que “tudo é argumentação”. Na verdade, essa dupla atividade discursiva empreende a mesma busca: conhecer o porquê dos fatos, dos seres e das coisas, e, com essa finalidade, comenta-se contando ou conta-se comentando. (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

CHARAUDEAU (2013) contrapõe o comentário em relação à atividade do relato. Ora, essas duas categorias seriam complementares, porém, distintas entre si. Se, por um lado, o relato constitui uma visão de mundo que oscila entre o rigor e o desprendimento da realidade, o comentário seria dotado de uma visão de mundo que se atribui a intenção de explicá-lo.

Apesar dessa convergência, essas duas atividades apelam para diferentes faculdades da mente e para diferentes processos de discursivização. O relato propõe uma visão de mundo da ordem do

conotativo, mesmo quando se trata de uma pura invenção.[...]o mundo proposto no relato é um testemunho possível da experiência humana. Cada um pode encontrar-se ou projetar-se no mundo relatado, ou então, rejeitá-lo. O comentário argumentado impõe uma visão do mundo de ordem explicativa. (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

Assim, o comentador ocupa-se de uma instância de análise e de descortinamento dos acontecimentos ou dos discursos recebidos. Ele não traz uma realidade imaginada, mas, sim, parte da imposição daquilo que se imagina ser e, a partir de sua visão, ora rigorosa, ora difrativa, conclui - o mundo é, assim como ele o vê.

Não se contenta em mostrar ou imaginar o que foi, o que é ou o que se produz; o comentário procura revelar o que não se vê, o que é latente e constitui o motor (causas, motivos e intenções) do processo evenemencial do mundo. Problematiza os acontecimentos, constrói hipóteses, desenvolve teses, traz provas, impõe conclusões. (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

Dessa maneira, todo comentarista seria, nessa perspectiva, uma espécie de receptor de um conteúdo, mas também ocupante de uma cadeira de produtor de novos discursos que mediarão outras e infinitas instâncias receptivas. Assim, configura-se como juiz da realidade que, apropriando-se de estratégias discursivas que oscilam entre a didaticidade, a ciência e a informação, avalia e conclui sobre uma produção discursiva. “Aqui não se é chamado a projetar-se no mundo contado, mas a avaliar, medir, julgar o comentário, para tomar a decisão de aderir ou rejeitar, seguindo a razão” (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

Dessa maneira, o comentário opera em uma lógica contratual da agressividade. Ora, coloca o sujeito em uma zona de produção de analista dos fatos, porém, ele não apenas os analisa como também os dispõem e os reorganiza frente ao leitor para que ele tome uma posição - assim exige de seu interlocutor uma atuação que é intelectual sobre o discurso. Assim, Charaudeau delimita - o comentário é, em suma, dotado de certa histeria.

Pode-se então dizer que o relato é aparentemente menos agressivo do que o comentário. O relato apenas solicita uma possível identificação da parte de quem toma conhecimento dele, e se, apesar de tudo, é recusado, ninguém (nem autor, nem leitor) precisa sentir-se culpado (feliz liberdade do relato!). O comentário, em contrapartida, põe o leitor em questão: exige uma atividade intelectual, um trabalho de raciocínio, uma tomada de posição contra ou a favor, e desta atividade não há

ninguém , no fim da troca, que saia incólume (o comentário é histérico). (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

Dessa maneira, o ato discursivo inscrito na zona contratual do comentário atua nas mídias, mas também se refere a todo o momento a elas. É, na visão de Charaudeau, um modo discursivo, diferente do discurso didático, que é peculiar às mídias, nasce, morre e se alimenta delas. “Trata-se, aqui, de descrever as características do comentário enquanto modo discursivo desenvolvido pelas mídias” (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

CHARAUDEAU (2013), em seus pensamentos, ainda amplia a noção de comentário e o retira da cena midiática e o coloca em uma atividade mais democrática que pode pertencer a qualquer sujeito e, ainda, que reside em um encontro com todo e qualquer acontecimento noticiado. Ora, nesse sentido, se o comentário se encontra em uma zona de julgamento, ele é passível de fertilização a partir de qualquer acontecimento comunicado - assim, todo acontecimento pode ser julgado e todo sujeito pode se tornar juiz (comentador) dessa relação.

III.IV O ACONTECIMENTO CONSTRUÍDO: O ÓDIO E O JOGO DE ESTEREÓTIPOS E SIMPLIFICAÇÕES NA OPINIÃO PÚBLICA

Nesse contexto, porém, o linguista francês atenta à questão de que os acontecimentos que alcançam aos julgamentos serão sempre construídos. De modo categórico, ele afirma “o acontecimento é sempre construído” (CHARAUDEAU, 2006, p. 95). Desse modo, a zona receptiva que se estabelece e pode se apropriar da atividade comentarista, no contexto das mídias, jamais se formará a partir de fatos sociais em estado grosseiro.

Ao contrário, a recepção, na cena midiática, é atravessada por acontecimentos a serem julgados dotados de certa polidez e refino feitos a partir de um sujeito que é enunciador em primeira instância. A partir desse processo, situado em uma zona articulada entre a instância de transformação e transação é que ocorre a construção de sentido de um discurso.

[...] definimos o mecanismo de construção do sentido de discurso como resultando de um duplo processo de transformação e de transação. Da relação dialética que se instaura entre esses dois processos, ressalta que o “mundo a comentar” nunca é transmitido tal e qual à instância de recepção. Ele passa pelo trabalho de construção de sentido de um sujeito de enunciação que o constitui em “mundo comentado”, dirigido a um outro do qual postula, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença. O acontecimento se encontra nesse “mundo a comentar” como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito, em estado bruto, antes de sua captura perceptiva e interpretativa. Assim sendo, o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível. (CHARAUDEAU, 2006, p. 95).

Sobre as difrações sofridas pelos acontecimentos que ocupam as cenas públicas, Lippman (2008) auxilia e aprofunda a compreensão desse processo em sua profundidade. Segundo ele, à complexidade caberia o protagonismo dessa relação que se estabelece a partir dos fatos sociais que alcançam as respostas humanas ou a instância da recepção. Ora, a realidade apresenta-se com demasiada complexidade à limitada compreensão humana e, dessa maneira, para a digerir, resta aos sujeitos aplicar aos fatos sociais certa dose de simplificação.

Pois o ambiente real é excessivamente grande, por demais complexo, e muito passageiro para se obter o conhecimento direto. Não estamos equipados para tratar com tanta sutileza, tanta variedade, tantas modificações e combinações. E embora tenhamos que agir naquele ambiente, temos que reconstruí-lo num modelo mais simples antes que poder manejá-lo. (LIPPMAN, 2008, p. 31).

Dessa maneira, cabe ao analista da opinião pública reconhecer a articulação presente entre o que Lippman (2008) chama de uma relação triangular estabelecida entre as imagens dos fatos sociais, as imagens feitas a partir delas e os comportamentos humanos que novamente implicam em um mundo que é real e construirão novos fatos sociais passíveis de novas interpretações e imagens. “O analista da opinião pública precisa começar reconhecendo a relação triangular entre a cena da ação, a imagem humana daquela cena e a resposta humana àquela cena atuando sobre a cena da ação” (LIPPMAN, 2008, p. 31).

Aqui, nos pensamentos de Lippman, novamente a cultura aparece como elemento mediador dos julgamentos e entendimentos dos sujeitos a partir dos acontecimentos. Assim, nesse processo a cultura dá lugar a um emaranhado de pré-concepções que auxiliam na interpretação, assimilação e julgamento desse mundo demasiadamente complexo.

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro, então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura. (LIPPMAN, 2008, p. 85).

Desse modo, a interpretação e o entendimento do mundo passam, primeiramente, por uma instância interpretativa que é formulada previamente, antes mesmo das origens dos acontecimentos. “Imaginamos a maior parte das coisas antes de as experimentarmos. E estas preconcepções [...] governam profundamente todo o processo de percepção” (LIPPMAN, 2008, p. 85).

Todo esse processo, enunciado e esclarecido por Lippman, é o que ele chama de estereótipos. Ora, se todo acontecimento é um fato que é construído e passível de julgamento ou comentários (CHARAUDEAU, 2008), esses últimos, por sua vez, não se constituem na instância do recebimento do fato, mas sim, em um lugar prévio que se dá a partir de um grande emaranhado de conceitos e pré-concepções delimitadas pela cultura - a esse lugar denomina-se estereótipo.

Dialogando com Lippman, Baldissera (2009) auxilia no aprofundamento sobre a zona interpretativa como esse lugar de aproximação com o real, que pode transitar na oscilação entre o fiel e a aberração. Ora, isso ocorre, pois, ao signo, condição primária para o ato comunicativo, resta uma captura parcial e inacabada da complexa teia da realidade.

Dessa maneira, se o signo não consegue apreender o mundo (independentemente da configuração de sua realidade: material, abstrata, sonho, imaginário e /ou qualquer outra forma de existência), e a significação experimenta o permanente “vir a ser”, então a interpretação é da condição do possível. Nesse sentido, mediada pelas linguagens, a compreensão de mundo, dos fenômenos, da existência,

também tenderá a ser apenas parcial, uma aproximação. (BALDISSERA, 2009, p. 154).

Desse modo, ao ato comunicativo é precípua a esfera do diálogo. Esse campo, na visão de Baldissera (2009) assinala uma condição de gerúndio à comunicação, que acontece no fazer cotidiano de uma tensão de significações:

Posto isso, importa destacar que o fato de a comunicação ser definida como disputa dialógico-recursiva de sentidos, diferentemente do que possa parecer, não significa que seja/deva ser entendida como desordem pura, libertinagem em que tudo é permitido. Trata-se, sim, de pontuar a fertilidade e a ebulição do/no processo que aproxima e tensiona forças para o diálogo. (BALDISSERA, 2009, p. 155).

Ainda, recorrendo ao conceito de estereótipo, Lippman (2008) o elucida como algo que nunca vem sozinho - esse emaranhado previamente definido pela cultura vem acompanhado de uma intensa rede de sentimentos. “Seja lá o que invoque, o estereótipo é um julgamento com o sentimento apropriado” (LIPPMAN, 2008, s/p).

Dessa maneira, amor, ódio, cólera, ira, nojo - a evocação de qualquer uma dessas emoções depende, primeiramente, do resgate de uma rede de estereótipos que, de certa maneira, tornou-se apropriada por meio da cultura no qual aquele sujeito está inserido.

Esta filosofia é mais ou menos uma série organizada de imagens para descrever o mundo não visto. Mas não somente para descrevê-lo, para julgá-lo também. E, portanto, os estereótipos estão carregados de preferência, cobertos de afetos ou aversão, ligados aos temores, avides, fortes desejos, orgulho, esperança. (LIPPMAN, 2008, p. 115).

E é exatamente a partir dessa perspectiva, de que as interpretações e os julgamentos do mundo são feitos a partir de imagens estereotipadas com sentimentos apropriados, que Lippman delimita a existência da opinião pública.

Em sua visão, a opinião pública²³ que interessa às ciências seria aquela com Os e Ps maiúsculos, ou seja, a Opinião Pública - isso ocorre, pois, seriam as imagens formuladas por grupos e, esses, por sua vez, possuiriam grande representatividade de intenções e julgamentos e poderiam, de maneira, coletiva agir nos fatos sociais. “Aqueles imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome de grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas” (LIPPMAN, 2008, p. 40).

Dessa maneira, Matheus complementa a visão oferecida por Lippman sobre a Opinião Pública e assume que, na prática, todas as opiniões seriam, em certa medida, formadas a partir da coletividade.

A rigor não existe opinião puramente individual. Todo indivíduo, quando expressa sua opinião, não só a está tornando pública, como também externando algo que decorre de sua relação com o grupo social a que pertence e também à época e às circunstâncias históricas, políticas, sociais e econômicas do momento vivido pelo grupo. Seria, portanto, incorreto separar a opinião individual da opinião pública. Mais correto seria distinguir a opinião expressa da opinião oculta. (MATHEUS, 2011, p. 11)

Ainda, aprofundando a visão de que as opiniões acontecem e são possíveis a partir dos acontecimentos (CHARAUDEAU, 2006) que atravessam aos sujeitos, Farias auxilia em uma robusta compreensão e delimita que a opinião forma-se a partir do contato com a informação, no entanto, ela também será delimitada pelo que elucida como “lentes próprias a cada pessoa” ou estereótipos (LIPPMAN, 2008).

A opinião se forma diante do acesso à informação - aquelas oriundas de fontes sobre as quais o interlocutor opte por ter como base informacional, ou seja, a formação da opinião antecede ao processo da informação, seja pela escolha das fontes, seja pela capacidade de decodificação -, seu processamento e geração de um código de entendimento definido a partir de lentes próprias a cada pessoa,

²³ Lippman (2008, p. 40) delimita que a opinião pública com o e p minúsculo seria aquela formada por indivíduos, de modo fragmentado.

Aqueles aspectos do mundo exterior que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião pública. (LIPPMAN, 2008, p. 40).

gerando enunciação e possível embate-encontro com outras opiniões, chegando ao consenso. (FARIAS, 2019, p. 43).

PARTE II

CAPÍTULO IV

IV.I ANÁLISE DE CORPUS E ESTUDO DE CASO COM TÉCNICA DE INTERPRETAÇÃO DE CONSTRUÇÃO DA EXPLICAÇÃO

Uma técnica bastante utilizada em ciências sociais, o estudo de caso consiste em um modelo de pesquisa bastante amplo que incorpora diversas abordagens de tratamento e interpretação de dados.

Em outras palavras, o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo - com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados. (YIN, 2001, p. 33).

Desse modo, Yin delimita que a recomendação do estudo de caso é adequada, sobretudo, quando o principal objetivo seria o esclarecimento ou o aprofundamento sobre alguma deliberação.

A essência de um estudo de caso, a principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que ela tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados. (YIN, 2001, p. 33).

Dessa maneira, compreendendo que o desafio científico assumido para esse trabalho consiste em responder à pergunta: *“Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública? - entende-se que o estudo de caso seria recomendado como técnica, sobretudo, para garantir uma visão ampla e aprofundada sobre o corpus selecionado. Ainda, justifica-se com a intenção de compreender as nuances presentes dentro da complexidade de um caso de grandes proporções, tal qual o corpus aqui selecionado.*

Dessa maneira, há de acrescentar que o estudo de caso, dentro do contexto do atual estudo, justifica-se, também, pois cabe a essa técnica coletar dados dentro de um contexto real e não controlado, ou seja, sem interferência do pesquisador.

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Em outras palavras, você poderia utilizar o método de estudo de caso quando deliberadamente quisesse lidar com condições contextuais - acreditando que elas poderiam ser altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo. (YIN, 2001, p. 32).

Outro ponto que impacta na decisão por essa técnica é a peculiaridade do corpus de análise que, em certos momentos, demandará o levantamento de fontes de dados que extrapolem o nível dos comentários. Essa demanda acontece, sobretudo, com a finalidade de entendimento do contexto do ocorrido e, inclusive, de questões que extrapolem o nível do discurso ou que operem na extradiscursividade e, por sua vez, possam implicar em uma melhor compreensão das estratégias discursivas selecionadas pelas audiências ativas.

Ainda, a origem do desafio científico aqui abordado que tem como origem uma explanação - como - aponta novamente para a recomendação do uso do estudo de caso na pesquisa aqui proposta. Sobre a questão, Yin auxilia nessa compreensão:

Em contraste, questões do tipo "como" e "por que" são mais explanatórias, e é provável que levem ao uso de estudos de casos, pesquisas históricas e experimentos como estratégias de pesquisa escolhidas. Isso se deve ao fato de que tais questões lidam com ligações operacionais que necessitam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições ou incidências. (YIN, 2001, p. 25).

A questão elaborada por Yin (2001) torna-se um pouco mais evidente no quadro exposto abaixo. Em sua visão, é possível observar que perguntas que se propõem a responder questões de origem sobre como e por que teriam como recomendação de técnica a abordagem do estudo de caso.

Figura 23: formas de questão de pesquisa e recomendações de técnicas de estudo.

| estratégia | forma da questão de pesquisa | exige controle sobre eventos comportamentais? | focaliza acontecimentos contemporâneos? |
|---------------------|------------------------------------|---|---|
| experimento | como, por que | sim | sim |
| levantamento | quem, o que, onde, quantos, quanto | não | sim |
| análise de arquivos | quem, o que, onde, quantos, quanto | não | sim/não |
| pesquisa histórica | como, por que | não | não |
| estudo de caso | como, por que | não | sim |

Fonte: Yin, 2001, p. 24

Desse modo, vale destacar que, de modo um pouco mais profundo recomenda-se também como técnica de interpretação e análise desses dados o que Yin chama de Construção da Explicação ou da Explicação. Esse tratamento justifica-se, sobretudo, em pesquisas de nível exploratório, ou seja, que abre espaço para a construção de ideias ou de uma explicação sobre o objeto analisado.

Aqui, o objetivo é analisar os dados do estudo de caso construindo uma explicação sobre o caso. Como usado neste capítulo, o procedimento é especialmente importante para os estudos de caso explanatórios. Um procedimento similar, para os estudos exploratórios, vem sendo comumente considerado parte de um processo de geração de hipóteses; no entanto, seu objetivo não é concluir o estudo, mas desenvolver idéias para um novo estudo. (YIN, 2001, p. 140).

Desse modo, o modelo de construção da explicação ou da explicação implica, sobretudo, em investigar alguns possíveis elos causais para o levantamento de ideias. Esse levantamento, acontece, sobretudo, sob a forma de uma narrativa que dê conta da investigação dos possíveis pilares de causas.

"Explicar" um fenômeno significa estipular um conjunto de elos causais em relação a ele. Esses elos são similares às variáveis independentes no uso previamente descrito de explicações concorrentes. Na maioria dos estudos, os elos podem ser complexos e difíceis de se avaliar de

uma maneira precisa. Em grande parte dos estudos de caso existentes, a elaboração de explanação ocorreu sob a forma de narrativa. (YIN, 2001, p. 140)

IV.II SOBRE O ACONTECIMENTO

25 de janeiro de 2019, 12h28 - horário do almoço - cerca de 200 funcionários da mineradora Vale se reuniam, como faziam rotineiramente, para almoçar no refeitório do Complexo do Córrego do Feijão - um barulho alto ecoa.

25 de janeiro de 2019, 12h29 - a mesma paisagem do refeitório já não existia mais. Escritórios, veículos, máquinas pesadas, a região do Córrego do Feijão e Parque da cachoeira e 200 funcionários - tudo virara uma uniforme e grande massa de lama.

O motivo - mais um rompimento de barragem de uma das minas da mineradora Vale, a principal mineradora de ferro do mundo²⁴. Desta vez, a sustentação de cerca de 1.86m de altura havia se rompido. Ao todo, estima-se que o espalhamento de toda a lama durou apenas 90 segundos, isso foi possível, pois ela invadiu a região a uma velocidade de 70 km/hr (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

²⁴ A Vale é responsável por 80% do minério de ferro exportado pelo Brasil (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Figura 24. Cena da destruição causada pelo rompimento da barragem



Fonte: bbc.com.br, acesso em julho de 2021.

Figura 25. Imagens da cidade de Brumadinho que foi destruída pela Lama do rompimento da barragem do córrego do Feijão, da mineradora Vale.



Fonte: bbc.com.br, acesso em julho de 2021.

A barragem rompida era responsável pelo armazenamento de restos ou rejeitos da atividade da mineração do ferro. Há inúmeros métodos de armazenagem de rejeitos, porém, o mais barato é a compactação em uma barragem. Nesse processo, há a necessidade de drenagem de líquidos para que os rejeitos endureçam e não ofereçam risco de derramamento sobre seu entorno (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021). Além disso, deve-se também plantar grama sobre o topo para a garantia de uma melhor estrutura do solo.

Ao todo, a tragédia deixou 270 pessoas mortas, sendo que até os dias atuais 11 delas não foram identificadas. No caso da barragem de Brumadinho, o rompimento fora causado, principalmente, por duas variáveis - há fontes que afirmam que a manutenção e a drenagem eram precárias e, além disso, a barragem não apenas armazenava rejeitos, como também, suas paredes eram feitas de rejeitos. "Em outras palavras, é como se o lixo da sua cozinha fosse feito, não de metal ou plástico, mas de restos compactados de frutas, legumes e carne" (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Esse tipo de técnica, proibido em outros países como Peru e Chile, chama-se barragem a montante e oferece grandes riscos, pois é mais suscetível a infiltrações e demanda manutenção extra. Em entrevista ao veículo de comunicação BBC, o geólogo e professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), explica:

É a forma mais comum porque é mais barata para se construir e mais rápida de se licenciar porque ocupa menos espaço da bacia hidrográfica. Mas é também a mais perigosa e com maior risco. Por isso países com características similares às do Brasil não usam ou estão proibindo. (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Ainda, na época do acontecimento, funcionários da Vale afirmaram que, além da segurança do sistema de armazenamento de rejeitos ser extremamente duvidosa, havia uma nascente que, há algum tempo (há pelo menos, um mês), vinha despejando água no meio da barragem. O funcionário afirmou: "Dizem que (o cano da nascente) tirava essa água para fora (da barragem). Só que esse cano foi rompido. Esse cano rompeu e essa água estava caindo no meio dela. Tanto que o meio dela era molhado." BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Figura 26. Antes e depois da região na qual ocorreu o rompimento da barragem



Fonte: bbc.com.br, acesso em julho de 2021.

Figura 27. Antes e depois da região na qual ocorreu o rompimento da barragem



Fonte: bbc.com.br, acesso em julho de 2021.

Em um de seus depoimentos à Polícia Federal, o engenheiro Makoto Namba, da empresa alemã TÜV SÜD, responsável pela inspeção da barragem, afirmou que sabia da existência dessa nascente que vertia parte de sua água dentro da barragem. Especialistas na área afirmaram, durante o acontecimento, em entrevista à BBC que havia fotografias tiradas por satélites dias antes do rompimento que mostravam que a barragem estava escura - quando isso

acontece, há grandes riscos de rompimentos. Carlos Martinez, professor de segurança de barragens nas universidades de Itajubá e de Minas Gerais afirmou:

“Há fotografias mostrando que esta área estava escura. Fotos tiradas dois, três dias antes mostrando que estava escuro, o que indica que havia água acumulada. Era evidente que havia risco” (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Outro ponto importante que colaborou para uma piora da magnitude dos efeitos foi o fato de o sistema de segurança não ter soado como aviso aos moradores para evacuarem a região. A justificativa da empresa para a sirene de alerta não ter tocado é que o rompimento da barragem foi muito rápido e acabou enterrando a sirene.

Novamente, a Vale soa como bastante equivocada em suas medidas de segurança. Segundo o especialista Sergio Medici, professor de engenharia de minas da Universidade de São Paulo, essa argumentação é inaceitável. “A sirene não é para tocar só quando a barragem cai. A sirene pode tocar quando a coisa começa a ficar crítica, às vezes semanas antes, para as pessoas ficarem em alerta” (BBC.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Além da grande destruição às cidades e vidas perdidas, a lama oriunda de barragens tem um perfil altamente tóxico, algo que pode fazer com que os impactos negativos na vida das pessoas causado pelo rompimento perdurem ao longo de muitos anos. Essa toxidade é chamada pelos especialistas em geologia como elementos traço - rejeitos de barragens são ricos em elementos nocivos à saúde humana - como óxido de ferro, amônia, muita sílica, silte, níquel, magnésio e cádmio. Esses elementos tóxicos, em alta quantidade, podem impactar no surgimento de doenças graves na população, assim como o câncer e doenças autoimunes (BBC.COM, acesso em julho de 2021).

Esses rejeitos tóxicos possivelmente não apenas terão grande impacto na vida das pessoas que moram na região, como também trazem grandes rastros de destruição à biodiversidade local. Um exemplo disso foi o Rio Paraopeba,

formador do Rio São Francisco, que recebeu boa parte dos 14 milhões de toneladas de lama derramadas pelo rompimento da barragem.

O Rio é responsável pelo abastecimento de cerca de 2.3 milhões de pessoas que moram na região. Inclusive a Região metropolitana da Capital de Belo Horizonte é abastecida pelo Rio. A Fundação SOS Mata Atlântica (OEKO.ORG.BR, acesso em julho de 2021) fez um Estudo com as amostras de água da região, meses após o rompimento, com coletas de água em 22 pontos do rio, em um trecho de 305 km.

Os resultados afirmaram que das 22 amostras, 12 tinham condições péssimas de uso. Além disso, foram identificados alto índice de metais pesados como manganês, cobre e cromo. Sobre a qualidade de vida de animais no rio, pode-se afirmar que é inexistente - o índice mínimo de oxigenação para a existência de vida aquática é de 5, e o índice mapeado no Rio pela ONG foi de 1.9 (OEKO.ORG.BR, acesso em julho de 2021).

O índice de turbidez da água, que afere a suspensão de partículas, demonstrou estar 6.5 vezes acima do normal. A lama também causou impacto nas florestas que circundam a região do rio - foram 112 hectares de florestas destruídas, das quais 55 eram de zonas de preservação. O arquipélago de Abrolhos que fica a 75km da costa da região também recebeu rejeitos.

Outro ponto bastante impactante sobre toda a tragédia sofrida por Brumadinho refere-se aos animais - assim como pessoas, muitos animais foram soterrados e mortos pela lama tóxica. Ainda, alguns que estavam em estados críticos de soterramento foram eutanasiados a tiros pela Polícia Rodoviária Federal. Isso, inclusive, gerou grande comoção nas redes sociais e em grupos ativistas (ISTOE.COM.BR, acesso em julho de 2021).

Figura 28: Muitos animais foram soterrados pela lama tóxica de um modo irreversível



Fonte: istoé.com, acesso em julho de 2021

Vale destacar que, por mais que tenha tido um impacto alarmante, Brumadinho não é um caso isolado. Assim como a barragem do córrego do Feijão, a Agência Nacional de Mineração estima que existam pelo menos 790 outras barragens de rejeitos espalhadas pelo Brasil. Desse total, mais de 200 são entendidas pela própria agência como barragens com alto potencial de estrago. Isso significa que essas barragens estão, geograficamente, próximas a comunidades, grandes rios e ecossistemas (BBC.COM, acesso em julho de 2021).

Figura 29: Barragens e seus respectivos potenciais de estrago, segundo a Agência Nacional de Mineração



Fonte: Agência Nacional de Mineração apud BBC.com, acesso em julho de 2021.

IV.III CRIMES PELOS QUAIS A VALE RESPONDE

Entre os crimes contra a fauna, flora e de poluição, a Vale e 16 funcionários da empresa e da consultoria de inspeção alemã TÜV SÜD também são acusadas de homicídio duplamente qualificado por 270 pessoas mortas pelo Ministério Público de Minas Gerais. Ainda, segundo a denúncia, há um agravante - os crimes teriam sido cometidos sem que as vítimas pudessem se defender, uma vez que o rompimento aconteceu de forma súbita (r7.com.br, acesso em outubro de 2021).

A denúncia, conta com dados do inquérito da Polícia Civil, sobre o rompimento da barragem demonstra que as empresas possuíam uma relação duvidosa e de corrupção, uma vez que o risco oferecido pela barragem era evidente às organizações que, por sua vez, omitiram os riscos aos quais a população estava exposta (r7.com.br, acesso em outubro de 2021).

Em teoria, a Vale deve se responsabilizar pela segurança de suas barragens, porém, deve atestar essa questão via uma consultoria que faça a inspeção e a emissão de laudos sobre a segurança das estruturas da operação. No caso da barragem do córrego do Feijão, a empresa responsável era a alemã TÜV SÜD, empregadora do engenheiro Makoto Namba que, em um de seus depoimentos à polícia sobre o caso, afirmou ser vítima de pressões por parte da mineradora para assinar as documentações (r7.com.br, acesso em outubro de 2021).

A lista de pessoas denunciadas integra 11 funcionários da Vale e 5 funcionários da TÜV SÜD (r7.com.br, acesso em outubro de 2021).

Vale

- Ex-diretor-presidente da Vale: Fábio Schvartsman
- Diretor do Corredor Sudeste: Silmar Magalhães Silva
- Diretor de planejamento e desenvolvimento de Ferrosos e Carvão: Lúcio Flávio Gallon Cavalli
- Gerente-executivo de Governança em Geotecnia e Fechamento de Mina: Joaquim Pedro de Toledo
- Gerente-executivo de Governança de Geotecnia Corporativa: Alexandre Campanha
- Gerente operacional de Geotecnia do Corredor Sudeste: Renzo Albieri
- Gerente de Gestão de Estruturas Geotécnicas: Marilene Lopes
- Especialista técnico em Geotecnia do Corredor Sudeste: César Grandchamp
- Engenheira sênior junto à Gerência de Geotecnia Operacional: Cristina Malheiros
- Engenheiro especialista da Gerência Executiva de Governança em Geotecnia e Fechamento de Mina: Washington Pirete

TÜV SÜD

- Gerente geral da TÜV SÜD na Alemanha: Chris-Peter Meier
- Coordenador de Projetos: Makoto Namba
- Consultor Técnico: André Yassuda

- Consultor Técnico: Arsênio Negro Jr
- Especialista Técnico: Marlísio Cecílio

Além dos crimes de homicídio, o MPMG (Ministério Público de Minas Gerais) denunciou a Vale por crime ambiental - a empresa, segundo a acusação, provocou poluição extrema, de modo que causa danos à saúde da população, e destruição da fauna e flora da região próxima ao rompimento da barragem.

Vale destacar que algumas das infrações citadas no processo, são prévias ao rompimento. Entre 2011 e 2015, a mineradora teria emitido partículas de óxido de nitrogênio de modo irregular em um terreno próximo a uma de suas usinas em Minas Gerais. Entre os anos de 2011 e 2014, a mineradora teria feito lançamento de efluentes sanitários no solo, algo que, novamente, prejudica a saúde da população (G1.COM, acesso em outubro de 2021).

Segundo a denúncia "por omissão de seus administradores e diretores responsáveis, ora denunciados, deixou de adotar medidas de precaução exigidas pela autoridade competente, expondo o meio ambiente a risco grave e irreversível". Tanto a empresa quanto os dirigentes foram denunciados por infringirem a Lei de Crimes Ambientais. (G1.COM, acesso em outubro de 2021)

IV.IV Sobre a TÜV SÜD

Em muitos momentos, quando se relata a tragédia na qual a cidade de Brumadinho foi envolvida pela mineradora Vale, surge um personagem comum - a consultoria TÜV SÜD. Com isso, entende-se a necessidade de se aprofundar o conhecimento sobre a organização.

De origem Alemã, a empresa foi fundada em 1866 e, no site corporativo da companhia, a tagline de sua marca é "TÜV SÜD, inspirando confiança para um futuro sustentável e digital" (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021, tradução da autora).

Figura 30: Capa da Brochura Corporativa disponível no site da TÜV SÜD que afirma “ TÜV SÜD, inspirando confiança para um futuro sustentável e digital”

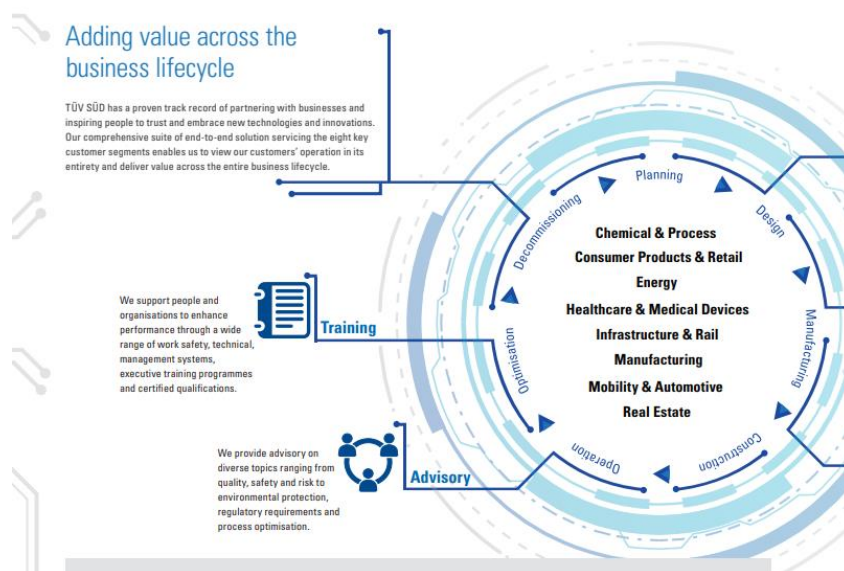


Fonte: TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021.

Em um primeiro momento, torna-se difícil a compreensão sobre o que seria o produto vendido pela empresa. No site corporativo, na sessão “Sobre a TÜV SÜD”, a empresa se define como uma empresa que “tem se esforçado para agregar valor aos governos, empresas e consumidores em todo o mundo” (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021) e que seria “a escolha mais confiável para o desenvolvimento de soluções de segurança, proteção e sustentabilidade” (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021).

A organização afirma, em seu site corporativo, ter como objetivo: “inspirar confiança na tecnologia, permitindo o progresso por meio do gerenciando de riscos relacionados à tecnologia e facilitando a mudança” (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021). E ainda, sua missão, seria “Mais valor. Mais confiança” (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021).

Figura 31: Trecho da Brochura Corporativa da TÜV SÜD. Áreas de atuação da organização.



Fonte: TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021.

Tradução da autora:

TÜV SÜD: Agregar valor ao ciclo de vida do negócio. A TÜV SÜD tem um histórico comprovado de parceria com empresas e, inspirando as pessoas, a confiar e abraçar novas tecnologias e inovações. Nosso conjunto abrangente de soluções de ponta a ponta que atende a oito segmentos nos permite visualizar a operação de nossos clientes de forma integral e agregar valor em todo o ciclo de vida do negócio. (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021, tradução da autora).

Apoiamos as pessoas e organizações para melhorar o desempenho, através de uma ampla gama de segurança no trabalho, técnica, sistemas de gestão, programas de treinamento executivo e qualificações certificadas. Oferecemos consultoria sobre diversos tópicos que vão desde qualidade, segurança e risco para Proteção Ambiental, requisitos regulatórios e otimização de processos. (TUVSUD.COM, acesso em julho de 2021, tradução da autora).

Assim, a empresa afirma ter mais de 150 anos de experiência, 1000 plantas ao redor do mundo, 25.000 funcionários e 605.000 certificações emitidas. Possui uma receita média anual de 2.5 bilhões de euros.

Com isso, analisa-se certa dificuldade na clareza na explanação da empresa sobre suas áreas de atuação. De qualquer modo, a partir da leitura, sobretudo da brochura corporativa da organização, disponível em seu site, entende-se que a TÜV SÜD disponibiliza 3 tipos de serviço:

- Auditoria e sistema de certificação
- Inspeções
- Testes e certificações de produtos

Esses serviços são disponibilizados para dez tipos de mercado:

- Indústria química
- Produtos de consumo e varejo
- Energia
- Saúde
- Infraestrutura
- Ferrovia
- Manufatura
- Mobilidade
- Automotivo
- Imobiliário

Além de, no Brasil, a consultoria ter sido denunciada pela morte de 270 pessoas, recentemente, no dia 28 de setembro de 2021, respondeu por um julgamento em Munique, na Alemanha, sobre sua responsabilidade pelo rompimento da barragem aqui no Brasil. A empresa fez a certificação da barragem quatro meses antes do seu rompimento.

A PGMBM, advocacia que representa as vítimas no caso, exige cerca de 500 mil euros de indenização às famílias e 1200 outras pessoas que foram diretamente afetadas pelo rompimento da barragem. Durante a corte:

Os advogados da TÜV SÜD lamentaram a catástrofe, mas disseram ao tribunal que a empresa não era a responsável, observando que a Vale assinou um acordo com o governo de Minas Gerais em que concordou em pagar indenização de R\$ 37,68 bilhões ao estado. (NEXOJORNAL.COM.BR, acesso em setembro de 2021).

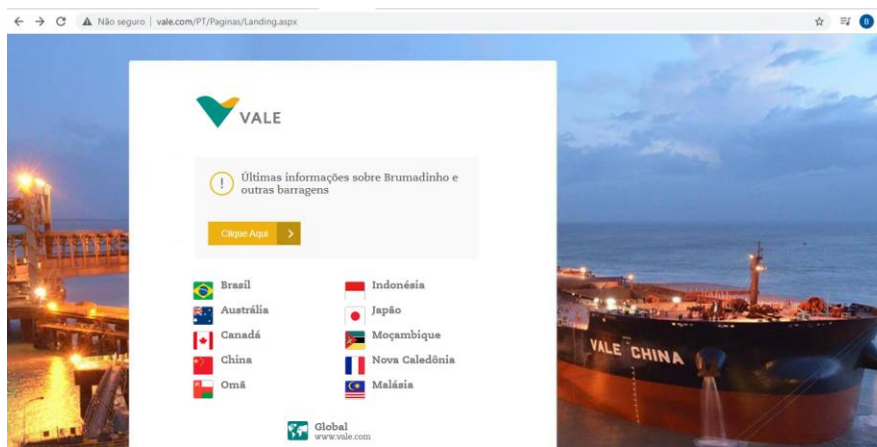
O julgamento ainda não foi encerrado e a próxima audiência acontecerá em fevereiro de 2022.

IV.V Canais de comunicação utilizados pela VALE para abordar o rompimento da barragem

Após o rompimento da barragem, a Vale deu início a uma série de ações de comunicação em seus canais corporativos sobre o ocorrido.

Primeiramente, em seu site corporativo, nota-se que na página de início do site que, inclusive, direciona o usuário para sites da Vale em diversas línguas, a organização adicionou uma sessão especial que direciona o leitor a um site específico com informações sobre as ações da Vale para contenção e reparação de danos.

Figura 32: Website da Vale com direcionamento para site especial com informação sobre contenção e reparação de danos.



Fonte: VALE.COM.BR, acesso em julho de 2021.

Essa área do site, destina o usuário a uma outra página com o título “Reparação e Desenvolvimento”, a qual, entre outras informações, conta com um balanço de reparação da Vale, desde o rompimento da barragem do córrego do Feijão, de Brumadinho.

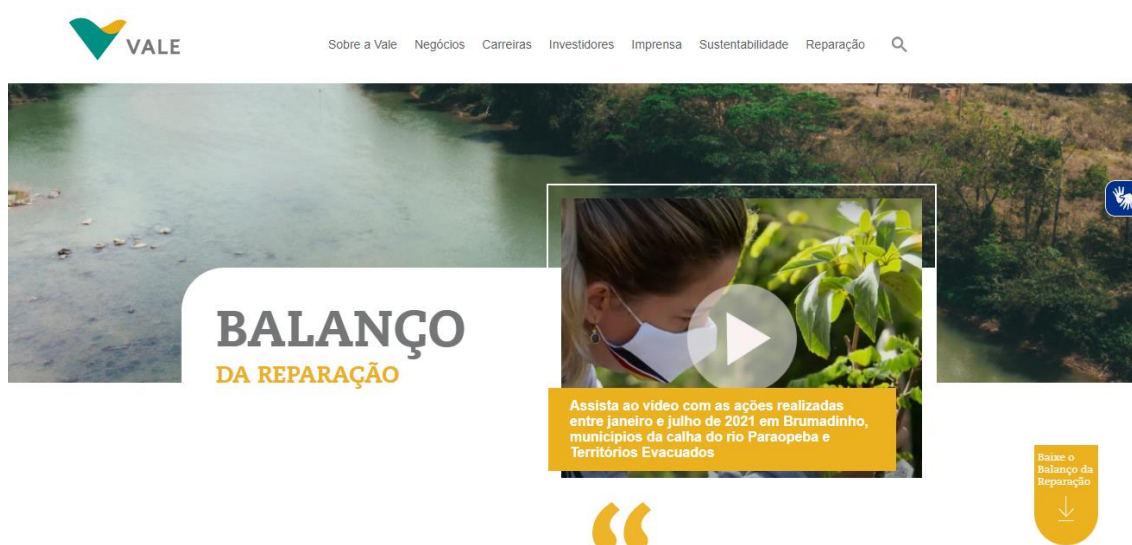
Figura 33: Área do site da vale destinada às ações de Reparação e Desenvolvimento, após o rompimento da Barragem de Brumadinho



Fonte: VALE.COM.BR, acesso em julho de 2021.

Entre os tópicos abordados na sessão, estão - indenizações, locais de atendimento humanitário, iniciativas de fornecimento de saúde à população da região, reparação ambiental (dividida entre - água, biodiversidade e animais) e segurança de barragens. Ainda há a disponibilização de uma lista de pessoas sem contato ou sem identificação e de óbitos identificados. Outro ponto que chama a atenção nessa página é um balanço de reparação. Dentro dele, pode ser observado um compilado de ações da Vale para a reparação de danos de Brumadinho.

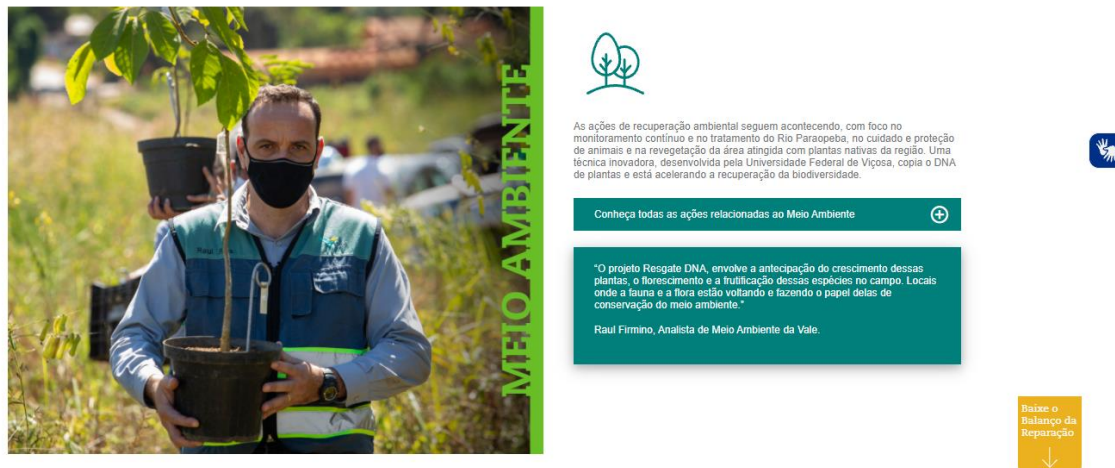
Figura 34: Área do site da vale destinada à comunicação do balanço de Reparação dos danos causados pelo rompimento da Barragem de Brumadinho



Fonte: VALE.COM.BR, acesso em julho de 2021.

A sessão está separada entre meio-ambiente, ações sociais, ações socio-econômicas, infraestrutura e territórios. Essa última etapa é dedicada à comunicação de ações de reparação de danos nas cidades onde a Vale atua, um exemplo são reformas das escolas e substituições de pontos de ônibus.

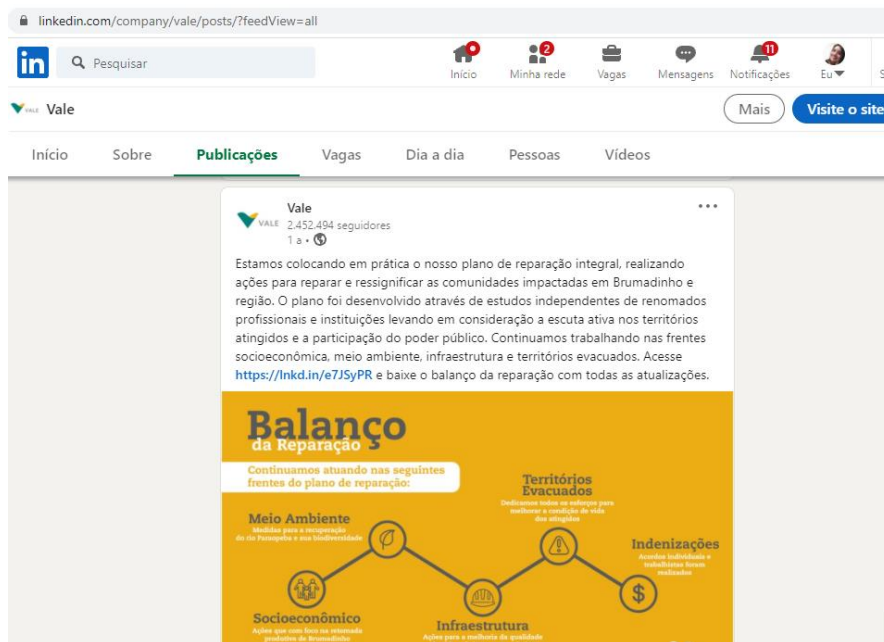
Figura 35 Área do site da vale destinada à comunicação do balanço de Reparação dos danos ao meio ambiente causados pelo rompimento da Barragem de Brumadinho



Fonte: VALE.COM.BR, acesso em julho de 2021.

Um ponto que fora observado pela pesquisadora, considerando, sobretudo, as áreas do site destinadas às ações de contenção de danos feitas pela Vale é que elas consideram os danos causados a Brumadinho. Nas áreas acima enumeradas, não foram encontradas menções significativas de ações de reparação de danos a Mariana e Bento Rodrigues.

Outro canal utilizado pela mineradora para a comunicação das ações de contenção e reparação de danos do rompimento da barragem é o LinkedIn.

Figura 36: Exemplo de postagem sobre Brumadinho no LinkedIn da Vale

Fonte: LINKEDIN.COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

Assim como as demais redes sociais da mineradora, o canal foi utilizado para a realização da comunicação sobre o rompimento da barragem via um vídeo protagonizado pelo então presidente, Fabio Schvartsman.

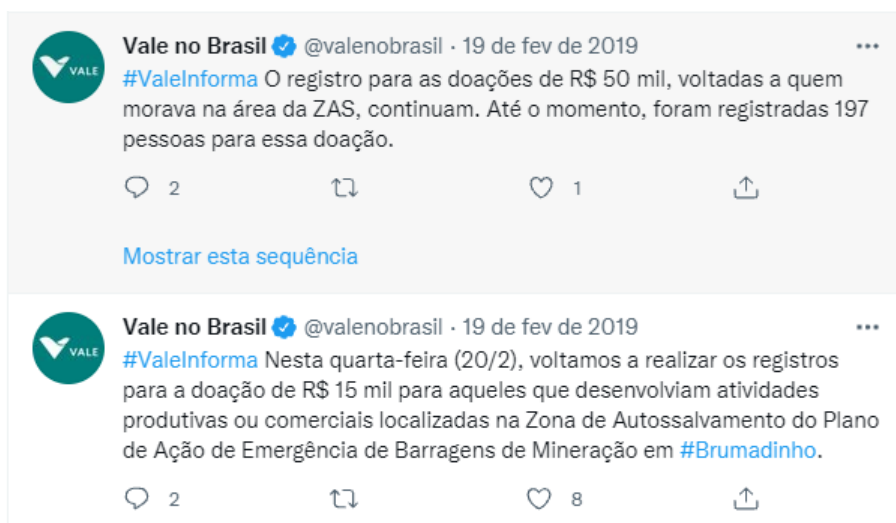
Figura 37: Pronunciamento do ex-presidente da mineradora, Fabio Schvartsman, sobre o rompimento da barragem de Brumadinho



Fonte: LINKEDIN.COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

Outro canal utilizado pela companhia para a comunicação do rompimento e das ações de contenção e reparação de danos foi o seu perfil no Twitter. O canal conta atualmente com 146 mil seguidores.

Figura 38: Exemplos de postagens do perfil da Vale no Twitter sobre as ações de contenção e reparação de danos



Fonte: TWITTER. COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

Com 217 mil seguidores no Instagram, a Vale também se utilizou de seu perfil para a comunicação sobre o rompimento:

Figura 39: Exemplos de postagens do perfil da Vale no Instagram sobre as ações de contenção e reparação de danos



Fonte: INSTAGRAM. COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

Um recurso utilizado pela organização para a comunicação de seus seguidores sobre as ações da organização foi o destaque “balanço” nos *stories*. Dentro do destaque, é possível ver uma versão resumida das ações de contenção de danos elencadas dentro do website da companhia.

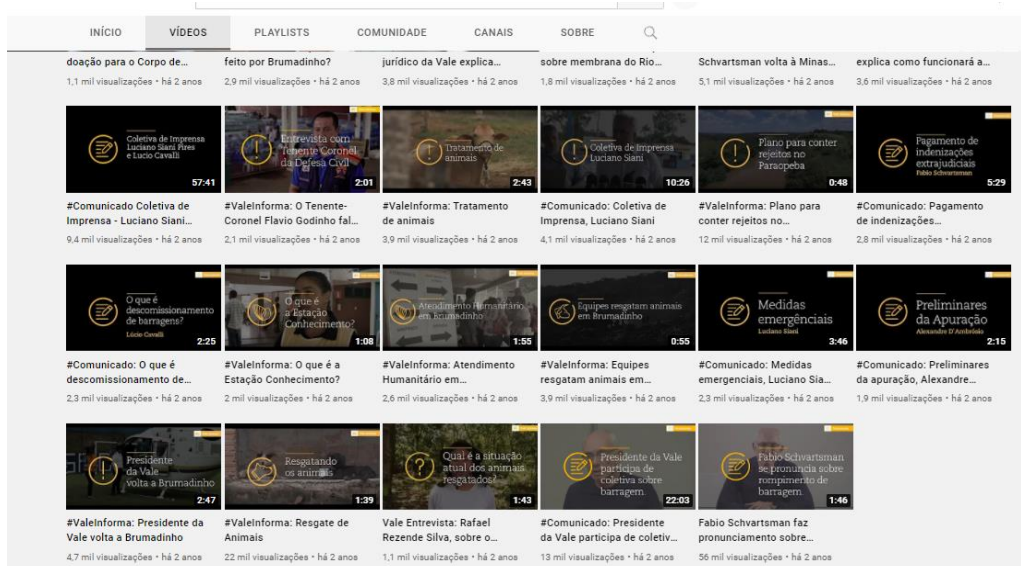
Figura 40: Exemplos de postagens do perfil da Vale no Instagram sobre as ações de contenção e reparação de danos.



Fonte: INSTAGRAM. COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

Ademais, com 96 mil inscritos, a mineradora teve a mesma iniciativa em seu perfil no Youtube. Ao todo, foram postados mais de 60 vídeos pela companhia sobre suas ações para redução de danos.

Figura 41: Exemplos de vídeos no canal da Vale no Youtube sobre as ações de contenção e reparação de danos.

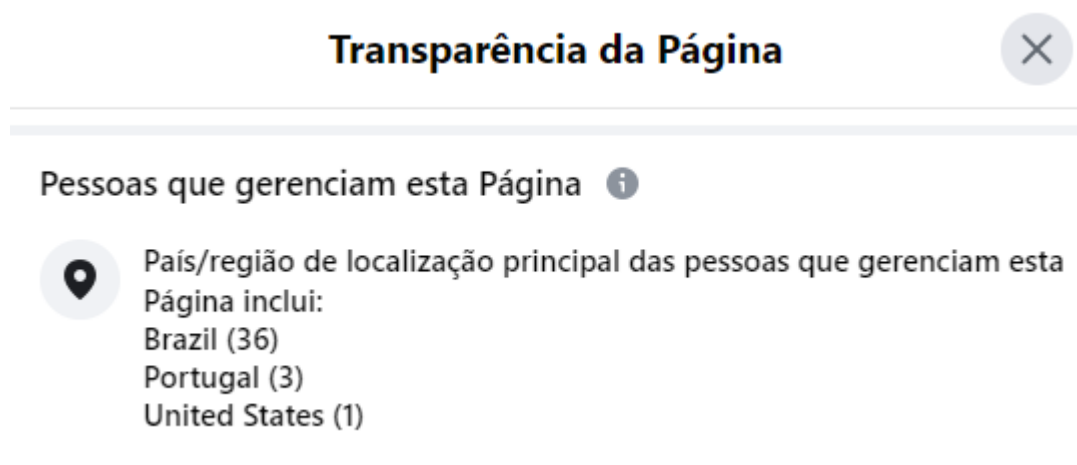


Fonte: YOUTUBE. COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

IV.IV Perfil da Vale no Facebook

Por fim, a Vale também se utiliza de seu perfil no Facebook para a comunicação sobre o rompimento da barragem e suas ações de reparação de danos. A página foi criada em 28 de novembro de 2011, conta com 40 gerenciadores, sendo 36 delas, residentes do Brasil, 3 de Portugal e 1 dos Estados Unidos.

Figura 42: Ao todo, 40 pessoas gerenciam a página da Vale



Fonte: FACEBOOK.COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

O perfil conta com 779 mil seguidores e, segundo dados extraídos do Facebook Ads Library, a empresa já fez 24 anúncios desde Julho de 2021. Vale ressaltar que o Facebook Ads Library garante visibilidade apenas dos anúncios ativos, com isso, não seria possível, nesse momento, ter evidências sobre outros tipos de anúncios patrocinados pela Vale, além daqueles disponíveis na plataforma.

Entre os conteúdos patrocinados, há alguns relacionados à Exposibram (Expo e Congresso Brasileiro de Mineração da América Latina) e outros associados a ações sociais, como uma websérie chamada #mineraçãoporelas que aborda histórias de mulheres funcionárias da Vale, o Programa Comunidade Participativa, que aborda iniciativas da Vale para inclusão da comunidade nas regiões onde atua e sobre o Parque Zoobotânico Vale.

Figura 43: Até o momento da pesquisa, o perfil da Vale no Facebook realizava impulsionamento de anúncios no próprio facebook e no instagram.

Anúncios desta Página



Esta Página está veiculando anúncios no momento.



Esta Página tem veiculando anúncios sobre temas sociais, eleições ou política.

Fonte: Fonte: FACEBOOK.COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Entre as principais redes sociais, utilizadas para garantir visibilidade aos anúncios está o próprio Facebook, mas também o Instagram.

Figura 44: Exemplo de Post Patrocinado pela Vale por meio de seu Perfil no Facebook e no Instagram

Vale
Patrocinado

A websérie Mineração Por Elas chega ao seu terceiro episódio e, dessa vez, conta com mulheres com deficiência que trabalham em diversas áreas nas nossas operações no Pará, Espírito Santo e Minas Gerais.

Dificuldades, preconceito, capacitismo, falta de mobilidade. E ao apontar desafios e necessidades que grandes...



Vale
Patrocinado

A mecaça Chico tem um novo lar no Parque Zoológico Vale. Um grande passo para contribuir com a conservação de espécie macaco-aranha-de-testa-branca, que é ameaçada de extinção e apresenta comportamento em grupo. Depois de ser mantida acorrentada durante 20 anos em uma propriedade rural no Estado do Mato Grosso, a fêmea recebeu acompanhamento da equipe multidisciplinar do PZV, envolvendo tratadores, biólogo e veterinário que a ajudaram a voltar a conviver em recinto com outros animais da sua mesma espécie. Clique no 'saiba mais' e conheça mais detalhes sobre o resgate.



Um

www.vale.com.br
Vale

Saiba mais

Vale
Patrocinado

Temos um compromisso com o desenvolvimento social das comunidades em que operamos. Por isso, buscamos apoiar e incentivar instituições sem fins lucrativos que compartilham desse mesmo propósito.

Completando 10 anos de atuação no Mato Grosso do Sul, o Programa Comunidade Participativa convida todas as entidades sociais que nos últimos cinco anos tenham desenvolvido...



Instituições abertas
Programa Comunidade Participativa 2021

Inscreva-se aqui

Inscreva sua instituição e faça parte desse movimento. www.vale.com.br

www.vale.com.br
Vale

Com o objetivo de fortalecer seu compromisso com o desenvolvimento das comunidades onde atua, a Vale lança...

Saiba mais

Fonte: FACEBOOK.COM.BR/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Não foram encontrados registros de patrocínio de conteúdos relacionados a Brumadinho. Na foto de capa do perfil, observa-se a foto de uma funcionária ao

lado das aspas “tenho orgulho de trabalhar em uma presa que proporciona um aprendizado contínuo, contribuindo para o crescimento na minha carreira”.

Figura 45: Foto de capa do perfil da Vale no Facebook



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021.

Mesmo após dois anos de rompimento da barragem de Brumadinho, observa-se, mesmo que em menor quantidade, a presença de comentários de seguidores que questionam a negligência da mineradora. Um ponto importante que foi observado é que a maioria dos comentários são respondidos, no entanto, de forma bastante impessoal. Um exemplo, pode ser o caso abaixo no qual, na resposta ao comentário, a Vale troca o nome do seguidor.

Figura 46: Resposta da Vale a seguidor. A mineradora troca o nome do autor do comentário.



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em setembro de 2021.

No dia 11 de dezembro de 2019, foi observada a última postagem da empresa com tema exclusivo sobre Brumadinho.

Figura 47: Última postagem da Vale com destaque para o tema Brumadinho



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em setembro de 2021.

IV.VII ESTUDO DE CASO SOBRE COMENTÁRIOS NO PERFIL DO FACEBOOK DA VALE DO BRASIL

No período aproximado de 11 meses, Desde de 25 de janeiro de 2019 até 11 de dezembro de 2019, data da última postagem com conteúdo exclusivo sobre Brumadinho, foram observadas 30 postagens sobre o rompimento da barragem.

Tendo em vista que o desafio científico que se assume para essa pesquisa corresponde à resposta ao questionamento: *“Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?,* admite-se como corpus de análise nesse estudo comentários feitos nas postagens feitas pela Vale em seu perfil no Facebook, no período de três meses após o rompimento da barragem de Brumadinho.

Desse modo, foi feito o levantamento de 23 postagens entre os períodos de 25/01/2019 - data do rompimento da barragem - a 25/04/2019 - três meses após o rompimento. Ao todo, essas postagens contaram com mais de 37 mil interações, mais de 33 mil comentários e 4 mil compartilhamentos. A soma dessas três métricas resultam em um total de 75 mil engajamentos com as postagens feitas pela Vale.

Quadro n1. Volume de postagens analisadas e suas respectivas interações, comentários, compartilhamentos e engajamentos

| | |
|---|--------|
| Postagens Analisadas | 23 |
| Número total de interações | 37.874 |
| Número total de comentários | 33.141 |
| Número total de Compartilhamentos | 4.600 |
| Engajamento total com as publicações analisadas | 75.615 |

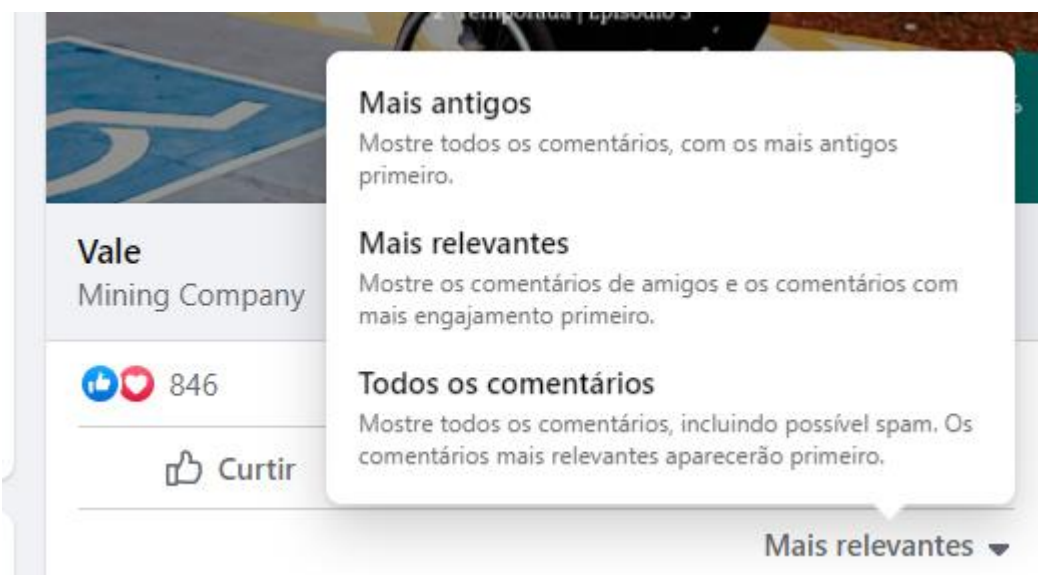
Fonte: elaborado pela autora

Entretanto, considerando que a presente pesquisa conta com um modelo de abordagem qualitativo e, com isso, não seria possível à pesquisadora analisar em profundidade todos os 33.141 comentários, foi selecionada uma amostra.

Para a seleção da amostra, em cada postagem, foi ativado o filtro “mais relevantes” que tem como critério apresentar os comentários de amigos ou comentários com mais engajamento primeiro. Durante a coleta, não apareceram comentários de amigos da pesquisadora, entretanto, para garantir a imparcialidade da pesquisa, caso aparecessem, esses textos seriam excluídos da amostragem.

Assim, com o filtro ativo, de cada postagem foram selecionados os cinco primeiros comentários feitos às postagens feitas pela Vale entre o período de 25/01/2019 - data do rompimento da barragem - a 25/04/2019 - três meses após o rompimento.

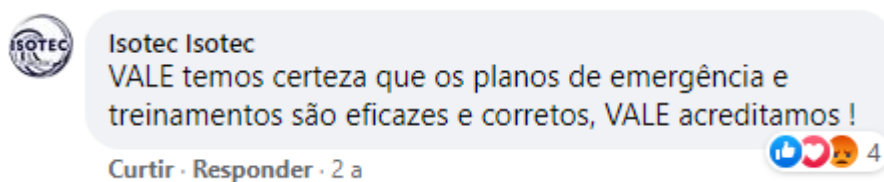
Figura 48: Filtro de ativação dos comentários mais relevantes



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Assim, foram coletados 115 comentários. Desse total, foram excluídos 3 comentários que continham teor irrelevante para a realização da pesquisa - dois deles se relacionavam a pedidos de emprego à Vale e um de defesa à organização. Assim, analisou-se um total de 111 comentários de 23 postagens da Vale feitas três meses após o rompimento da barragem e que são considerados pela plataforma Facebook como relevantes.

Figura 49: Exemplo de Comentário Excluído dentro da amostra analisada



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Ainda, sobre os 111 comentários analisados, observa-se que algumas palavras ganham destaque. Além de Vale, empresa e barragens que já são palavras associadas ao rompimento, surgem outras que podem oferecer pistas sobre a percepção das pessoas sobre os posts, bem como sobre os posicionamentos feitos pela Vale, no período pós-rompimento. Entre elas aparecem “ajudar”, “parabéns”, com um tom de ironia, “dinheiro” suscitando a o campo de ganância

Primeiramente, a mineradora fez uma postagem comunicando a população sobre o rompimento e, em seguida, um vídeo, protagonizado por seu ex-presidente, Fábio Schvartsman.

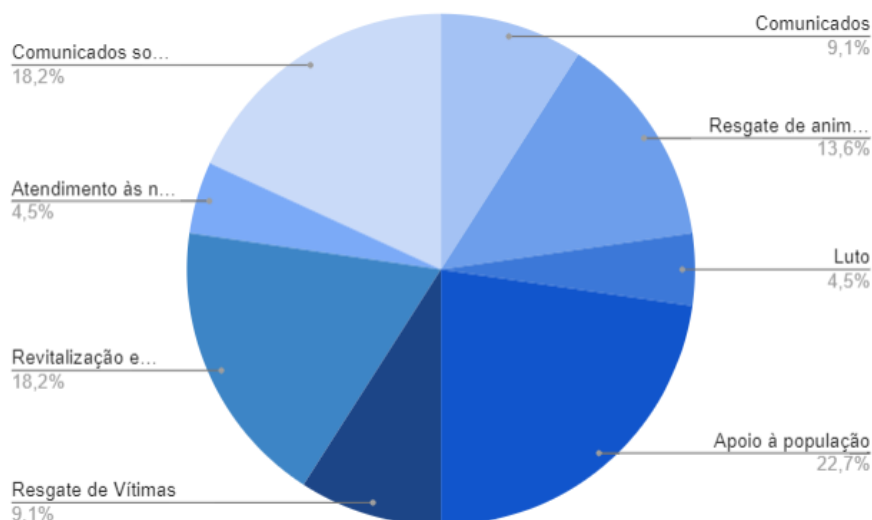
- Comunicados sobre novos riscos de rupturas: Após o rompimento da barragem de Brumadinho, houveram duas outras ameaças de rompimento em outras plantas de operação da Vale - uma no dia 16/02/2019, em Nova Lima, e outra em Barão de Cocais, no dia 23/03/2019. As sirenes foram acionadas e a mineradora fez algumas postagens sobre suas medidas de evacuação das regiões.
- Resgate de Animais: outro tema bastante abordado pela mineradora foram suas ações de resgate de animais silvestres e animais domésticos e de rebanho perdidos ou abandonados;
- Resgate de Vítimas: a mineradora também realizou algumas postagens voltada à comunicação de suas ações voltadas às buscas de vítimas, sobretudo, das verbas destinadas ao reforço ao corpo de bombeiros da região;
- “Apoio” à população: dentro do bloco temático “apoio à população” foram identificadas postagens da Vale que abordavam suas “doações” aos moradores e trabalhadores das regiões afetadas. Uma das postagens afirma: “A Vale oferecerá a doação no valor de R\$ 50 mil para aqueles que moravam e no valor de R\$ 15 mil para aqueles que desenvolviam atividades produtivas [...]” (FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021, grifo nosso).
- Luto: Durante o período analisado, a mineradora também alterou a foto de capa de seu perfil no facebook por uma imagem com um laço preto. A legenda da imagem diz “Palavras não podem expressar a nossa tristeza. Nosso mais profundo respeito aos colegas de trabalho, seus familiares, amigos e moradores de Brumadinho” (FACEBOOK.COM/VALENOBRASI, acesso em julho de 2021).
- Revitalização e medidas de reparação do rio ou da cidade: a organização também realizou algumas comunicações sobre ações e medidas adotadas de reparação do rio Paraopeba e da cidade de Brumadinho.
- Atendimento às normas: no dia 04/02/2019, a Vale anunciou um compromisso de descaracterizar todas as barragens feitas sob a

metodologia a montante, mesma utilizada na barragem de Brumadinho. Seriam elas - Vargem Grande, Grupo e Forquilha I, II e III (em conjunto referidas como “as Barragens”) e Complexo de Vargem Grande e Complexo de Fábrica. Dessa maneira, o Ministério Público do Estado de Minas Gerais fez uma recomendação para que ela comunicasse à população em ordem cronológica suas ações para a descaracterização das barragens. Abaixo, é possível conferir a legenda da postagem:

Em atenção à recomendação n. 21/2019, do Ministério Público do Estado de Minas Gerais e considerando a dinâmica dos fatos ocorridos no dia 20/02/2019, este comunicado da Vale tem por objetivo substituir os comunicados anteriores relacionados às barragens de rejeito Vargem Grande, Grupo e Forquilha I, II e III (em conjunto referidas como “as Barragens”), bem como Complexo de Vargem Grande e Complexo de Fábrica, trazendo informações de forma consolidada e atualizada. Nesse sentido, a Vale narra os eventos em sua sequência cronológica e apresenta esclarecimentos adicionais, visando a dar transparência à população e mercado. Acesse o link para os esclarecimentos: <http://bit.ly/2HctDv6>. (FACEBOOK.COM/VALENOBRASI, acesso em julho de 2021).

Dessa maneira, a maior representatividade de postagens no perfil da Vale corresponde ao bloco temático “apoio à população”, com 22,73%, seguido por “Revitalização e medidas de reparação do rio ou da cidade”, com 18%, e “Comunicados sobre novos riscos de rupturas”, com 18%. 13% das postagens são relacionadas ao tema “resgate aos animais”, 9% ao “resgate às vítimas” e 9% a “comunicados”. “Atendimento às normas” e “Luto” aparecem com 4% de representação das postagens.

Figura 51: Gráfico de representatividade temática das postagens coletadas.



Fonte: elaborado pela autora

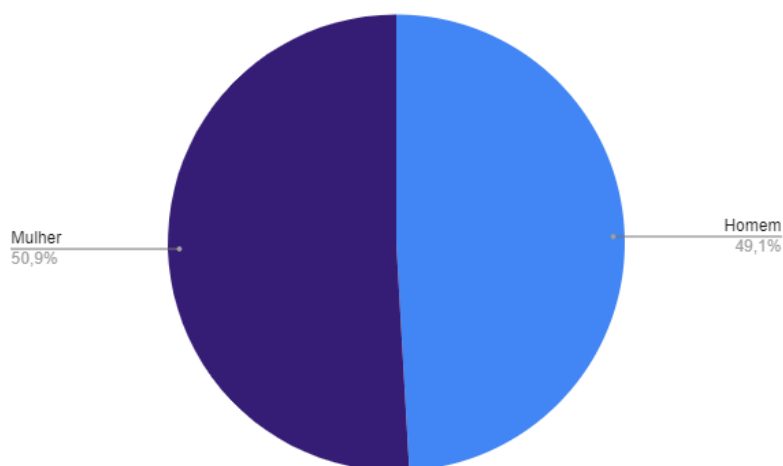
Quadro n2. Quadro de representatividade temática das postagens coletadas.

| | |
|--|--------|
| Apoio à população | 22,73% |
| Revitalização e medidas de reparação do rio ou da cidade | 18,18% |
| Comunicados sobre novos riscos de rupturas | 18,18% |
| Resgate de animais | 13,64% |
| Resgate de Vítimas | 9,09% |
| Comunicados | 9,09% |
| Atendimento às normas | 4,55% |
| Luto | 4,55% |

Fonte: elaborado pela autora

Sobre o perfil da população autora dos 111 comentários analisados, observa-se uma composição demográfica bastante equilibrada. De todos os autores levantados, 50, 9% eram mulheres e 49% eram homens.

Figura 52: gráfico de composição demográfica dos autores dos comentários analisados

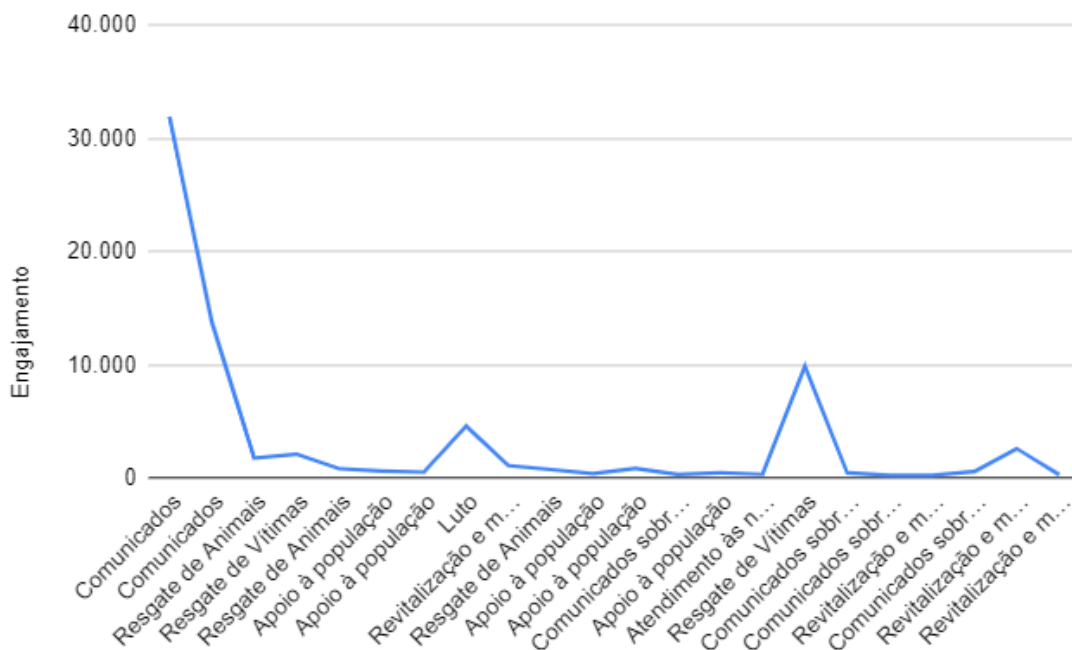


Fonte: elaborado pela autora

Sobre o engajamento de usuários em relação às postagens, observa-se, no gráfico abaixo, que ela apresenta uma curva linear

A soma dessas três métricas resultam em um total de 75 mil engajamentos com as postagens feitas pela Vale. Porém, há 3 picos relevantes - o primeiro, no gráfico abaixo da esquerda para a direita, representa o volume de engajamento em relação ao comunicado sobre o rompimento. Já o segundo, está relacionado à postagem “Luto”, no qual foi feita alteração da foto de capa, e o terceiro pico está associado ao bloco temático “resgate de vítimas”. Nesse dia, a postagem feita foi uma “doação” de 20 milhões de reais feita pela Vale ao corpo de bombeiros da região de Brumadinho, com a finalidade de reforço ao resgate às vítimas.

Figura 53: gráfico de engajamento de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado.



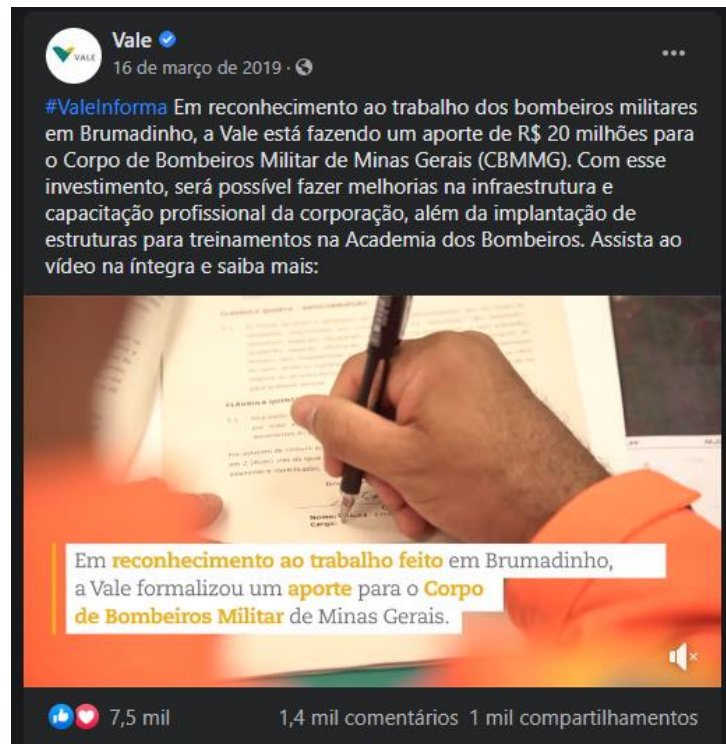
Fonte: elaborado pela autora.

Figura 54: Postagem responsável pelo segundo pico, associado ao bloco temático “Luto”



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

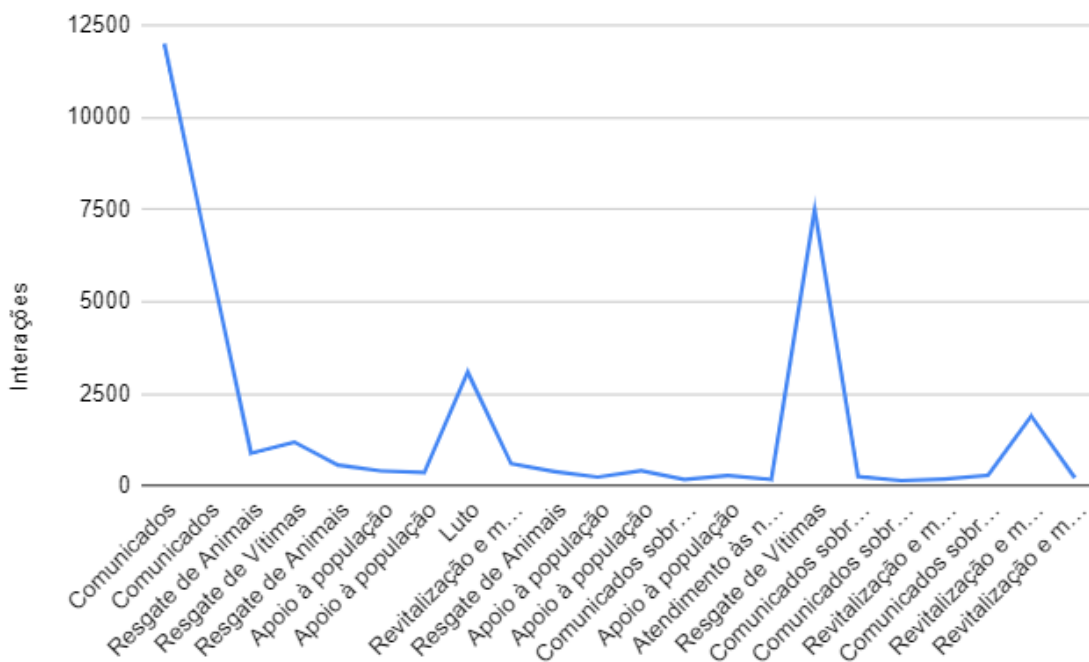
Figura 55: Postagem responsável pelo terceiro pico, associado ao bloco temático “Resgate às vítimas”



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

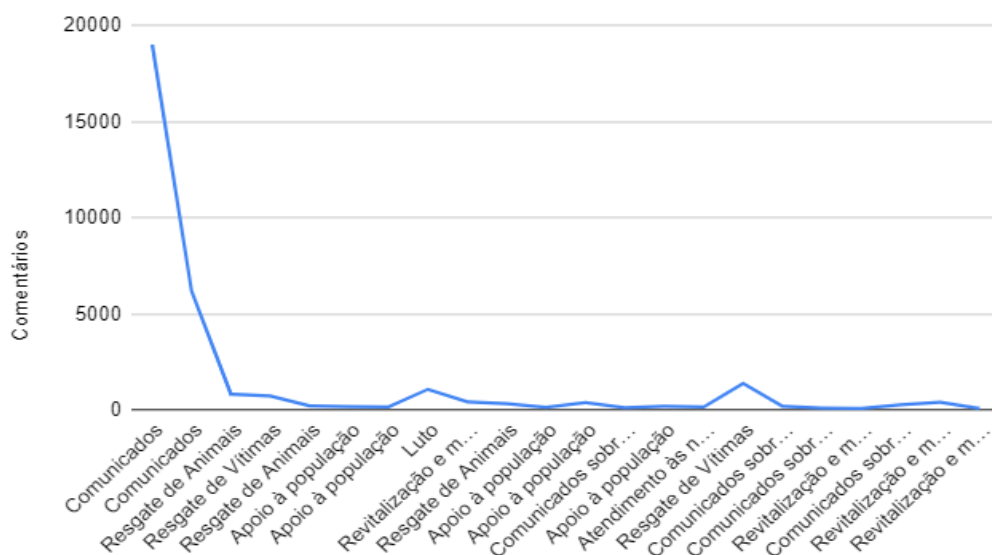
Do mesmo modo, é possível observar que essas postagens também movimentaram significativamente o volume de interações, comentários e compartilhamentos, como pode ser observado nos gráficos abaixo.

Figura 56: gráfico de interações de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado.



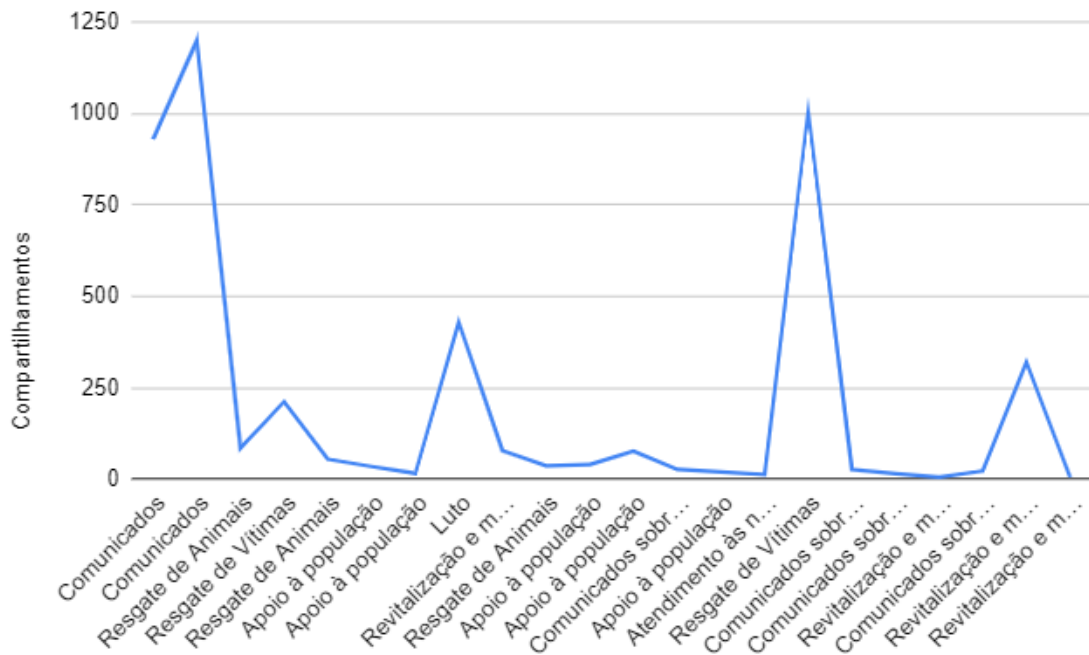
Fonte: desenvolvido pela autora

Figura 57: gráfico de comentários de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado.



Fonte: desenvolvido pela autora

Figura 57: gráfico de compartilhamentos de usuários em relação às postagens feitas pela Vale ao longo do período analisado.



Fonte: desenvolvido pela autora

Vale destacar que nos gráficos de compartilhamento, comentários e interações, salta aos olhos a relevância de um terceiro pico, observado à extrema direita da linha. Esse pico de compartilhamentos e comentários corresponde ao tema “revitalização e medidas de reparação do rio ou da cidade” e fora em resposta à postagem de liberação da ponte que liga as comunidades e regiões satélites à área de Brumadinho.

Figura 58: postagem sobre a liberação da ponte que liga as comunidades e regiões satélites à área de Brumadinho



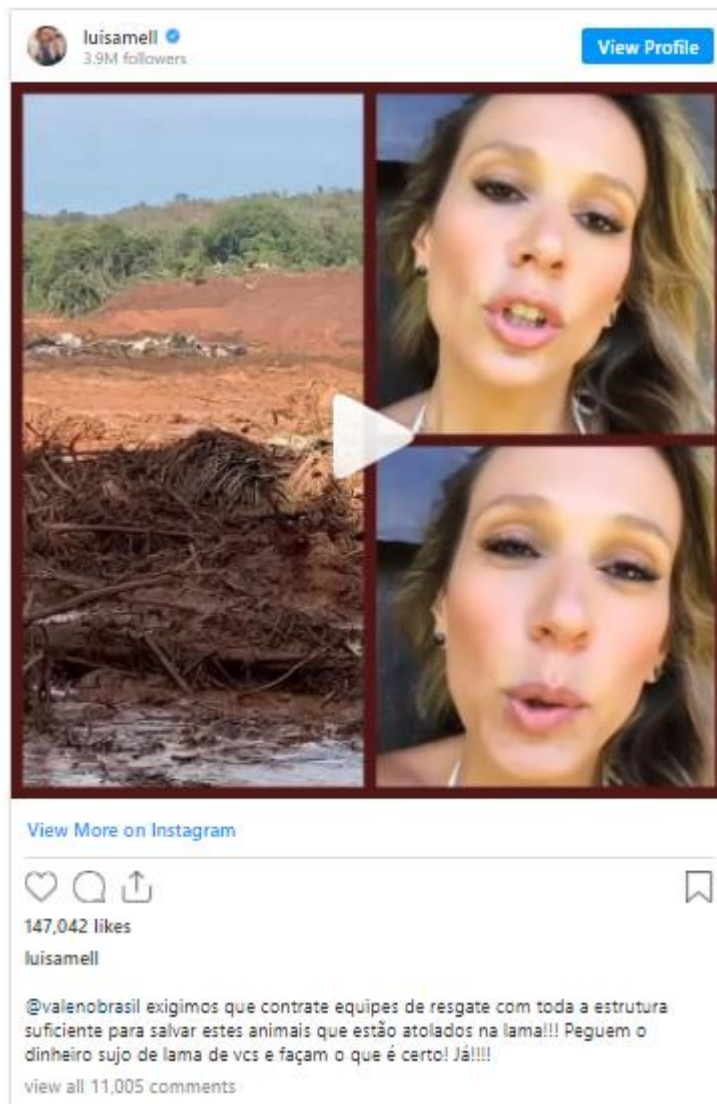
Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Para facilitar a análise dos 111 comentários coletados a partir das postagens feitas pela Vale entre os dias de 25/01/2019 e 25/04/2019, as postagens foram consideradas segundo suas marcas temáticas. Aqui, utiliza-se o termo “marcas temáticas”, pois, diferente das postagens feitas pela Vale, as quais havia apenas um tema em suas postagens, nos comentários, foi, em um primeiro momento, observada a presença de uma pluralidade de temas abordados pelas audiências em um único comentário. Dessa forma, um comentário analisado pode ser dotado de mais de uma marca temática.

Assim, foram identificadas 6 tipologias de marcas temáticas:

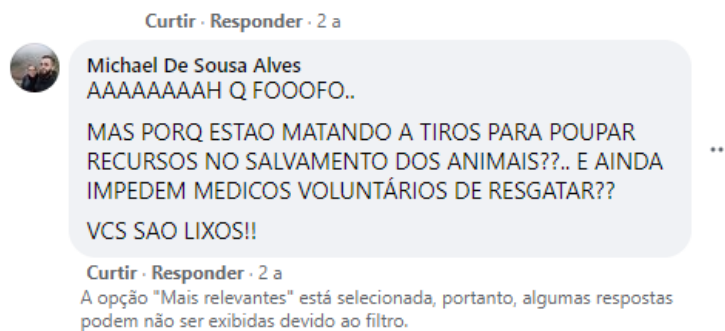
- Responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais: dentro dos 111 comentários analisados, foram observadas uma relevância para os temas associados aos procedimentos adotados pela Defesa Civil de Minas Gerais em relação aos animais presos de forma crítica pela lama. Alguns animais, sem chance de retirada e com partes do corpo quebradas, tiveram que ser eutanasiados e procedimento adotado pela Defesa Civil foi atirar nos animais. O caso ganhou grande repercussão na mídia, a Vale foi bastante associada às execuções e, inclusive, a ativista Luisa Mell fez uma série de postagens sobre as eutanásias, algo que agregou ainda mais visibilidade e gerou ainda mais revolta sobre o caso.

Figura 59: Post no Instagram da ativista Luisa Mell sobre as execuções dos animais em situação crítica de resgate.



Fonte: INSTAGRAM.COM/LUISAMELL, acesso em julho de 2021

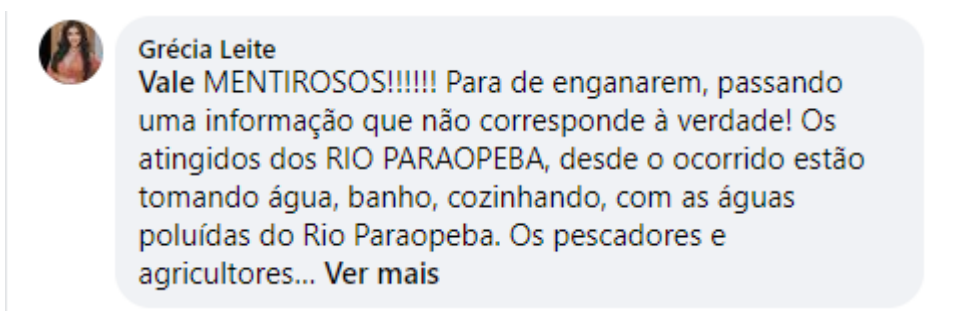
Figura 60: Exemplo de comentário no Facebook da Vale sobre os animais



Fonte: INSTAGRAM.COM/LUISAMELL, acesso em julho de 2021

- Responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa: Dentro da marca temática da responsabilização e críticas associadas à negligência ou procedimentos da empresa foram identificados comentários associados, primeiramente, aos procedimentos de recuperação da cidade e do rio e de auxílio às vítimas e familiares. Ainda, identifica-se, dentro dessa marca temática críticas sobre valores pagos à população por indenizações e busca por informações sobre o estado de outras barragens operadas pela Vale.

Figura 61: Exemplo de comentário no Facebook da Vale sobre os procedimentos adotados pela Vale

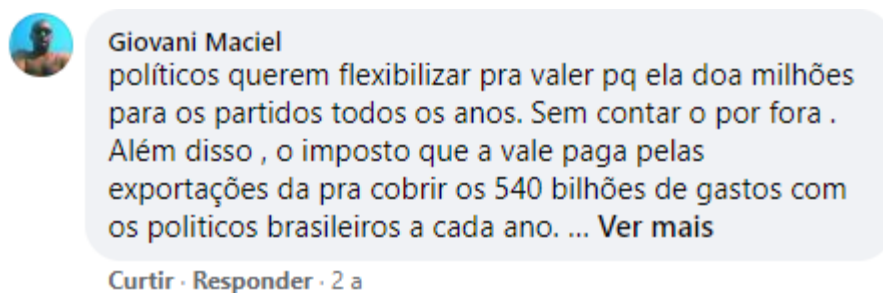


Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

- Denúncia e descredibilização: dentro dessa marca temática foram identificados comentários que adicionam informações ao tema abordado na postagem da Vale - dessa maneira, os autores dos comentários se inserem em uma lógica de apropriação do espaço de voz, no qual podem, inclusive, informar a outras pessoas sobre questões que eles entendem

que estão ocultas. Os autores se apropriam do espaço para fazer denúncias de corrupção, de outros casos de barragens em estados críticos e de informações que contradizem as informações trazidas nas postagens pela Vale.

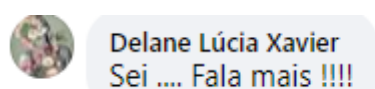
Figura 62: Autor de comentário se apropria do espaço para adicionar uma informação ou comunicar aos outros comentaristas sobre fatos ocultos pela Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Nessa marca temática, foram identificadas também usos de ironias que, de modo indireto, entram em uma lógica de descredibilização do que está sendo dito pela Vale.

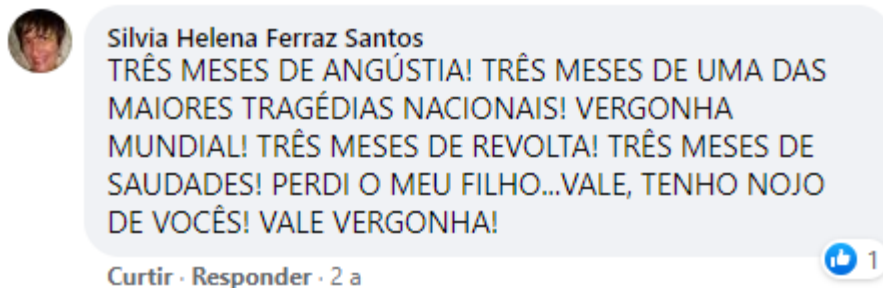
Figura 63: Autor de comentário se utiliza do recurso da ironia para demonstrar seu descrédito à Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Ainda, nessa marca temática, também estão inseridos os comentários de familiares que também se utilizam do espaço para expor seus sentimentos à própria Vale e compartilhar suas dores com outros produtores de comentários.

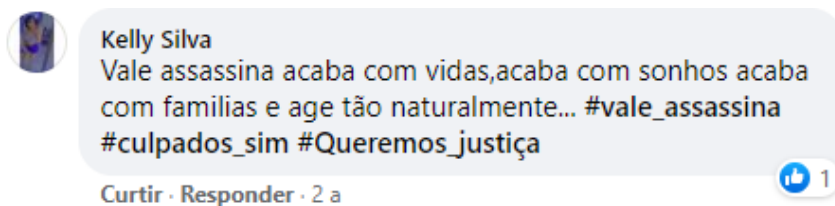
Figura 64: Uma mãe que perdeu seu filho se utiliza do espaço para expor sua dor a Vale e a outros produtores de comentários



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

- Acusações, xingamentos e questionamento de caráter: Dentro dessa marca temática, encontram-se os comentários que se utilizam do espaço para xingar a Vale. Entre os xingamentos mais frequentes, foram encontrados os de questionamento de caráter, como assassina e gananciosa. Aqui, também se encontram os emojis que apresentam marcas de ofensa, como o “vomitação”.

Figura 65 Autor de comentário questiona o caráter da Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

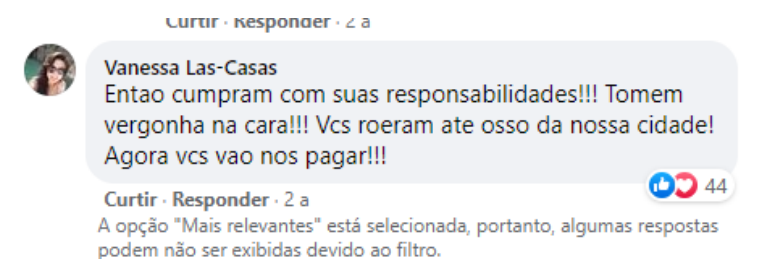
Figura 66: Emoji de “vomitação” no perfil da Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

- Ressarcimento e/ou vingança. A Vale deve pagar pelo que fez: outra marca bastante presente nos comentários é a de ressarcimento e a de pagamento por todo o prejuízo causado pela Vale à cidade e às pessoas.

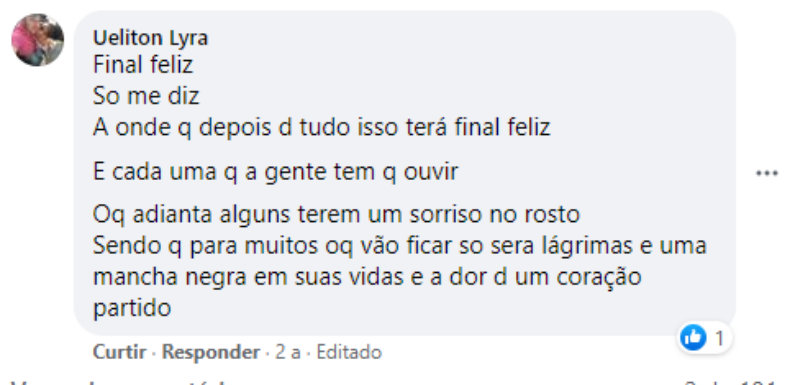
Figura 67: Autor de comentário cobra ressarcimento da Vale por tudo o que foi expropriado



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

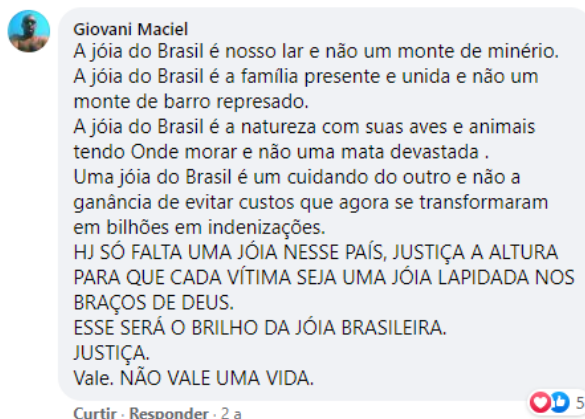
- Poemas, Orações pela conversão da Vale e agradecimentos aos bombeiros: dentro dessa marca temática foram identificados comentários que lamentam o ocorrido, constroem poemas ou orações sobre o ocorrido. Algumas das orações, inclusive, versam pela transformação da Vale. Ainda, outros autores se apropriam do espaço de voz para dar visibilidade aos bombeiros que trabalharam duramente nos resgates de corpos e vítimas.

Figura 68: Autor de comentário faz poema sobre toda a tragédia



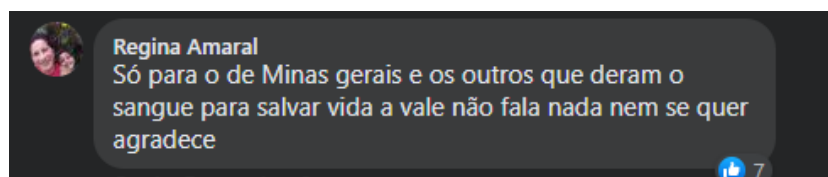
Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Figura 69: Autor de comentário faz um manifesto sobre toda a tragédia



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

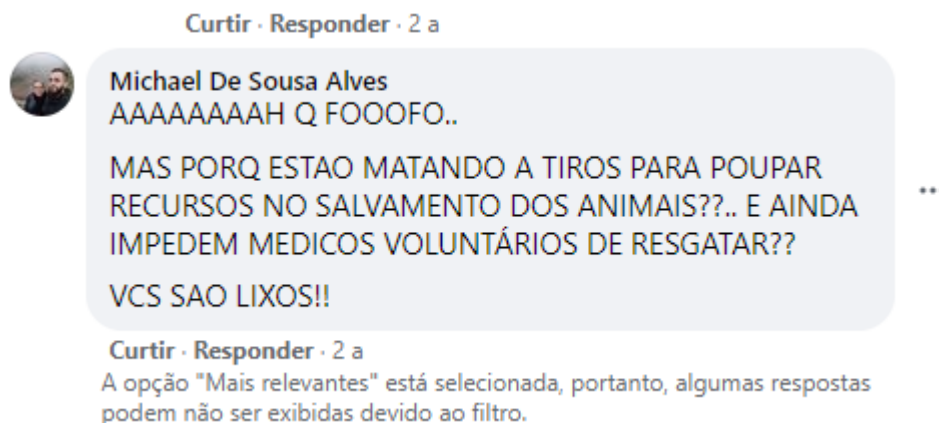
Figura 70: Autor de comentário reconhece todos os bombeiros que arriscaram suas vidas na tragédia



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Ainda, deve-se destacar, novamente, que as marcas temáticas foram observadas de modo simultâneo em muitos comentários. Dessa forma, os comentários apresentam uma pluralidade de marcas, diferente das postagens feitas pela Vale, que abordavam um único tema.

Figura 71: Presença de diversas marcas temáticas em um comentário apenas



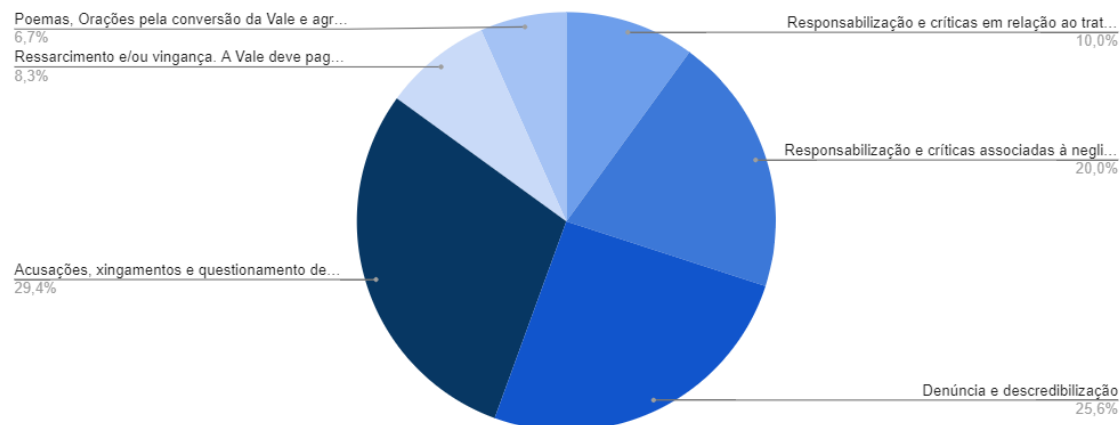
Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

No comentário acima, é possível observar, no mínimo, a presença de três marcas temáticas:

- “AAAAAAH Q FOOOFO...”: Denúncia e descredibilização;
- “MAS PORQ ESTAO MATANDO A TIROS PARA POUPAR RECURSOS NO SALVAMENTO DE ANIMAIS??” : Responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais;
- “VCS SÃO LIXOS!!” : Acusações, xingamentos e questionamento de caráter;

Dessa maneira, nos 111 comentários coletados, foram observadas 180 marcações temáticas. 29% delas são de acusações, xingamentos e questionamento de caráter. 25% abordam questões de denúncia ou descredibilização. 20% abordam “Responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa”.

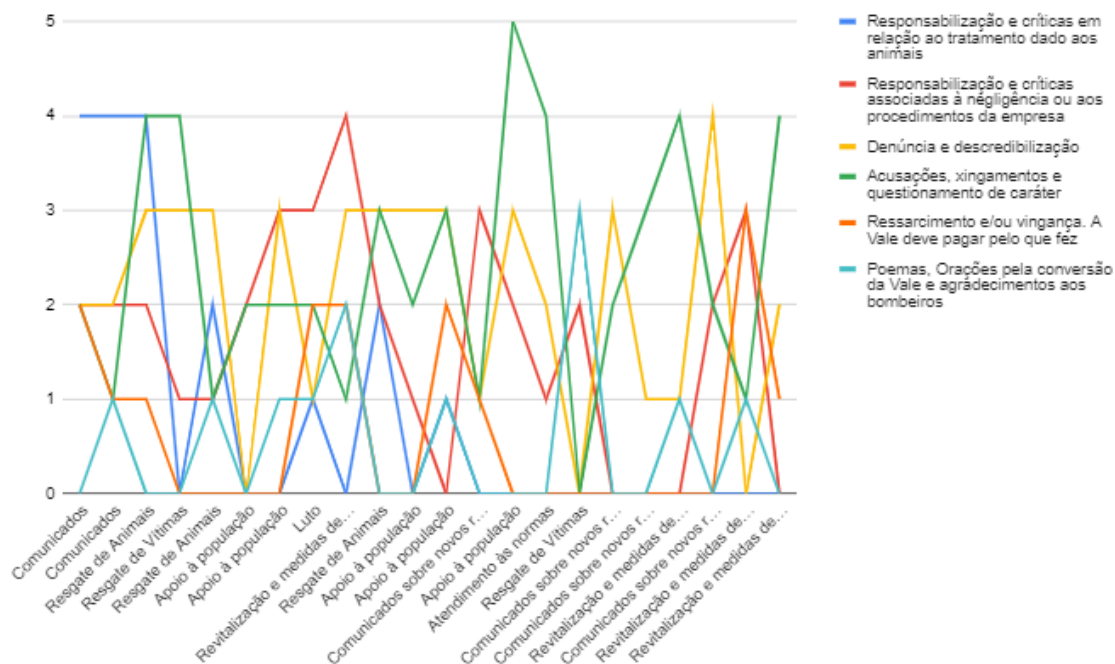
Figura 72: Gráfico sobre distribuição de marcas temáticas presentes nos 111 comentários analisados.



Fonte: Elaborado pela autora

Quando realiza-se o cruzamento de observação de marcas temáticas nos comentários associados aos temas das postagens, é possível observar que alguns temas são mais suscetíveis ao surgimento de algumas marcas que outras. Exemplo: o tema apoio à população, aparentemente, tem mais suscetibilidade de geração de comentários associados a acusações e xingamentos do que poemas e orações. Já o tema luto e comunicados sobre novos riscos de rompimentos geram marcas temáticas associadas à responsabilização e críticas associadas à negligência e aos procedimentos da empresa.

Figura 73: Gráfico de temas dos posts da Vale x marcas temáticas presentes nos comentários no perfil da Vale

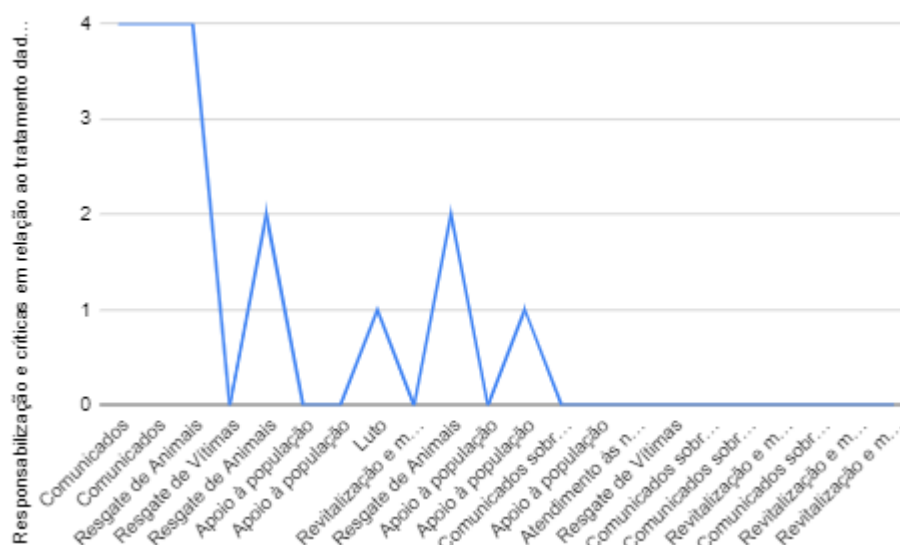


Fonte: Elaborado pela autora

IV.VIII ASSOCIAÇÕES DE TEMAS

Responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais: a marca temática responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais, evidentemente, surge de forma mais acentuada em relação às postagens que versam sobre os resgates de animais. No entanto, também aparecem com frequência nos posts sobre Luto e sobre apoio à população, além dos comunicados sobre os rompimentos.

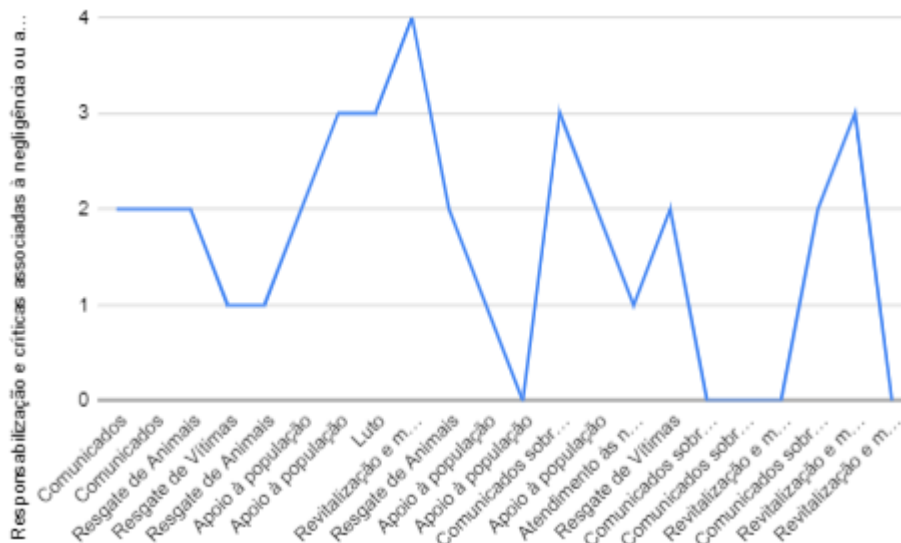
Figura 74: Gráfico de Responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais



Fonte: Elaborado pela autora

Responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa: diferente da primeira marca temática, essa, por sua vez, aparece com mais frequência ao longo do período analisado. Dos temas abordados pela Vale, aqueles que aparentam oferecer mais espaço para o surgimento dessa marca temática são aqueles associados aos temas de apoio à população, declaração de luto por parte da Vale e comunicados sobre novos riscos de rupturas.

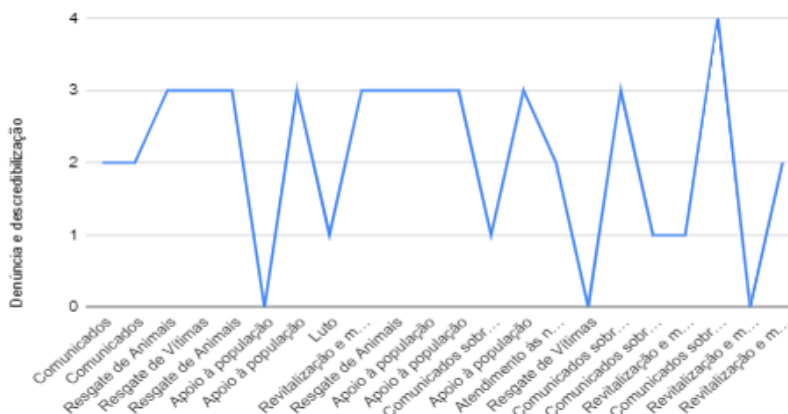
Figura 75: Gráfico de Responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa



Fonte: Elaborado pela autora

Denúncia e descredibilização: denúncia e descredibilização também surge com bastante frequência dentro das marcas temáticas analisadas. Quase todos os temas suscitados pela Vale aparentam oferecer espaço para o surgimento dessa marca temática dentro dos comentários, entretanto, apoio à população e comunicados sobre riscos de novos rompimentos aparecem com destaque nessa marca temática.

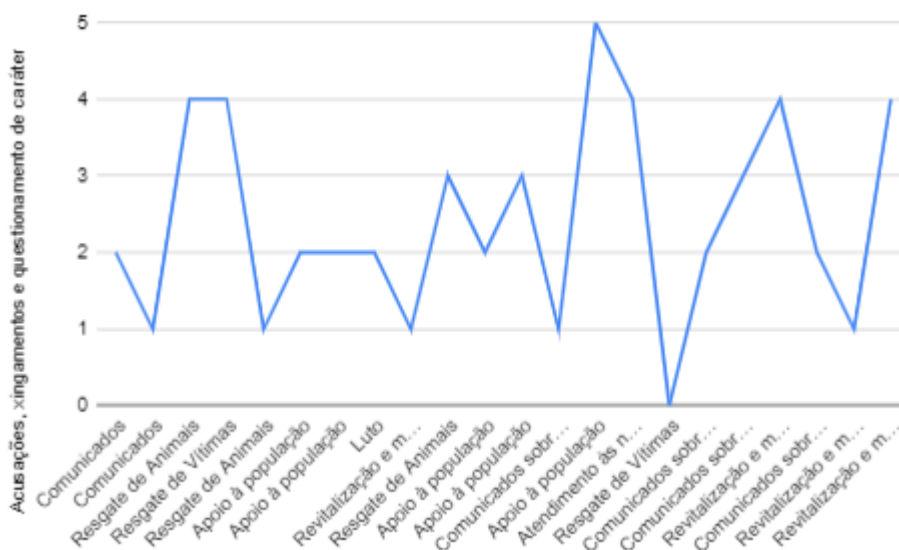
Figura 76: Gráfico de Denúncia e Descredibilização



Fonte: Elaborado pela autora

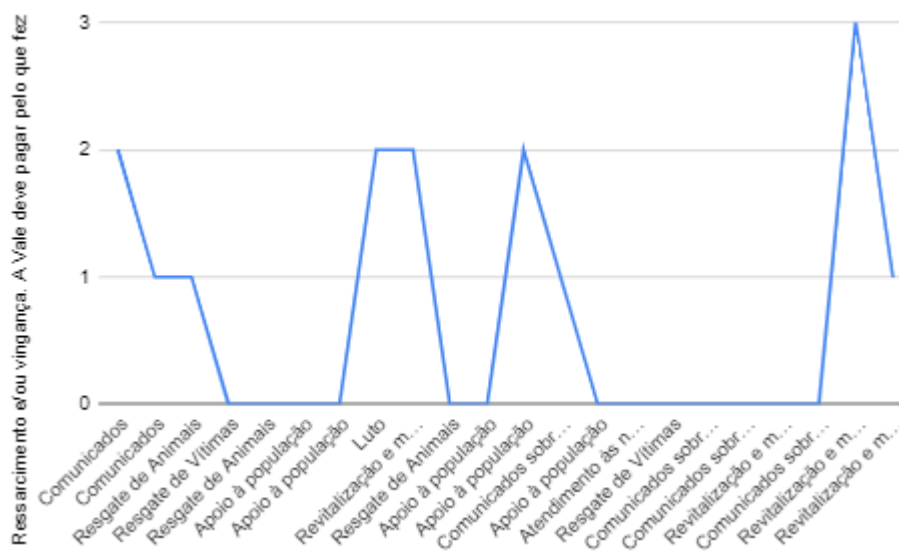
Acusações, xingamentos e questionamentos de caráter: de todas as marcas temáticas, essa é a que aparece com maior frequência. Apoio à população e Revitalização e medidas de reparação do rio ou da cidade são as pautas que aparecem com maiores picos de aparecimento dessa marca temática.

Figura 77: Gráfico de acusações, xingamentos e questionamentos de caráter



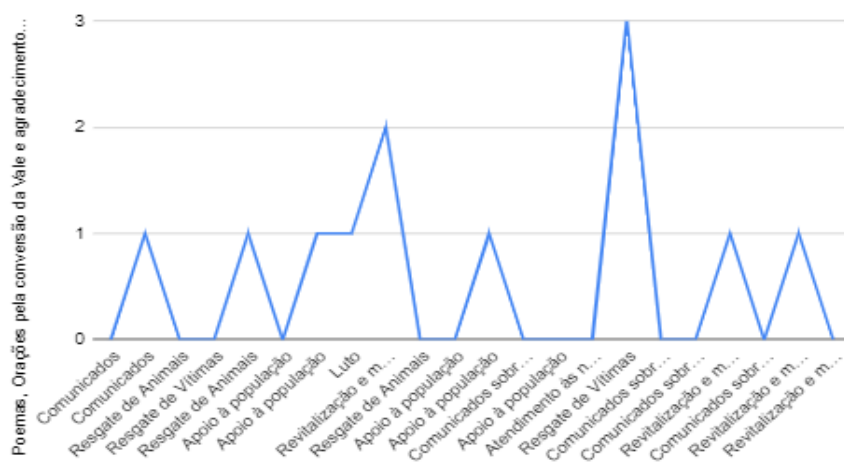
Fonte: Elaborado pela autora

Ressarcimento e/ou vingança: essa marca temática surge com menos frequência dentro dos comentários, entretanto, quando surge, surge de forma bastante acentuada sobre tudo em relação aos temas abordados pela vale relacionados com “Apoio à população” e “Revitalização e medidas de reparação do rio ou da cidade”.

Figura 78: Gráfico de ressarcimento e/ou vingança

Fonte: Elaborado pela autora

Poemas, Orações pela conversão da Vale e agradecimentos aos bombeiros: mesmo que com menor representatividade dentro do volume total de comentários, essa marca temática aparece com bastante frequência dentro do período analisado. Sobretudo, quando se aborda luto e resgate de vítimas.

Figura 79: Gráfico de Poemas, Orações pela conversão da Vale e agradecimentos aos bombeiros

Fonte: elaborado pela autora

PARTE III

CAPÍTULO V

V.I ANÁLISE DE CORPUS E NETNOGRAFIA COM TÉCNICA DE INTERPRETAÇÃO DE ANÁLISE DE EFEITOS PATHÊMICOS DO DISCURSO

Resgatando o desafio científico da atual pesquisa que consiste em responder à questão sobre *“Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?”*, compreende-se que o corpus aqui analisado situa-se em um lugar da comunicação bastante específico e que sugere empreendimentos metodológicos adequados à sua aferição - o corpus nesse estudo entendido está localizado na opinião pública.

Dessa maneira, Farias (2019) oferece suporte na compreensão das melhores escolhas a serem feitas no momento da seleção dos procedimentos metodológicos que serão empregados no estudo de um corpus com grandes repercussões na opinião pública. Segundo o autor, para o entendimento de objetos situados no campo da opinião pública (LIPPMAN, 2008) torna-se necessária a observância e a coleta de dados com a finalidade de garantir robustez à análise. Nesse sentido, a amostra e análise estatística é recomendada, no entanto, não configura único e absoluto caminho.

Segundo Farias (2019), para se aferir com qualidade e profundidade a opinião pública, é necessária a utilização de técnicas e modelos de análise de origem qualitativa que assumam e assimilem, sobretudo, as peculiaridades, espacialidades e unicidades dos objetos ou corpus em questão.

Assim, a observância de uma perspectiva histórica, qualitativa e que se atente à qualidade e aos mais diversos modos de interação plausíveis de manifestação

na cena social. Com isso, a análise quantitativa não configura único e específico caminho - a aferição de objetos e corpus situados na opinião pública amplia espaço para uma compreensão profunda e solicita procedimentos que deem conta de sua qualidade.

Para entender a opinião pública, é necessária a composição de dados de pesquisa - utilizando-se de estatística e de dados qualitativos que possam lhes dar norte - mas, também e fortemente a observância do trajeto histórico de um dado lugar, suas características comportamentais, afetivas, históricas, demográficas e o modo como se colocou diante do olhar do público - ou dos diversos públicos, com suas interações e distâncias - o fato a ser avaliado. (FARIAS, 2019, p. 43).

Ainda, há de se acrescentar que, além do corpus e do objeto em questão apontarem para um caminho de entendimento e aprofundamento de ordem qualitativa, assume-se também que esse objeto está organizado e tem sua manifestação demarcada pelo campo das mídias. Ora, quando se assume como desafio científico a compreensão das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010), entende-se também que os conceitos de “audiências ativas”, “comentários” e “bordas da circulação” evocam, sobretudo, uma manifestação comum - os três ocorrem e são fecundados, de forma implícita, sobretudo, em um campo que é altamente mediado pela midiatização (HJARVARD, 2012).

Vale destacar que a midiatização, na perspectiva de Hjarvard (2012), é entendida como um processo institucional. Desse modo, as mídias, proliferadas e potencializadas pela expansão do conhecimento tecnológico (CASTELLS, 1999) e que oferecem suporte para os mais diversos modos de interação, abandonam, de certa maneira, o papel tecnicista e puramente instrumental e adquirem papel institucional no campo das interações sociais integrando, legitimando, mediando e, inclusive, regulando as trocas sógnicas entre sujeitos. Na visão do autor:

A midiatização é um processo de dupla face no qual a mídia se transformou em uma instituição semi-independente na sociedade à qual outras instituições têm que se adaptar. Ao mesmo tempo, a mídia se integrou às rotinas de outras instituições, como política, família, trabalho e religião, já que um número cada vez maior das atividades destes domínios institucionais é realizado através tanto dos meios de comunicação interativos quanto dos meios de comunicação de massa. (HJARVARD, 2012).

Ora, nesse sentido, sendo um objeto que nasce, cresce e se fecunda em um solo que é midiaticado, assume-se a necessidade da incorporação de procedimentos metodológicos que assumam e estejam, sobremaneira, preparados para observar as interações, porém, em um viés que compreenda as mídias como parte do produto das dinâmicas interativas.

Trindade e Annibal (2010) auxiliam na definição dos caminhos metodológicos mais adequados para o entendimento de objetivas situações em um lugar altamente midiaticado (HJARVARD, 2012) ao ampliarem o olhar da comunicação para uma possível contribuição de perspectivas metodológicas amplamente difundidas em outros campos do conhecimento, como o da antropologia, por exemplo.

Dessa maneira, Trindade e Annibal (2010) sugerem que a etnografia surge como um procedimento altamente recomendado quando se objetiva o entendimento de objetos e corpus situados em um campo interativo demarcado pelo protagonismo e suporte das mídias.

As contribuições da etnografia partem inicialmente da necessidade de descrever os espaços, tempos e contextos em que os sujeitos se relacionam com as mídias em seus cotidianos. A partir da observação e de outros procedimentos metodológicos é possível entender os comportamentos cotidianos que vinculam as mídias às práticas culturais diárias; (TRINDADE; ANNIBAL, 2010, p. 51).

Ora, outra questão que aponta para a etnografia como um procedimento altamente recomendado para o estudo de objetos situados no campo da interação midiaticada reflete sua capacidade de assimilar discursos situados em campos culturais altamente específicos e únicos. Dessa maneira, recorrendo à perspectiva de Maingueneau (1993, p. 55), entende-se que discursos e estratégias discursivas estão inseridos em uma zona do meio, altamente atravessada por construções passadas e que oferecerão suporte para articulações futuras.

Assim, o interdiscurso atrela a formação discursiva a uma ordem que é de origem social. Na perspectiva do autor “[...] é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que as duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica” (MAINGUENEAU, 1993, p. 55).

Com isso, se as estratégias discursivas estão inseridas nesse contexto altamente social e a cultura seria uma variável indissociável de seu escopo e que deve, inclusive, ser incluída em sua análise e sua descrição, novamente a etnografia, com destaque para a etnografia das audiências, seria um caminho altamente promissor para o entendimento do desafio nesse estudo proposto.

[...] e os estudos etnográficos, como os da etnografia das audiências, podem encontrar descrições de realidades, no que tange às estruturas sociais complexas e que na comunicação configuram uma espécie de estudo da enunciação dos discursos de uma dada cultura, ou seja, de como elas se fazem dizer, manifestam-se. (TRINDADE; ANNIBAL, 2010, p. 51).

Desse modo, Trindade e Annibal destacam a etnografia das audiências como um caminho de compreensão dos produtos das interações uma vez que assimila a cultura como parte indissociável de seus objetos de análise. Dessa maneira, se apropria de técnicas de coleta e análise tradicionais da etnografia com a finalidade de compreender profundamente as manifestações sógnicas criadas por sujeitos agentes.

A chamada etnografia das audiências absorve métodos antropológicos e etnológicos clássicos, como a observação participante, conversas informais, histórias de vida, diários de observação, e possibilita a análise documental dos produtos midiáticos para criar nexos entre os valores manifestados nos produtos culturais e os sentidos da vida cultural etnograficamente registrados. (TRINDADE; ANNIBAL, 2010, p. 51).

Dessa maneira, a etnografia, como um procedimento altamente utilizado na coleta de dados para o estudo de objetos culturais, compreende uma visão completa, holística e altamente empírica de uma realidade especial e única, ou seja, que possui modelos de operação particulares e auto-regulados.

Dessa maneira, o etnólogo se apropria do maior número possível de manifestações com a finalidade de compreensão cultural de um determinado recorte social. Essas manifestações podem ser de ordem artística, de credo, práticas culturais ou até mesmo de produção científica. Montardo e Passerino (2006) aprofundam:

[...] uma etnografia é uma reconstrução analítica de cenários e grupos culturais que traz as crenças, práticas, artefatos e conhecimentos compartilhados pela cultura que está sendo estudada. Para o etnógrafo, a observação direta, participante e crítica é a melhor técnica a ser utilizada, de forma a conseguir obter dados fenomenológicos que representem a concepção de mundo dos participantes. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Dessa maneira, o pesquisador surge, nessa equação, como peça fundamental, pois conta com uma visão distanciada que tem como objetivo não a tradução, mas a recriação de uma cultura de modo que respeite e seja fiel o máximo possível suas manifestações in-natura. Outro ponto importante que ressalta a importância à figura do pesquisador é a necessidade da ausência de teoria ao procedimento etnográfico.

Ora, um olhar teórico, poderia, se aplicado ao procedimento etnográfico, poderia abafar ou silenciar algumas manifestações culturais características. O olhar desprovido de teoria facilita e fortalece uma recriação cultural do modo mais fiel possível. Dessa maneira, a cultura é o principal instrumento do etnólogo que passa, assim, a compreender a cultura por meio do próprio fazer cultural.

Essa observação não é genérica, mas particular, detalhada e explorada em profundidade, somente assim o resultado da etnografia torna-se valioso: uma re-construção do cenário cultural estudado na visão do pesquisador. Como resultado de um estudo etnográfico, não somente a re-criação do cenário é importante, mas o próprio método utilizado. Assim, o processo desenvolvido durante a etnografia torna-se um resultado relevante, pois a investigação etnográfica tem um caráter holístico e empírico sem pré-concepções teóricas que permite ao pesquisador explorar o fenômeno como um todo. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

As autoras delimitam que, com o surgimento da ciberesfera²⁵ (ABRANCHES, 2017), houve uma pulverização de novos modelos de interação e, como consequência, de novos modelos culturais que ampliaram o espaço e as oportunidades de compreensão via assimilação etnográfica. Porém, esse entendimento necessitou de adaptações nesse novo contexto.

[...] com o surgimento do ciberespaço tornou-se premente o uso e aplicação de metodologias de pesquisa que permitissem “capturar” a essência dos fenômenos presentes no mesmo. Porém a aplicação de metodologias de pesquisa já existentes, principalmente de caráter qualitativo como a etnografia, não pode ser realizada de forma automática sem adaptações e análise das possibilidades e os limites de tal adaptação para a pesquisa efetuada na web. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p. 11).

Uma das características que apontam para a necessidade de uma adaptação metodológica para a aferição de objetos culturais situados no ciberespaço é que a internet, nesse sentido, significa contexto de proliferação e nascimento de uma nova cultura, porém, também artefato. “Fato inerente a esse interesse crescente é que a Internet significa um contexto cultural e um artefato cultural ao mesmo tempo [...]” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Outro ponto importante que ressalta a uma adequação é que o pesquisador está, em uma sociedade globalizada, imerso na própria cultura. Ora, não surge como sujeito imparcial desprovido de conhecimentos prévios. Ao contrário, ele é parte inter-agente da cultura a qual estuda - é reconhecido, sobretudo, como parte e membro da cultura que estuda.

Com essas novas características e necessidades demarcadas pelo espaço web, surge um novo procedimento de compilação de dados - a netnografia.

[...] a netnografia exige combinação imersiva entre participação e observação cultural com relação às comunidades pesquisadas, sendo que o pesquisador deve ser reconhecido como um membro da cultura, um elemento importante do trabalho de campo. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

²⁵ Montardo e Passerino utilizam o termo esfera web e o conceituam como “Nós conceituamos esfera da web não simplesmente como uma coleção de websites, mas como um conjunto de recursos digitais dinamicamente definidos estendendo-se sobre múltiplos sites da web considerados relevantes ou relacionados a um evento central, conceito ou tema, e seguidamente conectado por hiperlinks” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Na perspectiva adotada pelas pesquisadoras, a netnografia é tipo de etnografia e as duas possuem razões de existir muito similares entre si. Entretanto, a netnografia se diferencia quando os modelos de interações que surgem observam a caracterizações bastante específicas. Na visão das autoras:

[...] a comunicação analisada em netnografia é diferente da observada na etnografia tradicional porque: 1) é mediada por computador; 2) está disponível publicamente; 3) é gerada em forma de texto escrito; e 4) as identidades dos participantes da conversação são mais difíceis de serem discernidas. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Nesse ponto, vale, primeiramente, destacar que todos os critérios enumerados pelas pesquisadoras são atendidos pelo objeto que aqui se propõe analisar. Em um segundo momento, também é necessário retomar que o objeto aqui analisado está situado em um campo específico da ciberesfera (ABRANCHES, 2017) - ele está localizado nas bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010). Dessa maneira, enquanto a etnografia demanda a entrevista em profundidade como recurso para a coleta de dados e como forma de compreensão aprofundada das experiências dos sujeitos, na netnografia, as experiências que transbordam os modelos de interação apresentam-se como artefatos disponíveis na web sob a forma de relatos, resenhas, vídeos, podcasts ou comentários.

Os dados a serem coletados seriam, assim, os próprios artefatos da cultura analisada. “[...] uma das vantagens é que as entrevistas netnográficas já “vem transcritas” e dessa forma não se tem uma dependência tão grande da memória do netnógrafo” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

As autoras acrescentam que, por mais que as novas mídias sejam pulverizadas de produções textuais e essas, por sua vez, são limitadas quanto à captação da comunicação não verbal, ela conta com informações e manifestações próprias capazes de complementar sua produção sónica e o entendimento do netnógrafo. Áudios, vídeos e os próprios emojis entram nesse mix de novos modelos de linguagens que podem complementar a compreensão do pesquisador.

Dessa forma, Montardo e Passerino (2006) delimitam que a netnografia pode ser utilizada para a compreensão de comunidades virtuais puras, derivadas ou até mesmo como ferramenta de análise e entendimento de outros temas.

[...] a netnografia pode ser empregada de três formas: (1) como ferramenta metodológica para estudar comunidades virtuais puras; (2) como ferramenta metodológica para estudar comunidades virtuais derivadas; e (3) como ferramenta exploratória para diversos assuntos. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Sobre a coleta de dados da netnografia, há duas origens possíveis que podem ser complementares entre si

[...] há, ao menos, dois elementos importantes quanto à coleta de dados: 1) os dados que o pesquisador copia diretamente das comunicações mediadas por computador efetuadas pelos membros das comunidades on-line; 2) os dados que o pesquisador obtém ao observar a comunidade, seus membros, interações e significados. (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Assim, a partir dos dados revisitados, observa-se que a netnografia oferece o melhor suporte para o entendimento do desafio científico nesse estudo proposto. Vale, ainda, destacar que Montardo e Passerino (2006), como demonstrado anteriormente, que a observação direta é a melhor operacionalização de coleta de dados. “[...] a observação direta, participante e crítica é a melhor técnica a ser utilizada, de forma a conseguir obter dados fenomenológicos que representem a concepção de mundo dos participantes” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, s/p).

Sobre a observação direta, entende-se que essa técnica de coleta de dados atribui especial responsabilidade ao pesquisador que deverá estar apto a captar, registrar e entender as informações disponíveis de uma forma holística que pode, inclusive, extrapolar o sentido-texto.

Este método de coleta de dados baseia-se na atuação de observadores treinados para obter determinados tipos de informações sobre resultados, processos, impactos, etc. Requer um sistema de pontuação muito bem preparado e definido, treinamento adequado dos observadores, supervisão durante aplicação e procedimentos de verificação periódica para determinar a qualidade das medidas realizadas. (BARBOSA, 2008, s/p).

Dessa forma, a observação direta preocupa-se com a aferição de seu objeto em seu estado “*in-natura*”, ou seja, coleta e estuda seu desafio científico em seu estado natural. Ao contrário da entrevista e do relato que busca ou afere o objeto a partir de uma rememoração que é indireta, a observação direta, sobretudo no contexto da netnografia, quando observa textos produzidos por usuários disponíveis no contexto web, analisa o objeto e o dado em seu estado bruto, qual qual fora produzido, em suas lógicas de sentido próprias e originárias.

A observação direta depende mais da habilidade do pesquisador em captar informação através dos 5 sentidos, julgá-las sem interferências e registrá-las com fidelidade do que da capacidade das pessoas de responder a perguntas ou se posicionar diante de afirmações. Em geral, este método é aplicado com o pesquisador completamente fora das situações, fatos ou pessoas que está observando. Uma das vantagens desta técnica é que o pesquisador não precisa se preocupar com as limitações das pessoas em responder às questões. (BARBOSA, 2008, s/p).

Dessa maneira, assume-se, na pesquisa aqui proposta, que a observação direta seria bastante adequada, uma vez que assume para si a observação do objeto em seu estado natural. Entretanto, surge a necessidade de entendimento do melhor caminho para entendimento dos dados analisados.

Dessa maneira, vale resgatarmos que, na sociedade global, informacional e em rede, a web já se tornou parte das práticas cotidianas e, por conseguinte, do fazer cultural. Dessa maneira, o campo receptivo ou aquele que demarca e solidifica as bordas a circulação está inserido também nesse novo contexto cultural. Novamente, Trindade e Annibal (2010), nos auxiliam na compreensão dessa realidade:

As práticas cotidianas são práticas culturais, cuja práxis se constitui como modo de incorporação e naturalização dos códigos pertinentes às culturas, como já diagnosticou Stuart Hall 18 em suas proposições sobre a recepção. (TRINDADE; ANNIBAL, 2010, s/p).

Com isso, os pesquisadores auxiliam na compreensão de possíveis estudos ou olhares científicos que colaboram com o entendimento de objetos situados no campo receptivo.

Percebe-se também que, além dos Estudos Culturais ingleses, podem ser identificados outros lugares de convergência para o entendimento da relação dos meios de comunicação com o nosso cotidiano, incluindo e indo além da leitura, quando são estabelecidos diálogos com a teoria das mediações latino-americanas fundadas nas propostas de Martín-Barbero, com a teoria da produção social simbólica em Bourdieu, com os estudos recentes da semiótica, da pragmática e da análise de discurso de linha francesa, como ilustra a produção de Patrick Charaudeau, e da Análise do Discurso Crítico, de Fairclough. (TRINDADE; ANNIBAL, 2010, s/p).

Pautado nas provocações elaboradas por Trindade e Annibal acerca de proposições teóricas que ofereceriam suporte para a compreensão e análise de objetos situados no campo receptivo, admite-se, nesse estudo, a Análise de efeitos Pathêmicos do discurso proposta por Charaudeau.

Ainda, recorrendo ao desafio científico aqui proposto que assume para a si a proposta de compreensão da problemática das estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas para a expressão do ódio, entende-se que a análise do discurso ofereceria suporte interpretativo do objeto aqui analisado.

O principal ponto que colabora para a consideração da análise do discurso como estratégia interpretativa do objeto aqui assumido é que ela assume a comunicação como um processo que trata de uma relação de troca pautada no intercâmbio de significações de diversas abstrações e, entre elas, está a expressão de emoções, como o ódio.

A análise do discurso tem por objeto de estudo a linguagem, enquanto produtora de sentido em uma relação de troca, visto que ela traz em si mesma o signo de uma coisa que não está nela, mas da qual é portadora. (CHARAUDEAU, 2010, p. 26).

Nesse sentido, destaca-se que Charaudeau, ao empreender a análise de efeitos pathêmicos do discurso, adiciona outra discussão à compreensão das relações de trocas sígnicas entre sujeitos - ele possibilita, por meio do suporte teórico oferecido pela Análise do Discurso, um entendimento a respeito das trocas de significações que se atenta, sobretudo, a uma lógica visada de efeitos que, por sua vez, almejam ser pathêmicos²⁶ ou emocionais.

²⁶ Ao empreender o termo efeitos pathêmicos do discurso, Charaudeau aproxima sua perspectiva de efeitos visados do discurso da retórica aristotélica. Na visão do autor, "Isso me permite, por um lado,

[...] Este ponto de vista se aproximaria, por conseguinte, ao de uma retórica da visada de efeito que é instaurada por categorias de discursos que pertencem a diferentes ordens (inventio, dispositivo, elocutio, actio), nas quais haveria, entre outras coisas, uma “tópica” da emoção – uma “patemia”, eu diria – que seria constituída por um conjunto de “figuras”. (CHARAUDEAU , 2010, p. 26).

Desse modo, Charaudeau (2010, p. 36) considera que para a compreensão de uma retórica situação no campo do pathos, é aconselhável que se observe a natureza das emoções manifestas no campo discursivo seguindo a trilogia interpretativa situada entre - situação de comunicação, universo de saber partilhado e estratégia enunciativa.

Se, como vimos, toda emoção se baseia em crenças e resulta da atividade inferencial que um sujeito está prestes a desenvolver, se, além disso, nos interessamos mais em detectar um efeito patêmico do que em estabelecermos uma tipologia das emoções, então é preciso abordar essa questão da natureza do patêmico segundo a trilogia da qual falei acima: situação de comunicação, universos de saber partilhado e estratégia enunciativa. (CHARAUDEAU, 2010, p. 36).

Dessa maneira, a estratégia interpretativa pautada na análise de efeitos pathêmicos do discurso sugerida por Charaudeau aconselha o seguinte protocolo de compreensão:

A. Análise da situação ou contrato de comunicação;

- Dados externos: condição de identidade
- Dados externos: finalidade
- Dados externos: propósito
- Dados externos: condição de dispositivo
- Dados internos: locução
- Dados internos: relação
- Dados internos: tematização

B. Análise de universos de saber partilhado;

C. Análise da estratégia enunciativa;

inserir a análise do discurso das emoções na filiação retórica que desde Aristóteles trata dos discursos em uma perspectiva visada de efeitos (ainda que ajustes sejam necessários a essa filiação), por outro lado, me permite dissociar a análise do discurso, caso seja necessário, da psicologia e da sociologia”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 35).

O protocolo adotado justifica-se, sobretudo, a partir do aconselhamento sugerido pelo linguista Patrick Charaudeau que pauta-se, principalmente, no entendimento de que qualquer objeto discursivo que orbite o quadro pathêmico deverá ser abordado sob um olhar que se preocupe com as crenças e a natureza do estado emotivo. Desta maneira, ele sugere:

Proceder a uma classificação dessa noção sem levar em conta a situação do surgimento da emoção faz parte muito mais de um projeto sócio-antropológico. Se, como o vimos, toda emoção se baseia em crenças e resulta da atividade inferencial que um sujeito está prestes a desenvolver, se, além disso, nos interessamos mais em detectar um efeito pathêmico do que em estabelecer uma tipologia das emoções, então é preciso abordar essa questão da natureza do pathêmico segundo a trilogia da qual falei acima: situação de comunicação, universos de saber partilhado e estratégia enunciativa. (CHARAUDEAU, 2010, p. 36).

As três instâncias de análise propostas por Charaudeau serão detalhadas mais a frente, entretanto, adianta-se que seu olhar propõe uma análise de textos de comunicação que, originalmente, organiza-se nas situações de troca que, por sua vez, definirão sumariamente as relações intra e extra discursivas. Desse modo, dispositivo, finalidade, condições de identidade e propósito seriam algumas das variáveis necessárias à revista de um analista do discurso, no momento da compreensão dos aspectos pathêmicos do discurso.

Os dados externos são aqueles que, no campo de uma prática social determinada, são constituídas pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas e pelas constantes que caracterizam essas trocas e que permanecem estáveis por um determinado período[...]. (CHARAUDEAU, 2009, p. 68).

Do mesmo modo, é necessário um aprofundamento sobre um certo quadro de irracionalidade presente no campo discursivo das emoções. Dessa maneira, torna-se necessário um olhar criterioso acerca do tráfego dos universos de crença que orbitam a cena pathêmica.

O fato das emoções se inscreverem em um quadro de racionalidade não basta para explicar sua especificidade. [...] é também necessário que o sujeito possa avaliar este saber, possa se posicionar em relação a este saber para poder vivenciar ou exprimir a emoção. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

Por fim, sugere-se uma elaboração sobre a cena enunciativa. Esse aprofundamento permite estudar o estado pathêmico evocado na cena discursiva a partir de uma perspectiva que o trata como acontecimento único, especial e que, possivelmente, jamais se repetirá. Ora, ele é demarcado por condições e dimensões temporais, espaciais e localizadas que agregam dificuldade a sua reprodução.

A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço. (MAINGUENEAU, 1998, p. 55).

Ainda há de se acrescentar que a análise proposta por Charaudeau implica em um pensamento sobre as condições que implicam na construção discursiva, mas também aquelas que operam na arbitrariedade do sujeito que, ao empoderar-se de certos caminhos enunciativos, se coloca no ato da comunicação e o transforma em algo único, exclusivo que jamais se repetirá na história da humanidade. Dessa maneira, liberdade e coerção convivem, adequadamente, disputam territórios e forças na construção discursiva, como demonstra Charaudeau:

Nenhum ato de comunicação está previamente determinado. Se é verdade que o sujeito falante está sempre sobredeterminado pelo contrato de comunicação [...], ou seja, que lhe permite manifestar um ato de individuação: na realização do ato de linguagem, pode escolher os modos de expressão que correspondam a seu próprio projeto de fala. Contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias, o que faz com que todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada. (CHARAUDEAU, 2013, p. 71).

ANÁLISE DA SITUAÇÃO OU CONTRATO DE COMUNICAÇÃO DE COMENTÁRIOS NO PERFIL DA VALE NO FACEBOOK 3 MESES APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM BRUMADINHO

Charaudeau (2013), ao auxiliar no empreendimento de uma visão teórico-metodológica de análise de produtos de comunicação que trafegam o universo pathêmico, oferece uma primeira pista sobre a localização primária do olhar do analista. Nesse campo, ele nos indica que ao discurso cabe uma instância de

produção que está, sobretudo, inserida em uma lógica contratual ou situacional demandada e articulada entre condições específicas imbricadas, porém, alienada a sua intencionalidade.

A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência? Como atribuiriam valor a seus atos de linguagem, com o construiriam sentido, se não existisse um lugar ao qual referir as falas que emitem, um lugar cujos dados permitissem avaliar o teor de cada fala? (CHARAUDEAU, 2013, p. 67).

Na visão do autor, há um território de articulação que oferece não apenas condição à produção discursiva, mas, também espaço para determinadas interferências que vão constituir a especificidade da troca de significado. Ora, de modo prático, condições de identidade, propósito ou até mesmo o dispositivo utilizado configurariam estruturas extra-textuais que regulam, em certa medida, as relações de troca sógnicas que ocorrem a partir do discurso.

Desse modo, Charaudeau (2013) utiliza a metáfora do palco para auxiliar na assimilação das situações ou contratos de comunicação aos quais o discurso está sujeito. Dessa maneira, esse palco orquestra relações que orbitam os territórios da permissão, mas também da regulação que delimitarão, sobremaneira, as valorações simbólicas que constituem o campo discursivo.

A situação de comunicação é com o um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico. Como se estabelecem tais restrições? Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos para justificar essas mesmas práticas a fim de valorizá-las. (CHARAUDEAU, 2013, p. 67).

Desse modo, fala-se em delimitação das situações de troca estabelecidas entre sujeitos, uma vez que o contrato estará a todo o momento cerceando e delimitando as fronteiras às quais o discurso deve respeitar para, inclusive, garantir suporte para sua interpretação.

Nesse sentido, o locutor ou o produtor de um discurso parte de um lugar identitário, por exemplo, bastante específico quando elabora um texto a uma audiência específica. Essas relações ou fronteiras de identidade estão a todo o

momento sendo indiretamente evocadas em uma produção e, se cruzadas, podem transformar um determinado discurso em outro absolutamente distinto.

Assim se constroem as convenções e as normas dos comportamentos linguageiros, sem as quais não seria possível a comunicação humana. Por conseguinte, os indivíduos que querem comunicar entre si devem levar em conta os dados da situação de comunicação. Não somente todo locutor deve submeter-se às suas restrições (a menos que queira transgredí-las, mas isso mostra que reconhece sua existência), mas também deve supor que seu interlocutor, ou destinatário, tem a capacidade de reconhecer essas mesmas restrições. (CHARAUDEAU, 2013, p. 67).

Dessa maneira, o palco ou o contrato que se estabelece a partir dessa relação comunicativa acontece a partir de um lugar que é, na visão de Charaudeau (2013) da intencionalidade. Assim, essas restrições que são assimiladas em um momento prévio à produção do discurso, mas que no momento de sua criação, servirão de suporte interpretativo, são utilizadas com a finalidade de garantir, uma espécie de “forma” ao discurso. Elas configurarão sua qualidade extra-textual e, ao mesmo tempo, ocuparão e acompanharão toda a sua produção e interlocução e, justamente por esse motivo, se inserem em um território de intencionalidade.

O mesmo acontece com todo interlocutor, ou leitor de um texto, que deve supor que aquele que se dirige a ele tem consciência dessas restrições. Assim se constrói o que os filósofos da linguagem designam por “cointencionalidade”: toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação. O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência. (CHARAUDEAU, 2013, p. 67).

DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE IDENTIDADE

Assim, na perspectiva de Charaudeau (2013), o primeiro ponto, dentro do contexto do contrato de comunicação, ao qual o analista do discurso deve se atentar é à condição identitária dos sujeitos inscritos no processo discursivo. Com isso, trata-se de uma averiguação demográfica, porém, comportamental, social e identitária dos agentes posicionados na relação produtor/interlocutor.

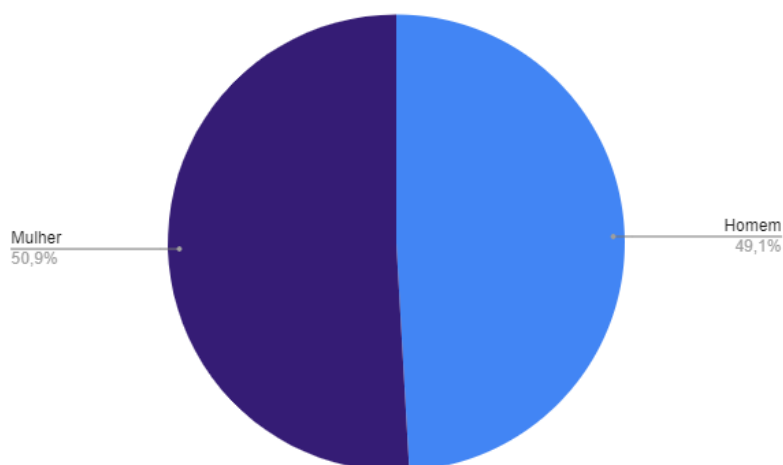
A identidade dos parceiros engajados na troca é a condição que requer que todo ato de linguagem dependa dos sujeitos que aí se acham inscritos.¹ Ela se Trata-se da hipótese de que o ato de linguagem é um

ato intersubjetivo.[...] define através das respostas às perguntas: “quem troca com quem ?” ou “quem fala a quem ?” ou “quem se dirige a quem?”, em termos de natureza social e psicológica, por um a convergência de traços personológicos de idade, sexo, etnia etc., de traços que sinalizam o status social, econômico e cultural e que indicam a natureza ou o estado afetivo dos parceiros. (CHARAUDEAU, 2013, p. 69).

Dentro do contexto analisado, no qual posiciona-se o olhar sobre as audiências ativas (LOPES, 2014), entende-se como necessária a resposta à pergunta de quem se dirige a quem, partindo do olhar dos produtores dos comentários.

Dessa maneira, o primeiro dado que se tem acesso é sobre o sexo dos autores, dentro da composição demográfica dos produtores de comentários analisados. De todos os autores levantados, 50,9% eram mulheres e 49,1% eram homens.

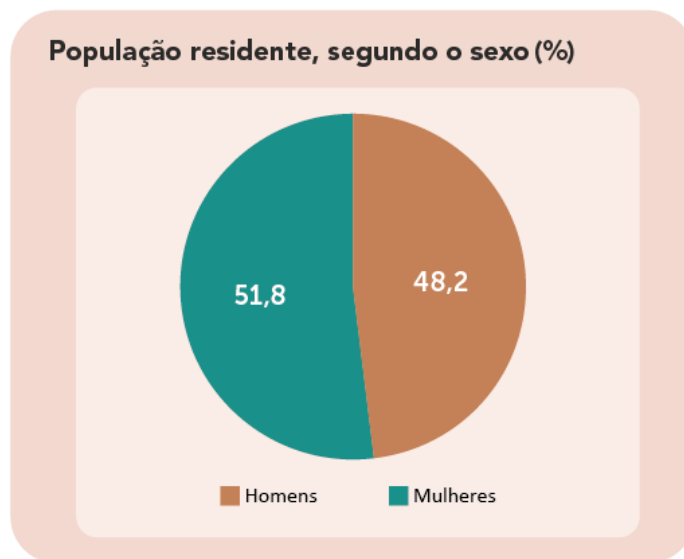
Figura 78: gráfico de composição demográfica dos autores dos comentários analisados.



Fonte: elaborado pela autora

Todos eles compõem a base de seguidores da Vale dentro do Facebook. Para a composição dessa pesquisa, contou-se apenas com dados públicos ofertados pelo Facebook, com isso, não é sabido exatamente qual a distribuição demográfica de sua base. Entretanto, estima-se, como uma empresa de grande conhecimento em nível nacional, que sua base reflita a composição demográfica brasileira. Assim, outro dado que reflete um possível espelhamento da composição demográfica brasileira é a composição de sexo do Brasil que coincide com a composição da amostra analisada.

Figura 81: gráfico de composição demográfica Brasileira.

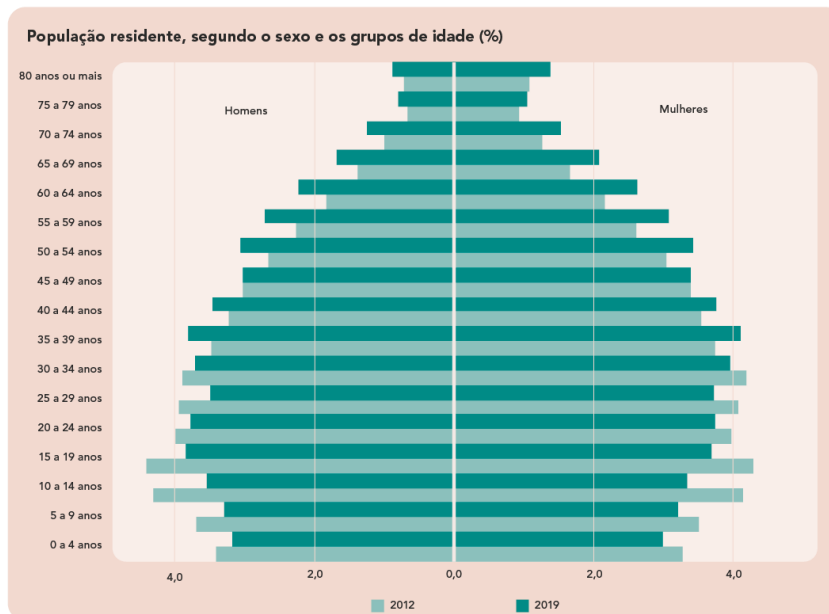


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Fonte: PNAD, 2019

Sobre a composição etária, há uma maior concentração entre a população de 19 a 54 anos, conforme é possível observar nos dados oferecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD).

Figura 82: gráfico de composição demográfica Brasileira.

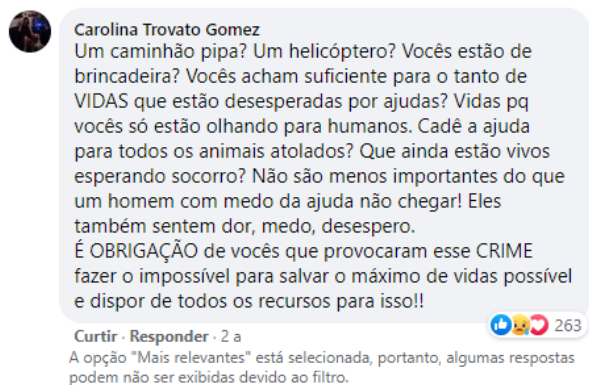


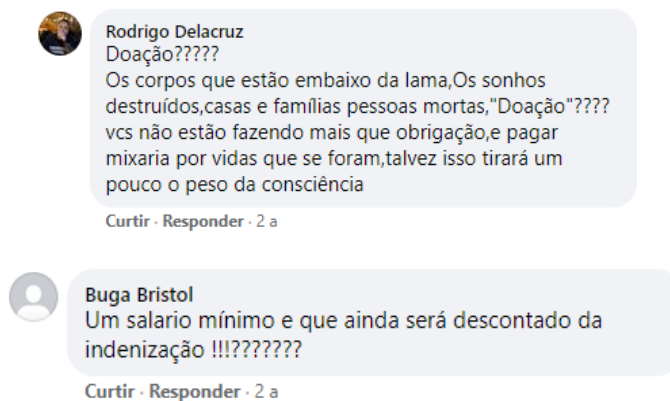
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2019.

Fonte: PNAD, 2019

Sobre as características comportamentais assumidas pelas audiências ativas estudadas no corpus analisado, destaca-se, sobretudo, sua atitude questionadora. O espaço dos comentários feitos em relação às postagens da vale é utilizado por muitos sujeitos como espaço de contraponto. Nesse sentido, observam-se muitas marcas, como o próprio uso de perguntas ou interrogações, com a finalidade produtora discursiva de contrapor e questionar o que está sendo apresentado pela Vale em suas postagens.

Figura 83: Uso de marcas de questionamento para contrapor o discurso da Vale





Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Observa-se também que as posições identitárias oscilam entre a maior parte que é composta por pessoas que questionam a Vale a partir de uma posição:

- I. Massiva/brasileira: foram identificadas, nas produções discursivas, marcas identitárias que demonstram que os sujeitos sentem-se lesados e indignados, porém a partir de um olhar que é, de certo modo, distanciado, ou seja, de população geral que não foi impactada diretamente pelo rompimento da barragem.
- II. Familiares e moradores: essas posições identitárias são assumidas por familiares e moradores das regiões afetadas e sob risco que questionam e, utilizam o espaço de voz, para contrapor e inclusive expor suas indignações diante das perdas e dos riscos aos quais a Vale lhes expõem;

Figura 84: Comentários de familiares e moradores das regiões afetadas e sob risco



Natália Oliveira
 Vale informe onde está minha irmã que trabalhou quase 30 anos de sua vida na Vale
 Onde está Lecilda de Oliveira????
 Onde está seus amigos, colegas de trabalho de toda uma vida???... **Ver mais**

Curtir · Responder · 2 a



Silvia Helena Ferraz Santos
 TRÊS MESES DE ANGÚSTIA! TRÊS MESES DE UMA DAS MAIORES TRAGÉDIAS NACIONAIS! VERGONHA MUNDIAL! TRÊS MESES DE REVOLTA! TRÊS MESES DE SAUDADES! PERDI O MEU FILHO...VALE, TENHO NOJO DE VOCÊS! VALE VERGONHA!

Curtir · Responder · 2 a



Elias Paulino
 Vale por favor me de uma resposta a barragem vai sair de Congonhas ou as pessoas ? Ela corre o risco de se romper acada vez a agua vai subindo ela vai se romper olha o que eu to dizendo ela vai se romper a qualquer momento e sim vale coloque a camera de segurança que nem a de brumadinho e coloque uma camera wue tenha som e no minimo 6 camera de segurança coloque ne Congonhas boa sorte vale que deus proteje voces e os habitantes

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

A condição de dispositivo midiático será aprofundada um pouco mais adiante na análise aqui proposta. Porém, vale, aqui na dedicação do olhar sobre as posições identitárias, ressaltar a apropriação pelo sujeitos ativos do lugar de voz oferecido pelos comentários em redes sociais como espaços de criação de questionamentos, expressão de indignação e ódio e, inclusive, de geração de visibilidade para realidades desenquadradas pelas relações de poder desiguais.

Ora, o que se quer demonstrar é que a Vale, em seus enquadramentos, inclusive que se situam em zonas de poder privilegiadas, coloca à margem os familiares indignados e a população questionadora. Porém, esses, por sua vez, encontram nos comentários um lugar de apropriação que lhes garante voz e visibilidade para questionar, contrapor e demonstrar sua indignação. Abranches²⁷, em seus pensamentos sobre a era do imprevisto, nos ajuda a compreender esse fenômeno:

Daí, inclusive, as surpresas dos criadores das mídias e redes, que as pensam para determinado fim e descobrem que as pessoas lhes dão usos totalmente distintos e não antecipados por elas. Vejo valor nessa autoria coletiva, nessa apropriação das redes. Não que eu desconheça ou descarte o encastelamento narcísico nas zonas de conforto, onde só entra o similar, frequentemente não mais a contrafação. Mas redes não são apenas úteis, nem seus serviços puramente voltados ao prazer. Há segmentos significativos da ciberesfera nos quais circulam informações, controvérsias, opiniões de conteúdo denso e relevantes para as escolhas coletivas, exatamente porque as pessoas têm o poder de dar a elas o uso que escolhem dar (ABRANCHES, 2017, p. 87).

Dentro desse ponto, destaca-se a força argumentativa assumida pela apropriação do espaço do comentário como lugar de voz, sobretudo, nas posições identitárias assumidas por familiares e moradores. Ora, há dentro do imaginário coletivo da identidade assumida pela mãe que perde seu filho um *ethos* e uma força argumentativa inquestionável no sentido de expressão e de validação da dor.

Assim, quando se responde a questão de Charaudeau de “quem se dirige a quem”, observa-se que há um direcionamento dos comentários à própria Vale, mas também a outros comentaristas e à audiência dos conteúdos propostos pela empresa. Dessa maneira, há uma proposta de escancaramento de uma realidade oculta pela empresa a outros interlocutores, além da própria Vale, que operam na cena discursiva.

De modo geral, observa-se um sentido de identidade de questionamento e contraposição bastante forte assumido pelas audiências ativas nos comentários

²⁷ Mesmo abordando a questão dos usos e apropriações por sujeitos das redes sociais, Abranches (2017) atenta para as relações de poder dentro das próprias redes que se estabelecem de modos desiguais: “O poder inclusivo dessas novas mídias frias, interativas e mobilizadoras não pode ser confundido com o grau de igualdade de acesso a elas. O desafio de eliminação da segregação digital ainda não foi vencido em muitas partes, mas chegamos muito mais próximo de superá-la com as tecnologias móveis. A exclusão digital impede ainda número significativo de pessoas de participar ativamente da conversação digital. Mas avança-se nessa busca diariamente e em velocidade exponencial” (ABRANCHES, 2017, p. 66).

analisados, porém, esse ponto ganha força argumentativa exponencial, quando o questionamento é assumido pelas identidades assumidas por moradores e familiares lesados que expõem essa realidade não abordada pela empresa.

Ainda respondendo a questão de “quem se dirige a quem”, nos comentários, observa-se que os comentários se dirigem à própria empresa. Nessa cena, há de se destacar um grande distanciamento estabelecido entre a imagem que a empresa traz de si em seu discurso, enquanto, organização que faz além do que deve ser feito²⁸, e da identidade da Vale trazida à tona pelos autores dos comentários. Palavras como “gananciosa”, “assassina” e “mentirosa” são exemplos de xingamentos evocados pelos autores dos comentários, quando se referem à Vale.

²⁸ Universo de saber partilhado mapeado no discurso da Vale na produção da Dissertação de mestrado que antecede à produção dessa tese.

Figura 86: Exemplos de comentários que demonstram a distância entre a identidade que a Vale deseja projetar e a imagem realmente absorvida pela audiência



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE FINALIDADE

Há, além dos parceiros de troca, inseridos no contexto discursivo, o campo da intencionalidade, no qual, trafega o campo das visadas ou o porquê da construção discursiva. Charaudeau (2013, p. 69) denomina esse campo como “condição de finalidade” e elucida que a chave para a compreensão desse campo está na compreensão da expectativa de sentido que se desenha a partir da construção discursiva. Nas palavras do autor:

A finalidade é a condição que requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo. Ela se define através da expectativa de sentido em que se baseia a troca, expectativa de

sentido que deve permitir responder à pergunta: “Estamos aqui para dizer o quê?”. A resposta a essa questão, numa problemática da influência, se dá em termos de visadas, pois na comunicação linguageira o objetivo é, da parte de cada um, fazer com que o outro seja incorporado à sua própria intencionalidade. (CHARAUDEAU, 2013, p. 69).

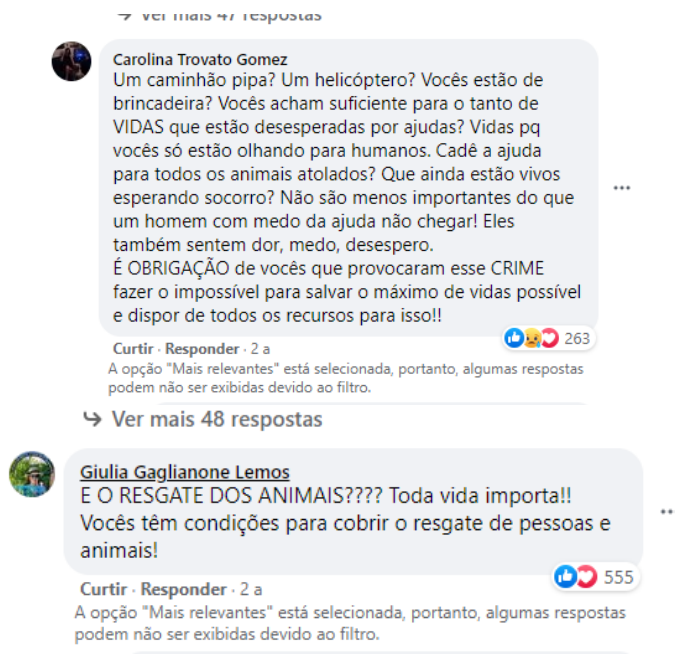
Desse modo, há, na visão do autor, quatro tipos de visadas que podem ser complementares ou conviverem de forma mútua, sem serem excludentes entre si, são elas: “fazer fazer”, “fazer saber”, “fazer crer” ou “fazer sentir”.

Quatro tipos de visadas (que podem combinar-se entre si) parecem particularmente operatórias: a prescritiva, que consiste em querer “fazer fazer”, isto é, querer levar o outro a agir de uma determinada maneira; a informativa, que consiste em querer “fazer saber”, isto é, querer transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo; a incitativa, que consiste em querer “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro); a visada do páthos, que consiste em “fazer sentir”, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável.(CHARAUDEAU, 2013, p. 69).

Dentro dos comentários analisados, primeiramente, observa-se, primeiramente, uma visada de “fazer fazer”, ou seja, prescritiva. Isso, sobretudo, se dá em uma intencionalidade de conscientização da Vale sobre todo o mal que causou e sobre as atitudes que deveriam ter sido tomadas e que, também, são as mais adequadas frente a toda a tragédia enfrentada pela população.

Desse modo, os autores ou as audiências ativas questionam, se utilizam, sobretudo, de perguntas, mas também de recomendações que atentam a empresa aos impactos de suas atitudes, apresentam caminhos de minimização de impactos e também correções de ações empregadas equivocadamente pela empresa.

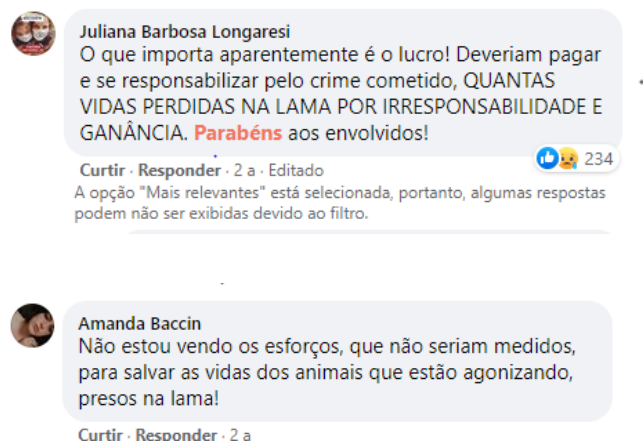
Figura 87. Exemplos de comentários nos quais as audiências ativas tentam conscientizar a Vale sobre os impactos de suas ações e as melhores atitudes a serem tomadas no atual contexto.



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Outro ponto importante observado é que há, nos comentários analisados, uma visada de sensibilização. As audiências ativas expõem a Vale os impactos de sua ganância e irresponsabilidade. Por meio de xingamentos e evocação de situações chocantes - como a agonia de animais e a morte de pessoas - as pessoas atentam ao bom senso da organização, por meio da provocação de um sentimento de consciência pesada e em uma intenção profunda de que a empresa “coloque a mão em sua consciência”, se arrependa profundamente e lute contra todo mal que fez à população.

Figura 88. Exemplos de comentários nos quais as audiências ativas tentam conscientizar a Vale sobre os impactos de suas ações e as melhores atitudes a serem tomadas no atual contexto.



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE PROPÓSITO

Além da condição de finalidade, na visão de Charaudeau (2009), há a condição de propósito que também deve ser considerada ao analista do discurso. Em seus estudos sobre as produções, o linguista francês orienta em relação a atenção que deve ser direcionada ao tema ou ao discurso que é tematizado na cena da significação. Segundo Charaudeau:

O propósito é a condição que requer que todo ato de comunicação se construa em torno de um domínio de saber, uma maneira de recortar o mundo em “universos de discurso tematizados”. O propósito se define através da resposta à pergunta: “Do que se trata?”. Corresponde ao universo de discurso dominante ao qual a troca deve reportar-se, uma espécie de macrotema (o que não impede que se acrescentem em seguida outros temas e subtemas), o qual deve ser admitido antecipadamente pelos parceiros envolvidos, sob pena de atuarem “fora de propósito”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 69).

Assim, o propósito corresponde ao macrotema ou à temática que insere todos os interlocutores ou co-produtores em uma mesma cena e troca de significação. Dessa maneira, quem se coloca à margem ou foge da temática abordada, sente-se deslocado ou é penalizado pelos próprios interagentes ou co-produtores discursivos.

Primeiramente, sobre os comentários das posições identitárias de familiares e moradores, observa-se a tematização implícita da expressão da dor. Charaudeau (2010, p. 49) delimita que a expressão da dor “Não se trata, evidentemente, de seu aspecto sensorial (sentir dor no braço), mas de seu estado mental [...]”.

Ainda, Charaudeau (2010) nos explica que a dor está associada a três características principais:

I) expressão de mal estar profundo: “de sofrimento no qual o corpo do sujeito é tomado à parte (somatização), e que pode se traduzir na manifestação, por um recolhimento sobre si mesmo” (CHARAUDEAU, 2010), p. 49).

II) é desencadeada por um actante objeto: assim, a dor, dentro do contexto discursivo é desencadeado por um objeto que está fora, porém que causa lesões ou prejuízos, inclusive, morais.

[...] a dor é provocada pela mobilização de uma rede de crenças que coloca o sujeito em posição de vítima moral, o que faz com que o objeto externo seja interiorizado pelo sujeito como causa interna da dor. (CHARAUDEAU, 2010, p. 49).

III) por fim, a dor é interiorizada pelo sujeito que a assimila por meio do sofrimento. Essa última característica é bastante sublinhada nas produções de posições identitárias de familiares e moradores.

[...] o sujeito se encontra em uma relação intransitiva e reflexiva com a dor (ela é “auto-patêmica”): interiorizando o objeto que causa dor, ele se essencializa ele próprio em “ser que sofre” e o enuncia-se de maneira elocutiva (ele diz: “tenho dor”). (CHARAUDEAU, 2010, p. 49).

Mesmo sendo uma temática bastante chocante, a dor ainda não é a mais recorrente. É, de forma pontual, bastante observada nas posições identitárias de familiares e moradores, entretanto, a temática ou a condição de propósito mais abordada nas produções analisadas é a da “indignação” e da “antipatia”.

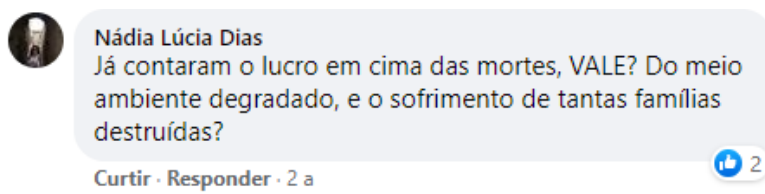
Charaudeau (2010, p. 51), delimita que a tematização da indignação ou antipatia é delimitada por quatro características centrais:

I) é organização em uma cena da ação que acontece em uma rede triangular - vítima de um mal, responsável pelo mal e sujeito observador-testemunha.

Deve ser considerada como uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: vítima de um mal, responsável pelo mal, sujeito observador-testemunha. O actante-objeto é, então, duplicado em perseguido e perseguidor, e o sujeito observador-testemunha se volta para o perseguidor. (CHARAUDEAU, 2010, p. 51).

No exemplo abaixo, é possível observar de modo bastante evidente a cena elucidada - o autor se coloca na posição de observador-testemunha e, dessa maneira, a frase “já contaram o lucro em cima das mortes, Vale?” aborda a Vale como responsável por todo o mal enfrentado pelas vítimas, trazidas na última parte do comentário - “meio ambiente degradado [...] tantas famílias destruídas”.

Figura 89. Exemplo da tríade observador-testemunha, vítima e responsável

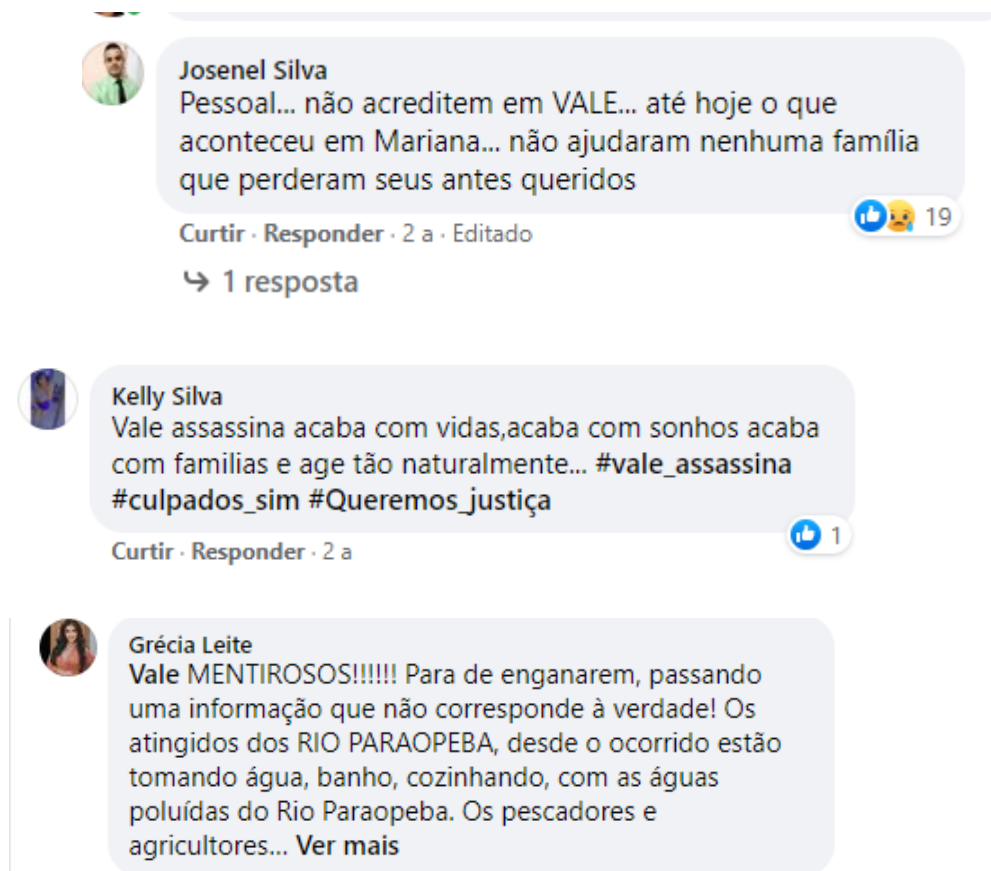


Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

II) a antipatia ou indignação é orientada contra alguém com a finalidade de denúncia: na visão do autor:

O sujeito está ao mesmo tempo em estado de indignação frente a uma vítima perseguida (ele mobiliza crenças sobre bem e o mal e sobre as relações de dominação [boltanski 1998], e em comportamento de denúncia do responsável pelo sofrimento de outro que ele exprime de forma ao mesmo tempo elocutiva (ele diz: denuncio e acuso X!). A antipatia é sempre orientada contra alguém. Ela não deve se constituir a priori nem contra o perseguidor, nem a favor do perseguido; (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

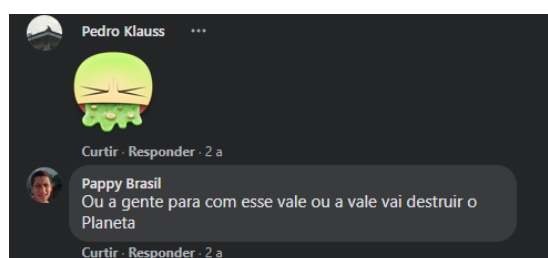
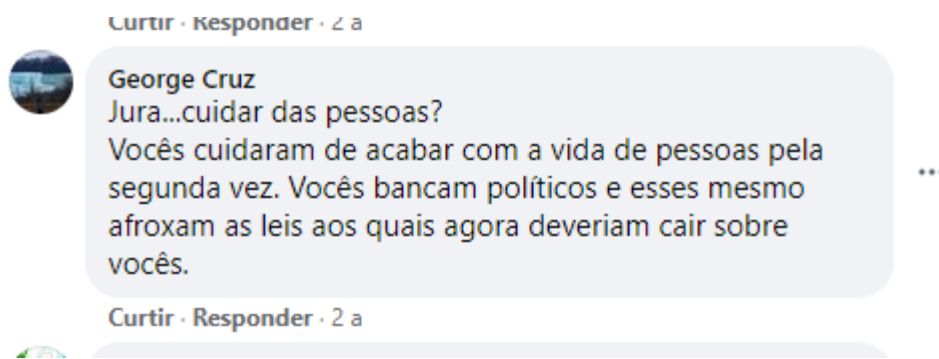
Figura 90. Exemplo da denúncia estabelecida por audiências ativas nos comentários no Facebook da Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

III) há ainda, na visão do autor, uma proporcionalidade na indignação que deve ser equivalente ao grau de dor provocada. “A indignação pode ser proporcional ao grau da dor da vítima e, desse modo, ao grau de perseguição” (CHARAUDEAU, 2010, p. 51). No comentários analisados, há a presença de marcadores que delimitam elevada indignação como emojis de “vomitação” que indicam nojo, xingamentos e marcas de acusações como “vocês cuidaram de acabar com a vida de pessoas pela segunda vez”.

Figura 91. Marcas de proporcionalidade à indignação nos comentários das audiências ativas

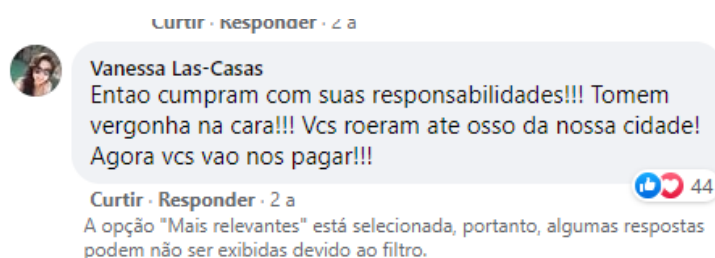


Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

IV) por fim, há uma intencionalidade de vingança na indignação que visa restaurar ou reaver todo o mal causado por esse perseguidor.

Essa indignação pode se voltar contra o perseguidor (ela é chamada de “unânime e homogênea”, como aquela que denuncia os ex-nazistas; ela pode se voltar contra a própria perseguição (ela é chamada de “esclarecida” (idem), como aquela que exerce em defesa de um condenado - processo Dreyfus). Nos dois casos, ela pode suscitar um programa de vingança. (CHARAUDEAU, 2010, p. 51).

Figura 92. Marcas de vingança nos comentários das audiências ativas



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

A condição de propósito, proposta na análise de Charaudeau, atenta para uma uniformização dos temas que circulam nas mídias, mesmo quando propostos por sujeitos distintos. Ora, as mídias, nesse caso, oferecem espaço e, inclusive, na perspectiva do autor fomentam esse universo de uniformização do discurso que permite que uma mesma temática ou propósito seja absorvido e incorporado por diferentes sujeitos, algo que agrega força ao campo discursivo.

Sobre esse tema, deve-se acrescentar que o discurso analisado no corpus proposto está inserido no campo das redes sociais que intensificam ainda mais esse processo de incorporação ou absorção da temática. Os comentários estão localizados em campos visíveis, expostos às organizações, mas também a outros sujeitos que são audiências, mas também potenciais produtores.

Esse aspecto, agrega força propulsora ainda maior à condição de propósito discursiva. O que se quer dizer é que, mesmo em comentários distintos, no corpus analisado, foi possível observar uma uniformização das temáticas da indignação ou da antipatia, como observa Charaudeau, e isso pode ter sido potencializado pelo espaço midiático no qual esses discursos estavam inseridos. Abranches (2017) auxilia no entendimento desse processo:

O modo pelo qual os movimentos de indignação em vários países se transformaram em um fenômeno de massa e, em alguns casos, em revoltas populares sugere um processo por contágio em rede bastante estimulante. (ABRANCHES, 2017, p. 90).

DADOS EXTERNOS: CONDIÇÃO DE DISPOSITIVO

Em seus pensamentos, Charaudeau delimita outra discussão bastante relevante à análise do discurso - a atenção à ambiência ou à circunstância na qual o discurso é trafegado. Essa ambiência ou circunstância corresponde ao dispositivo midiático no qual o discurso está inserido.

Na visão do autor, seja a televisão, o jornal, o rádio ou as redes sociais, todo dispositivo midiático possui normas específicas que regulam, legitimam e apresentam caminhos de configuração do campo discursivo. Dessa maneira, Charaudeau delimita o dispositivo como uma condição na qual o ato da comunicação está inserido.

O dispositivo é a condição que requer que o ato de comunicação se construa de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve. Define-se através das respostas às perguntas: “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70).

Dessa maneira, o dispositivo midiático, o qual como delimitado anteriormente pelo autor, é composto pela ambiência tecnológica, mas também por suas especificidades. Nesse sentido, temos um discurso estruturado e descrito na rede social Facebook que possivelmente, se replicado, na rede social Instagram obedeceria a normas e especificidades totalmente distintas.

Desse modo, as mídias se organizam em uma finalidade de previsibilidade da audiência, seja ela ativa ou não. A audiência da televisão espera uma determinada construção ou manifestação discursiva que é diferente da esperada pela audiência do youtube, por exemplo. Essa estruturação da previsibilidade é, na visão de Charaudeau, estratégica, no contexto das mídias, uma vez estabelece-se, previamente, de modo “implícito” “as regras do jogo” com a audiência que sabe o que esperar de um debate ou de uma publicidade, por exemplo.

O dispositivo constitui o quadro topológico da troca, que é mais ou menos manifesto, mais ou menos organizado. Em certos casos, é objeto de uma montagem cênica pensada de maneira estratégica, como nas mídias televisuais (debates, emissões de variedades e jogos) ou na publicidade; em outros casos, interfere muito pouco, como nas conversas espontâneas, embora mantenha certas características. O dispositivo é o que determina variantes de realização no interior de um mesmo contrato de comunicação. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70).

Dessa maneira, respondendo à questão proposta pelo autor de “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação?”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70), entende-se que o corpus analisado trata, sobretudo, de uma discussão inscrita no campo das redes sociais.

Uma realidade já latente na vida humana ocidental há algum tempo, as redes sociais estabelecem um quadro topológico, como elucida Charaudeau, mais envolvente e até mais pathêmico do que outras mídias. Ora, nesse sentido, a discussão de expressão do ódio em um corpus analisado no quadro de dispositivo das redes sociais ganha relevante espectro, se comparado ao mesmo caso expresso via televisão ou em uma matéria de jornal, por exemplo.

Essa constatação é oferecida por Abranches (2017) que, em sua análise sobre a era do imprevisto, como assim denomina o momento no qual a humanidade está inserida, delimita que as redes sociais seriam esse enquadramento mobilizador da troca. Assim, trata-se de um espaço mais engajante do que outros dispositivos que possui capacidade ímpar de intensificação do convencimento e da propagação da informação.

As redes sociais e a comunicação móvel criam um espaço público, não político, que interessa mais, mobiliza mais e convence mais as pessoas que o espaço político analógico. A intensidade da informação nesse espaço é muito maior do que a intensidade da informação no mundo analógico. Daí a quantidade de exposição ser cada vez menos importante. (ABRANCHES, 2017, p. 106).

Dessa maneira, as redes sociais configuram um valioso espaço de ampliação de possibilidade de interação. No corpus analisado, cabe destacar que em casos de discursos organizados pela Vale no contexto do dispositivo midiático televisão, as possibilidades de interação das audiências seriam nulas, tendo em vista que trata-se de uma mídia unilateral, sem possibilidade de réplica ou de trocas.

Assim, observa-se que o discurso oferecido pela Vale em suas redes sociais é duplamente questionado - primeiramente, pois, suas ações e história, com o caso de Bento Rodrigues, retratado não apenas nas redes sociais, mas, anteriormente, em outros dispositivos como a televisão ou o jornal, já o contradizem e tornam suas ações de recuperação das cidades altamente questionáveis.

Porém, em um segundo momento, há um questionamento que se dá de forma direta, em tempo real, pelas próprias audiências ativas que se apropriam dos possibilidades interativas oferecidas pelo campo midiático das redes sociais e tornam seus comentários artefatos expostos e acessíveis a todos que o desejam acessar de sua indignação, dor e ódio. Sem as possibilidades interativas oferecidas pelo quadro topológico oferecido pelas redes sociais, esse processo jamais seria possível. Na visão de Abranches (2017):

Com a ciberesfera, as várias mídias e redes sociais, temos hoje a mais democrática e acessível tecnologia de comunicação jamais concebida. Não há dúvidas de que essa transformação radical na maneira pela

qual interagimos socialmente tem enormes repercussões sociais e pessoais, culturais e comportamentais. (ABRANCHES, 2017, p. 106).

Há ainda a necessidade de se acrescentar que os discursos aqui analisados estão inseridos no contexto de uma rede social específica - do facebook. Aos usuários da rede social, é de se esperar que o espaço comentários seja apropriado pelas audiências para a construção de conteúdos que sejam complementares à leitura do que está sendo exposto. Nesse sentido, ao inserir seus vídeos institucionais sobre o rompimento da barragem na rede social Facebook, a Vale se insere em uma lógica de complemento da interpretação do conteúdo.

Assim, o campo “comentário” dentro do Facebook convida audiências a complementarem o que está sendo exposto. O campo, amplia não apenas a possibilidade de interpretação do conteúdo, mas também a capacidade extensiva dele. É como se um discurso, ao ser exposto ao dispositivo facebook, estivesse sempre em um processo que é do meio, inacabado, aguardando que as audiências comentem sobre ele e ampliem as possibilidades de extensão, de aprofundamento e de construção daquele conteúdo.

Abranches (2017) traz diálogo com as observações ao reler os pensamentos de McLuhan. Segundo ele, o facebook seria uma mídia fria, sempre interativa, aberta à construção e à ampliação das possibilidades interpretativas de um conteúdo.

No sentido de McLuhan, o Twitter e o Facebook seriam mídias frias, que induzem à participação. São interativos, às vezes hiperinterativos. As mídias frias demandam que se busque completar a informação de algum modo ou dêem margem a interpretações diversas. Uma boa ilustração de McLuhan é a da fotografia, quente, porque contém toda a informação, comparada à charge, fria. Mas o instagram “esfria” a fotografia, ao induzir a interpretação a partir dela. (ABRANCHES, 2017,s/p).

No caso do corpus analisado, a complementaridade interpretativa oferecida pelo facebook é apropriada pelas audiências ativas em um sentido de finaliza os discursos postados pela Vale com contrapontos que expõem a fraqueza argumentativa do discurso altamente questionável da mineradora. É como se o

início dos discursos fosse a visão que a Vale deseja construir sobre sua reputação, porém o fim sempre corresponderá à realidade.

É evidente que nesse processo insere-se o mérito das audiências ativas que, entre o caminho do se opor ou não se opor, escolhem convictamente à primeira opção.

Como todo artefato de transição, as redes são ambivalentes. Dependerá da ação humana, coletiva, qual seus lados prevalecerá, o luminoso ou o escuro. Será sempre um amálgama dos dois, mas é possível, pela prática cada vez mais consciente, levar o lado de maior conteúdo coletivo e comunitário a prevalecer. (ABRANCHES, 2017, P. 89).

Há, dentro desse mérito das audiências ativas, um poder bastante significativo de contaminação, por meio da exposição da realidade, de suas dores, angústias, indignação e ódio - as audiências ativas, nos campos das redes sociais, possuem poder exponencial de arrastamento de conversão de grupos em massas. Nesse sentido, sua exposição não torna-se apenas significativa, mas, sim, necessária e força propulsora de pressão para mudanças sociais.

No caso atual, as mídias e as redes sociais, a telefonia móvel - vídeos, fotos e mensagens - e a tv global (CNN, AL Jazeera) presente em inglês em todos os países e em tempo real, por cabo, internet ou satélite, propiciam não apenas o contato virtual local, que leva grupos às ruas e que, nas ruas, entram em contato físico, não mais com outros indivíduos, mas com a própria massa. (ABRANCHES, 2017, P. 92).

Abranches (2017) ainda oferta uma crítica aqueles que refutam a análise e afirmam que as redes sociais não possuem o poder de criar intensas mudanças. Na visão do autor, é evidente que elas não criam, porém, elas evidentemente criam espaços de conexão e de exposição de realidades que aceleram e promovem, de modo eficaz, a interação entre os agentes potenciais transformadores.

Olhando o processo dessa forma, me parece inteiramente ocioso o alerta de alguns analistas de que as mídias sociais, o Twitter, em particular não fazem revoluções. Claro que não fazem. Mas se tornaram uma infraestrutura de comunicação e transmissão de informação fundamental para promover virtualmente o contato e o contágio. (ABRANCHES, 2017, p. 93).

Vale destacar que a exposição não é mero detalhe no contexto das mudanças provocadas pelas audiências ativas - elas oferecem certa proteção aqueles que escolhem se expor. Na visão de Abranches, as redes sociais possuem a capacidade de ampliar a rede de solidariedade entre agentes que possuem os mesmos interesses e, assim, os oferecem alguma garantia contra a repressão, uma vez que estão expostos.

As redes dão velocidade ao processo de expansão do movimento e permitem que ele crie rapidamente uma malha de solidariedade global, que oferece alguma proteção aos manifestantes contra a violência indiscriminada da repressão. (ABRANCHES, 2017, p. 93)

No corpus analisado, é possível, novamente, observar esse fenômeno. Para elucidar essa questão, retomaremos o fato de que no dia 09 de janeiro, 16 dias antes do rompimento da barragem de Brumadinho, o ex-presidente da mineradora Vale, Fabio Schvartsman recebeu um e-mail de um funcionário da Vale intitulado “a verdade”. Esse e-mail retratava as precárias condições às quais as barragens da mineradora estavam expostas e que expunham a vida de milhões de moradores que habitavam as regiões nas quais essas estavam localizadas.

Aos investigadores, Fábio afirmou que acreditava que o e-mail, de autoria anônima, teria sido enviado por algum empregado descontente. Fábio, ainda empregou esforços, na companhia, quando recebeu o e-mail para encontrar o autor e o chamou de “câncer” a seus colegas.

Figura 93: Matéria que destaca que ex-presidente da Vale busca repreender funcionário que denunciou as situações precárias das barragens 11 dias antes do rompimento de Brumadinho

| | | | | | | |
|------------------|-------------------------------------|--|------------------------|--|--------------------------------|----------------------------|
| InfoMoney | O futuro do Bitcoin | Simulador de investimentos | IM+ | Planilha de dividendos | Operação Fênix | |
| 7,00 +1,21% | ITUB4 R\$ 24,00 +1,95% | ABEV3 R\$ 15,27 +1,80% | GGBR4 R\$ 27,96 +4,80% | IBOVESPA 108.715 pts +2,28% | DÓLAR R\$ 5,56 -1,35% | BITCOIN R\$ 351.943 +2,47% |

Advertência rechaçada

CEO da Vale ignorou alerta em minas antes de desastre em Brumadinho, diz WSJ

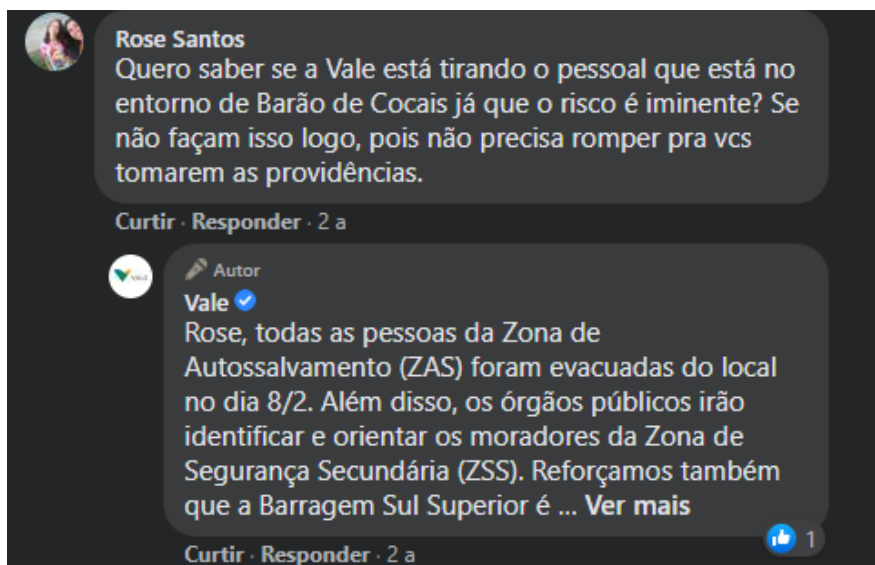
E-mail enviado aos principais gerentes da mineradora levou CEO a buscar a identidade do escritor e chamá-lo de "câncer", segundo a publicação

Fonte: INFOMONEY.COM.BR, acesso em julho de 2021

Ora, no caso anterior, observa-se que o autor estava inserido no campo midiático do e-mail que prevê uma troca ou um quadro topológico da confidencialidade - esse quadro, inclusive, expôs o autor a uma provável repreensão do ex-presidente e, talvez, por isso, ele tenha optado por uma autoria anônima.

No campo das redes sociais, uma repreensão aqueles que tentam atentar a possíveis problemas ou novos rompimentos, certamente, seria mal vista e criticada. Dessa maneira, observa-se um outro tipo de comportamento por parte da mineradora, muito mais aberto ao diálogo, como no exemplo abaixo em que um autor questiona a postura da Vale frente às ameaças de rompimento da barragem de Barão de Cocais.

Figura 94: autor de comentário questiona Vale sobre a situação da barragem de Barão de Cocais e é respondida pela mineradora



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

DADOS INTERNOS: LOCUÇÃO

Ademais, Charaudeau (2013) atenta a um outro aspecto que cabe à análise do discurso se ater - o campo locutivo. O espaço da locução é, na visão do autor, um lugar de justificativa da tomada da palavra. Assim, há um ethos que trafega na cena discursiva que justifica, em certa medida, que as posições identitárias assumam a palavra e sejam dignas de serem ouvidas.

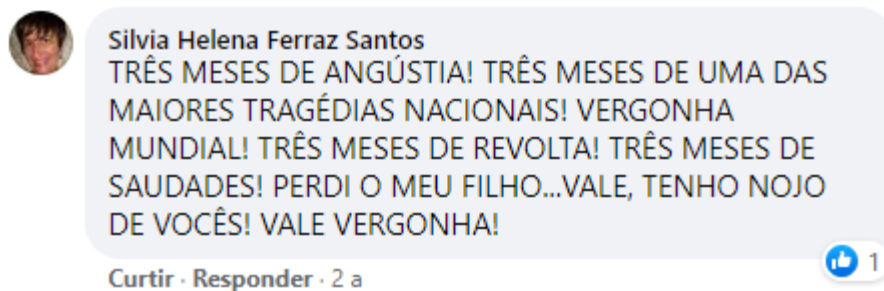
O espaço de locução é aquele no qual o sujeito falante deve resolver o problema da “tomada da palavra”. Nesse sentido, deve justificar por que tomou a palavra (em nome de quê), impor-se com o sujeito falante, e identificar ao mesmo tempo o interlocutor (ou o destinatário) ao qual ele se dirige. Ele deve, de algum modo, conquistar seu direito de poder comunicar. (CHARAUDEAU, 2013, p. 71).

Dessa maneira, no corpus analisado, surgem, nas observações, três espaços de locução bem delimitados.

- I. A perda das posições identitárias de moradores e familiares: o primeiro deles é ocupado por moradores e familiares. As perdas, em muitos casos irreversíveis, dessas posições identitárias oferecem espaço,

legitimação e garantia de voz, inquestionável, aos moradores e familiares afetados pelo rompimento da barragem.

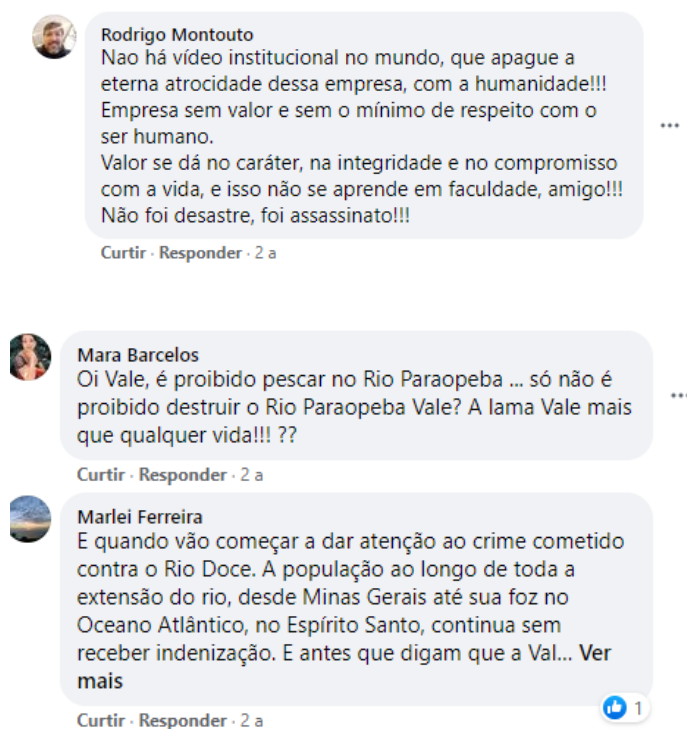
Figura 95: Exemplo de depoimento de uma mãe que perdeu seu filho. Observa-se uma legitimação da locução por meio da perda irreparável



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

- II. Proporções alarmantes dos danos causados à população brasileira: há, ainda, dentro dos comentários, a presença de marcas de justificativas de locução que direcionam o olhar do interlocutor à proporção dos danos causados, não apenas aos moradores, mas também a população brasileira que foi altamente lesada em suas riquezas e patrimônios ambientais. O Rio Paraopeba, a quantidade de mortos e o Rio Doce são alguns dos exemplos lembrados nos comentários que justificam suas manifestações e espaços de voz:

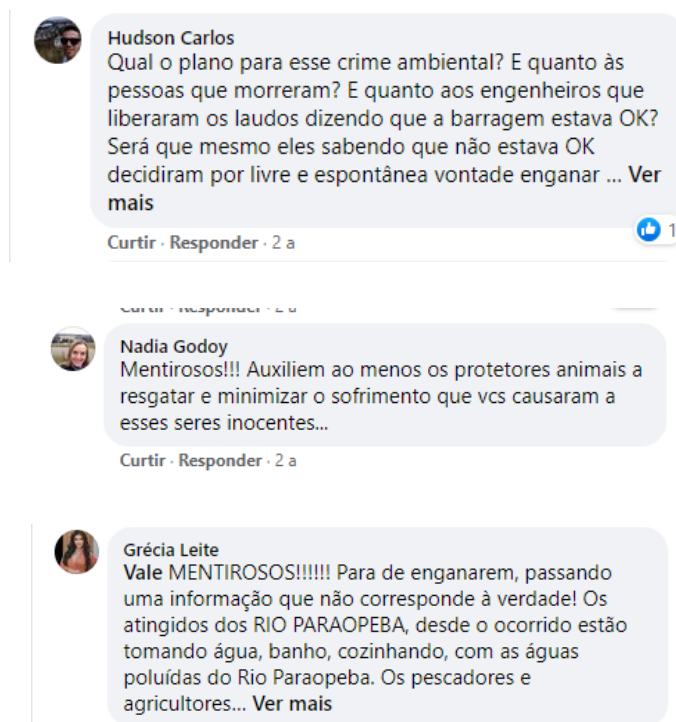
Figura 96: Exemplo de comentários com marcas de locução pautadas nos danos alarmantes à população brasileira



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

- III. A garantia do espaço da locução pelos silenciados: outro ponto que chama a atenção dentro dos comentários analisados, é o espaço da locução demarcado pelas audiências ativas que tomam a palavra por aqueles que são silenciados. Dessa maneira, eles evocam os exemplos dos animais cruelmente sacrificados, a natureza depredada e os pescadores e agricultores que perderam suas fontes de renda.

Figura 97: Exemplo de comentários com marcas de locução tomadas pelos silenciados.



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

DADOS INTERNOS: RELAÇÃO

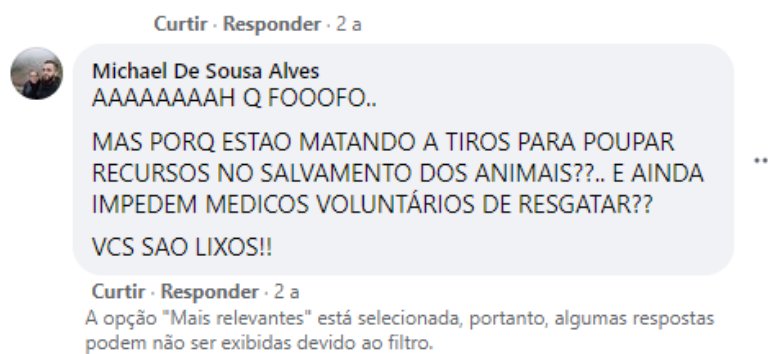
Iniciando a análise de dados internos do discurso, na proposta de Charaudeau, começa-se pelo olhar para as condições de relação estabelecidas no contrato da comunicação estabelecido na cena. Dessa maneira, a relação é aquele espaço, no qual o sujeito falante estabelece alguma ligação ou distanciamento com os outros sujeitos envolvidos no campo discursivo. Na visão do autor:

O espaço de relação é aquele no qual o sujeito falante, ao construir sua própria identidade de locutor e a de seu interlocutor (ou destinatário), estabelece relações de força ou de aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor. (CHARAUDEAU, 2013, p. 71).

Dessa maneira, observa-se que a relação das audiências ativas com seu interlocutor - a Vale - estabelece-se a partir do campo do afastamento e da agressão. Essa agressão é orientada, sobretudo, com uma orientação prescritiva. Ou seja, “fazer fazer” - há na agressão uma intencionalidade de

conscientização da Vale sobre todo o mal que causou e sobre as atitudes que deveriam ter sido tomadas e que, também, são as mais adequadas frente a toda a tragédia enfrentada pela população.

Figura 95: Espaço de relação demarcado pela agressão



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Se, por um lado, observa-se uma relação estabelecida entre Vale-audiências ativas de agressão ou de afastamento, por outro, observa-se uma relação estabelecida também entre audiências ativas-audiências ativas. Essa relação é observada por meio de um “endossamento” que se dá entre comentários e que, em certa medida, fortalecem o ethos e a credibilidade dos próprios comentários. Ora, são inúmeras pessoas abordando e tratando do mesmo tema.

Esse endossamento opera inclusive em uma esfera de impacto massificado, que auxilia e impacta, sobremaneira, na formação da opinião pública, como delimita Abranches (2017):

A principal fonte de formação da opinião, no mundo moderno, seria o que chamava de “conversação”, o que ressalta, exatamente a natureza consciente e interativa do processo. Não se trata da indução da opinião em indivíduos passivos pela emissão unilateral de informação ou desinformação. Como se forma um movimento de massas por contágio? Com certeza, os caminhos serão muitos. Os exemplos atuais são de um processo social emergente que provavelmente se manifestará sob diversas formas ainda. (ABRANCHES, 2017, s/p).

Dessa maneira, na visão do autor, ocorre um processo similar ao contágio de um vírus. Esse contágio de sentimento ou de opinião necessita de quatro elementos

básicos para sua concretização - pessoas, contexto, um sentimento contagiante e interação.

Para o processo ter início, é preciso que um grupo de pessoas seja o portador manifesto desse sentimento ou ideia viral, desse meme. Para o contágio se espalhar e levar ao crescimento exponencial do grupo pioneiro até se tornar um movimento de massa, é necessário que novos grupos de pessoas entrem em contato e sejam “contagiadas” por eles, compartilhando, consciente e ativamente, dessa ideia ou sentimento. (ABRANCHES, 2017, p. 91).

Como Abranches delimita, é preciso de um sentimento ou uma ideia viral para que o contágio seja efetivo. No caso no corpus analisado, esse sentimento seria o profundo estado de indignação e ódio frente às tragédias provocadas pela negligência da mineradora Vale. Além disso, é preciso que as pessoas entrem em contato - o dispositivo facebook e o próprio espaço comentários abre lugar para esse contato e estabelecimento de relações entre audiências ativas que fortalecem suas posições entre si. Na visão de Abranches, casos que geram profunda indignação e choque na população são favoráveis aos potenciais epidêmicos:

Para que um grupo pioneiro se forme e crie um “potencial epidêmico” é preciso que essas pessoas vivam em um determinado contexto, o qual crie a predisposição de adotar atitudes motivadoras pelo sentimento ou ideia contagiante, pelo meme. O contexto, o ambiente propício ao contágio, nos casos recentes de explosão de indignação coletiva, combinava frustração - elevado desemprego dos jovens - desalento e, na maioria dos casos, opressão. (ABRANCHES, 2017, p. 91).

Outro ponto relevante é que o sentimento de contágio que circula e é favorecido pelas redes possui potencial epidêmico de atingir outras mídias, assim como jornais, televisão e rádio também. Ora, o contágio não apenas vira pauta pública, como também alcança jornalistas e editores de outros dispositivos midiáticos. Sendo as redes sociais esse construto onipresente na realidade global, jornalistas que são responsáveis pela agenda de outros dispositivos também estão inseridos na rede e são afetados por esse processo.

Com frequência, a simples exposição, pela mídia, ao processo viral é suficiente para que se dê o contágio, ou “transmissão social” da ideia. Como não há fronteiras no mundo digital, a não ser entre os “plugados” e os “não plugados”, esse processo viral pode se tornar uma verdadeira pandemia digital, com enorme poder de difusão. Os movimentos

espalham-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e pela comunicação móvel caracterizado pela difusão rápida, viral de imagens e ideias. (ABRANCHES, 2017, p. 93).

DADOS INTERNOS: TEMATIZAÇÃO

Por fim, em sua análise sobre o contrato da comunicação, Charaudeau (2013) propõe uma dedicação sobre a tematização - esse campo, basicamente, se dedica ao entendimento da organização do tema que se estabelece na relação de troca. Dessa maneira, há a emissão de uma opinião ou de uma posição sobre o propósito contido no ato discursivo.

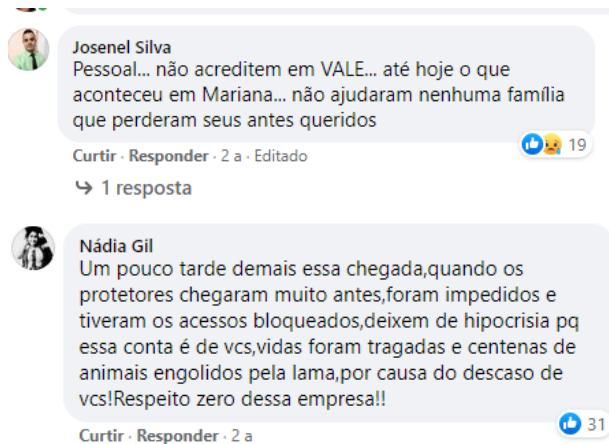
O espaço de tematização é onde é tratado ou organizado o domínio (ou domínios) do saber, o tema (ou temas) da troca, sejam eles predeterminados por instruções contidas nas restrições comunicacionais ou introduzidos pelos participantes da troca. (CHARAUDEAU, 2013, p. 71).

Dessa maneira, há a importância de que o produtor aceite, rejeite ou proponha caminhos para a problemática discutida. Há de se adicionar ainda que Charaudeau afirma que o modo de organização discursiva é de suma importância nessa análise.

O sujeito falante deve não somente tomar posição com relação ao tema imposto pelo contrato (aceitando-o, rejeitando-o, deslocando-o, propondo um outro), escolhendo um modo de intervenção (diretivo, de retomada, de continuidade etc.) ,mas também escolher um modo de organização discursivo particular (descritivo, narrativo, argumentativo) para esse campo temático, em função, como já dissemos, das instruções contidas nas restrições situacionais. (CHARAUDEAU, 2013, p. 71).

Dessa maneira, observa-se que a principal temática abordada pelas audiências-ativas é a proposição de um contraponto em relação ao ethos trazido pela Vale nos vídeos e comunicados anunciados. É comum, nos comentários, observar questionamentos quanto a quantia da rescisão oferecida aos moradores das cidades afetadas, comentários aconselhando as outras pessoas a não acreditarem no que está sendo colocado pela Vale ou até mesmo questionando a capacidade da mineradora em empregar mais esforços na reparação das cidades.

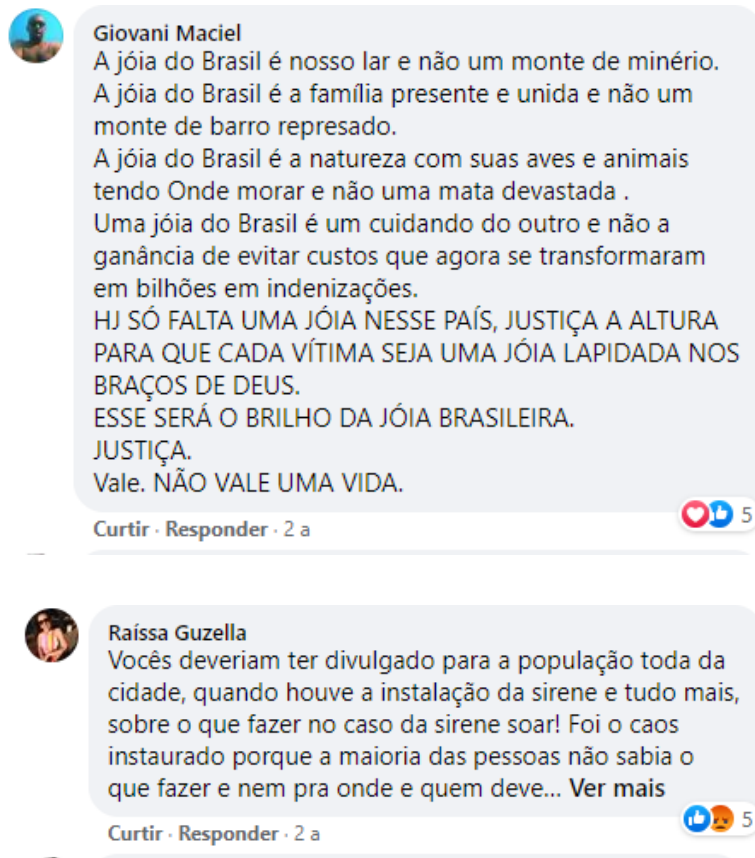
Figura 98: Tematização de questionamento sobre as ações empregadas pela Vale na reparação de danos



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Dessa maneira, os comentários analisados obedecem a ordem do discurso descritivo argumentativo. As audiências ativas recorrem a fatos e inúmeros argumentos em uma visada de “fazer fazer”, ou seja, prescritiva. Isso, sobretudo, se dá em uma intencionalidade de conscientização da Vale sobre todo o mal que causou e sobre as atitudes que deveriam ter sido tomadas e que, também, são as mais adequadas frente a toda a tragédia enfrentada pela população. Essa intencionalidade que opera em um discurso descritivo argumentativo aparece por meio de fatos que surgem, inclusive, nos poemas construídos pelas audiências ativas sobre a tragédia.

Figura 99: Tematização com presença de argumentos e descrições que estabelecem uma intencionalidade prescritiva



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

V.II ANÁLISE DE UNIVERSOS DE SABER PARTILHADO DE COMENTÁRIOS NO PERFIL DA VALE NO FACEBOOK 3 MESES APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM BRUMADINHO

Quando se aborda a problemática da análise da expressão das emoções no contexto discursivo, deve-se se atentar a um quadro do conhecimento construído previamente ao momento da enunciação discursiva. Esse quadro do conhecimento construído previamente está inserido em um contexto de não racionalidade e é necessário ao contexto discursivo para que os sujeitos estejam aptos à sua interpretação e, sobretudo, a uma adequada reação no ato enunciativo.

Ora, esse quadro do conhecimento não racional é denominado saberes de crença e está atrelado a uma adequação emocional. Dessa maneira, caso um amigo diga que irá se casar em breve, sabe-se que o mais adequado é que se fique feliz e se demonstre alegria no ato da enunciação. O contrário também acontece - no caso, por exemplo, do anúncio de uma doença grave de um parente querido, o mais adequado é sentir-se e expressar tristeza ou pesar.

O fato das emoções se inscreverem em um quadro de racionalidade não basta para explicar sua especificidade. Não basta somente que o sujeito deve perceber algo, não basta somente que este algo deva ser acompanhado de uma informação, ou seja, de um saber, mas é também necessário que o sujeito possa avaliar este saber, possa se posicionar em relação a este saber para poder vivenciar ou exprimir a emoção. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

Dessa maneira, Charaudeau (2010, p. 28) acrescenta “trata-se de um saber de crença que se opõe a um saber de conhecimento, o qual se baseia em critérios de verdade exteriores ao sujeito”. Essa afirmação inscreve os saberes de crença em uma construção que é social e são ensinados dia a dia a todos os sujeitos inseridos naquela determinada sociedade. Dessa maneira, há nesse processo uma apreensão da adequação emocional que está associada a saberes de crença específicos.

A associação é tão venal que toda modificação em uma crença implicará em um deslocamento de uma emoção. No caso, por exemplo, da morte, há culturas, como a ocidental, que a compreendem sob a perspectiva da perda ou do adeus, assim o acionamento da morte no enquadramento midiático ocidental, causa pesar e dor. Por outro lado, há comunidades que compreendem a morte como uma passagem feita por um ente querido e, dessa maneira, a emoção movimentada é a de felicidade.

Quaisquer que sejam as posições tomadas, emoções e crenças estão indissolavelmente ligadas: qualquer modificação a uma crença leva a uma modificação de emoção (por exemplo, a humilhação); qualquer modificação de emoção leva a um deslocamento de crença (por exemplo, a indignação) e podemos apostar que qualquer desaparecimento de emoção em uma circunstância socialmente esperada leva, a uma modificação das crenças. (CHARAUDEAU, 2010, p. 30).

Outro ponto importante sobre os saberes de crença é que, conforme dito anteriormente, eles operam em um lugar prévio ao discurso. Dessa maneira, o

saber de crença é trafegado na cena enunciativa dentro do contexto ou do enquadramento da interdiscursividade. Ao evocar ou movimentar saberes de crença no ato enunciativo, o sujeito está evocando uma série de conceitos e construções do que é adequado ou não

Os imaginários sociodiscursivos circulam, portanto, em um espaço de interdiscursividade. Eles dão testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem das suas atividades sociais. (CHARAUDEAU, 2006, p, 207).

O ASSASSINATO COMO IMAGINÁRIO DO PECADO MORTAL

“Não matarás” (ÊXODO 20, 1-17 e DEUTERONÔMIO 5, 4-21) - o quinto dos dez mandamentos cristãos faz referência à dignidade de toda e qualquer vida que deve ser respeitada acima de tudo. Um mandamento bíblico, esse aconselhamento, que acompanha a humanidade há séculos, faz referência ao sagrado que habita em toda a vida - assim, segundo a crença cristã, em toda a vida habita a essência de Deus, do Criador e, dessa maneira, um atentado contra a vida é um atentado contra o próprio Deus.


O homicídio ou o assassinato, ainda na crença cristã, está na lista dos pecados mortais. Segundo o livro do evangelho de Marcos da Bíblia católica, Jesus disse “Conheces os mandamentos: não cometerás homicídio, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não prejudicarás ninguém, honra teu pai e tua mãe!” (CANCAONOVA.COM, acesso em outubro de 2021).

Um pecado mortal é um ato grave cometido com plena consciência por parte de quem o pratica. Assim, de acordo com o dogma da Igreja Católica, caso não ocorra o arrependimento profundo por parte da pessoa que o praticou, esse sujeito está fora da graça do Criador.

270 - foi o número de mortos deixados pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho. Ainda, como aferido anteriormente, na investigação conduzida pelo Ministério Público de Minas Gerais, a mineradora e seus executivos do alto escalão tinham conhecimento do potencial da tragédia, antes do rompimento. Há

Figura 101: Exemplos de comentários que abordam a gravidade do ato da Vale e evocam a Deus que perdoe ou conscientize a mineradora



Cristina Alves
Deus vos ajude
Deus toca agora o coração de todos os brasileiros para ajudar a resgatar animais e pessoas

Curtir · Responder · 2 a  1

Aline Mary Brs
Aí queria saber o q mais vcs vão esperar p arrumar as outras barragens?????já chega de desgraça neh!!!A barragem de Congonhas e da CSN chega de ganancia por dinheiro vamos ter mas amor com o procimo a vida nao e so dinheiro não sera q a consciência de vcs esta tranquila? Que Deus tenha piedade de vcs triste de mais 🙏🙏🙏🙏🙏🙏

Curtir · Responder · 2 a


Vini Capistrano
Força a todos!!! Que Deus console o coração de todos... Acho que o momento não é de julgar, e sim de solidariedade com amigos e familiares!!!! Tenho certeza que a empresa não tinha a intenção de uma tragédia dessa....

Curtir · Responder · 2 a   3

Rodrigo Delacruz
Doação?????
Os corpos que estão embaixo da lama,Os sonhos destruídos,casas e famílias pessoas mortas,"Doação"???? vcs não estão fazendo mais que obrigação,e pagar mixaria por vidas que se foram,talvez isso tirará um pouco o peso da consciência

Curtir · Responder · 2 a

Kelly Silva
Vale assassina acaba com vidas,acaba com sonhos acaba com familias e age tão naturalmente... #vale_assassina #culpados_sim #Queremos_justiça

Curtir · Responder · 2 a  1

Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

A GANÂNCIA COMO IMAGINÁRIO DA CONQUISTA DO DINHEIRO ACIMA DE TUDO E DE TODOS

Gula, luxúria, ira, inveja, preguiça, vaidade e ganância. Os sete pecados capitais são, ainda segundo o cristianismo, uma classificação de vícios humanos que devem ser evitados pois causam mal ao sujeito que o pratica e a outras pessoas também. “[...] são os pais dos outros vícios; pecados veniais que são perdoáveis sem a necessidade do sacramento da confissão e os pecados mortais que são merecedores de condenação [...]” (WIKIPEDIA.COM, acesso em outubro de 2021).

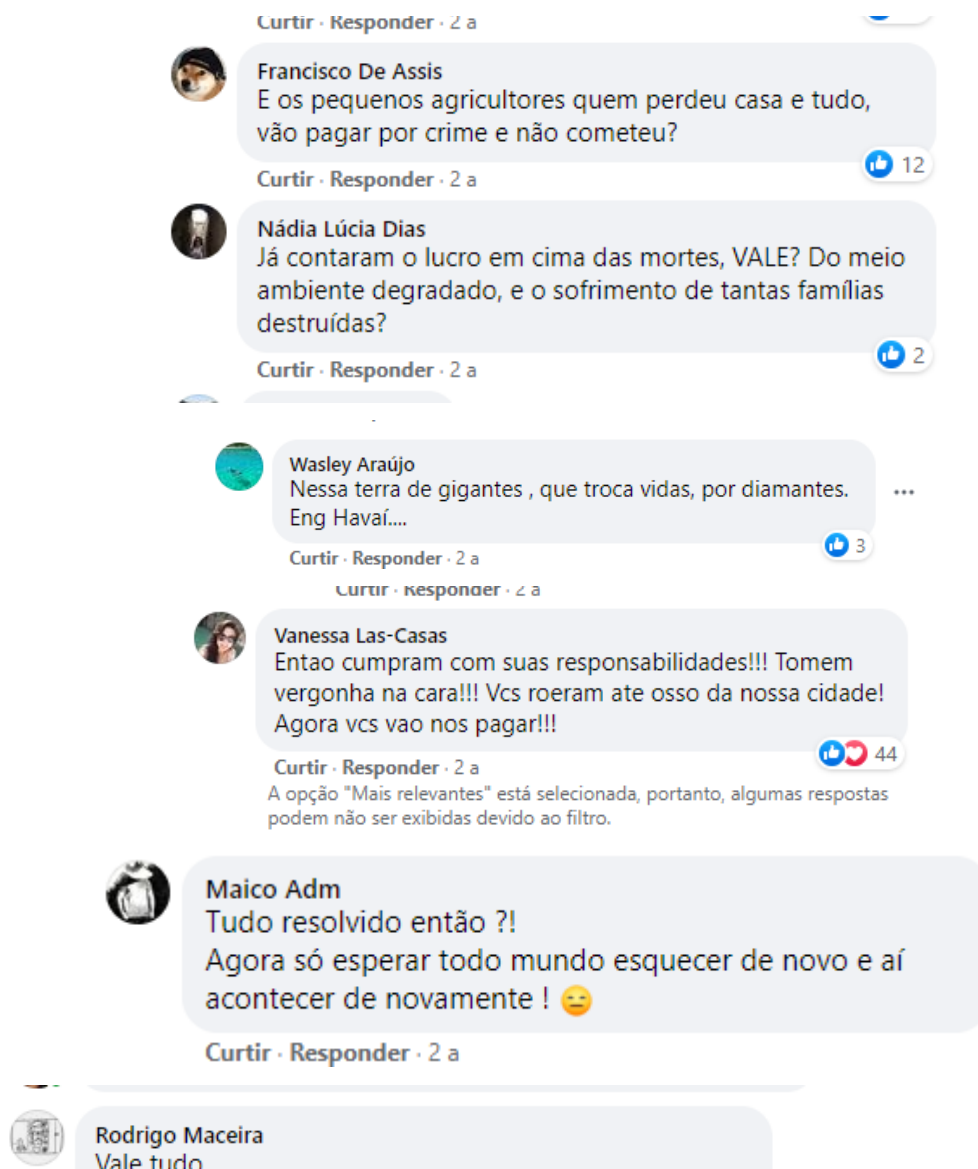
Se os pecados mortais são ações praticadas que podem ser evitadas pelos sujeitos, os pecados capitais são ações depreciativas que estão na condição humana - quem não sente preguiça? ou não é vaidoso? Porém, a ética cristã aborda os pecados mortais como vícios que devem ser controlados, uma vez que podem originar outros pecados, inclusive mortais.

Dessa maneira, a avareza ou a ganância seria o apego ou o excesso de zelo com os bens materiais ou ao dinheiro. Com isso, uma pessoa avarenta coloca a riqueza acima de tudo e de todos, inclusive da vida do próximo ou de Deus.

A Avareza gera a ganância e o desejo de acúmulo, pois para o avarento nada é mais importante do que seus bens materiais. E no desejo de conquistar cada vez mais bens materiais o avarento se esquece que o valor maior é a vida. Assim a Avareza faz com que se ame mais as coisas do que as pessoas. (A12.com, acesso em outubro de 2021)

Com isso, o fragmento interdiscursivo da investigação do Ministério Público que aponta a dupla Vale e TUV SUD como uma relação promíscua, demarcada 1. pela corrupção de fraudar os laudos, com a finalidade de garantia de novos contratos futuros e 2. pela falta de iniciativa em reformar as barragens ou até mesmo em parar a operação das minas, ao saber do potencial alto de risco.

Figura 102: Exemplos de comentários que abordam a ganância da Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

A COVARDIA COMO IMAGINÁRIO DO ATAQUE CONTRA QUALQUER TIPO DE VIDA

“Comportamento que expressa falta de coragem; gesto caracterizado pelo medo ou temor. Violência efetuada contra uma pessoa mais fraca” (DICIO.COM.BR, acesso em outubro de 2021). A definição de covardia, segundo o dicionário brasileiro, aponta para um caminho que demonstra o enquadramento de

relações de poder extremamente desiguais estabelecidos dentro do caso que envolve a mineradora Vale no maior desastre ambiental da história.

A Vale, segunda maior mineradora do mundo, conta com uma população de 120 mil funcionários (VALE.COM.BR, acesso em outubro de 2021), Brumadinho, por outro lado, conta com 40 mil habitantes. Se os volumes de pessoas são desiguais, os valores econômicos são mais ainda - o PIB per capita da cidade mineira configura uma cifra de 65.381 (IBGE, 2021). Já o lucro da mineradora em 2020 foi de 26 bilhões de reais (G1.COM.BR, acesso em outubro de 2021).

A covardia estabelecida pela mineradora que se apropria das riquezas ambientais e da força de trabalho de uma cidade pobre de um país pobre convive nos discursos das audiências ativas com as mortes e também com as grandes perdas da população paupérrima da cidade. O tratamento dado aos animais pela polícia civil por meio das eutanásias a tiros, com forte difusão feita por meio da ativista Luisa Mell, também auxiliou no fortalecimento desse enquadramento.

Figura 103: Exemplos de comentários que abordam a covardia da Vale



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

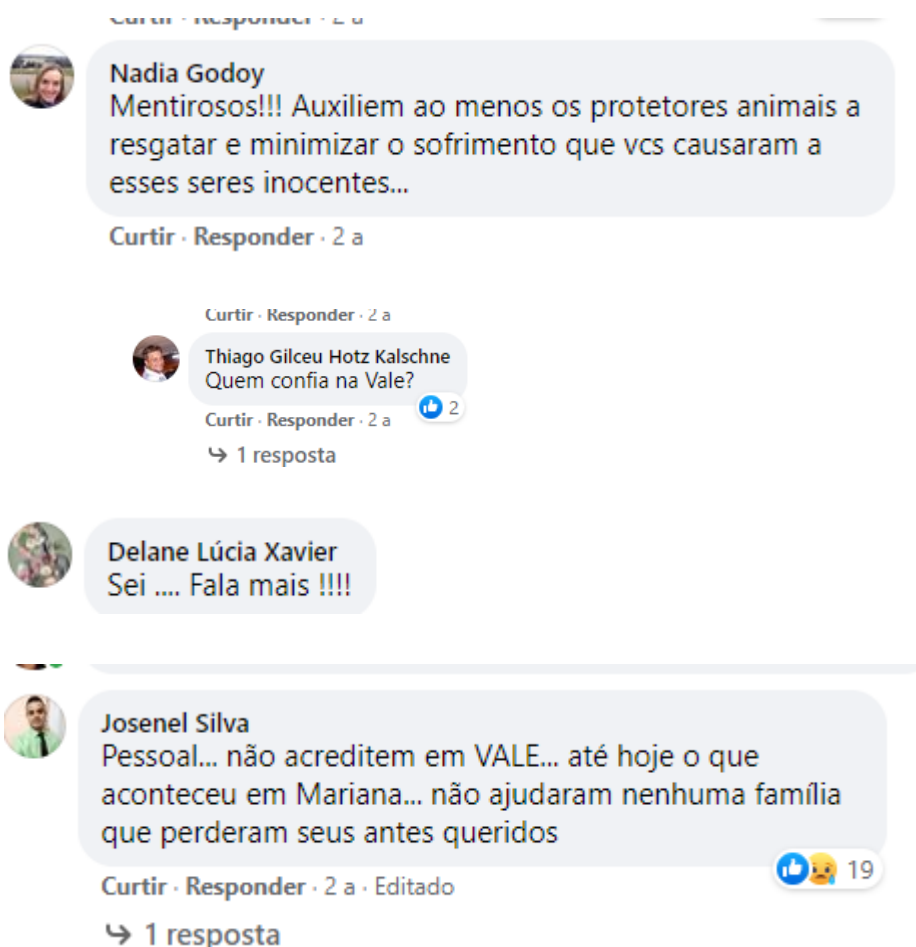
A MENTIRA COMO IMAGINÁRIO DO CAMINHO OU ARTICULAÇÃO PARA A CONQUISTA DE INTERESSES ESCUSOS

“Não levantarás falso testemunho nem mentirás” (ÊXODO 20, 1-17 e DEUTERONÔMIO 5, 4-21), aqui, novamente, há a movimentação da ética cristã

que, em um primeiro momento, orienta a não mentir e, em um segundo momento, aponta para um respeito com a integridade do outro.

Dentro do campo discursivo analisado nos comentários das audiências-ativas, observa-se o imaginário da mentira sendo movimentado I. como estratégia de apagamento do desastre e II. como desrespeito às vidas perdidas. Dessa forma, há uma expressão do ódio, mas também uma expressão da revolta nas audiências.

Figura 104: Exemplos de comentários que descredibilizam o discurso da Vale e a aponta como mentirosa

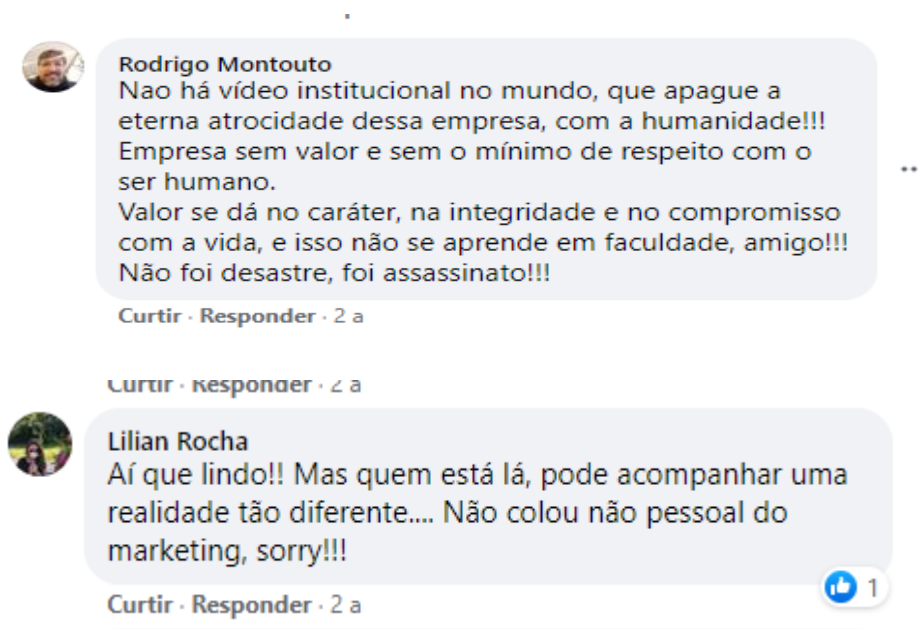


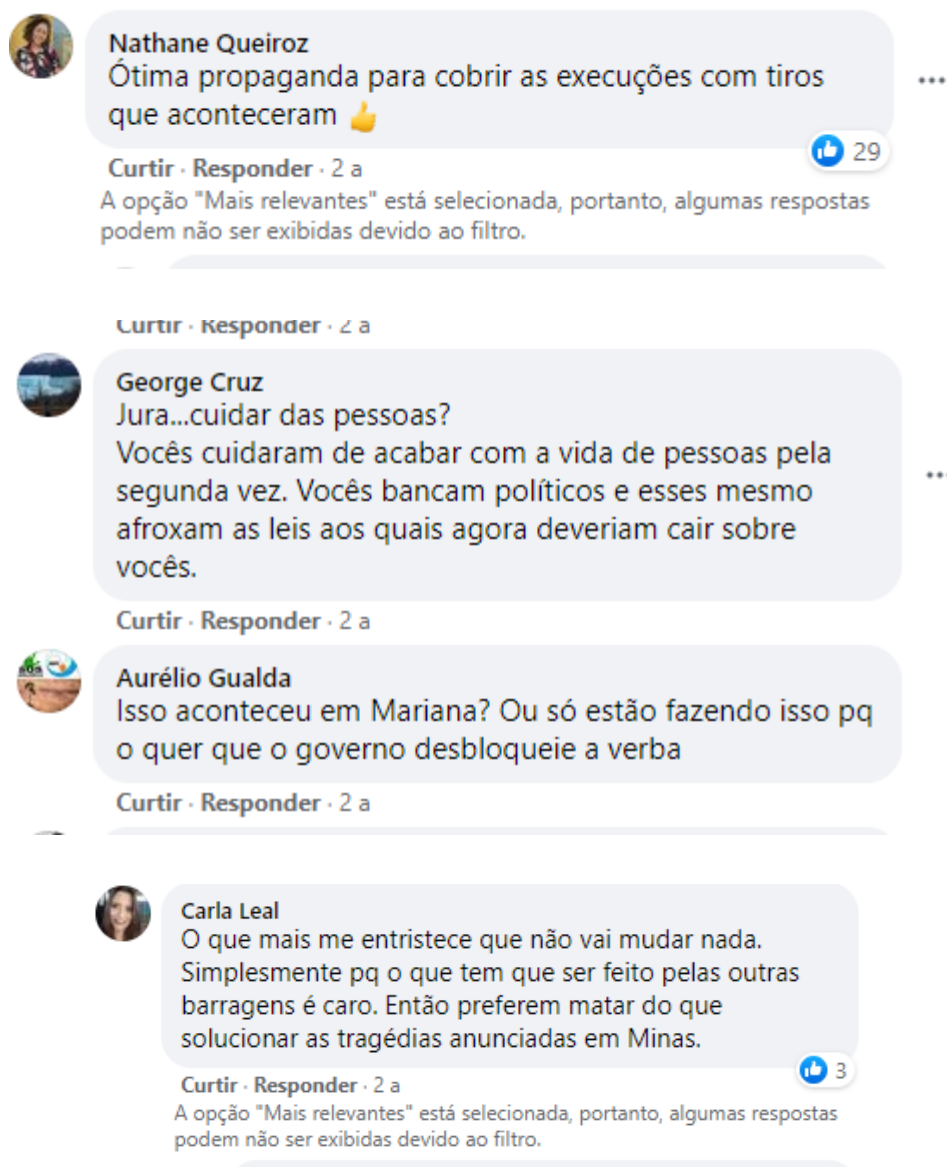
Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

Outro ponto importante a ser destacado na movimentação desse imaginário é que o próprio ato enunciativo da Vale desloca o saber e a posiciona como possível mentirosa para as audiências. Para aprofundar essa questão, vale destacar que as audiências estão posicionadas no campo comentários do perfil do facebook da mineradora - esses comentários são feitos em relação a conteúdos postados pela empresa sobre suas ações para contenção de danos.

Dessa maneira, na profundidade da discussão, ocorre a movimentação de um saber voltado ao marketing ou à estratégia de comunicação como mentirosa ou propaganda enganosa. Ainda, essa ideia é movimentada em uma direção de parecer ser com uma visada de alcançar objetivos futuros - seja a legitimação para seguir sua operação ou até tentar salvar o que restou de sua reputação. Desse modo, há uma descredibilização de que 1. a Vale esteja mesmo fazendo o que afirma; 2. que essas ações são adequadas ao tamanho do estrago causado e 3. que não voltará a repetir o erro em uma situação futura.

Figura 105: Exemplos de comentários que descredibilizam o discurso da Vale e o apontam como uma estratégia de marketing





Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

V.III ANÁLISE DA ESTRATÉGIA ENUNCIATIVA DE COMENTÁRIOS NO PERFIL DA VALE NO FACEBOOK 3 MESES APÓS O ROMPIMENTO DA BARRAGEM EM BRUMADINHO

Mainguenau (2004, p. 85) delimita que todo texto corresponde a uma cena - assim, o sujeito falante é, ao mesmo tempo, protagonista, diretor e contra-regra de seu próprio espetáculo. "Um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada" (MAINGUENAU, 2004, p. 85).

Dessa maneira, o linguista aponta que a enunciação seria esse lugar em que língua e mundo se encontram - o sujeito representa seu contexto por meio da língua e, dessa maneira, por meio da enunciação, faz dessa representação um acontecimento especial, demarcado por espaços e tempos específicos na história.

A enunciação constitui o pivô da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar no enunciado os fatos, mas ela constitui em si um fato, um acontecimento único, definido no tempo e no espaço. (MAINGUENEAU, 1998, p. 55).

Com isso, cabe ao analista do discurso compreender toda a construção cenográfica do discurso para, por fim, compreendê-lo enquanto sua profundidade de um estado especial - que jamais se repetirá na história. Para tanto, Maingueneau nos aponta que o primeiro campo de compreensão da construção cenográfica de um discurso é iniciar sua análise por meio da cena genérica e englobante.

A cena genérica trata do tipo de discurso ao qual estamos nos referindo. Ora, todo tipo de discurso contém em si não apenas sua tipologia e especificidades, mas também, uma noção que é de intencionalidade e que colabora com a relação entre sujeitos dispostos no contrato da comunicação. Dessa maneira, inicia-se a análise por meio da cena englobante que corresponde à pergunta - que tipo de discurso a cena se refere?

A cena englobante é a que corresponde ao tipo de discurso. Quando recebemos um folheto na rua, devemos ser capazes de determinar que tipo de discurso ele pertence - religioso, político, publicitário e etc. Ou seja, qual é a cena englobante na qual é preciso que nos situemos para interpretá-lo. Em nome de quê o referido folheto interpela o leitor, em função de qual finalidade ele foi organizado. (MAINGUENEAU, 1998, p. 85).

A cena englobante, por outro lado, corresponde a um aprofundamento do olhar sobre a cena genérica. Assim, não basta a interpretação saber que um discurso é publicitário, é necessário também o entendimento de que se trata de uma propaganda de um produto para emagrecer.

Dizer que a cena da enunciação de um enunciado político é a cena englobante política, ou que a cena de um enunciado filosófico é a cena englobante filosófica etc. é insuficiente: um co-enunciador não está tratando com o político ou com o filósofo em geral, mas sim com gêneros de discurso particulares. Cada gênero de discurso define seus

próprios papéis: num panfleto de campanha eleitoral, trata-se de um candidato dirigindo-se a eleitores; numa aula, trata-se de um professor dirigindo-se a alunos e etc. (MAINGUENEAU, 1998, p. 85).

Por fim, em suas análises sobre as cenas, Maingueneau traz a importância da análise da última cena - a cenografia. Na visão do autor, a cenografia corresponde a um modelo de estratégia argumentativa.

Com efeito, tomar a palavra significa, em graus variados, assumir um risco; a cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. (MAINGUENEAU, 2013, p. 98).

Ora, na construção de uma cena, o autor se dispõem de vários caminhos para a enunciação, porém, escolhe alguns ou algum específico e isso, por sua vez, delimita todo o quadro intencional ou interpretativo provocado pela cena.

Não é diretamente com o quadro cênico que se confronta o leitor - mas com uma cenografia. Os autores dessa publicidade teriam perfeitamente podido apresentá-la por intermédio de cenografias bem diversas: uma poesia lírica, instruções de uso, uma charada, uma descrição científica e etc. A cenografia leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano; (MAINGUENEAU, 1998, p. 85).

- I. Cena Genérica: a cena genérica a qual se está analisando trata de comentários estabelecidos no perfil da Vale no facebook. Vale destacar que Charaudeau (2006), em suas análises, coloca o comentário como um enquadramento genérico que exige uma posição ou uma atuação sobre o discurso. Ora, nesse sentido destaca-se que nenhum comentário é neutro e todos possuem uma posição contra ou a favor do que está sendo comentado.

O comentário, em contrapartida, põe o leitor em questão: exige uma atividade intelectual, um trabalho de raciocínio, uma tomada de posição contra ou a favor, e desta atividade não há ninguém, no fim da troca, que saia incólume (o comentário é histérico). (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

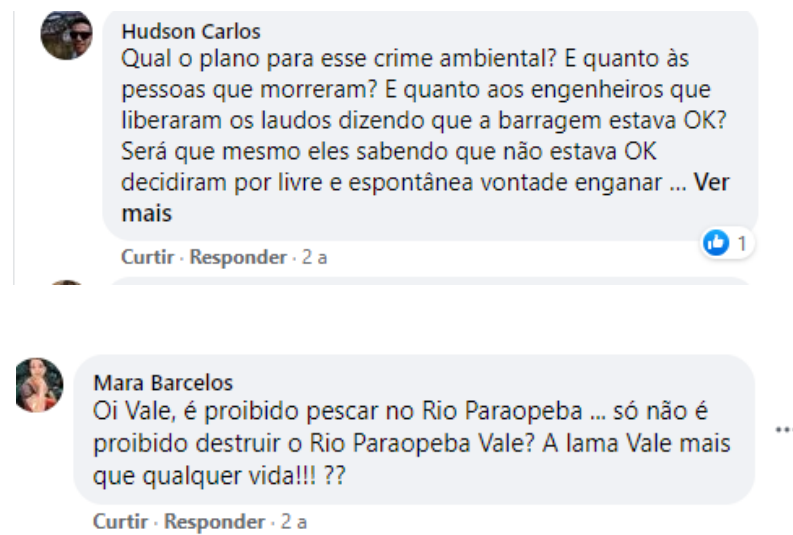
- II. Cena englobante: trata-se de comentários sobre as postagens feitas pela mineradora Vale no momento pós-rompimento de Brumadinho. Entretanto, destaca-se que esses comentários vão além do que o que está sendo exposto nas postagens da mineradora. As audiências-ativas

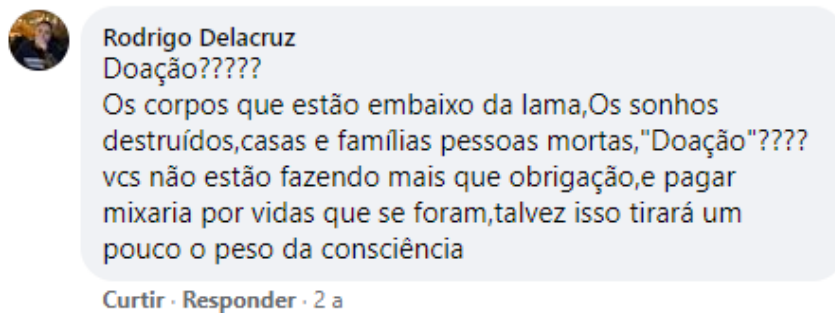
atuam no bojo do interdiscurso e trazem pra cena englobante a própria cena do rompimento da barragem ao contrapor os argumentos da mineradora com fatos ou notícias obtidas em outros dispositivos fora da cena discursiva em questão - como jornais, tv ou revistas.

- III. Cenografia: por fim, a cenografia, que corresponde às estratégias discursivas adotadas, pode ser abordada sob uma perspectiva bastante plural e diversa, uma vez que é produzida por inúmeros sujeitos. Entretanto, algumas surgem com destaque, são elas.

A - uso de perguntas: o uso de perguntas é utilizado em muitos momentos pelas audiências ativas com uma finalidade implícita 1. de questionar a verdade do que está sendo proposto pela Vale; 2. em uma espécie de convencimento para que a Vale “coloque a mão em sua consciência” e avalie os impactos de seus atos.

Figura 106: Exemplos de cenografias com uso de perguntas

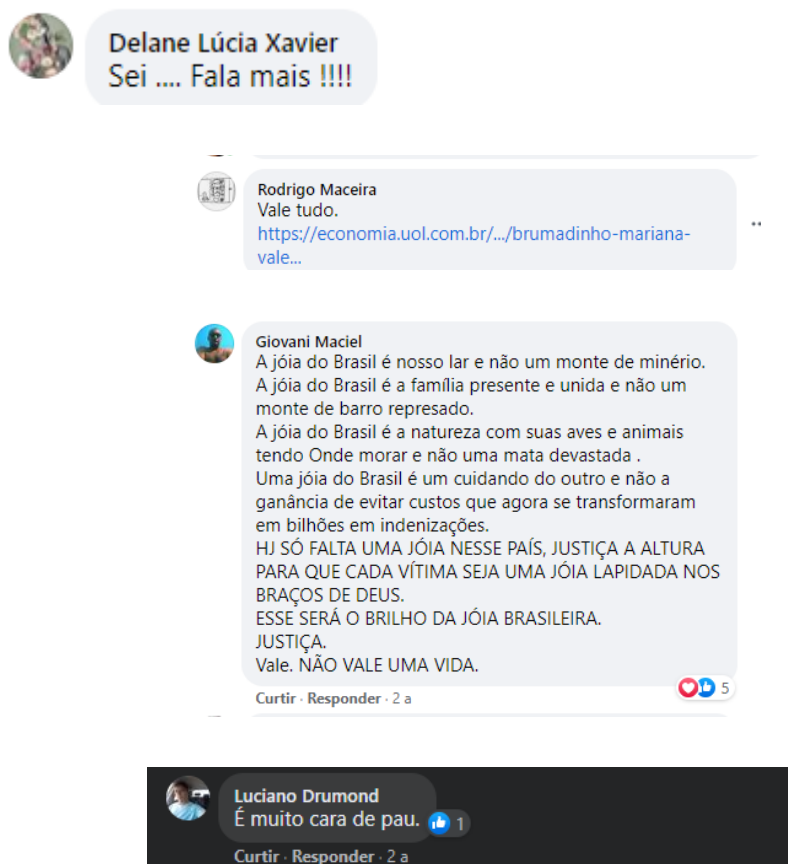




Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

B - uso de ironias e metáforas: as ironias e metáforas são utilizadas com a finalidade de questionamento do que está sendo proposto. As segundas, por sua vez, são bastante utilizadas nos poemas elaborados pelas audiências-ativas.

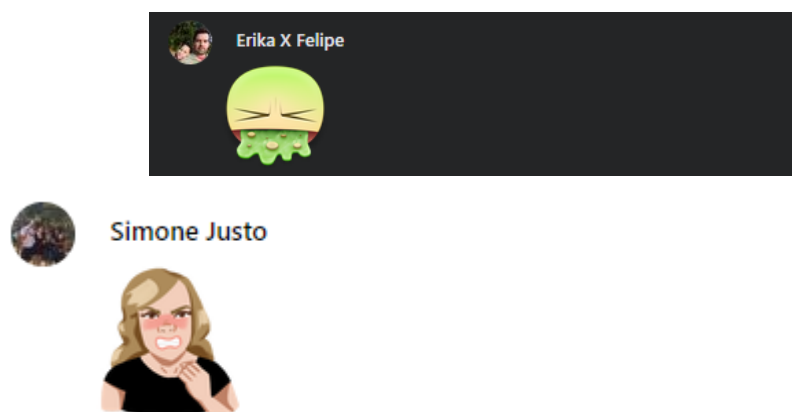
Figura 107: Exemplos de cenografias com uso de ironias e metáforas



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

C - uso de emojis: os emojis são utilizados pelas audiências ativas como estratégias cenográficas que extrapolam o domínio das palavras. Assim, demonstram nojo por meio de “vomitações” coletivos ou por meio de figurinhas que demonstram ódio.

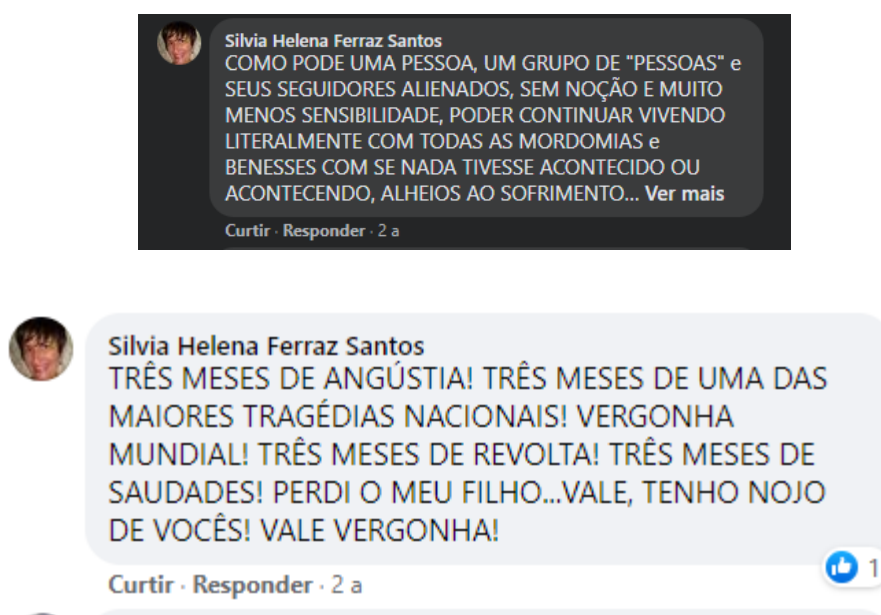
Figura 108: Exemplos de cenografias com uso de emojis



Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

D. Uso de Caps Lock: Muito utilizado na internet para garantir a entonação de grito por para chamar a atenção para algo que está sendo dito, o Caps Lock é utilizado em inúmeros comentários elaborados pelas audiências ativas como caminho de demonstração de indignação.

Figura 109: Exemplos de cenografias com uso Caps Lock



2 respostas



Silvia Helena Ferraz Santos
MALDITA SEJA A VALE!

Curtir · Responder · 2 a



Zely Sampaio Ribeiro
TEM Q REESTRUTURAR O DESTRUÍDO!

Curtir · Responder · 1 a

Fonte: FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL, acesso em julho de 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da aferição de uma possível carência teórica dos estudos sobre o ódio no campo da comunicação somada à questão de uma provável relevância na cena midiática da expressão desse sentimento nos últimos anos, admitiu-se nessa pesquisa, como desafio científico, a resposta para a seguinte pergunta - Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?

O desafio científico que localizou a investigação do ódio sob o ponto de vista de três problemáticas - 1. concepção das audiências como ativas, amparando-se no entendimento de Lopes (2014) que delimita que, a partir do advento das técnicas, o campo receptivo transformou-se em campo receptivo/produtor; 2. amparo na primeira problemática que compreende as audiências como também produtoras de discursos na atualidade, essas audiências selecionam estratégias discursivas com visada de efeitos também emocionais ou pathêmicos, como delimita Charaudeau (2010); 3. localização e identificação das audiências ativas, como delimita Fausto Neto (2010) em um campo específico das produções de sentido - nas bordas da circulação.

Ainda, resgata-se que o desafio proposto buscou atender às necessidades estipuladas por dois objetivos, sendo um de ordem empírica e outro de ordem teórica:

- Objetivo empírico: identificar algumas das possíveis estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública;
- Objetivo teórico: colaborar com o campo da comunicação organizacional, por meio de uma pesquisa que aprofunde a problemática das emoções

inscritas no processo comunicativo, sobretudo no contexto contemporâneo digital, com enfoque para a expressão do ódio;

Dessa maneira, chegando ao fim desse estudo, compreende-se que, por meio dos procedimentos metodológicos adotados, os dois objetivos foram atendidos.

Em um primeiro momento, os campos da psicologia, da neurociência e da antropologia ofereceram suporte ao entendimento à compreensão do ódio e de sua expressão como forma objetiva de defesa. Dessa maneira, desde o contexto pré-histórico até as guerras que aconteceram, já em um período mais próximo da história, compreende-se que a noção de fronteira e inimigo é apresentada, inclusive culturalmente, como forma de garantia de sobrevivência humana. Desse modo, ama-se quem está “deste lado” e partilha dos mesmos valores e necessidades e odeia-se quem está “do outro lado”, aquele que corresponde a algum grau de inimizade ou ameaça.

Essa pesquisa permitiu, inclusive, um mapeamento das definições sobre ódio, seguindo diversas áreas do conhecimento.

Figura 109: Quadro resumo do mapeamento de definições do ódio, segundo diversas áreas do conhecimento

| <u>Definições do ódio, segundo diversas áreas do conhecimento</u> | |
|--|--|
| <p><u>Psicologia e psicanálise</u></p> <p>[...] um sentimento mais antigo que o amor, cuja fonte reside na obtenção de prazer, perturbando o equilíbrio energético experimentado pelo sujeito, ou seja, nasce do repúdio primordial de eu narcísico ao mundo exterior-portador de estímulos ao contrário do amor que é considerada fonte geradora de prazer ao próprio organismo. [...] Originalmente, o que já para o sujeito é o incômodo e perturbador sentimento de ódio. (SANTOS, 2016, s/p)</p> <p><u>Sociologia</u></p> <p>"O ódio pode surgir das crenças e preconceitos que temos [...] e promessas políticas que frustram as pessoas" (BERNAL, 2019, s/p).</p> <p><u>Estudos midiáticos do Discurso</u></p> <p>Deve ser considerada como uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: vítima de um mal, responsável pelo mal, sujeito observador-testemunha. O acento-objeto é, então, duplicado em perseguido e perseguidor, e o sujeito observador-testemunha se volta para o perseguidor. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).</p> <p>A antipatia é sempre orientada contra alguém. Ela não deve se constituir a priori nem contra o perseguidor, nem a favor do perseguido; (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).</p> <p>[...] é vivenciada pela representação de um objeto que afeta o sujeito ou que ele procura combater. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).</p> | <p><u>Neurociência</u></p> <p>Durante o esforço para rechaçarmos ou rejeitarmos a ameaça ou o dano, sentimos raiva ou repugnância. (REEVE, 2011, p. 200)</p> <p><u>Antropologia das Emoções</u></p> <p>O ódio é, portanto, um mecanismo de fronteira, selando fronteiras entre o eu (ou o grupo visto como semelhante ao eu) e aqueles vistos como diferentes. O ódio, nesse sentido, é excludente. Cria limites sociais que moldam ou intensificam um senso de comunalidade dentro do grupo próprio (o "nós"), mesmo aqueles que podem não ter sido experimentados antes. (BLEE, 2004, tradução da autora).</p> <p>O ódio é uma emoção, um sentimento de intensa revolta, desgosto ou antipatia por uma pessoa, grupo, objeto ou símbolo, na maioria das vezes determinada pelo desejo de destruir aquilo que é a fonte do sentimento, e que nos acompanhará em longo período de nossas vidas. A raiva pode virar ódio, assim como o ódio pode se caracterizar, se manifestar numa reação raivosa. (STEFFEN, 2008, s/p).</p> <p><u>Estudos Retóricos Aristotélicos</u></p> <p>A cólera visa sempre uma pessoa particular, por exemplo, Calias ou Sócrates; o ódio pode visar toda uma classe de pessoas; toda a gente odeia o ladrão e o sicofanta. A cólera pode curar-se com o tempo; o ódio, não. A cólera procura fazer pena, o ódio procura fazer mal. (ARISTÓTELES, 2016, p. 106).</p> |

Fonte: elaborado pela autora

Ainda, foi também nos primeiros capítulos que compõem a pesquisa bibliográfica que compreendeu-se o componente social-expressivo da emoção ódio. Esse entendimento ofereceu suporte à compreensão de que uma emoção apenas é uma emoção se comunicada e materializada na cena social.

Um pouco mais adiante, identificou-se que, a partir da nova ética moderna, que já não permite mais “aniquilar” literalmente os inimigos, salta à expressão do ódio um novo modo de manifestação e de proteção de territórios. Antes, destaca-se que, na contemporaneidade, esses territórios já não mais são físicos, porém, sim, ideológicos e morais. Ora, a expressão do ódio, na contemporaneidade, é, dessa maneira, destinada a quem oferece algum grau de ameaça a algum ideal moral ou ideológico específico.

Espadas, o fogo ou flechas também foram abandonadas na modernidade. Seus lugares foram ocupados pela linguagem - a principal arma de proteção da fronteira e de aniquilação de inimigos. O território no qual se é possível assistir a esse novo combate? a redes sociais, um novo espaço midiático que abre espaço para debates, embates e disputa de sentidos e, dessa maneira, também para a expressão de diversas produções pathêmicas, entre elas, o ódio.

Dissociando a expressão do ódio do discurso de ódio, a pesquisadora, a partir dos levantamentos feitos, compreende que a expressão do ódio e suas estratégias argumentativas nas redes sociais pode, sobretudo, ser solo fértil de produção do diálogo, resistência de minorias e grupos em situações de poder desfavorecidas e de troca entre grupos. Essa reflexão foi possível por meio de três, principais, atributos identificados, ainda na etapa da pesquisa bibliográfica.

- I. No contexto receptivo mediado pelas tecnicidades, ou seja, das redes sociais, surge um novo modelo de recepcionar conteúdos - ora, diferente da era analógica demarcada sobretudo pela televisão, no contexto das redes sociais, as audiências passam a agir e reagir publicamente em relação aos conteúdos propostos. Dessa forma, ressalta-se a relevância das contribuições de Lopes (2014) que enfatiza a importância do

empreendimento em uma nova terminologia para a denominação desses espectadores que assumem e se empoderam de certo protagonismo passam a ser adjetivadas como “audiências ativas”.

- II. Paralelamente aos pensamentos de Lopes, encontram-se as reflexões de Antônio Fausto Neto que delimita que, na cena midiática mediada pelas novas técnicas, surgem novos modelos de percepção de produções discursivas que garantem origem a um outro modelo receptivo. Na visão do autor, esse novo modelo opera e acontece nas bordas da circulação interativa e, dessa vez, torna-se muito mais visível e complexo. Dentro desse processo, inscreve-se, inclusive a expressão do ódio que age, como delimita o autor “nas surpresas produzidas pela linguagem”.

O sujeito lida com várias injunções, de modo voluntário, ou não, como a linguagem que age sobre ele produzindo surpresas e também dissabores. Nestas condições, o sujeito individual ou institucional, não é o mestre da atividade discursiva, mas efeito do seu funcionamento na medida em que se encontra “constrangido” ou “mobilizado” por uma ordem que o transcende, como algo complexo que é aquele da interdiscursividade. (FAUSTO NETO, 2010, s/p).

- III. Por fim, sempre passível de uma complementaridade interpretativa, as redes sociais, na visão de Abranches (2017), ampliam o espaço de produção de diálogo e de contrapontos. Ora, nesse campo, as audiências ativas, que se apropriam das possibilidades interativas oferecidas pelo campo midiático das redes sociais, tornam seus comentários artefatos expostos e acessíveis a todos que o desejam acessar de sua indignação, dor e ódio. Assim, o campo “comentário” dentro do Facebook, por exemplo, convida audiências a complementarem o que está sendo exposto. O campo, amplia não apenas a possibilidade de interpretação do conteúdo, mas também a capacidade extensiva dele. É como se um discurso, ao ser exposto ao dispositivo facebook, estivesse sempre em um processo que é do meio, inacabado, aguardando que as audiências comentem sobre ele e ampliem as possibilidade de extensão, de aprofundamento e de construção daquele conteúdo.

Ainda, acrescenta-se que, atendendo ao objetivo empírico aqui estipulado, dentro da pesquisa bibliográfica, Charaudeau (2010) auxiliou na compreensão

das características ou estratégias utilizadas para a expressão do ódio no contexto midiático, são elas:

- o ódio pode ser considerado em uma relação triangular: inserido na lógica moralizante, as mídias, quando tratam da tópica da antipatia ou do ódio, posicionam a audiência em um espaço de juiz (1.) observador de um mal executado por um responsável (2) a uma vítima (3).

Deve ser considerada como uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: vítima de um mal, responsável pelo mal, sujeito observador-testemunha. O actante-objeto é, então, duplicado em perseguido e perseguidor, e o sujeito observador-testemunha se volta para o perseguidor. (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

- está mobilizado entre saberes de crença estruturados na zona polarizada entre bem e um mal que é executado por um dominador ou perseguidor: o estado de indignação, segundo Charaudeau, é evocado sempre direcionado a algum responsável ou perseguidor em situações que explicitam relações de dominação.

O sujeito está ao mesmo tempo em estado de indignação frente a uma vítima perseguida (ele mobiliza crenças sobre bem e o mal e sobre as relações de dominação [boltanski 1998], e em comportamento de denúncia do responsável pelo sofrimento de outro que ele exprime de forma ao mesmo tempo elocutiva (ele diz: denuncio e acuso X!). A antipatia é sempre orientada contra alguém. Ela não deve se constituir a priori nem contra o perseguidor, nem a favor do perseguido; (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

- é diretamente proporcional ao grau de sofrimento evocado na cena discursiva. Segundo Charaudeau (2010), suscitada empaticamente em situações de dor ou sofrimento, o grau ou a intensidade do efeito do ódio produzido na audiência-juiz será proporcional ao grau de perseguição sofrido pela vítima. “A indignação pode ser proporcional ao grau de dor da vítima e, desse modo, ao grau de perseguição” (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).
- Por fim, pode se diferenciar entre unânime e homogênea ou esclarecida: segundo o linguista, quando é unânime ocorre contra um perseguidor. Por outro lado, quando é esclarecida, o ódio é evocado em defesa de um condenado.

Essa indignação pode se voltar contra o perseguidor (ela é chamada de unânime e homogênea, como aquela que denuncia os ex-nazistas); ela pode se voltar contra a própria perseguição (ela é chamada de

“esclarecida” (idem), como aquela que se exerce em defesa de um condenado – processo Dreyfus). (CHARAUDEAU, 2010, p. 28)

Essas características, elucidadas por Charaudeau (2010) auxiliam na confirmação das hipóteses levantadas no projeto de pesquisa - que as estratégias argumentativas de expressão do ódio estariam pautadas I. na existência de uma ameaça que deveria ser combatida II. na existência de um culpado. Entretanto, aqui vale destacar que os desdobramentos aferidos na análise de corpus auxiliaram em uma compreensão da expressão do ódio via discurso, para além das hipóteses enumeradas no projeto desta pesquisa.

Dessa maneira, caminhando para a parte II dessa pesquisa, o estudo de caso com técnica de interpretação de construção da explicação permitiu a identificação de 23 postagens feitas pela Vale, divididas entre 8 blocos temáticos, feitos sob o formato de vídeo com legendas - foram eles: comunicados gerais; comunicados sobre novos riscos de rupturas; informações sobre resgates de animais; informações sobre resgates de vítimas; “apoio” à população; luto; revitalização e medidas de reparação do rio Paraopeba ou da cidade de Brumadinho; atendimento às normas;

Esses oito blocos temáticos foram cruzados com seis tipologias de marcas temáticas identificadas nos comentários das audiências no perfil da Vale no Facebook. Essas seis tipologias foram divididas entre: responsabilização e críticas em relação ao tratamento dado aos animais; responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa; denúncia e descredibilização; acusações, xingamentos e questionamento de caráter; Ressarcimento e/ou vingança e Poemas, Orações pela conversão da Vale e agradecimentos aos bombeiros.

Essas marcações temáticas presentes nos comentários podem sobrepor-se, dessa maneira, um comentário por ser portador de uma ou mais marcas temáticas. Assim, em todos os comentários foram observadas 180 marcações temáticas. 29% delas são de acusações, xingamentos e questionamento de caráter. 25% abordam questões de denúncia ou descredibilização. 20%

abordam “Responsabilização e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa”.

Quando realizou-se o cruzamento de observação de marcas temáticas nos comentários associados aos temas das postagens, foi possível observar que alguns temas são mais suscetíveis ao surgimento de algumas marcas que outras. Desse modo, destacam-se:

Comunicados, resgate aos animais, apoio à população e comunicados sobre novos riscos de rupturas são pautas mais suscetíveis ao surgimentos de comentários com marcas temáticas de acusações, xingamentos e questionamento de caráter. Postagens relacionadas ao luto foram aquelas que geraram mais comentários associados à responsabilidade e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa. Por fim, revitalização e medidas de reparação do rio Paraopeba ou da cidade de Brumadinho foram as postagens que mais fizeram surgir marcas temáticas associadas ao campo da denúncia e da descredibilização.

Caminhando para o terceiro bloco da pesquisa aqui empreendida, foi apresentada uma netnografia do corpus selecionado. Como método de coleta foi utilizada a observação direta e a técnica de interpretação dos dados foi a análise de efeitos pathêmicos do discurso proposta por Patrick Charaudeau. Desse modo, identificou-se, seguindo o protocolo interpretativo proposto por Charaudeau, as seguintes características nas estratégias discursivas selecionadas pelas audiências ativas na expressão do ódio:

A. Análise da situação ou contrato de comunicação;

- Dados externos: condição de identidade - identidade disposta entre massiva/brasileira e familiares e moradores das cidades afetadas;
- Dados externos: finalidade - visada de “fazer fazer”, ou seja, prescritiva. Isso, sobretudo, se dá em uma intencionalidade de conscientização da Vale sobre todo o mal que causou e sobre as atitudes que deveriam ter

sido tomadas. As audiências ativas expõem a Vale os impactos de sua ganância e irresponsabilidade;

- Dados externos: propósito - expressão da dor e da indignação;
- Dados externos: condição de dispositivo - a complementaridade interpretativa oferecida pelo campo comentários no facebook é apropriada pelas audiências ativas em um sentido de finaliza os discursos postados pela Vale com contrapontos que expõem a fraqueza argumentativa do discurso altamente questionável da mineradora.
- Dados internos: locução - A perda das posições identitárias de moradores e familiares, Proporções alarmantes dos danos causados à população brasileira e A garantia do espaço da locução pelos silenciados;
- Dados internos: relação - Vale-audiências ativas se dá por meio da relação de agressão ou de afastamento e audiências ativas-audiências ativas por meio de um “endossamento”;
- Dados internos: tematização - proposição de um contraponto em relação ao ethos trazido pela Vale nos vídeos e comunicados anunciados;

B. Análise de universos de saber partilhado;

I. O assassinato como imaginário do pecado mortal;

II. A Ganância como imaginário da conquista do dinheiro acima de tudo e de todos;

III. A covardia como imaginário do ataque contra qualquer tipo de vida;

IV. A mentira como imaginário do caminho ou articulação para a conquista de interesses escusos;

C. Análise da estratégia enunciativa;

I. Cena Genérica: comentários estabelecidos no perfil da Vale no facebook.

II. Cena englobante: comentários sobre as postagens feitas pela mineradora Vale no momento pós-rompimento de brumadinho. São comentários vão além do que o que está sendo exposto nas postagens da mineradora.

V.Cenografia: uso de perguntas; uso de ironias e metáforas; uso de emojis; uso de Caps Lock;

Novamente, chegando ao fim dessa pesquisa, destaca-se que os objetivos previamente delimitados foram cumpridos e que, mesmo sendo uma pesquisa preliminar e que carece de espaço de aprofundamento e comprovação, correspondeu ao desafio científico delimitado.

Figura 110: Quadro resumo do mapeamento feito a partir da problemática das estratégias discursivas selecionadas por audiências ativas para a expressão do ódio nas pistas das bordas da circulação.

| Desafio Científico | |
|---|--|
| <p>Como, possivelmente, acontece a problemática das estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006) selecionadas por audiências ativas (LOPES, 2014) para a expressão do ódio via comentários, organizados nas pistas das bordas da circulação (FAUSTO NETO, 2010) e feitos em resposta a um posicionamento de uma grande organização envolvida em um caso de crime tecnológico de grandes repercussões na opinião pública?</p> | <p>Desafio Científico</p> |
| <p>Resquisa Bibliográfica</p> <p>Inserir-se em uma relação triangular: inseridas na lógica moralizante; posicionam a audiência em um espaço de juiz (1.) observador de um mal executado por um responsável (2) a uma vítima (3)</p> <p>Está mobilizado entre saberes de crença estruturados na zona polarizada entre bem e um mal que é executado por um dominador ou perseguidor. É direcionado a algum perseguidor e evocado em relações de dominação.</p> <p>É diretamente proporcional ao grau de sofrimento evocado na cena discursiva.</p> <p>É unânime quando ocorre contra um perseguidor. É esclarecida, o ódio é evocado em defesa de um condenado.</p> | <p>Estudo de Caso</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comunicados; • Resgate aos animais; • Apoio à população; • Comunicados sobre novos riscos de rupturas; <p>Acusações, xingamentos e questionamento de caráter</p> <ul style="list-style-type: none"> • Luto <p>Responsabilidade e críticas associadas à negligência ou aos procedimentos da empresa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Revitalização e medidas de reparação do rio Paraopeba ou da cidade de Brumadinho <p>Denúncia e descredibilização</p> |
| <p>Netnografia</p> <p>Contrato de comunicação</p> <p>Identidades: massiva brasileira e moradores e familiares;</p> <p>Relação: com a Vale— agressão; com outras audiências - endossamento</p> <p>Finalidade: prescritiva;</p> <p>Tematização: contraponto em relação ao ethos da Vale</p> <p>Propósito: expressão da dor e da indignação;</p> <p>Locução: perdas e proporções do desastre</p> <p><u>Universos de Saber Partilhado</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • O assassinato como imaginário do pecado mortal; • A Ganância como imaginário da conquista do dinheiro acima de tudo e de todos; • A covardia como imaginário do ataque contra qualquer tipo de vida; • A mentira como imaginário do caminho ou articulação para a conquista de interesses escusos; <p><u>Estratégias Enunciativas</u></p> <p>Cena Genérica: comentários estabelecidos no perfil da Vale no facebook.</p> <p>Cena Englobante: comentários sobre as postagens feitas pela mineradora Vale</p> <p>Cenografia: uso de perguntas; de ironias e metáforas; de emojis e de Caps Lock</p> | |

Fonte: elaborado pela autora

Por fim, almeja-se a esse estudo uma intenção para além do aprofundamento sobre as estratégias discursivas - espera-se, sobretudo, que qualquer leitor que se proponha a despende alguns minutos com essas páginas, encontre nesta pesquisa um lugar de garantia de voz às 270 vidas perdidas no dia 25 de janeiro de 2019 e de visibilidade a toda a indignação, ódio e emoções não passíveis de denominação sentidas por todos os seus familiares e brasileiros até os dias de hoje. Esse estudo é para vocês!

REFERÊNCIAS

A12.COM. **O que é o pecado da avareza.** In. A12.COM. Disponível em <<https://www.a12.com/redacaoa12/o-que-e-o-pecado-da-avareza>>, acesso em outubro de 2021.

ABRANCHES, S. **A era do imprevisto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGENCIABRASIL.COM. In. **Agenciabrasil.com.** Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-02/numero-de-mortes-identificadas-em-brumadinho-chega-151>>, acesso em : 05 de fevereiro de 2019.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

ARISTÓTELES. **Retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ASTI VERA, Armando. **Metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: Globo, 1989.

BALDISSERA, Rudimar. A teoria da complexidade e novas perspectivas para os estudos de comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação organizacional.** Vol. 1. Histórico, fundamentos e processos. São Paulo: Editora Saraiva, 2009

BALDISSERA, Rudimar. A teoria da complexidade e novas perspectivas para os estudos de comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling

(Org.). **Comunicação organizacional**. Vol. 1. Histórico, fundamentos e processos. São Paulo: Editora Saraiva, 2009b, p135-164.

BARBOSA, E. F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. In. **Educativa**. [s/l] : [s/ed], 1998.

BBC.COM.BR. Brumadinho: a tragédia que poderia ter sido evitada. In. **BBC.com.br**. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/resources/idth/Brumadinho>>, acesso em julho de 2021.

BERNAL, I. O que é o ódio? Por acaso tem cura?. In. **Brasil.elpais.com**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/ciencia/1513073061_342064.html>, acesso em 19 de abril de 2019.

BLEE, K. Positioning Hate. In. **Journal of hate studies**. Spokane, WA : [s/ed], 2004.

BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. In. **Revista de Direito Público**, v. 15 n. 117, jan./mar. 2007.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

CANCAONOVA.COM. Quais são os pecados mortais. In. **Cancaonova.com**. Disponível em < <https://blog.cancaonova.com/metanoia/quais-sao-os-pecados-mortais/>>, acesso em outubro de 2021.

CARLOS GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

CARVALHO, C; JUNIOR, D; SOUZA, G. Neurociência: Uma Abordagem Sobre As Emoções E O Processo De Aprendizagem. In. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Vale do Rio Verde: [s/ed], 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In. MENDES, E; MACHADO I. **As emoções no discurso**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia e autenticidade. In. MENDES, E. MACHADO, I. **As emoções no discurso**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: contexto, 2013.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Editora Contexto, 2006

CHARAUDEAU, P. Une Problématique discursive de l'émotion. A propos des effets de pathémisation à la télévision. In. PLANTIN, D; TRAVERSO. **Les émotions dans les interactions**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 2000.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

COMUNICAQUEMUDA. Intolerância 2016 versus 2017. In. **Comunicaquemuda.com.br**. Disponível em:<<https://dossie.comunicaquemuda.com.br/intolerancia2017/2016-vs-2017/>> acesso em 19 de maio de 2019.

CORREA, E. Comunicação digital e novas mídias institucionais. In. KUNSCH, M. **Comunicação Organizacional**. Histórico, Fundamentos e processos. São Paulo: Saraiva, 2009.

COULDRY, N. VAN DIJCK, J. **Researching Social Media as if the Social Mattered**. In. Social Media + Society. [S/L] : [S/ED], 2015.

DEDALUS.COM.BR. In. **Dedalus.com.br**. Disponível em:<dedalus.com.br>, acesso em 21 de abril de 2019.

ÉPOCA.COM. Redes Sociais Refletem Revolta Com A Tragédia. In. **Epoca.globo.com**. Disponível em < <https://epoca.globo.com/redes-sociaisrefletemrevolta-com-tragedia-23405192>>, acesso em maio de 2019.

EPOCANEGOCIOS.GLOBO.COM. Denúncias de discurso de ódio online disparam no 2 turno das eleições, diz ONG. In. **Epocanegocios.Globo.Com**. Disponível

em:<<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/11/denuncias-de-discurso-de-odio-online-dispararam-no-2-turno-das-eleicoes-diz-ong.html>>, acesso em 19 de maio de 2019.

EXAME.COM. Com o Mercado já consolidado, carreira de digital influencer desperta interesse em muitos jovens brasileiros. In. **Exame.abril.com.br**. Disponível em:<<https://exame.abril.com.br/negocios/dino/com-mercado-ja-consolidado-carreira-de-digital-influencer-desperta-interesse-em-muitos-jovens-brasileiros/>> acesso em 27 de abril de 2019.

FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL. In. **Facebook.com/valenobrasil**. Disponível em <facebook.com/valenobrasil>, acesso em maio de 2019.

FACEBOOK.COM/VALENOBRASIL. In. **Facebook.com/valenobrasil**. Disponível em <facebook.com/valenobrasil>, acesso em julho de 2021.

FADILAH,R. **Hate Speech Used by Haters in Social Media**. Dissertação (mestrado em artes) – Universidade Sumatera Utara. Indonésia, 2018.

FARIAS, L. **Opiniões Voláteis**. São Paulo: Metodista, 2019.

FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação. In. **Alceu**. Rio de Janeiro: [S/Ed], 2010.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

FREITAS, S; GARCIA, M. Comunicação e Paixão nas Organizações. In. **Organicom**. N. 9. São Paulo:[S/ed.], 2008. Disponível em: <<http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom>> . Acesso em 14 de abril de 2016.

G1.COM. Relatório da onu liga desastres naturais recentes ao aquecimento do planeta. In. **G1.globo.com**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/03/28/relatorio-da-onu-liga-desastres-naturais-recentes-ao-aquecimento-do-planeta.ghtml>>, acesso em 19 de abril de 2019.

G1.COM.BR. Vale Registra R\$ 40 bilhões de lucro líquido no 2º trimestre de 2021. In. **G1.com.br**. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2021/07/28/vale-registra-r-40-bilhoes-de-lucro-liquido-no-2o-trimestre-de-2021.ghtml>>, acesso em outubro de 2021.

G1.GLOBO.COM. Ministério público denuncia Vale e 3 dirigentes por crime ambiental em Nova Lima na grande BH. In. **G1.globo.com**. Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/06/10/ministerio-publico-denuncia-vale-e-3-dirigentes-por-crime-ambiental-em-nova-lima-na-grande-bh.ghtml>>, acesso em julho de 2021.

G1.GLOBO.COM. Já acabou, Jéssica? Jovem abandonou estudo e caiu em depressão, após virar meme. In. **G1. Globo.com**. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/09/01/ja-acabou-jessica-jovem-abandonou-estudo-e-caiu-em-depressao-apos-virar-meme.ghtml>> , acesso em setembro de 2021.

G1.GLOBO.COM. Um em cada três brasileiros já sofreu cyberbullying no trabalho, diz estudo. In. **G1.globo.com**. Disponível em

<<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/09/um-em-cada-tres-brasileiros-ja-sofreu-cyberbullying-no-trabalho-diz-estudo.html>>, acesso em 11 de dezembro de 2016.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

GOOGLE.COM. In. **Google.Com**. Disponível em < Google.Com>, acesso em : 05 de fevereiro de 2019.

GOOGLEACADEMICO.COM. In. **Google Acadêmico**. Disponível em: <scholar.google.com.br> acesso em 21 de abril de 2019.

HAN, B. **Topologia da Violência**. São Paulo: Vozes, 2017.

HARMON. Amor e ódio nascem no mesmo lugar, dizem cientistas. In. **Sciam.uol.com.br**. Disponível em:<<http://sciam.uol.com.br/amor-e-odio-nascem-no-mesmo-lugar-dizem-cientistas/>> acesso em 19 de abril de 2019.

HJARVARD; S. Mídia e cultura: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In. **Matrizes**. V. 5, N.2. São Paulo: [S/ED], 2012.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE.GOV. COM. Projeção. In. **IBGE.GOV.COM**. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>, acesso em outubro de 2021.

INSTAGRAM.COM.BR/VALENOBRASIL. In. **Instagram.com.br/valenobrasil**. Disponível em <instagram.com.br/valenobrasil>, acesso em julho de 2021.

INSTAGRAM.COM/LUISAMELL. In. **Instagram.com/luisamell**. Disponível em <instagram.com/luisamell>, acesso em julho de 2021.

INSTAGRAM.COM/VALENOBRASIL. In. **Instagram.Com/Valenobrasil**. Disponível em <Instagram.Com/Valenobrasil>, acesso em maio de 2019.

ISTOE.COM.BR. Animais presos no Barro em Brumadinho são sacrificados a tiros. In. **Istoe.com.br**. Disponível em <https://istoe.com.br/animais-presos-no-barro-sao-sacrificados-a-tiros/>, acesso em julho de 2021.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: ALEPH, 2006.

JÚNIOR, M. Introdução. In. **ARISTÓTELES**. Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

KOURY, M. **A Antropologia das Emoções no Brasil**. In. RBSE, vol. 4, n. 12, 2015.

LAKATOS, EM; MARCONI, M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: [s/ed], 2013.

LINKEDIN.COM.BR/VALENOBRASIL. In. **Likedin.com.br/valenobrasil**. Disponível em < <https://www.linkedin.com/company/vale/>>, acesso em julho de 2021.

LIPPMAN, W. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

LOPES, M. Algumas Reflexões Metodológicas sobre a Recepção Televisiva Transmídia. In. **Revista GEMInIS**. S/L] : [S/ED], 2014

MACEDO, A. Psiquiatria e neurociências: relação e limites. In. **Psiquiatria Clínica**. São Paulo: [s/ed], 2014.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Editora

MAINGUENEAU, D. Cena da enunciação. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes, 1993.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

MARCHIORI, M. As interconexões entre cultura organizacional e comunicação. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação organizacional: linguagem, gestão e perspectivas**, volume 2. São Paulo: Saraiva, 2009.

Martín-Barbero, Jesús; Muñoz, Sonia (coords.). **Televisión y melodrama. Géneros y lecturas de la telenovela en Colombia.** Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

METROPOLES.COM. Ministério Público confirma que o rompimento da barragem em Brumadinho é crime. In. **Metropoles.com**. Disponível em <<https://www.metropoles.com/brasil/brumadinho-mp-confirma-que-rompimento-de-barragem-e-crime>> , acesso em maio de 2019.

MIANO, B. S. **Comunicação Organizacional e Efeitos Pathêmicos do Discurso. Caso Samarco: um mar de lama ou de emoções?**. São Paulo, 2017. Dissertação (Mestrado em ciências da comunicação). PPGCOM - programa de pós-graduação em ciências da comunicação.

MICHAELIS. In. **Michaelis.uol.com.br**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=b9WEv>> acesso em 21 de abril de 2019.

MONTARDO, S; PASSERINO, M. Estudo de blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In. **Renote – revista novas tecnologias na educação**. São Paulo: [s/ed], 2006.

MOSCA, L. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In. MOSCA, L. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001.

MPF.MP.BR. MPF pede à população que denuncie atos de agressão e discurso de ódio motivados pela disputa eleitoral. In. **Mpf.mp.br**. Disponível em <<http://www.mpf.mp.br/es/sala-de-imprensa/noticias-es/mpf-pede-a-populacao->

que-denuncie-atos-de-agressao-e-discurso-de-odio-motivados-pela-disputa-eleitoral>, acesso em 19 de maio de 2019.

NACUESUNIDAS.ORG. Especialistas da Onu pedem solidariedade com africanos afetados pelo ciclone Idai. In. **Nacoesunidas.org**. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/especialistas-da-onu-pedem-solidariedade-com-africanos-afetados-pelo-ciclone-idai/>> acesso em 27 de abril de 2019.

NETO, A. As Bordas da Circulação. In. **ALCEU**. [s/l]:[s/ed], 2010.

NEXOJORNAL.COM.BR. Empresa nega responsabilidade sobre Brumadinho em corte alemã. In. **Nexojornal.com.br**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/09/28/Empresa-nega-responsabilidade-sobre-Brumadinho-em-corte-alem%C3%A3>>, acesso em julho de 2021.

NOTÍCIAS.R7.COM. Brumadinho: mesmo após 572 dias, justiça ainda não localizou 5 réus. In. **Notícias.r7.com**. Disponível em <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/brumadinho-mesmo-apos-572-dias-justica-ainda-nao-localizou-5-reus-08092021>>, acesso em julho de 2021.

OECO.ORG.BR. Brumadinho: após um ano, água de Paraopeba continua sem condições para consumo. In. **Oeco.org.br**. Disponível em <<https://oeco.org.br/noticias/brumadinho-apos-um-ano-agua-de-paraopeba-continua-sem-condicoes-para-consumo/>>, acesso em julho de 2021.

OSDICIONÁRIOS.COM. Significado Odiar. In. **Osdicionarios.com**. Disponível em: <<http://www.osdicionarios.com/c/significado/odiar>>, acesso em 19 de abril de 2019.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. São Paulo: Parábola, 2008.

POMARICO, E. **Micronarrativas como estratégia de comunicação interna**. São Paulo, 2014. Dissertação (Mestrado em ciências da comunicação). PPGCOM – programa de pós-graduação em ciências da comunicação.

REBS, R. O Excesso no Discurso de Ódio dos Haters. In. **Fórum linguístico**, Florianópolis:[s/ed], nov.2017.

REDETV.UOL.COM.BR. Três meses da tragédia em Brumadinho e nenhuma punição foi cumprida. In. **Redetv.uol.com.br**. Disponível em: <<https://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/redetvnews/videos/cidades/tres-meses-da-tragedia-em-brumadinho-nenhuma-punicao-foi-cumprida>>, acesso em 27 de abril de 2019.

REEVE, J. **Motivação e Emoção**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

REZENDE, Claudia B; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, A. Mulher morta após boato em rede social é enterrada em Guarujá, SP. In. **G1.GLOBO.COM**. Disponível em < <http://g1.globo.com/sp/santos->

regiao/noticia/2014/05/mulher-morta-apos-boato-em-rede-social-e-enterrada-nao-vou-aguentar.html>, acesso em 05 de fevereiro de 2019.

ROCHA, P. MONTARDO, S. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In. **Revista Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**. São Paulo: [s/ed], 2005.

SAAD, E. Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação. In. **Anais do congresso Ibercom. Congresso Internacional Ibercom**. São Paulo : [s/ed], 2015

SAAD, E. Comunicação digital e novas mídias institucionais. In. KUNSCH, M. **Comunicação Organizacional: histórico, fundamentos e processos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

SANTAELLA, Lucia. O DNA das Redes Sociais. In: BARBOSA, Mariana; MORAIS, Osvando J. (Orgs.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: Intercom, 2013.

SANTOS, M. **O discurso de ódio em redes sociais**. São Paulo: Lura Editorial, 2016.

SIBI.COM.BR. In. **Sibi.com.br**. Disponível em <sibi.com.br>, acesso em 21 de abril de 2019.

SILVA et. al. Discurso de ódio em redes sociais. Jurisprudência brasileira. In. **Revista Direito FGV**. São Paulo: [S/ed], 2011.

SILVA, C; TESSAROLO, F. Influenciadores digitais e redes sociais enquanto plataforma de mídia. In. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Paulo: [s/ed], 2016.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho; uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUSA, Mauro W. A Comunicação Social como Processo de Publicização: a Perspectiva do mundo compartilhado. In. **Novos Olhares**. São Paulo: [S/ed], 2014.

STEFFEN, C. Ódio.org.br Rastreamento e caracterização de movimentos de ódio na Internet em Português. In. **III Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS**. Rio Grande do Sul: [s/ed], 2008.

STRAUSS, L. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

SUPER INTERESSANTE. Por que os nazistas queriam exterminar os judeus. In. **Super.abril.com.br** Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-os-nazistas-queriam-exterminar-os-judeus/>> , acesso em 19 de abril de 2019.

TORABIT. Pesquisa revela termos mais buscados sobre a tragédia em Brumadinho. In. **G1.globo.com**. Disponível em: < http://g1.globo.com/globo-news/estudio-i/videos/t/todos-os-videos/v/pesquisa-revela-terminos-mais-buscados-sobre-tragedia-de-brumadinho/7375981/?fbclid=IwAR0yfSVi2y2u393xclcsPqoTG_KbggCBOch2gvQdyUMUjd532SaU2hJC0Mw> acesso em maio de 2019.

TORABIT. Redes sociais refletem revolta com tragédia. In. **Epoca.globo.com**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/redes-sociaisrefletemrevolta-com-tragedia-23405192>> acesso em maio de 2019.

TRENDS.GOOGLE.COM. In. **Trends.google.com**. Disponível em < <https://trends.google.com/trends/?geo=US>> , acesso em: 05 de fevereiro de 2019.

TRINDADE, E. Diretrizes para uma teoria da enunciação da recepção publicitária. In. **Intercom** - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 31, n. 2, São Paulo: [S/ED], 2007.

TRINDADE, E. ANNIBAL, S. Leitura, recepção midiática e produção de sentido. In. **Comunicação e Educação**. A. XV, nº 1, São Paulo: [S/ED], 2010.

TRINDADE, E. Enunciação publicitária e recepção: problemas, considerações e diretrizes. In. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: [S/ed], 2007.

TRINDADE, E. PEREZ, C. Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores. In. **Alceu**. Rio de Janeiro: [S/Ed], 2014.

TUVSUD.COM. **Tuvsud.com**. Disponível em <<https://www.tuvsud.com/de-de/standorte/americas/brazil/sao-paulo/rua-girassol-1033>>, acesso em julho de 2021.

TWITTER.COM/VALENOBRASIL. In. **Twitter.com/valenobrasil**. Disponível em <https://twitter.com/valenobrasil?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor>, acesso em julho de 2021.

TWITTER.COM/VALENOBRASIL. In. **Twitter.com/Valenobrasil**. Disponível em <twitter.com/valenobrasil>, acesso em maio de 2019.

VAN DIJCK, J. NIEBORG, D. POELL, T. **Plataformização**. In. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. [S/L]: Unisinos, 2020.

VAN DIJCK, J; POELL, T; WALL, M. **The platform society: Public values in a connective world**. [S/L] : Oxford University Press, 2018.

VOCABUSP.SIBI.USP.BR. In. **Vocabusp.Sibi.Usp.Br**. Disponível em: <[Vocabusp.Sibi.Usp](https://vocabusp.sibi.usp.br)> , acesso em 21 de abril de 2019.

Vygotsky, L. **Théorie des émotions: étude historico-psychologique**. Paris: L'Harmattan. 1998.

WALLER, J. **Our Ancestral Shadow**: Hate and Human Nature in Evolutionary Psychology. In. Journal of hate studies. Spokane, WA : [s/ed], 2004.

WGSN. Propulsores 2019. In. **WGSN**. [S/l]: [S/ed], 2019.

WIKIPEDIA.COM. Pecado Capital. In. **Wikipedia.com**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pecado_capital#:~:text=Assim%2C%20a%20Igreja%20Cat%C3%B3lica%20classificou,mortais%20que%20s%C3%A3o%20merecedores%20de>, acesso em outubro de 2021.

Yin, R. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman. 2015.

YOUTUBE.COM/VALE. In. **YOUTUBE.COM/VALE**. Disponível em <<youtube.com/vale>>, acesso em maio de 2019.

YOUTUBE.COM/VALENOBRASIL. In **youtube.com/valenobrasil**. Disponível em < <https://www.youtube.com/c/ValenoBrasil>>, acesso em julho de 2021.

ZIMERMAN. **Os Quatro Vínculos: Amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise**. São Paulo: ArtMed. 2010.

ANEXOS

ANEXO I: POSTAGENS E COMENTÁRIOS ANALISADOS

 **Vale** ✓
25 de janeiro de 2019 · 🌐

A Vale informa que ocorreu, no início da tarde de hoje, o rompimento de uma barragem na Mina Feijão, em Brumadinho (MG). As primeiras informações indicam que os rejeitos atingiram a área administrativa da companhia e parte da comunidade da Vila Ferteco. A Vale acionou o Corpo de Bombeiros e ativou o seu Plano de Atendimento a Emergências para Barragens.

A prioridade total da Vale, neste momento, é preservar e proteger a vida de empregados e de integrantes da comunidade.

Utilizaremos o Twitter como o nosso canal de atualização principal, fornecendo informações assim que confirmadas.
<https://twitter.com/valenobrasil>




Renato Oliveira

A calma e a tranquilidade de que sabem que são sair novamente impunes independente do crime ambiental e há ou não mortos e feridos, igual foi com Mariana. Agora só nos resta esperar não a justiça e sim aonde vai ser a próxima tragédia.

Curtir · Responder · 2 a · Editado

👍👎🗨️ 1,9 mil

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

➔ [ver mais 47 respostas](#)



Carolina Trovato Gomez

Um caminhão pipa? Um helicóptero? Vocês estão de brincadeira? Vocês acham suficiente para o tanto de VIDAS que estão desesperadas por ajudas? Vidas pq vocês só estão olhando para humanos. Cadê a ajuda para todos os animais atolados? Que ainda estão vivos esperando socorro? Não são menos importantes do que um homem com medo da ajuda não chegar! Eles também sentem dor, medo, desespero. É OBRIGAÇÃO de vocês que provocaram esse CRIME fazer o impossível para salvar o máximo de vidas possível e dispor de todos os recursos para isso!!

Curtir · Responder · 2 a

👍👎🗨️ 263

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Juliana Barbosa Longaresi

O que importa aparentemente é o lucro! Deveriam pagar e se responsabilizar pelo crime cometido, QUANTAS VIDAS PERDIDAS NA LAMA POR IRRESPONSABILIDADE E GANÂNCIA. **Parabéns** aos envolvidos!

Curtir · Responder · 2 a · Editado

👍👎🗨️ 234

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

↳ Ver mais 48 respostas



Giulia Gaglianone Lemos

E O RESGATE DOS ANIMAIS???? Toda vida importa!!
Vocês têm condições para cobrir o resgate de pessoas e animais!

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

↳ Ver mais 12 respostas



Alana Roxo

Veterinários voluntários estão proibidos de entrar mesmo com a presença da equipe dos bombeiros para resgate da fauna e animais domésticos de grande e pequeno porte. Vocês não têm vergonha??!

Curtir · Responder · 2 a · Editado

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Vale ✓

25 de janeiro de 2019 · 🌐

⋮

O presidente da Vale, Fabio Schvartsman, dá o seu primeiro pronunciamento oficial sobre o rompimento da barragem em [#Brumadinho](#) (MG). Confira.



do ponto de vista de garantir a estabilidade

👍👎🗨️ 6,4 mil
6,2 mil comentários
1,2 mil compartilhamentos

👍 Curtir
💬 Comentar
➦ Compartilhar



Juliana Bernardo

Um pedido de desculpas não sobrepõe a ganancia de vocês!! Que vocês paguem por isso, e não daqui a 5 ou 10 anos, que paguem agora! Pessoas e animais morreram agonizando, famílias perderam tudo o que tinham, rios choram lama, o verde não existe mais e t...
Ver mais

Curtir · Responder · 2 a





A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

Cristina Alves

Deus vos ajude

Deus toca agora o coração de todos os brasileiros para ajudar a resgatar animais e pessoas

Curtir · Responder · 2 a

- Curtir · Responder · 2 a
-  **Rosa Rosilene**
A Vale não pode deixar pra trás os animais, eles devem ser resgatados também.
- Curtir · Responder · 2 a
-  Autor
-  **Amanda Baccin**
Não estou vendo os esforços, que não seriam medidos, para salvar as vidas dos animais que estão agonizando, presos na lama!
- Curtir · Responder · 2 a
-  **Alessandra Muniz**
Sr. E os animais que agonizam não devem ficar abandonados! É de sua inteira responsabilidade todas essas vidas! Falar bonito todos falam mas o momento é ação!

 **Vale** ✓
28 de janeiro de 2019 · 🌐

Em parceria com o #CRMV (Conselho Regional de Medicina Veterinária), uma força-tarefa, formada por cerca de 50 profissionais, entre veterinários, biólogos e zootecnistas - além de voluntários -, atua no resgate* da fauna local nas duas margens do rio Paraopeba. Até o momento, dezenas de animais domésticos foram resgatados após o rompimento da Barragem I, em #Brumadinho (MG). Assista ao vídeo abaixo e saiba como temos trabalhado nessa questão.

*Para solicitação de resgate, a Vale incentiva que a população utilize o 0800 285 7000 ou ligue para o Corpo de Bombeiros.




A ação é coordenada pela **equipe de biólogos Vale com o CRMV.**



Josenel Silva

Pessoal... não acreditem em VALE... até hoje o que aconteceu em Mariana... não ajudaram nenhuma família que perderam seus antes queridos

Curtir · Responder · 2 a · Editado



19

↳ 1 resposta

Curtir · Responder · 2 a



Camila Cassol

Não adianta fazer videozinho bonito e matar os bois, é obrigação de VOCÊS resgatar os animais, ISSO INCLUI OS BOIS, vocês fizeram a merda, agora concertem!!!

Curtir · Responder · 2 a · Editado



Nádia Gil

Um pouco tarde demais essa chegada, quando os protetores chegaram muito antes, foram impedidos e tiveram os acessos bloqueados, deixem de hipocrisia pq essa conta é de vcs, vidas foram tragadas e centenas de animais engolidos pela lama, por causa do descaso de vcs! Respeito zero dessa empresa!!

Curtir · Responder · 2 a



31

Curtir · Responder · 2 a



Michael De Sousa Alves

AAAAAAAH Q FOOFO..

MAS PORQ ESTAO MATANDO A TIROS PARA POUPAR RECURSOS NO SALVAMENTO DOS ANIMAIS??.. E AINDA IMPEDEM MEDICOS VOLUNTÁRIOS DE RESGATAR??

VCS SAO LIXOS!!

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

Curtir · Responder · 2 a



Nadia Godoy

Mentirosos!!! Auxiliem ao menos os protetores animais a resgatar e minimizar o sofrimento que vcs causaram a esses seres inocentes...

Curtir · Responder · 2 a

Vale  29 de janeiro de 2019 · 

Fabio Schvartsman, nosso presidente, esteve em #Brumadinho e acompanhou todas as operações de resgate acerca do ocorrido. Em vídeo, entre diversos assuntos, ele comenta sobre o auxílio no resgate das vítimas, no atendimento às famílias impactadas e na busca pelos motivos - prioridades absolutas neste momento. Assista abaixo:




Vale Informa

1,2 mil    756 comentários 213 compartilhamentos



Vinícius Gonçalves
Mariana + Brumadinho = 114 mortos. ~250 desaparecidos ainda. Vai lá minerar corpos agora.

Curtir · Responder · 2 a  2









Junior Santos Santos
Eu sempre vou acreditar nos valores da VALE
Essa situação logo vai se resolver
A Vale gera muito emprego
Contribuí pra educação de muitos Jovens
A VALE ajuda muitos municípios
Eu acredito na vale

#VALE

Curtir · Responder · 2 a



Aline Mary Brs
Ai queria saber o q mais vcs vao esperar p arrumar as outras barragens?????ja chega de desgraça neh!!!A barragem de Congonhas e da CSN chega de ganacia por dinheiro vamos ter mas amor com o procimo a vida nao e so dinheiro não sera q a consciência de vcs esta tranquila? Que Deus tenha piedade de vcs triste de mais

Curtir · Responder · 2 a



Ashya Ali Zeitum

"Na tragédia de Brumadinho, quem não preveniu, ou não fez a devida comunicação, foi a empresa e suas subcontratadas. E isso fica cada vez mais evidente à medida em que vão sendo reveladas as falhas e omissões da Vale na operação da barragem que se rompeu." "Quem não preveniu foi a Vale", disse o petista Fernando Pimentel.



Curtir · Responder · 2 a



Wasley Araújo

Nessa terra de gigantes , que troca vidas, por diamantes. Eng Havaí....



Curtir · Responder · 2 a



Vale

31 de janeiro de 2019

Seguimos com o resgate dos animais em #Brumadinho. As equipes são formadas por veterinários, biólogos, bombeiros, além de nossos empregados presentes no local. Assista no vídeo a força-tarefa montada para resgatar o boi Resistente: a ação foi gerenciada por nosso time de biólogos em parceria com o CRMV. #ValeInforma



👍👎👤 578

246 comentários · 56 compartilhamentos



Nathane Queiroz

Ótima propaganda para cobrir as execuções com tiros que aconteceram 🙌

...

29

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Elias Paulino

Vale por favor me de uma resposta a barragem vai sair de Congonhas ou as pessoas ? Ela corre o risco de se romper acada vez a agua vai subindo ela vai se romper olha o que eu to dizendo ela vai se romper a qualquer momento e sim vale coloque a camera de segurança que nem a de brumadinho e coloque uma camera wue tenha som e no minimo 6 camera de segurança coloque ne Congonhas boa sorte vale que deus proteje voces e os habitantes

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Ueliton Lyra

Final feliz

So me diz

A onde q depois d tudo isso terá final feliz

E cada uma q a gente tem q ouvir

...

Oq adianta alguns terem um sorriso no rosto

Sendo q para muitos oq vão ficar so sera lágrimas e uma mancha negra em suas vidas e a dor d um coração partido

1

Curtir · Responder · 2 a · Editado



Rodrigo Montouto

Nao há vídeo institucional no mundo, que apague a eterna atrocidade dessa empresa, com a humanidade!!!

Empresa sem valor e sem o mínimo de respeito com o ser humano.

Valor se dá no caráter, na integridade e no compromisso com a vida, e isso não se aprende em faculdade, amigo!!!

Não foi desastre, foi assassinato!!!

...

Curtir · Responder · 2 a



Fraga Louzada

Vcs não!!!

Quem correu atrás de tudo foi a Luisa Mell... Até a chagada da Luísa Mell ,a ordem era matar!!!

...

19

Curtir · Responder · 2 a

Vale  31 de janeiro de 2019 · 

É aqui na Estação Conhecimento que nos dedicamos às pessoas impactadas pelo ocorrido. O acolhimento, o apoio, além do conforto às famílias, são feitos por uma equipe dedicada, incluindo médicos e enfermeiros em tempo integral. Alimentos, água, roupas, calçados, medicamentos, colchões e todo tipo de itens de primeira necessidade chegam a todo momento para que nada falte. o objetivo principal aqui é cuidar. [#ValeInforma](#)



417 205 comentários 36 compartilhamentos



Tiago Oiano
Só 100 Mil pra cada pessoa afetada?



Adair Michele Arcanjo
Agradeço por tudo por saber que podemos contar com pessoas humanas como as que nos atende nessa hora triste para todos

Curtir · Responder · 2 a



↳ 3 respostas



Hélio Pimenta Neves
Sempre admirei essa empresa, principalmente a estrada de ferro com suas belas locomotivas...meu sonho é fazer parte desse time.

Curtir · Responder · 2 a



↳ 9 respostas

Curtir · Responder · 2 a



Lilian Rocha

Aí que lindo!! Mas quem está lá, pode acompanhar uma realidade tão diferente.... Não colou não pessoal do marketing, sorry!!!



Curtir · Responder · 2 a



Dedé Fernandes Praseres

Parabéns Vale vocês estão dando o socorro quantas pessoas atropelan as vítimas e fogem ..



Curtir · Responder · 2 a



Vale ✓

31 de janeiro de 2019 · 🌐



A Estação Conhecimento é o nosso centro de atendimento humanitário aqui em #Brumadinho. É nesse espaço que acolhemos os resgatados, assim como os nossos empregados e as famílias impactadas. Hoje, tudo funciona em prol do ocorrido. Desde o uso dos nossos campos para estacionamento dos helicópteros de resgate, até a cozinha, que está funcionando 24h e distribuindo cerca de 600 refeições por dia. Assista ao vídeo e saiba o porquê nosso principal objetivo aqui é cuidar das pessoas. #ValeInforma



188 comentários 17 compartilhamentos



Manoel Almeida Junior

Evitem certas palavras... "cuidar" não faz sentido no contexto dado. Da forma dada parece um ato de generosidade desprendida. Mas não se aplica sequer sonhar em falar de generosidade

Curtir · Responder · 2 a

Curtir · Responder · 2 a



George Cruz

Jura...cuidar das pessoas?

Vocês cuidaram de acabar com a vida de pessoas pela segunda vez. Vocês bancam políticos e esses mesmo afroxam as leis aos quais agora deveriam cair sobre vocês.

Curtir · Responder · 2 a



Aurélio Gualda

Isso aconteceu em Mariana? Ou só estão fazendo isso pq o quer que o governo desbloqueie a verba

Curtir · Responder · 2 a



Rossana Scandelari Sentone

Não fazem mais q a obrigação. Melhor seria se houvesse prevenção, assim não haveria o "ocorrido".

Qtos "ocorridos" desses ainda veremos?

Curtir · Responder · 2 a



Fabio Fabio

Prezados senhores, é preciso lembrar que estamos no Brasil, região do Nordeste, estado do Maranhão. A Alumar, está procedendo equivocadamente ao usar seu expediente totalmente em inglês, língua estrangeira, causando dificuldades e constrangimento para os profissionais deste estado, deste país. Por favor, vamos repensar nesta questão, não se trata de capacitação e nem de competência, se trata de coerência. Contrate o profissional na língua mãe e depois capacite-o com inglês voltado para sua área técnica. Este é o procedimento correto.

Curtir · Responder · 2 a

 **Vale** atualizou a foto da capa dele.
1 de fevereiro de 2019 · 🌐

Palavras não podem expressar a nossa tristeza.
Nosso mais profundo respeito aos colegas de trabalho, seus familiares, amigos e moradores de Brumadinho.



   3,1 mil 1,1 mil comentários 429 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar



Aparecido Quesada

Como esta sendo feito os resgates principalmente dos animais na lama? tem mostrado na tv várias imagens de animais atolados , façam algo !!!

...

 1

Curtir · Responder · 2 a

 Curtir · Responder · 2 a




Vanessa Las-Casas

Entao cumpram com suas responsabilidades!!! Tomem vergonha na cara!!! Vcs roeram ate osso da nossa cidade! Agora vcs vao nos pagar!!!

  44

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

 Curtir · Responder · 2 a



Mara Rúbia

E o Rio Paraobeba? O que vocês vão fazer para ressuscitá-lo?



Curtir · Responder · 2 a



 Autor

Vale 

Curtir · Responder · 2 a



Jonathas Lisboa

Eu acredito no potencial da vale, é uma empresa muito boa e de grande responsabilidade, está dando o seu melhor para ajudar as famílias que sofreram com o ocorrido.. força vale



3

Curtir · Responder · 2 a



Vini Capistrano

Força a todos!!! Que Deus console o coração de todos... Acho que o momento não é de julgar, e sim de solidariedade com amigos e familiares!!!! Tenho certeza que a empresa não tinha a intenção de uma tragédia dessa....



3

Curtir · Responder · 2 a



Vale ✓

2 de fevereiro de 2019 · 🌐



A Vale informa que está sendo implementado um plano de ação para conter os rejeitos no rio Paraopeba. São membranas, que estão sendo instaladas com a função de filtrar os sedimentos para que não acompanhem o fluxo da água. O projeto foi desenvolvido pela empresa Duporto Serviços Marítimos e Portuários. Confira: [#ValeInforma](#)



616

454 comentários 79 compartilhamentos



Vaninha Felicia

O Paraopeba já está contaminado Vale vcs acabaram com Brumadinho e tá acabando com os Rios da região.

...

Curtir · Responder · 2 a · Editado



2



Gabriel Silva Saldanha

Tem que ter um plano pra acabar com essas tragédias, a cada dois três anos vamos ter que lidar com tragédias porque uma empresa não tem capacidade de gerenciar suas instalações? Não aceitaremos mais isso

Curtir · Responder · 2 a



2

↳ 1 resposta



Mara Barcelos

Oi Vale, é proibido pescar no Rio Paraopeba ... só não é proibido destruir o Rio Paraopeba Vale? A lama Vale mais que qualquer vida!!! ??

...

Curtir · Responder · 2 a



Marlei Ferreira

E quando vão começar a dar atenção ao crime cometido contra o Rio Doce. A população ao longo de toda a extensão do rio, desde Minas Gerais até sua foz no Oceano Atlântico, no Espírito Santo, continua sem receber indenização. E antes que digam que a Val... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a



1

↳ 1 resposta



Levi Yuri

E o Rio São Francisco ????? 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

Curtir · Responder · 2 a

**Vale** ✓

3 de fevereiro de 2019 · 🌐




Assim que aconteceu o rompimento da barragem, foi criada uma força-tarefa para atender os animais. Do resgate até o atendimento são mais de 30 profissionais envolvidos, entre eles, Mirella Laudia D'Elia, consultora ambiental CLAM. Conheça mais sobre o trabalho realizado com os animais resgatados.



403


359 comentários 38 compartilhamentos

 **Marilene Ribeiro**
Queremos saber o que esta' sendo feito DE VERDADE em relação a NÃO DEIXAR que os animais que habitam estes locais de auto-salvamento sejam atingidos, caso estas outras barragens venham a romper. QUAL É O PLANO DE AÇÃO DA VALE PARA ELES?

Curtir · Responder · 2 a · Editado


 1

↳ 2 respostas

 **Rodrigo Souza**
Tenho até medo desses pontos estratégicos da vale, cadeia para o presidente da vale urgente


Curtir · Responder · 2 a
Curtir · Responder · 2 a

 13

 **Francisco De Assis**
E os pequenos agricultores quem perdeu casa e tudo, vão pagar por crime e não cometeu?


Curtir · Responder · 2 a

 12

 **Nádia Lúcia Dias**
Já contaram o lucro em cima das mortes, VALE? Do meio ambiente degradado, e o sofrimento de tantas famílias destruídas?

Curtir · Responder · 2 a

 2

 **Alexandre Garcia**
Alexandre APAE

Curtir · Responder · 1 a

 **Vale** ✓
7 de fevereiro de 2019 · 🌐

O tenente-coronel da Defesa Civil Flavio Godinho está no depósito de doações acompanhando todo o trabalho de organização feito pelos voluntários. Godinho informa que não há mais necessidade de doações, pois o depósito está com a capacidade máxima. Ele também esclarece que não existe nenhum canal de arrecadação financeira no estado de MG. Confira:



Como sempre, a população brasileira, o povo mineiro,

  251 159 comentários 41 compartilhamentos



Marcus Vinicius ***



Curtir · Responder · 2 a



Eduardo Galeno Lima
Espero que as doações não estejam sendo roubadas como na tragédia de Friburgo e Teresópolis.

Curtir · Responder · 2 a



Simone Justo



Curtir · Responder · 2 a



Delane Lúcia Xavier
Sei Fala mais !!!!

**Vale** ✓

8 de fevereiro de 2019 · 🌐



#InformeBrumadinho Na próxima segunda-feira (11/2), tem início o registro para a doação, com fins humanitários, aos atingidos pelo rompimento da Barragem I, em Brumadinho (MG). A Vale oferecerá a doação no valor de R\$ 50 mil para aqueles que moravam e no valor de R\$ 15 mil para aqueles que desenvolviam atividades produtivas ou comerciais localizadas na Zona de Autossalvamento (ZAS) do Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração (PAEBM).

O atendimento será na Estação Conhecimento, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18 horas. Vans estarão disponíveis para traslado dos requerentes até a Estação Conhecimento.

Para saber quem tem direito a doação e outras informações acesse: <http://bit.ly/2BpNXFI>



Informe Brumadinho



Rodrigo Delacruz
Doação?????

Os corpos que estão embaixo da lama, Os sonhos destruídos, casas e famílias pessoas mortas, "Doação"???? vcs não estão fazendo mais que obrigação, e pagar mixaria por vidas que se foram, talvez isso tirará um pouco o peso da consciência

Curtir · Responder · 2 a



Kelly Silva
Vale assassina acaba com vidas, acaba com sonhos acaba com famílias e age tão naturalmente... #vale_assassina #culpados_sim #Queremos_justiça

Curtir · Responder · 2 a



1



Bruno Vucovic
CEO diz que Vale é uma "joia" e "não pode ser condenada". O presidente da Vale, Fabio Schvartsman, disse que a empresa "é uma joia brasileira" e que, "por maior que tenha sido a tragédia", não pode ser condenada pelo rompimento da barragem da empresa e... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a



Natália Oliveira
Vale informe onde está minha irmã que trabalhou quase 30 anos de sua vida na Vale
Onde está Lecilda de Oliveira????
Onde está seus amigos, colegas de trabalho de toda uma vida???... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

Curtir · Responder · 2 a




Rai Ferreira
PAEBM que nunca foi finalizado com a comunidade, estamos até agora à espera da simulação das rotas de fugas, zona de autossalvamento, esperando o teste da sirene de evacuação que nunca foi ouvida por ninguém. Deus que nos salvou, se não era pra estarmos... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a · Editado



20

A opção "Mais relevantes" está selecionada. portanto. algumas respostas




Vale ✓
16 de fevereiro de 2019 · 🌐

[#InformeNovaLima](#) A Vale informa que, por volta das 20h deste sábado (16/2), acionou as sirenes de alerta da barragem B3/B4 da mina de Mar Azul, na região do distrito de Macacos, em Nova Lima. A estrutura está inativa e a ação se deu após a revisão dos dados dos relatórios de empresas especializadas.

As autoridades foram avisadas e, como medida preventiva, parte da comunidade de Macacos – a que esta dentro da linha vermelha no mapa - foi evacuada. A medida não afeta outras regiões da cidade de Nova Lima. Veja no link o mapa da zona de evacuação

<https://bit.ly/2V2MqwC>



Informe Nova Lima

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



Buga Bristol

Um salario mínimo e que ainda será descontado da indenização !!!???????

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



Giovani Maciel

políticos querem flexibilizar pra valer pq ela doa milhões para os partidos todos os anos. Sem contar o por fora . Além disso , o imposto que a vale paga pelas exportações da pra cobrir os 540 bilhões de gastos com os politicos brasileiros a cada ano. ... [Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



Raíssa Guzella

Vocês deveriam ter divulgado para a população toda da cidade, quando houve a instalação da sirene e tudo mais, sobre o que fazer no caso da sirene soar! Foi o caos instaurado porque a maioria das pessoas não sabia o que fazer e nem pra onde e quem deve... [Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



Alexander Gomes

Vale de estatal que era o orgulho da nação, à vergonha e lama.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



Giovani Maciel

A jóia do Brasil é nosso lar e não um monte de minério.

A jóia do Brasil é a família presente e unida e não um monte de barro represado.

A jóia do Brasil é a natureza com suas aves e animais tendo Onde morar e não uma mata devastada .

Uma jóia do Brasil é um cuidando do outro e não a ganância de evitar custos que agora se transformaram em bilhões em indenizações.

HJ SÓ FALTA UMA JÓIA NESSE PAÍS, JUSTIÇA A ALTURA PARA QUE CADA VÍTIMA SEJA UMA JÓIA LAPIDADA NOS BRAÇOS DE DEUS.

ESSE SERÁ O BRILHO DA JÓIA BRASILEIRA.

JUSTIÇA.

Vale. NÃO VALE UMA VIDA.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 a



**Vale** ✓

24 de fevereiro de 2019 · 🌐



#ValeInforma Desde o rompimento da Barragem em Brumadinho, criamos um plano de ação para minimizar os impactos do ocorrido e apoiar os atingidos. Atuamos nas seguintes frentes: humanitária, ambiental, barragens e acordos. Conheça as ações em cada uma delas, ou acesse www.vale.com/brumadinho



295

214 comentários 21 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar



Andre Souza Maggi

<https://bhaz.com.br/.../motorista-tranca-passageira-estupro/> ...



BHAZ.COM.BR

Motorista de aplicativo tranca passageira em carro e tenta estupr...



Curtir · Responder · 2 a



Hudson Carlos

Qual o plano para esse crime ambiental? E quanto às pessoas que morreram? E quanto aos engenheiros que liberaram os laudos dizendo que a barragem estava OK? Será que mesmo eles sabendo que não estava OK decidiram por livre e espontânea vontade enganar ... **Ver mais**



Curtir · Responder · 2 a



Grécia Leite

Vale MENTIROSO!!!!!! Para de enganarem, passando uma informação que não corresponde à verdade! Os atingidos dos RIO PARAPEBA, desde o ocorrido estão tomando água, banho, cozinhando, com as águas poluídas do Rio Paraopeba. Os pescadores e agricultores... **Ver mais**



Rodrigo Maceira

Vale tudo.

<https://economia.uol.com.br/.../brumadinho-mariana-vale...> ..



ECONOMIA.UOL.COM.BR

Tragédias como Brumadinho estão ligadas a preço e lucro, diz estudo...



Curtir · Responder · 2 a




Carla Leal

O que mais me entristece que não vai mudar nada. Simplesmente pq o que tem que ser feito pelas outras barragens é caro. Então preferem matar do que solucionar as tragédias anunciadas em Minas.




Curtir · Responder · 2 a



A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.




 **Vale** ✓
2 de março de 2019 · 🌐

Em atenção à recomendação n. 21/2019, do Ministério Público do Estado de Minas Gerais e considerando a dinâmica dos fatos ocorridos no dia 20/02/2019, este comunicado da Vale tem por objetivo substituir os comunicados anteriores relacionados às barragens de rejeito Vargem Grande, Grupo e Forquilha I, II e III (em conjunto referidas como "as Barragens"), bem como Complexo de Vargem Grande e Complexo de Fábrica, trazendo informações de forma consolidada e atualizada. Nesse sent... [Ver mais](#)



Informe Ouro Preto e Nova Lima

  192 181 comentários 14 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Mais relevantes ▼



Claudia Franceschini

Mataram pessoas e sem respeito ao meio ambiente e povo fora do brasil valle

Curtir · Responder · 2 a



1

↳ 1 resposta



Daniela Ribeiro

"A Vale ressalta que as Barragens (Vargem Grande, Grupo e Forquilhas I, II e III) ainda estão classificadas como Nível 2 de alerta, embora sejam ainda válidos seus laudos de estabilidade, atestados por auditores independentes, conforme exigido pela ANM... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a · Editado




13

↳ 1 resposta



Tiago Santos

Você conhece o João ?

AQUELE QUE TE DÁ UMA NOTIFICAÇÃO 

Curtir · Responder · 2 a



Cebolão Oposição Ferroviários

JUSTIÇA DO TRABALHO CANCELA ELEIÇÃO DO SINDFER DE 2016 E NOMEIA INTERVENTOR PARA CHAMAR NOVAS ELEIÇÕES

Nesta quarta-feira, 13 de março, o grupo Cebolão conseguiu na Justiça do Trabalho o cancelamento da eleição do Sindfer realizada em 2016 (mandato 2... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a



1



Fernanda Marques Da Silva

Compania mais mal administrada do BRASIL

Curtir · Responder · 2 a



2


 **Vale** ✓
16 de março de 2019 · 🌐


#ValeInforma Em reconhecimento ao trabalho dos bombeiros militares em Brumadinho, a Vale está fazendo um aporte de R\$ 20 milhões para o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG). Com esse investimento, será possível fazer melhorias na infraestrutura e capacitação profissional da corporação, além da implantação de estruturas para treinamentos na Academia dos Bombeiros. Assista ao vídeo na íntegra e saiba mais:





Em **reconhecimento ao trabalho feito** em Brumadinho, a Vale formalizou um **aporte** para o **Corpo de Bombeiros Militar** de Minas Gerais.


7,5 mil 1,4 mil comentários 1 mil compartilhamentos

 **Regina Amaral**
Só para o de Minas gerais e os outros que deram o sangue para salvar vida a vale não fala nada nem se quer agradece


Curtir · Responder · 2 a  7

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



 Autor
Vale 
Somos gratos e agradecemos o trabalho de todos os bombeiros e voluntários, Regina.


Curtir · Responder · 2 a  4


↳ Ver mais 2 respostas




 **Israel Costa**
Parabéns Isto mostra o comprometimento da Companhia #Vale diante do ocorrido!

Curtir · Responder · 2 a



 Autor
Vale 
Olá, Israel. Obrigada pelo apoio e reconhecimento. Esta contribuição é apenas uma gratificação pela ação destes heróis, que sempre desenvolvem um excelente trabalho e merecem toda nossa consideração e respeito.


Curtir · Responder · 2 a  1

 **Joelma Dante Silva**
Se a Vale errou ou não... não cabe a nós julgarmos... todos nos somos passíveis de erros.. a Vale e uma empresa séria .. acredito que irá da suporte a todos que foram atingidos com essa tragédia.

Curtir · Responder · 2 a    17

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

 Autor
Vale 
Com certeza, Joelma. Jamais vamos deixar essas pessoas desamparadas. Sabemos que é nossa responsabilidade cuidar dessas pessoas. Uma das nossas ações foi a criação do Comitê de Ajuda Humanitária. Esse comitê conta com uma equipe de assistentes sociais,... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 2 a  1




 **Vale** 
23 de março de 2019 · 

A [#ValeInforma](#) que foi acionado o protocolo para início do nível 3 do Plano de Ação de Emergência de Barragens de Mineração (PAEBM) para a Barragem Sul Superior da mina Gongo Soco, em Barão de Cocais (MG). É importante ressaltar que toda a Zona de Autossalvamento foi evacuada no dia 8 de fevereiro, quando a Barragem passou para o nível 2. Essa é uma medida preventiva, que é acionada quando recebemos do auditor independente informações da condição de estabilidade da barragem. ... [Ver mais](#)





Informe Barão de Cocais



  155 119 comentários 16 compartilhamentos

 **Rose Santos**
Quero saber se a Vale está tirando o pessoal que está no entorno de Barão de Cocais já que o risco é iminente? Se não façam isso logo, pois não precisa romper pra vcs tomarem as providências.


Curtir · Responder · 2 a

 **Autor**
Vale ✓
Rose, todas as pessoas da Zona de Autossalvamento (ZAS) foram evacuadas do local no dia 8/2. Além disso, os órgãos públicos irão identificar e orientar os moradores da Zona de Segurança Secundária (ZSS). Reforçamos também que a Barragem Sul Superior é ... [Ver mais](#)



Curtir · Responder · 2 a  1

 **Pedro Klauss** ...



Curtir · Responder · 2 a

 **Pappy Brasil**
Ou a gente para com esse vale ou a vale vai destruir o Planeta

Curtir · Responder · 2 a

 **Pedro Klauss**


Curtir · Responder · 2 a

 **Klaudio Lorenço**
vale da miséria

Curtir · Responder · 2 a

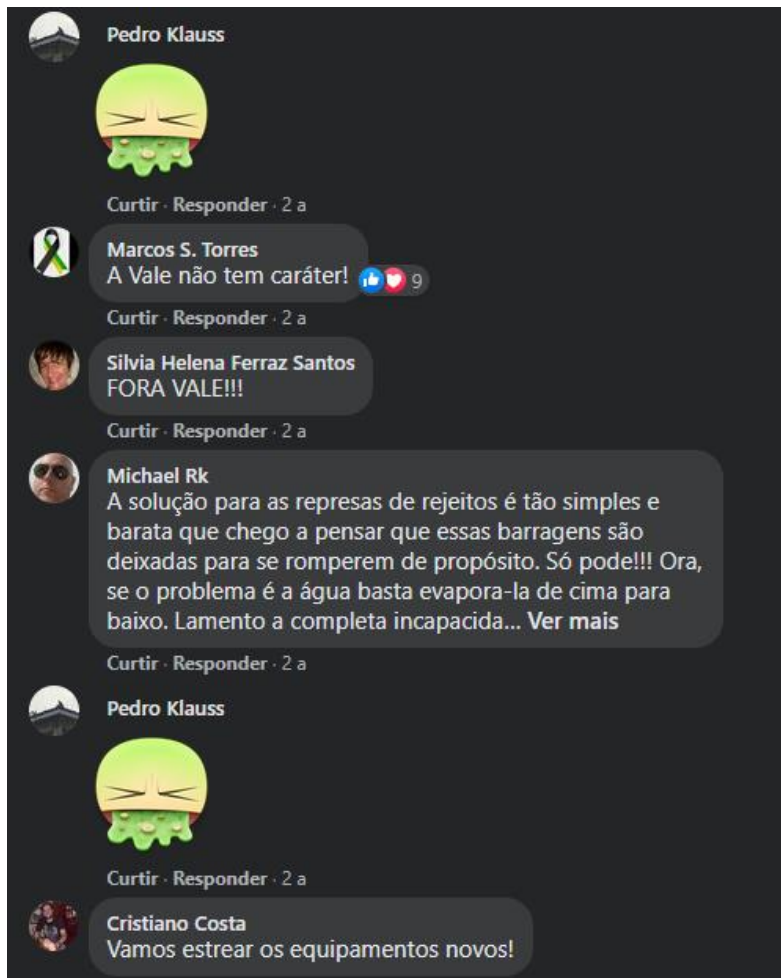





Vale ✓
23 de março de 2019 · 🌐

#Comunicado Barão de Cocais: entenda as ações que adotamos assim que a sirene da Barragem Sul Superior foi acionada. Já não havia pessoas ou animais na região, pois há 40 dias evacuamos a área para segurança da população local. Saiba como está a situação do município no vídeo abaixo.


Entenda os fatores que fizeram com que a sirene fosse acionada.


👍👎 266 222 comentários 27 compartilhamentos





 **Vale**  25 de março de 2019 · 


Estamos colocando em prática o nosso plano de ação. Entenda melhor as medidas adotadas e conheça as quatro frentes em que estamos trabalhando.










Além de doações para a atingidos.



  197 100 comentários 7 compartilhamentos


 **Moisés Oliveira**
devemos fechar essa empresa! Sonegadores!
Curtir · Responder · 2 a

 **Luciano Drumond**
É muito cara de pau.  1
Curtir · Responder · 2 a
↳ 1 resposta

 **Eliana Goncalves**
Transformando Minas em um deserto e a vida dos mineiros em um inferno!!Onde esta a justiça dos homens!
Curtir · Responder · 2 a · Editado

 **Erika X Felipe**

Curtir · Responder · 2 a

 **Diego Flisch**
Vale, acabe ide ler uma noticia dizendo que voces sonegaram mais de 26 bilhoes em impostos de 2009 a 2015... será que tem alguma cosia que voces fazem de corretos? Nao estaria na hora do povo exigir o fim da vale no Brasil e contratar uma empresa que p... [Ver mais](#)
Curtir · Responder · 2 a  2

 **Silvia Helena Ferraz Santos**
COMO PODE UMA PESSOA, UM GRUPO DE "PESSOAS" e SEUS SEGUIDORES ALIENADOS, SEM NOÇÃO E MUITO MENOS SENSIBILIDADE, PODER CONTINUAR VIVENDO LITERALMENTE COM TODAS AS MORDOMIAS e BENESSES COM SE NADA TIVESSE ACONTECIDO OU ACONTECENDO, ALHEIOS AO SOFRIMENTO... [Ver mais](#)
Curtir · Responder · 2 a

 **Vale**  28 de março de 2019 · 

Em coletiva, Marcelo Klein, coordenador do comitê de respostas da Vale, tranquiliza a população de Macacos e Ouro Preto sobre a elevação de barragens do nível 2 para o nível 3 e o acionamento de sirenes. Ele esclarece que não há anomalia nessas barragens, porém elas não receberam a renovação da certificação das empresas auditoras devido a uma elevação nos parâmetros para níveis extremos de segurança.

A Vale adotará as medidas necessárias, junto à Defesa Civil, para orientar... [Ver mais](#)



Marcelo Klein
Coordenador do Comitê de Respostas da Vale

  298 304 comentários 24 compartilhamentos

 **Nira Kassiana**
Estranho depois q a sirene mais uma vez tocou em Barão de Cocais voltou a tocar em outros municipios ,assim qe atingiu o nivel 3 a barragem do gongo agora essas outras barragens tbm atingiu o nivel 3 e sao municipios totalmente distantes um do outro, ... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 2 a  5

 **Jackson Almeida da Silva**
https://l.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.em.com.br%2Fapp%2Fnoticia%2Fgerais%2F2019%2F03%2F21%2Finterna_gerais%2C1039967%2Fa-vale-coloca-varios-empecilhos-diz-promotor-sobre-negociacoes-pelo.shtml%3Ffbclid%3DlwaR0Zk1eyAw4FPFF1pUkZIJlv0l_h930BJQ... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 2 a

 **Thiago Gilceu Hotz Kalschne**
Quem confia na Vale?

Curtir · Responder · 2 a  2

↳ 1 resposta

 **Maria Das Graças Xavier Xavier**
Será que a vale não tem equipamentos pra retirar a água dessas represas? Eles têm tanto equipamentos. Gostaria de saber se existe ou não essa técnica.

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.

 **Vale** 

Maria, utilizamos DHP's(Drenos Horizontais Profundos) para drenar água da barragem e temos os piezômetros que são responsáveis por medir o nível de água na barragem.

Curtir · Responder · 2 a

 **Vale** 
28 de março de 2019 · 

Em coletiva, Marcelo Klein, coordenador do comitê de respostas da Vale, tranquiliza a população de Macacos e Ouro Preto sobre a elevação de barragens do nível 2 para o nível 3 e o acionamento de sirenes. Ele esclarece que não há anomalia nessas barragens, porém elas não receberam a renovação da certificação das empresas auditoras devido a uma elevação nos parâmetros para níveis extremos de segurança.

A Vale adotará as medidas necessárias, junto à Defesa Civil, para orientar os moradores da Zona de Segurança Secundária (ZSS) dessas regiões e prepará-los, com treinamentos e simulado de evacuação. Assista ao vídeo e entenda: <https://bit.ly/2HPWsyX>



Marcelo Klein
Coordenador do Comitê



Nira Kassiana

Estranho depois q a sirene mais uma vez tocou em Barão de Cocais voltou a tocar em outros municipios ,assim qe atingiu o nivel 3 a barragem do gongo agora essas outras barragens tbm atingiu o nivel 3 e sao municipios totalmente distantes um do outro, alguem qe possa explicar ? Pois e muito estranho e confuso se pelo qe eu sei a maioria ou todas elas estao desativadas ,sera que sera um desastre proposital por isso todo esse treinamento sicronizado ? Alguem que entenda do assunto poderia me responder por gentileza! Se caso essa barragem sul superior romper a regioa onde eu moro sera muito afetada direta e indiretamente ... da uma revolta pois nao sabemos mais oq sera da gente nessa regioa .

Curtir · Responder · 2 a



Rodrigo Souza

Deve ser um sofrimento morar perto dessa empresa, eu duvido se as pessoas conseguem dormir pois a qualquer momento vc pode estar em um mar de lama. ...

Curtir · Responder · 2 a · Editado



Michael Rk

A solução para as represas de rejeitos é tão simples e barata que chego a pensar que essas barragens são deixadas para se romperem de propósito. Só pode!!! Ora, se o problema é a água basta evapora-la de cima para baixo. Lamento a completa incapacidade mental operacional dos responsáveis ppr elas. Dez por cento do valor das multas já seriam suficientes para construir enormes aquecedores de superfície para as represas, poderiam até ser solares. Em poucos dias a água evaporaria.

Curtir · Responder · 2 a



Thiago Gilceu Hotz Kalschne
Quem confia na Vale?

Curtir · Responder · 2 a



↳ 1 resposta



Maria Das Graças Xavier Xavier

Será que a vale não tem equipamentos pra retirar a água dessas represas? Eles têm tanto equipamentos. Gostaria de saber se existe ou não essa técnica.

Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Autor



Vale ✓

10 de abril de 2019 · 🌐



#ValeInforma Foi liberada oficialmente a ponte que liga as comunidades de Parque da Cachoeira, Córrego do Feijão, Melo Franco, Marques, Aranha, Palhano, Córrego Ferreira e Casa Branca, dentre outras, à área central de Brumadinho. A nova estrutura vai restabelecer o trânsito da Avenida Alberto Flores e o acesso dessas comunidades, permitindo o tráfego de veículos em mão dupla e passeio para pedestres. A decisão de construção da ponte foi tomada em uma reunião com a Defesa Civil, a Secretaria de Obras do Município e o Departamento de Estradas e Rodagens (DER). Saiba mais sobre o que tem sido feito por Brumadinho: bit.ly/2UctScN



Karley Martins

Fez nada mais do que obrigacao.issso nao e nada.



Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Amilar Carteiro

É o mínimo que a Vale pode fazer para aliviar um pouco o sofrimento das pessoas que vivem nesta região, uma vez que olhando somente para si e para o dinheiro destruíram o sonhos de centenas de famílias.



Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Edna Maciel

E o Parque da Cachoeira?

Vocês obstruíram a única rua da parte baixa do chacreamento que saía no asfalto.

Por acaso, consta nos planos de vocês, a abertura de uma outra rua?

É uma obra simples e de baixo custo



Curtir · Responder · 2 a



Rejane Olyver

De que adianta, ponte restaurada, se têm muitas gente que Não vai poder passar nela mais.

Mais de trezentas pessoas, que se foram,



Curtir · Responder · 2 a



Priscila Gonçalves

Não fez mais que obrigação, o mínimo. Nunca fez nada por Brumadinho!! Nem asfalto de Alberto Flores à Casa Branca fez. Só esses caminhões passando no centro da cidade e acabando com o asfalto se péssima qualidade.



Curtir · Responder · 2 a

A opção "Mais relevantes" está selecionada, portanto, algumas respostas podem não ser exibidas devido ao filtro.



Vale ✓

25 de abril de 2019 · 🌐

Seguimos colocando em prática todo o nosso plano de ação. Todo trabalho está sendo feito em cima de uma lista de iniciativas com quatro frentes. Conheça abaixo as principais medidas ou confira todas no link a seguir: <https://tinyurl.com/y348wodt>



Bruno Ivan Bufalo
Faz um plano? ...

SOMEEEEEEE DAQUI

Curtir · Responder · 2 a



Cesar Augusto
Dia 25/03 completa 3 meses de impunidade da chacina ,que a valenada cometeu ,a sorte de voces é que aqui é o BRASIL

Curtir · Responder · 2 a · Editado



Michael Rk
A solução para as represas de rejeitos é tão simples e barata que chego a pensar que essas barragens são deixadas para se romperem de propósito. Só pode!!! Ora, se o problema é a água basta evapora-la de cima para baixo. Lamento a completa incapacida... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 2 a



Silvia Helena Ferraz Santos
PERDEMOS OS NOSSOS FILHOS, MARIDOS, IRMÃOS, TIOS, AMIGOS! E SE FOSSE COM A FAMÍLIA DA DIRETORIA DA VALE? OS FILHOS? QUE ASSIM SEJA!

Curtir · Responder · 2 a



1



Zely Sampaio Ribeiro
QUAL SERÁ A PRÓXIMA CIDADE!
CAMBADA DE GANANCIOSOS?



Silvia Helena Ferraz Santos
A VALE NÃO PODE IMAGINAR A NOSSA DOR DE MÃE PORQUE NÃO FOI COM AS RESPECTIVAS MÃES DA "FAMÍLIA VALE". NADA MELHOR DO QUE O TEMPO...

Curtir · Responder · 2 a



Silvia Helena Ferraz Santos
TRÊS MESES DE ANGÚSTIA! TRÊS MESES DE UMA DAS
MAIORES TRAGÉDIAS NACIONAIS! VERGONHA
MUNDIAL! TRÊS MESES DE REVOLTA! TRÊS MESES DE
SAUDADES! PERDI O MEU FILHO...VALE, TENHO NOJO
DE VOCÊS! VALE VERGONHA!

Curtir · Responder · 2 a



Isotec Isotec
VALE temos certeza que os planos de emergência e
treinamentos são eficazes e corretos, VALE acreditamos !

Curtir · Responder · 2 a



Silvia Helena Ferraz Santos
MALDITA SEJA A VALE!

Curtir · Responder · 2 a



Libia Miranda
A Vale está é de palhaçada com os atingidos em
Brumadinho

Curtir · Responder · 2 a



Zely Sampaio Ribeiro
TEM Q REESTRUTURAR O DESTRUÍDO!

Curtir · Responder · 1 a



Neuzimar Lopes
😞😞😞 Ahh sei, qual o plano? LUCRAR MAIS né